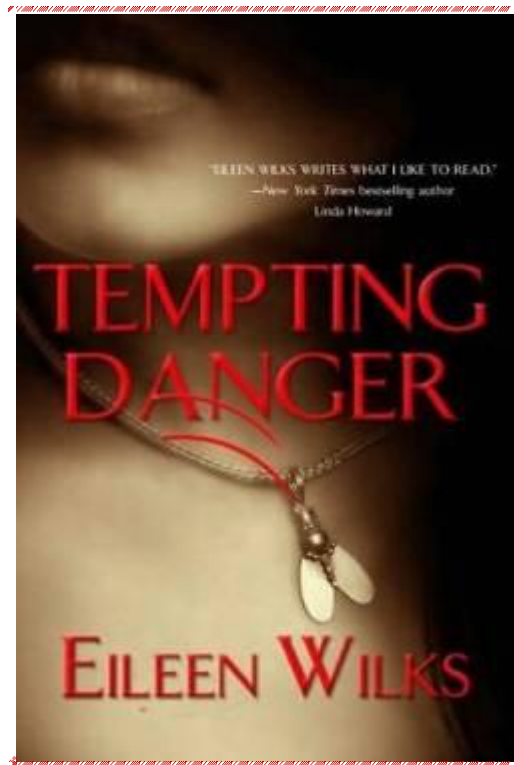


Tiamat World

Eileen Wilks
O Mundo dos Lupi 01



Eileen Wilks

Perígo Tentador

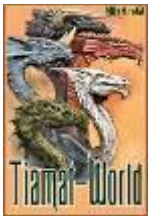
Série O Mundo dos Lupi 01

Lily Yu, uma detetive de San Diego, investiga uma série de macabros crimes que parecem ter sido causados por um homem lobo... e para caçar o assassino tem que infiltrar-se nos clãs. Só há um homem que pode ajudá-la, um homem lobo chamado Rule Turner, príncipe dos lupi, cuja presença carismática inquieta Lily profundamente. A lógica e a honra exigem que Lily mantenha a distância, mas a atração entre ambos é imediata e devastadora, além da razão e da lógica humana. Em sua busca contra o mal, Lily enfrentará obstáculos que jamais teria imaginado, e com um homem em que não estava segura de que pudesse confiar para lhe dar cobertura.

— Novela nomeada para o prêmio Romantic Teme a melhor novela contemporânea paranormal.

Disp em Esp: Elloras Digital
Envio do arquivo e Trad: Gisa
Revisão: Bianca Castro
Revisão Final e Formatação: Greicy
Tiamat - World





Comentário da Revisora Bianca C.: Um livro sobre lobos fascinante, excitante, me prendeu desde o início. Fico abismada como ainda tem muito para se escrever sobre lobos, como acham outra forma de contar uma história que já foi contada e de uma maneira totalmente nova sem ser repetitiva e chata. Este livro é cheio de intrigas, uma pitadinha de humor (bem de leve), conspirações e todo tipo de conflitos que uma boa história deve ter. É uma história de amor envolvente, mesmo que neste lobo e na sua companheira falte todo aquele romantismo e sensualidade que estamos acostumadas a ler nos livros com este tema. Um livro com poucas cenas sensuais, E nem um pouquinho hot (chega até ser um pecado), mas definitivamente ÓTIMO."

Comentário da Revisora Greicy: Gostei muito da história. Ela envolve fatores dos quais eu adoro em um livro: investigação criminal; sobrenatural; romance e intriga. Foi muito bem escrito. É muito envolvente embora não seja hot. Tem cenas quentes. Mas como se trata de uma série, esse livro vem para nos elucidar do mundo fascinante do Lupi. Espero ansiosa os demais. Recomendo!

Irresistível

Lily evitou lhe encarar, como se assim, pudesse fingir não sentir atraída por ele, enquanto não o olhasse diretamente. Ele deu dois passos e se aproximou dela, parando tão perto que sentiu como seu aroma o envolvia, apesar de que todo o resto nela parecesse rejeitá-lo. O rápido batimento de seu coração disse que fizesse o que precisava fazer quanto antes fosse possível.

— Certo, vamos — disse — Mas primeiro... — Se inclinou e beijou seus lábios franzidos.

Esperava receber um murro, e não só pelo beijo. Já tinha decidido deixar que ela se vingasse. Mas não esperava aterrissar com o traseiro no chão.

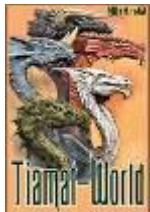
Rule a olhou surpreso. Lily enganchou sua perna atrás de seu joelho e o empurrou. Caiu no chão antes que seus lábios pudessem tocar os dela.

— Nunca tome nada por garantido — Ela abriu a porta do carro — Ah, e poderá me dar essa explicação — disse entrando no carro — no caminho de volta. — E fechou a porta com um golpe seco.

Capítulo 1

Não restava muito do rosto. Lily ficou longe, esperando que seus sapatos novos, pretos e de salto, não se manchassem naquele atoleiro de sangue que começava a secar pelas margens, mas que ainda seguia pegajoso perto do corpo. Recordou a si mesma, que viu coisas piores quando trabalhava no departamento de trânsito.

Mas não era o mesmo, sabendo que alguém havia feito aquela matança de propósito.



A névoa, em contato com o ar quente, era visível pelas luzes da polícia e estava úmida contra seu rosto. O odor de sangue chegava intenso até seu nariz. O flash do fotógrafo iluminou o lugar em sequências de dois segundos enquanto tirava fotos instantâneas da cena.

— Ei, Yu — disse o oficial atrás da câmera. Era um tipo baixinho de bochechas rosadas e o cabelo vermelho tão curto que parecia a penugem da pele de um pêssego.

Ela não achou engraçado. O'Brien nunca se cansava de fazer piadas, embora estivessem velhas e batidas. Se chegassem a viver cem anos e se encontrassem de repente em um asilo, o primeiro que ele diria seria: Ei, Yu!¹

Isso se ela mantivesse seu nome de solteira durante os próximos setenta e dois anos. E considerando o torvelinho que era o que ela de forma otimista, chamava sua vida social, parecia provável que ocorresse.

— Sim, irlandês?

— Parece que iria a um encontro quente esta noite.

— Não, meu gato e eu sempre nos vestimos de forma elegante para jantar. Harry *o Sujo* fica muito bonito de smoking.

O'Brien riu e se moveu para trocar de ângulo. Lily se afastou dele, da polícia científica, dos curiosos que se amontoavam depois da cerca e dos agentes de uniforme que os mantinham ali.

O sangue derramado atraía multidões, como açúcar derramado atrai moscas. Embora, provavelmente, o público que bisbilhotava este crime em particular nem sequer era do bairro. Ali as pessoas sabiam que a curiosidade sempre custava algo. Sabia como soava um tiroteio, e que aspecto tinha uma transação de drogas. As pessoas que esticavam o pescoço para poder ver um pouco de sangue eram provavelmente clientes do clube noturno que havia nessa mesma rua. O Clube Hell, atraía um tipo de clientela muito restrita.

E a vítima tampouco tinha aspecto de ser dos arredores.

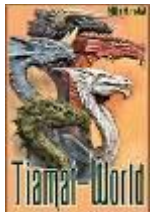
Estava atirado sobre o concreto. Havia um copo de bebida extragrande esmagado e uma garrafa de cerveja quebrado junto a seus pés e uma folha de jornal embaixo de seu traseiro. O que fosse que arrancou sua garganta e destroçado seu rosto, deixou intacto o seu olho e a sua bochecha direita. Um olho assustado, de cor castanha, olhava para cima e sobressaía-se da suave pele da tonalidade da cadeira de balanço do alpendre de sua mãe. Observou os jeans de marca, dos que compram em lojas caras. Sapatos pretos, de marca também. Uma camisa de seda vermelha.

O tecido na manga direita parecia migalhas até acima do antebraço. Tinha três feridas profundas, provavelmente de defesa. O braço estava estendido com a palma da mão para cima e os dedos encolhidos, como fazem as crianças quando dormem.

A outra mão estava a quatro metros, apoiada contra um dos postes do balanço.

Um parque infantil. *Alguém arrancou o rosto deste cara em um parque infantil, Por Deus!* A garganta de Lily se fechou e sentiu uma dor que lhe atravessava os ombros. Desde que a

¹ Trocadilho entre o "Ei, Yu" e "Ei, Jude", a canção dos Beatles. Ambas as expressões soam parecidas em inglês.



promoveram para Homicídios viu a morte frequentemente. Já não sentia vontade de vomitar, mas o remorso, a dor pelo desperdício, nunca desaparece completamente.

A vítima não era tão jovem para ter desfrutado do balanço recentemente. Possivelmente estava esfriando a cabeça. Calculou um metro e sessenta de altura e oitenta e um quilos de peso. Os ombros e os braços eram de alguém acostumado a levantar peso, coxas musculosas. Foi forte, e provavelmente alardeou sua força. Entretanto, não serviu de nada essa noite. Tampouco a pistola calibre vinte e dois que aparentemente levava com ele. Estava perto da mão arrancada, como se na agonia da morte os dedos a tivessem deixado cair ao chão.

— Cuidado, detetive, não vá manchar esse precioso vestido.

Lily continuou examinando o corpo. Ela sabia de quem era essa voz, pois ela pegou o relatório com o homem após chegar ali.

— O cenário de um crime se polui mais frequentemente por culpa dos agentes de polícia que por culpa dos civis. Tem alguma razão para andar por aqui com seus enormes pés, Phillips?

— Estou a três metros do corpo, Por Deus!

Agora sim o olhou. O agente Larry Phillips era parte da patrulha que chegou primeiro à cena do crime. Lily nunca o viu antes, mas conhecia os do seu tipo. Ele tinha mais de quarenta anos, ainda patrulhava as ruas e vivia amargurado por isso. Ela era mulher, tinha vinte e oito anos e já era detetive.

Não gostava dela.

— Acredite ou não, pode se encontrar provas a três metros do corpo. Inclusive a mais. O que é que quer?

— Vim dizer que nenhuns desses atenciosos cidadãos que estão atrás da cerca viram alguma coisa. Estavam na festa do clube, saíram todos juntos e viram as bonitas luzes piscantes dos carros da polícia, e aproximaram-se para ver o que estava acontecendo.

— Refere-se ao Clube Hell?

— Aí é onde vai ter que procurar o seu assassino. No laboratório não vão descobrir nada de nada.

— Poderia haver outro tipo de provas.

Ele riu.

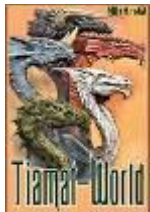
— Sim, claro. É possível que tenha deixado um cartão de visita. Ou possivelmente você esteja de acordo com meu parceiro, que acredita que quem fez isso foi um cachorrinho.

Ela olhou para o vão na cerca que se fazia de entrada e saída, onde o companheiro de Phillips, um jovem oficial hispânico, tentava manter longe à multidão junto a outros policiais, e recolhia nomes e endereços.

— Seu companheiro é novato?

— Sim. — Phillips pegou em seu bolso um palito de dentes, tirou-o do papel e o meteu na boca — falei que os cachorrinhos, normalmente, não arrancam a mão de um cara com uma só dentada.

Phillips não era estúpido, ela reconheceu. Só um pouco pentelho. Assentiu.



— Um homem que esteja em forma pode livrar-se de um cão. Mas não há sinais de briga, e tinha a pistola... — *Que a vítima provavelmente trazia consigo, embora fosse possível que houvesse uma terceira pessoa na cena.* Negou com a cabeça — A besta teve que ser muito rápida quando atacou.

— São rápidos. Estou certo que o pobre imbecil nem se deu conta de que já não possuía a mão.

— Mas teve bons reflexos. Tentou esconder a cabeça, proteger o pescoço, e aí é onde perdeu parte do rosto. Depois, *isso* arrancou sua garganta.

— Vamos, vamos. Não deve dizer “isso”. Temos que dizer “ele”, já sabe tratá-los como gente normal. Os mesmos direitos diante da lei.

— Conheço a lei. — Ela lançou um olhar à Phillips. Era um homem alto, forte, provavelmente media mais de um metro e oitenta. Embora também fosse certo que Lily precisava levantar a cabeça para olhar a qualquer um nos olhos. Convinceu-se de que já não se incomodava em ter que fazer isso. — Esta é sua área, oficial. Pode identificar a vítima?

— Não é do bairro.

— Sim, até aí eu cheguei. Possivelmente veio por um pouco de ação. Drogas, sexo ou diversão no Clube Hell, provavelmente mais legal que todo o resto. Se for um cliente assíduo é possível que tenha sido visto por aqui alguma vez.

Ele negou com a cabeça. O palito de dentes parecia estar grudado no seu lábio inferior.

— Isto não foi uma briga por drogas, nem um valentão castigando a um cara que não paga. Nem sequer foi um assassinato, na verdade.

Três anos atrás, a Patrulha X teria se encarregado de um caso como este. Agora, era coisa da Homicídios.

— Os tribunais dizem o contrário.

— E já sabemos o quão inteligentes são esses juízes de merda. Agora acaba que devemos tratar essas bestas como se fossem seres humanos. Esse açougue que tem a seus pés prova que foi uma grande ideia.

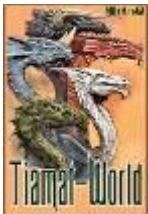
— Os homens fazem coisas piores a outros homens. E às mulheres. E a cena tem que manter-se intacta.

— Claro detetive. — Phillips dedicou a ela um sorriso zombador, deu a volta e então parou, tirou o palito de dentes da boca. Quando olhou para Lily nos olhos, a brincadeira e a raiva já tinham desaparecido — Um conselho de alguém que esteve quinze anos com a Patrulha X. Chame-os como quiser, mas não trate os lupi como humanos. São difíceis de ferir, são mais rápidos e mais fortes que nós, e gostam de nosso sabor.

— Não parece que este parou para saborear um pouco.

Deu de ombros.

— Algo o interrompeu. Não esqueça que legalmente só são humanos quando andam sobre duas pernas. Se encontrar com um que esteja nas quatro patas, não duvide, atire — Jogou o palito de dentes no chão — E apontando para o cérebro.



— Tentarei lembrar. E recolha esse palito de dentes.

— O que?

— O palito de dentes. Não é parte da cena do crime. Recolha-o.

Ele franziu a testa, agachou-se, o tirou do chão, e partiu, murmurando algo sobre putas mandonas.

— Não acredito que fez um amigo — disse O'Brien alegremente.

— Me destroça o coração que assim seja. — Fez uma pausa. O carro que acabava de estacionar atrás da ambulância era do laboratório forense. Melhor ir rápido e acabar o quanto antes.

— Parece que logo vão declarar legalmente morta, nossa vítima. Acabou com as fotografias?

— Precisa dar uma olhada mais de perto?

As palavras em si eram inofensivas, o tom de voz era indiferente, mas ela sabia o que ele queria dizer. O'Brien trabalhou com ela tempo suficiente para saber que o que ela precisava, não era dar uma olhada mais de perto. Embora ele não dissesse mais nada. Não era ilegal ser uma sensível², mas podia ser complicado. A política oficial do departamento era "não pergunte, não fale disso".

Não era preconceito. Os tribunais não aceitavam informações que não pudessem provar, e qualquer bom advogado podia destroçar a declaração de um oficial da polícia que se baseou em algo paranormal na investigação.

Mas a polícia era objetiva. A política não oficial era lançar mão de qualquer recurso para pegar os caras maus, embora tivesse que fazer às escondidas. Era por isso que Lily estava num bairro perigoso examinando um cadáver, em vez de estar evitando Henry Chen na festa de noivado de sua irmã. O que provava que sempre há um lado bom em todas as coisas.

Lily olhou a O'Brien e assentiu.

— Em frente — disse ele e se colocou entre ela e a multidão de curiosos depois da cerca, fazendo como se estivesse trabalhando com sua câmara.

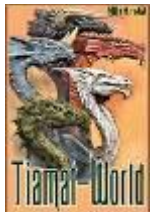
Não era o suficientemente grande para evitar que alguém notasse algo, mas dificultou que qualquer um pudesse ver o que Lily estava fazendo. Lily o agradeceu. Tirou a bolsa, deixou-a no chão, aproximou-se do cadáver e se ajoelhou com cuidado para não tropeçar em sua saia. Agarrou a mão do morto.

Estava frouxa. Ainda não havia rigor mortis³. A pele parecia de cera. A mão estava azul e o rosto, uma tonalidade púrpura. Ligeiramente lívida. Nada disto era conclusivo, mas podia dizer que não estava morto a muito tempo quando a central recebeu a chamada anônima às onze e quatro da noite.

Suas unhas eram curtas, quadradas e limpas. Os dedos eram pequenos para o tamanho da palma da mão, larga e plana. Arranhões parcialmente cicatrizados nos nódulos... Participou de

² São pessoas que possuem algum dom paranormal. Seja ele auditivo, intuitivo, psíquico, oral e/ou visual.

³ **Rigor mortis** é um sinal reconhecível de morte que é causado por uma mudança química nos músculos, causando aos membros do cadáver um endurecimento ("rigor") e impossibilidade de mexê-los ou manipulá-los.



uma briga fazia poucos dias. O branco da unha estava pálido. Não usava anéis.

E Lily não sentiu reação alguma em seu próprio corpo.

O sangue se deslizou pela palma da mão do morto e se secou em uma mancha marrom que partiu ligeiramente quando ela a moveu para que a luz a iluminasse melhor. Nesse sangue havia grudado uma mecha de cabelo. Lily o tocou. Era como tocar o concreto quando o sol já se pôs e sentir o calor que ainda permanecia nele. Ou como o momento depois de usar uma furadeira, quando o corpo ainda recorda as vibrações.

Mas não era calor ou vibrações o que sentia. Lily ainda não encontrava palavras para descrever a sensação de tocar algo que esteve em contato com magia, mas era inconfundível. Uma vez tentou explicar a sua irmã mais nova, Beth, não a sua perfeita irmã mais velha. Se tudo o que tocasse todo o dia, todos os dias fossem suaves, imediatamente em que tocasse algo áspero saberia. Ainda que fosse algo pequeno, minúsculo, como era o caso dessa noite.

Não, pensou Lily soltando a mão com suavidade. *Os técnicos do laboratório não descobririam nada sobre este assassino.* Pelo menos, não mais do que ela descobriu tocando essa fibra de cabelo que o assassino deixou em sua vítima. Levantou-se.

— O que? É inútil, não? — perguntou O'Brien — Perco meu tempo recolhendo provas?

Lily o repreendeu com o olhar.

— Fará as coisas segundo o procedimento.

Ele revirou os olhos.

— Sim, claro. Preciso que me diga como tenho que fazer meu trabalho.

— Desculpe — Exalou, expulsando suas emoções junto com seu fôlego — Phillips tinha razão. A vítima é humana, mas o assassino é um homem lobo.

— Lupus, você quer dizer. — Arqueou as sobrancelhas — Recebemos uma nota sobre isso. Lupi é no plural, lupus no singular.

— Também pode chamar de “assassino”. — Encolheu os ombros, farta de tudo esse bate-papo politicamente correto, e olhou para os curiosos depois da cerca.

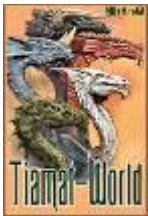
— Parece que esta noite vou ter que fazer uma visita ao Clube Hell.



Quinze minutos depois, o ajudante da forense declarou morta à vítima e Lily possuía uma identificação positiva: Carlos Fontes, idade 25. O endereço na carteira de motorista era 4419 West Thomason, apartamento 33C. Phillips estava checando na base de dados da polícia. Lily foi conversar com os civis.

Havia seis pessoas, quatro mulheres e dois homens. A moda predominante para ambos os sexos implicava couro e perfurações corporais. E muita pele à vista.

A que estava olhando a carteira de motorista que Lily levava em um saco plástico vestia uma calça de couro cor de verde limão e duas estreitas tiras de couro que cruzavam seu peito formando a letra X. Seu cabelo era loiro onde não era vermelho. Levava sete brincos na orelha esquerda e três na direita, um piercing de rubi no nariz e uma pequena argola no umbigo.



Chamava-se Stacy Farquhar. Sua voz era suave e aguda como a das meninas pequenas.

— Sei que o vi antes, mas já sabe o que acontece com as carteiras de motoristas, ninguém se parece com a foto.

Um homem esquelético usando um traje de couro negro olhava a carteira por cima do ombro de Stacy. Seu cabelo castanho escuro, brilhante e cuidado, chegava abaixo dos ombros. Levava um brinco na orelha esquerda; um diamante ou uma imitação muito boa.

— Parece Carlos Fontes.

— Carlos? — interveio outra mulher, uma caucasiana rechonchuda com o cabelo pintado de preto e preso em dúzias de tranças. Aproximou-se e olhou a carteira de motorista que Stacy segurava — meu Deus. É ele. Pobre Carlos.

— Conhecia Carlos Fontes, senhorita? — perguntou Lily.

— Todos o conhecemos. Quero dizer... está acostumado a andar pelo clube, às vezes. — Olhou preocupada para a outra mulher.

— Vamos, cara — disse o homem magro — Não é como se fosse um segredo. Vão descobrir de todas as maneiras.

— Sabe o que acontece contigo, Theo? — perguntou a mulher rechonchuda — É que está com ciúmes. Está verde de ciúmes.

— Ciúmes eu? Você sim que...

— Não posso acreditar que vá o acusar! — gritou Stacy — Sabe como os tiras o tratarão.

A mulher rechonchuda assentiu.

— Os lupi sempre foram perseguidos. Séculos de...

—...besteira... fez de tudo menos colocar droga na bebida de Rachel para ter sua oportunidade com ele.

— A brutalidade policial não é um mito, sabe? Precisamente no ano passado em New Hampshire...

—... Se esfregando com ele na terça-feira passada. Tão, tão óbvio...

— Estavam acostumados a atirar assim que os viam, assim acredita que qualquer lupi poderia ter um julgamento justo...

— Mas não queria nada do que você oferecia, não é verdade?

— Você queria que ele se sentisse atraído pelos homens, como você!

— Quem? — perguntou Lily brandamente.

Todos se calaram, trocando olhares culpados.

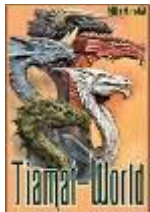
Um dos homens, Franklin Booth, constituição média, cabeça raspada, colete sobre uma camisa preta e jeans com incrustações metálicas nas costuras, atirou o cigarro que estava fumando.

— Pobre Rachel.

Lily se voltou para ele.

— Quem é Rachel?

— A mulher do Carlos. — Suspirou — Está no clube com...



— Franklin! — exclamou a mulher rechonchuda.

— Querida, é inútil — disse docemente — Theo tem razão. Descobrirão cedo ou tarde. E possivelmente tenha um álibi. Todos nós o vimos ali, não?

Um murmúrio de alívio percorreu o grupo, com Stacy assegurando veementemente que “ele” esteve ali durante horas. Lily voltou a falar com o Booth.

— Rachel Fontes está no Clube Hell neste momento?

— Estava ali quando saímos.

— Com quem estava?

O homem magro riu.

— Quem colocaria às mulheres assim nervosas? Inclusive a alguns de nós também, admito — acrescentou, e fez uma reverência diante da mulher rechonchuda lhe dando razão — Possivelmente deveria se alegrar que os lupi sejam rigorosamente heterossexuais.

— Me viria bem ter um nome.

— Rule Turner, é obvio. O príncipe nos honra com sua presença no clube de vez em quando.

— Sorriu satisfeito — Embora ultimamente estivesse honrando Rachel muito mais que o normal.



Lily foi instruída a chamar o capitão Randall assim que acabasse os preliminares. Ia chamá-lo a caminho do Clube Hell.

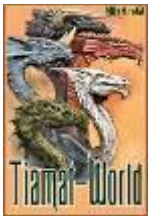
O *clac clac* dos saltos contra o pavimento fez que se sentisse sozinha. Culpou isso a essa estranha névoa tão pouco comum em uma cidade como San Diego. Flutuava no ar como um suor frio. Alegrou-se de não usar óculos, mas que Deus permitisse que não estivesse de saltos. Correr com eles teria sido um inferno. Discou o número do capitão.

Não podia recordar o último caso que tiveram um humano assassinado por um lupus. Pelo menos não tiveram nenhum em San Diego desde que o Tribunal Supremo igualou as leis, e os lupi que cometiam um delito recebiam a mesma sentença que um humano, em vez de uma bala. Não era necessário consultar uma vidente para conhecer as manchetes de amanhã. Aquele caso ia armar muito rebuliço.

Os anos que Lily passou na Narcóticos e na Homicídios antes de chegar a detetive a endureceram, mas sua armadura seguia íntegra e sem mácula como a de um cavaleiro andante. Pensou que seria conveniente tomar com serenidade se decidiam atribuir o caso a algum detetive mais veterano... uma vez que ela interrogasse todos no Clube Hell.

Randall estava esperando sua chamada. E não levou muito tempo para resumir todo o ocorrido até então.

— Depois de falar com os curiosos segui os rastros do assassino, que sumiram perto do extremo oeste do parque infantil. Mas pude as rastrear mais à frente sem nenhum problema. — De fato, tirou os sapatos e as meias, e com seus pés descalços pode seguir o rastro que a magia deixara ao passar por ali. Seus pés acabaram um nojo, mas valeu a pena — O rastro terminou em um beco entre a Avenida Humstead e North Lee.



— Não pôde seguir adiante?

— Não, senhor. Acredito que aí é onde mudou, entre dois contêineres de lixo. — A magia que percebeu no chão sujo foi intensa, desconhecida, mas bastante característica — Em forma humana não deixam o mesmo rastro que quando são lobos.

— Certo. Assegurou a cena do crime?

— Sim, senhor. Os da científica começarão assim que possam. Deixei O'Brien no comando.

— Que diabos significa que o deixou no comando? Onde você está?

— Chegando ao Clube Hell — disse, exagerando um pouco. Ainda faltava uma quadra para chegar — A mulher da vítima deve estar ali. Quero lhe informar pessoalmente do ocorrido. Também tenho que falar com o Rule Turner.

Identificou o som áspero e inteligível como uma risada sarcástica porque o ouviu em outras ocasiões.

— Não pretende pegar o cabelo dele, não é verdade, Yu? Não a tirei da festa de sua irmã para ter outro no comando.

— Assim, ainda é meu caso?

— E está no comando. A não ser que acredite que é muito para você.

— Não senhor, não acredito. Mas não tenho tanta experiência como outros detetives.

— Suas, *mmm*, habilidades especiais poderiam ser muito úteis. E a última coisa que preciso agora mesmo é um imbecil cheio de preconceitos se fazendo de durão com o príncipe Nikolai. Sabe como tratar à imprensa, e não tenha dúvidas de que a vamos ter em cima com este caso. Assim é seu. Mas a não ser que obtenha uma confissão de repente, vai necessitar ajuda.

Lily, ainda surpreendida, concordou imediatamente.

— Posso mandar o Meckle ou o Brady.

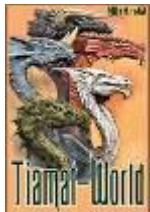
— Mech, quer dizer, o sargento Meckle. — Os dois eram bons policiais, mas Brady não se dava bem trabalhando em equipe, sobre tudo se a equipe era uma mulher — Diga que peçam a O'Brien o necessário para recolher provas e um pouco de papel. Se os lupi do clube colaborarem, levarei seus sapatos ao laboratório. Mech poderá examinar suas roupas.

— O assassino não usava roupa quando arrancou a garganta do Fontes.

— Não, senhor. Não poderemos vinculá-lo à cena do crime, mas sim possivelmente no beco onde trocou. Quando chegou ali devia ter em cima um montão de sangue do Fontes. Embora a mudança tivesse limpado qualquer rastro de sangue de seu corpo, é impossível que eliminasse até a última gota que pôde cair no chão. Possivelmente pisou nesse sangue uma vez vestido. Ou possivelmente haja qualquer outra coisa nesse beco com a que possamos vincular a ele. Inclusive pode que alguma mecha de cabelo tenha ficado presa em sua roupa. Refiro a cabelo de lobo.

— Bem pensado. Vale à pena tentar. Tirarei Mech da cama e o mandarei em seguida. Enquanto isso tome cuidado com Turner, nos avise se pensa em efetuar alguma prisão. Do contrário, espero vê-la em meu escritório às nove. — Houve um clique seguido do tom de chamada do telefone.

Lily franziu a testa enquanto guardava o telefone em sua bolsa. Não tinha falsa modéstia. Era



uma boa policial, uma boa detetive, mas não era a única na Homicídios. Mas sim era a única sensível do departamento, mas o capitão podia ter utilizado sua habilidade sem ter que colocá-la no comando. Nunca dirigiu uma investigação tão importante.

O capitão devia pensar que ela podia dar conta. E Lily estava disposta a demonstrar que não se enganou.

Capítulo 2

A névoa se tornou mais densa. O mais ligeiro sopro de vento teria empurrado as gotas de água convertendo a umidade em garoa, mas o ar permaneceu quieto. Um halo difuso rodeava as luzes da rua, os semáforos e os letreiros em néon. Igual ao que Lily estava olhando nesse momento. Pequenos diabinhos vermelhos de néon dançavam em um canto do letreiro, cravando com seus tridentes as brilhantes letras que formavam as palavras “Clube Hell”.

— Que cafona — murmurou Lily. O pôster era brega ao estilo dos anos cinquenta, inocente comparado com a sordidez real que se encontrava o bairro. *Quanto tempo estava aqui este clube?*

— Ou possivelmente seja esse o propósito.

— Desculpe?

Lily olhou o jovem que acabava de falar, o agente Arturo González, parceiro de Phillips. Era uns dez centímetros mais alto que ela e tinha a voz rouca, arrastada, mas suas bochechas gordinhas eram dessas que as mulheres mais velhas gostam de beliscar. Lily o mandou vigiar a entrada do clube até que ela chegasse.

— Tem estacionamento privado e um guarda de segurança. O clube deve ir bastante bem. Alguma vez esteve dentro, agente?

— Não, senhora.

Lily sorriu.

— Você do sul, certo?

— Não, senhora, do oeste do Texas.

— Bom, acredito que isso é o sul.

Assentiu muito sério.

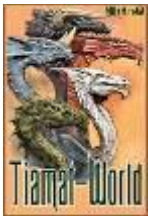
— É curioso ver como as pessoas que não são do Texas tem essa mesma opinião. Deve ser como os que vivem em Los Angeles que nunca dizem que são da Califórnia ou da Costa Oeste. São de Los Angeles e pronto.

— Compreendo. O que sabe você do Clube Hell?

Fez uma careta de desgosto.

— É um lugar de homens lobo. Deles e de seus seguidores.

— Não se esqueça dos turistas e aventureiros. Também gostam de vir aqui. — Estudou o jovem oficial durante um momento. Tendo em conta o comportamento abertamente sexual dos lupi, o clube estava sendo considerado um lugar depravado. Por isso era um lugar muito popular — O Texas era um dos estados que permitiram disparar nos lupi antes de perguntar, não?



— Sim, senhora. Era. Até que os tribunais mudaram as coisas.

— Na Califórnia nunca foi permitido. Assim sempre foi legal ser um lupus, sempre e quando estivesse registrado. — Esses eram os que estavam acostumados a ir ao clube a princípio, os que estavam registrados, os que foram vacinados para evitar a mudança, os que as pessoas acreditavam que eram confiáveis.

— Suas Patrulhas X os matavam.

— Só quando negavam de forma violenta a inscrever-se no registro, ou um tribunal decidia que eram um perigo iminente. — Ao menos essa era a teoria. A lei federal exigia que todos os lupi se registrassem, à força se fosse necessário, e todos deveriam ser vacinados. Mas a expressão “à força” cobre um amplo sentido quando tem que enfrentar uma criatura que pode receber vários disparos sem que detenha o auge da sua determinação para te arrancar a garganta.

Os lupi foram particularmente contrários ao processo de registro.

— Vou conversar com os clientes — disse Lily — Alguns deles serão lupi, mas agora são cidadãos, com os mesmos direitos que você ou eu. Para você, esta tudo certo ou vou ter que buscar outro para que me dê uma mão?

Ele pensou. Lily não sabia se escandalizava pelo tempo em que levou para tomar uma decisão ou se ficava impressionada por sua honestidade. No final, ele assentiu.

— Suponho que estamos aqui para fazer que se cumpra a lei, não para decidir o que está bem ou o que está mau.

— Suponho. — Lily começou a descer. A entrada do Clube Hell estava sob o nível do chão, o que era muito apropriado. Degraus largos e pouco profundos levavam até o porão, onde se encontraram com um túnel recoberto de pedra. Dava a todo o lugar um bonito ar de masmorra, pensou Lily, embora a luz azul fizesse que González parecesse um morto vivo.

No final, encontraram uma porta metálica pintada de preto, através da qual se filtrava a música. Abriram-na com facilidade.

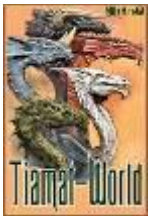
O aroma, o som, a cor... foi como uma bofetada no rosto. Luzes de diversas cores iluminavam a sala, um lugar que parecia uma caverna, cheia de mesas, gente, vozes e música. O teto era tão alto que se perdia na escuridão, a música estava a todo volume, cheirava a fumaça.

Não era tabaco, nem tampouco erva. Também não era fumaça de chaminé ou qualquer outra coisa que ela pudesse identificar. Era mais uma fragrância que fumaça, de fato... Possivelmente era a ideia de alguém que cheirava como enxofre?

A música terminou abruptamente. Lily a identificou tardiamente como *Hotel Califórnia*. Estava claro que a direção do local acreditava firmemente em permanecer fiel ao princípio.

— Bem-vinda ao inferno — uma voz grave a assaltou de sua esquerda — Agora tem que pagar o preço por cruzar a soleira.

Lily olhou a sua esquerda. Um tipo baixinho, robusto e com uma cabeça enorme estava sentado em uma cadeira atrás de uma mesa, dirigindo uma antiga caixa registradora. Seu traje parecia saído diretamente de um velho filme em preto e branco, mas não era isso o que fez que Lily o olhasse fixamente. Era careca, apenas se notavam seu queixo ou seus lábios, e sua pele era



pálida como a de um cogumelo. Seus pés eram do tamanho das mãos de Lily e se penduravam sem tocar o chão.

Lily piscou surpreendida.

— Terei que pagar entrada?

— Vinte por cabeça.

— Não desta vez. Sou a detetive Yu — disse tirando sua identificação da bolsa e mostrando para ele. — E você é...?

— Pode me chamar de Max. — Entrecerrou os olhos ao olhar a identificação com receio — O que é que quer?

— Falar com alguns de seus clientes. Acredito que Rachel Fontes e Rule Turner estão aqui.

— Deveria me importar?

— Convém cooperar. Estão aqui?

Deu de ombros.

— Suponho.

— Há quanto tempo o senhor Turner esta aqui?

— Por quê?

— Porque sou da polícia e tenho que fazer algumas perguntas. Esteve vigiando a porta toda a noite?

— Desde as nove.

— E sabe quanto tempo o senhor Turner esta aqui?

— Possivelmente.

Não acrescentou mais nada. Simplesmente olhou Lily. Seu olhar era desconcertante, não piscava igual aos répteis. Lily começou a irritar-se.

— Talvez eu deveria falar com o dono ou o gerente.

— Não há gerente, e eu sou o dono. — Suspirou — Está bem, está bem. Sua Excelentíssima Alteza chegou aqui entre as nove e quinze e nove e meia, mais ou menos. Fontes já estava aqui.

Nove e meia. Aproximava-se muito ao que ela calculou como à hora da morte de Fontes. Mas, claro, ela não era nenhuma perita.

— Quantas saídas têm o local?

— Esta mesma e a de incêndios, nos fundos. — Suspirou pesadamente — Odeio tiras.

— E deveria me importar?

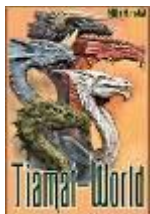
— Sabe, talvez não seja tão estúpida como aparenta. — Falou de um modo pessimista, como se não confiasse completamente nessa remota possibilidade — E tem bonitas tetas. Eu gosto. Quer foder?

Lily abriu a boca surpreendida. Suas mãos tremeram contendo-se para não estrangular aquele ser desagradável.

— E você quer passar as próximas duas semanas preso em uma cela minúscula?

— Ei, só perguntava.

— Me leve até Rachel Fontes. — Pipocas? *Cheirava a pipocas?* Acredito que não.



— Está com o Turner.

— Então me leve até Turner.

— Por acaso não lê os jornais? Todo mundo sabe que aparência tem.

— Vi as fotos. — O príncipe do clã Nokolai era uma celebridade. Aparecia nas colunas de fofocas e nas revistas, sempre posando com atrizes, modelos, políticos ou magnatas. Exercia pressão política em Sacramento e Washington a favor dos seus, e tinha muitos amigos em Hollywood — De todos os modos, quero que me mostre ele. E Rachel Fontes também.

— Está bem, está bem. Você! — Saltou do tamborete ao mesmo tempo em que gritava a um garçom que ia com o torso nu — Idiota! Cuide da porta. — Olhou irritado para Lily — Vem ou o que? — E começou a andar.

O estômago de Lily começou a doer. Em uns instantes ia dizer a Rachel Fontes que seu marido foi assassinado. Possivelmente a mulher estivesse desfrutando de um pouco de sexo exótico e extraconjugal, mas isso não significava que fosse aceitar bem a notícia da morte de seu marido. A experiência ensinou Lily que o amor adota muitas formas, e que nem todas elas são claras ou, inclusive, saudáveis.

Ao menos desta vez não teria que tratar à viúva como um suspeito. Cúmplice, possivelmente, mas quem quer que tenha matado Carlos Fontes não foi sua mulher. Não existiam mulheres lobo.

Seu guia, anão e intratável, parou para conversar com alguns clientes que queriam saber quando ia começar o show. Quando começaram a caminhar novamente, Lily voltou a perguntar seu nome. Precisava saber para o relatório.

— Você surda ou o que? Max.

— Não tem sobrenome?

— Smith.

Smith? Aquele feto cheio de malevolência se chamava Smith?

González se aproximou de Lily e sussurrou.

— Acredito que é um gnomo.

— Muito grande. Muito mesquinho. E desde quando os gnomos vivem entre humanos?

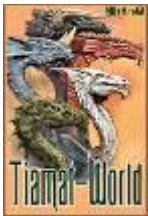
— Um gnomo louco. Que toma esteroides.

Lily sorriu.

— Pode ser um psicopata. Mas os gnomos não podem ter propriedades. — Embora isso fosse mudar logo que aprovassem o projeto de lei sobre o direito de outras espécies a serem cidadãos.

Aquele lugar estava lotado de gente. Abriram caminho através de um labirinto de mesas pequenas, ocupadas por pessoas que não paravam de falar. As luzes do teto já não imitavam o arco íris e estavam fixas em uma cor rosa nem um pouco infernal. Uma rápida olhada a permitiu descobrir que os focos estavam presos em um andaime que cobria a parte alta do clube.

Velas vermelhas ardiam na maioria das mesas. No meio da sala havia um palco circular, embora não havia nenhuma performance nesse momento. Chamas de néon subiam pelas



paredes. Também havia duas escadas circulares que se perdiam na escuridão do primeiro piso.

Lily viu muitos penteados estranhos e roupas chamativas, mas a maioria dos clientes se vestia como qualquer frequentador dos clubes noturnos de qualquer outra parte da cidade. O uniforme do González atraiu toda a atenção quando passaram pela pista de dança, que pouco a pouco estava ficando vazia, agora que a música terminou.

Através da multidão que se dispersava, Lily pôde ver para onde Max Smith os estava levando. No canto direito mais afastado do local, três grandes mesas pareciam um oásis de tranquilidade no meio daquele rebuliço, separadas de todo o resto. Havia cinco homens sentados nas mesas... e um montão de mulheres.

Todos os homens tinham cabelo escuro. Provavelmente anglo-saxões. Um deles parecia estar completamente nu, embora a mesa ocultasse a parte inferior de seu corpo. Possivelmente era um dos garçons, que eram todos homens, jovens e estavam nus da cintura para acima. As mulheres eram mais variadas. Lily contou duas ruivas, duas afro-americanas, três loiras e quatro mulheres com o cabelo castanho ou preto.

Lily acabava de sair da pista de dança quando duas das mulheres se levantaram. A mais baixa parecia ser hispânica, mas era impossível ter certeza. A luz rosada favorecia, mas não iluminava muito. Seu cabelo era comprido até passar a cintura e seus seios grandes lutavam para sair do decote de seu vestido vermelho justo. Inclinou-se para o homem mais próximo a ela, que estava sentado no centro da mesa. Uma das ruivas estava aconchegada contra ele.

Virou a cabeça. Lily pôde ver seu rosto brevemente, antes que o cabelo da mulher o cobrisse como uma cortina, ocultando o que parecia ser um apaixonado beijo.

Rule Turner.

Inclusive com essa pouca luz era fácil de identificar. Lily já tinha adivinhado que o homem sentado no centro da mesa era o poderoso nesse grupo. Os corpos estavam virados ligeiramente para ele. As cadeiras estavam dispostas de tal maneira que todos o pudessem ver. E era a verdadeira imagem de um elegante libertino, não é verdade? Sentado confortavelmente em sua cadeira, com as pernas relaxadas, sua camisa preta desabotoada quase até o umbigo. Beijando uma mulher enquanto tinha a outra em seus braços.

Lily fez um gesto depreciativo.

— Senhor Smith — disse. Mas ele não parou nem fez gesto algum que indicasse que a ouviu. Assim Lily acelerou o passo para alcançá-lo e pôs a mão em seu ombro para detê-lo.

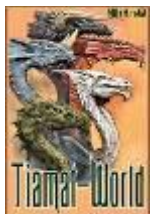
E a retirou imediatamente assombrada. A vibração tinha sido tão forte, que atravessou a roupa do gnomo. *Acredito que alguns gnomos são realmente seres pervertidos e hostis, e não sentem vergonha de nada...*

— O que? — disse bruscamente dando a volta.

— Essa é Rachel Fontes? — Resistiu à tentação de esfregar suas mãos, e assinalou à mulher que se afastava da mesa após ter beijado Turner.

— Sim.

Lily se virou para González.



— Não a perca de vista. Provavelmente vai ao banheiro, mas será melhor que não nos arrisquemos. Se tentar ir embora, detém-na. Não fale por que, não responda a nenhuma pergunta, traga ela até mim.

O oficial assentiu e a seguiu.

— Os homens dessa mesa, são todos lupi?

— São um espetáculo, não é verdade? Embora a verdade, tampouco eu sou um dos que passam despercebidos. Fique e verá. — Piscou um olho.

— Preciso de um lugar privado para os interrogatórios.

— Não quero que incomode meus clientes.

Lily observou esse pequeno homem, se é que o podia chamar de homem. Os gnomos varões pensavam neles mesmos como homens?

— Vamos discutir sobre todas e cada uma de minhas solicitações?

— Provavelmente. — O gnomo deu a volta e se afastou.

Lily o seguiu, e teve a primeira oportunidade de ver Rule Turner de perto.

Gens europeus pensou ao observar os maçãs do rosto esculpido, e o nariz forte e ligeiramente torto. *Dentes perfeitos*; acrescentou quando ele sorriu por algo que havia dito o homem sentado na frente dele, do qual os cabelos loiros somente escondiam os números tatuados que indicavam que estava registrado. *Para não mencionar essas sobrancelhas*. Lily estava acostumada a fixar-se nas sobrancelhas, igual a outras pessoas observavam os ombros ou os lábios, e as sobrancelhas do Turner eram características, duas linhas escuras que imitavam o ângulo de suas maçãs do rosto.

As sobrancelhas em questão se arquearam inquisitivamente quando os viu aproximando-se. Seus olhos escuros tropeçaram com os de Lily, e ela deixou de pensar imediatamente.

... *O que?*, Pensou um segundo depois. *Que diabos aconteceu?*

—... a língua em sua boca — estava dizendo Max — Te consegui outra mulher, mas esta diz que é detetive. — O gnomo acrescentou algo em um idioma que Lily não pôde reconhecer. Um dos homens começou a rir.

E se fosse hipoglicêmica? Mas não sentiu-se enjoada, nem desmaiou. Somente... teve um branco.

— Ignora o Max — disse o homem com o peito nu — Não tem que tentar ser desagradável porque sai naturalmente.

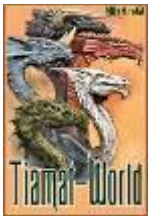
Lily o observou mais de perto. Era magro; com o cabelo levemente despenteado cor canela e o rosto mais perfeito que ela jamais havia visto em um homem, ou em uma mulher. Para não mencionar que possuía um corpaço... do que Lily conseguia ver, embora a mesa ocultasse grande parte dele.

Lily piscou.

— Está nu.

— Não totalmente, meu bem. Tanga. Tudo certo.

Dizia muito a favor de Turner, que Lily tivesse reparado nesse Adônis semi-nú em segundo



lugar.

— E você se chama?

— Cullen. Vem, senta aqui, amor. — Pôs sua mão sobre sua perna como se esperasse que ela se deixasse cair em seu colo — Rule não precisa de mais mulheres.

— E você sim? — replicou Turner. Sua voz era agradável e suave, como chocolate derretido. Lily notou que não aparecia nenhuma tatuagem de registro — Embora suspeite que seja um assunto que se poderia debater.

— É uma visita oficial?

— Tenho que lhe fazer umas perguntas, senhor Turner. Sou a detetive Yu — disse mostrando sua identificação.

Nem a olhou.

— Ajudarei no que possa — murmurou, e souou como se estivesse fazendo um favor pessoal a Lily — Pode me chamar de Rule.

Não nesta vida.

— Conhece Carlos Fontes?

Uma das mulheres começou a rir, mas logo a risada se converteu em um ataque de tosse.

Outros sorriram.

— Nos conhecemos — disse Turner imperturbável — Saio com sua mulher, Rachel.

Um encanto de homem, não é verdade?

— Estão separados?

— Não, são muito felizes juntos.

— E viu Carlos Fontes esta noite?

— Não. — As sobrancelhas se arquearam. Olhou os outros — E vocês? — A partir dos murmúrios e as negações de cabeça, Lily deduziu que ninguém viu Fontes essa noite. Max afirmou que Fontes nem sequer esteve no clube.

Turner olhou Lily.

— O que é isso tudo?

— Quanto tempo esta aqui?

Os dedos de Turner tamborilaram sobre a mesa.

— Vou seguir o seu jogo um pouco mais. Depois quero respostas. Cheguei um pouco depois das nove.

— E não saiu do clube para nada?

— Não. Acredito que posso encontrar testemunhas que confirmem se for necessário.

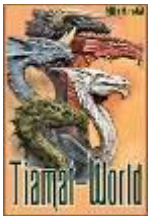
Três das mulheres começaram a falar de uma vez.

— Um momento — disse Lily abrindo bolsa e tirando um caderno de notas — Preciso de seus nomes. Você primeiro — disse à mulher alta e de pele morena que estava perto dela.

A mulher se alarmou.

— É necessário? Não quero que meu nome saia nos jornais.

A mulher ruiva aconchegada contra Turner riu sarcasticamente.



— Vamos, Bet, sempre diz que não se importa com o que pensa seu marido.

— Ex-marido a partir de amanhã — replicou a mulher morena — e por mim ele pode ir para o inferno. Não estou preocupada com ele, é pelos sócios. Não são precisamente liberais.

— Todos os escritórios de advogados são conservadores. É a natureza da besta. — A ruiva se incorporou. Seu pequeno rosto tinha uma expressão astuta, e era largo na frente e nas têmporas, com queixo estreito, como os de um gato. Usava o cabelo muito curto e brincos de ouro balançavam em suas orelhas. Não vestia couro, mas usava um escasso top branco que mostrava grande parte de sua pele muito branca que sugeria que era uma ruiva natural — Estou disposta a confirmar que Rule estava aqui desde as nove e meia, mais ou menos, detetive Yu.

Pronunciou seu sobrenome com uma ênfase especial, e isso captou a atenção de Lily.

— E você é?

— Ginger. — Sorriu ligeiramente — Ginger Harris.

Lily não podia acreditar.

— Não me reconheceu né? Bom, passou muito tempo. Imagine, você cresce e vira policial.
— Riu ruidosamente — E eu viro uma puta.

Turner disse algo, mas Lily não prestou atenção.

Como não reconhecera os olhos de Ginger? A cor, o tamanho, a forma... eram tão separados e profundos que a pálpebra inferior quase não existia. Suas pupilas eram de cor âmbar escuro, como uma garrafa de cerveja iluminada pelo sol. Suas sobrancelhas eram curtas, igual aos seus cílios.

Mas passou-se tanto tempo... Lily não viu esses olhos desde... depois de seu sétimo aniversário. Exceto em algum que outro pesadelo. Os olhos de Ginger eram iguais aos de sua irmã.

— Usa lentes de contato. — Comentou indiferente.

— Cirurgia a laser, na realidade. Você não mudou nada, embora cresceu um pouquinho. Continua sendo a mesma dissimulada, séria e boba de sempre.

Lily queria saber se o mundo de Ginger se dividia entre as dissimuladas e as putas. Queria perguntar sobre seus pais, sobre seu irmão. Mas nesse instante havia um cadáver a caminho do necrotério. Precisava comportar-se como a detetive Yu, não como Lily.

— Preciso de seu endereço atual.

— Se quer ficar para jantar, querida, te dou meu número de telefone. Não passo muito tempo em casa.

— Preciso de seu endereço para o relatório.

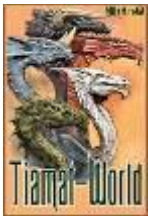
Ginger fez um gesto de desgosto.

— Só pensa no trabalho, né? Está bem. 22129 da Rua Thornton, apartamento 133.

— E agora — interveio Turner — que demonstramos que estamos dispostos a cooperar com a polícia, eu gostaria de saber em que investigação estamos cooperando.

Lily o olhou nos olhos. Não ocorreu nada.

Idiota. Realmente acreditou que ia acontecer algo? Fora a hipoglicemia, era tudo. Sustentou o olhar um momento, só para demonstrar que podia... e sentiu um puxão no estômago, uma onda



de desejo. Inconfundível. Exasperante.

— Homicídio — ela disse, e esperou que seu rosto permanecesse tão imperturbável como o dele — É a investigação de um homicídio.

Todos reagiram de uma vez. Todos menos Turner. Nem mudou sua expressão nem se moveu um milímetro. E mais, parecia exercer um poder tranquilizador que fez que todos outros fossem calando-se pouco a pouco. Só disse duas palavras.

— Quem morreu?

— Carlos Fontes.

— Meu Deus! — gritou um dos homens.

— Pobre Rachel — disse uma das mulheres. E Cullen, o Adônis seminu, deixou que seu alívio saísse rápido, mas intensamente.

Turner olhou de repente além de Lily.

— Espero que seja amável com Rachel — disse; se levantou e rodeou a mesa.

Lily se virou. Rachel Fontes voltava.

O único que Lily viu antes, de longe, eram uns peitos grandes e um cabelo magnífico. De perto... Lily piscou, surpreendida.

Segundo as revistas de fofoca, Turner saía com as mulheres mais belas do país. Rachel não era uma delas.

Era jovem, pouco mais de vinte. E, certamente, seu cabelo era magnífico, e seus peitos eram grandes, mas todo o resto era bem normal. Sobravam uns sete quilos, e não os levava nada bem. Seu rosto era estreito e o nariz grande, com uma ponte que fazia que seus olhos estivessem muito juntos. Apesar de tudo, esses olhos eram o melhor que possuía; grandes, escuros e luminosos.

Parecia feliz.

— Sentiu minha falta? — disse quando Turner a alcançou, e passou um braço pelo pescoço dele.

— Há aí um oficial de polícia que quer te ver — disse brandamente — Tem más notícias, querida.

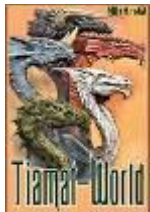
A alegria de Rachel desapareceu igual à cor de seu rosto. Lily se aproximou dela. Não havia uma maneira correta de dar esse tipo de notícias.

— Sinto muito, senhora Fontes. Seu marido foi assassinado esta noite.

— Assassinado? — negou com a cabeça — Não, tem que estar enganada. Carlos está na igreja. Tem ensaio. É cantor, sabe? Tem uma voz maravilhosa. O... — Sua voz se desmoronou — E... está enganada.

Lily explicou os fatos com tanta delicadeza como pôde: o lugar e modo da morte, a identificação graças à carteira de motorista, e o que ficava do rosto da vítima. O fato de que o assassino era um lobo.

Um calafrio percorreu Rachel Fontes. Começou a chorar. Lily olhou para Turner brevemente. Rachel não se dava conta da ironia do momento, de como seu amante a estava consolando pela morte de seu marido.



Rule Turner se dava conta.

Capítulo 3

Quatro horas depois, no Clube Hell não sobraram nem clientes nem policiais. Diferentes aromas ainda permaneciam no ar, uma composição de aromas que Rule era incapaz de identificar quando estava em duas patas; álcool, frutas, fumaça, suor, humanidade. E esse maldito incenso que Max acendia tentando fazer que o local cheirasse a enxofre igual ao inferno.

E ela. Já foi fazia uma hora, mas seu aroma permanecia.

Ou possivelmente só estivesse em sua imaginação. Rule suspirou, sentou-se na mesma cadeira em que passou toda a noite, e discou um número que conhecia melhor que o seu próprio. Max e Cullen o deram um pouco de intimidade e estavam no bar tomando uns drinques.

Depois de nove chamadas, uma voz feminina meio adormecida respondeu.

— É bom que seja importante.

— Nettie, tenho que falar com *rho*⁴.

— Direi que ligue para você quando acordar. Agora está no meio do sonho, coisa natural, o que faz bem para ele.

— Não me entendeu. Não quero falar com meu pai. Seu *lu nuncio*⁵ quer falar com seu *rho*.

Houve uns segundos de silêncio.

— OH, certo. Está bem. Isto é muito para mim. Levarei o telefone, mas se tiver uma recaída, arrancarei sua pele em tiras.

— Espero que depois ainda fique pele para que possa arrancar de mim.

Ela murmurou algo sobre os malditos costumes dos lupi. Rule ouviu seus movimentos, depois chegou à voz de seu irmão mais velho. Benedict havia retornado de seu isolamento na montanha bem a tempo de salvar seu pai, e ficou para cuidá-lo.

Um instante depois seu pai pegou o telefone.

— Sim? — A voz grave e sonora de Isen soava enérgica apesar de tudo. Embora também fosse certo que ainda conservava os dois pulmões.

— Assassinaram o marido de uma mulher com que tenho uma relação. A polícia acredita que quem fez isso foi um lupus.

Houve uma longa pausa.

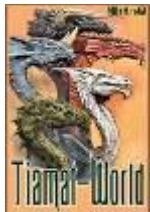
— Não te prenderam?

— Sou suspeito, é obvio. Igual a qualquer outro lupus que estivesse ali naquele momento. Dei toda a minha colaboração. — deu uma olhada sarcástica a seus pés que estavam descalços — Nos obrigaram a tirar a roupa.

— O que?

⁴ É algo como Chefe do Clã, o Alfa.

⁵ Mais ou menos “o herdeiro reconhecido”. (É explicado mais detalhadamente no Capítulo 13)



— Pediram de uma forma muito gentil. — E foi muito divertido ver a cara da detetive quando ele obedeceu imediatamente a ordem e começou a baixar as calças diante de todo mundo. A detetive o deteve, é obvio... mas uma parte dela desejava o ver nu.

E ela não gostou disso.

— Me acompanharam ao banheiro, me colocaram em cima de uma folha de papel branca e me fizeram tirar a roupa ali. Um sargento examinou toda minha roupa cuidadosamente.

— O que procuravam?

— Provas, acredito. Embora o assassino atacou em forma de lobo, não sei o que poderiam estar procurando. Mas Yu não é idiota. Estou certo de que tem haver com algo que possam utilizar para vincular a qualquer um de nós com o crime.

— Como é o detetive?

— A detetive. — Rule levou um momento para ordenar seus pensamentos e deixar de lado qualquer opinião pessoal — Inteligente. Decidida. Provavelmente ambiciosa. Não gosta de mim, mas ainda não decidiu se sou culpado ou não. Acredito que meu álibi não cobre o lapso de tempo em que Fontes foi assassinado.

— Que álibi?

— Tenho varias testemunhas que podem atestar onde estava a partir das nove e meia. Inclusive vários humanos, coisa que ajuda bastante. Mas estive sozinho por toda à tarde, até que cheguei ao clube.

— *Mmm*. Posso te conseguir testemunhas com facilidade, mas seriam lupi. Nem a polícia nem um jurado confiariam no testemunho de um lupus.

Rule sorriu ligeiramente.

— Pode ser que tenham suas razões.

Isen riu.

— Pode. Certo, isto é o que vai fazer. Primeiro verifique se o assassino é realmente um lupus. Não seria a primeira vez que alguém tenta nos jogar um morto.

— Pensei nisso. Falei com um jornalista que está disposto a me dar toda a informação que tenha, mas ainda não sabe nada. Isso é o que disse Cullen.

— Que pode ser verdade ou não.

— Tem razão sobre o ataque a sua pessoa.

— Mas o aviso chegou muito tarde, não é assim? Se estiver tentando me convencer de sua boa fé... se acalme, filho. Posso ouvir como te irrita pelo telefone. Já sei que é seu amigo, e aprecio o esforço que fez para nos avisar. Mas não confio nele. Não tem clã.

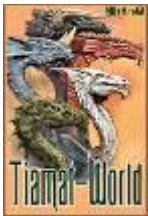
— Mas não é um banido.

— Um rebelde, por definição, é um louco.

Rule não podia acrescentar nada a isso.

— Sabemos que esta sendo tramado algo.

— Sim, mas não sabemos quem ou o que estão tramando. — Isen soava cansado — Conjeturas é tudo o que temos. Necessito fatos. Possivelmente a polícia descubra algo. Tenho que



estar a par de qualquer descoberta que façam, e você, fique fora da prisão. A solução mais simples é que seduza essa bonita detetive.

Rule sentiu que lhe davam um murro no estômago. Demorou um segundo para recuperar o fôlego, e o único que pôde dizer foi:

— O que te faz pensar que acredito que é bonita?

Isen riu de novo com sua voz grave e profunda.

— Pode esconder um montão de coisas da maioria das pessoas. Mas eu não só sou seu *rho*, mas também sou seu pai. Acredita que não sei quando se sente atraído por uma mulher?

Isen fez mais perguntas e deu mais instruções, mas Rule não colocou toda sua atenção na conversa. Sua consciência gritava que dissesse a seu pai que não podia seduzir Lily Yu por uma razão, porque ela era... provavelmente era... *provavelmente*, recordou a si mesmo. Não sabia com segurança. Uma intuição não era uma prova irrefutável.

— Atração à parte — disse —, ajudaria se pudesse contar algo sobre as nossas suspeitas.

— Não diga nada — replicou Isen — Não acreditaria em ti. E seria mais difícil ganhar sua confiança.

— Fala como se Nettie tivesse te feito dormir cedo.

— Maldita seja, todos acreditam que sabem mais sobre meu corpo que eu mesmo... Já vou — disse a Nettie. Rule podia ouvir no fundo a voz da mulher — Já sei que tem um papel que diz que pode. Acredita que me impressiona?

Rule pôde imaginar Nettie de pé, com os braços cruzados, junto à cama de seu paciente. Ouviu-a dizer que, efetivamente, ela sabia mais sobre o corpo de Isen que ele mesmo, e que deveria alegrar-se por isso, já que ele era um imbecil.

— Acreditam que deveria ter em conta seus limites — Rule tentou acalmá-lo, preocupado pelo tom queixoso na voz de seu pai. Seu pai não era um homem acostumado a queixar-se — Além disso, Nettie me dá medo. Antes me ameaçou.

Isto provocou outra gargalhada, mas soou muito fraco.

— Não me estranha que tenha medo. Condenada tirana... Não, não vai fazer isso — disse, mas este último foi dirigido a Nettie, não ao seu filho.

Rule escutou as duas partes daquela discussão. Nettie ganhou, é obvio. Minutos depois, ela falou no telefone.

— Tornei a induzir o sonho. E desta vez vai dormir durante as próximas vinte e quatro horas.

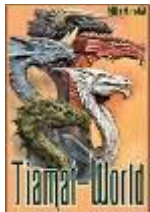
Rule passou uma mão pelo cabelo.

— Estará confuso quando acordar. Mas se acredita que é necessário...

— Rule, viu suas feridas. Não há nada que ele não possa curar, mas não estará fora de perigo até que consiga fechar as feridas dessas mordidas. A não ser que esteja ansioso por ocupar o posto de seu pai...

Rule grunhiu.

— Não seja tão sensível. O que está claro é que é o herdeiro. Se o *rho* morrer, ocupa seu lugar. E muitos sabem que não é um posto que sonha em ocupar.



— Vamos, está me dando muitos ossos para morder e nada de carne. Como está realmente?

— Cabeçudo. Preocupado. É mais do que ele acredita. A dor é muita para ele, e já não é capaz de se curar tão rápido como quando era jovem. Não quer ir a um hospital. Tá, não precisa que me explique nada. Entendo suas razões. Mas se não ajudar o processo de cura de maneira artificial, vai ter que passar muito tempo dormindo.

Rule engoliu seu medo. Não podia comportar-se como um menino. Não havia tempo para ser o filho agora.

— Pois se tiver que ser assim, assim será.

— Não precisa o ter tirado do sonho tão cedo — admitiu Nettie — Me enganou. Conseguiu que seus sinais vitais permanecessem estáveis o suficiente para que eu... bom, já não importa. Não se preocupe por isso. Seu pai ficará bem, e o Conselho pode dirigir as coisas enquanto o faz.

Rule gostaria de estar nesse instante no Lar do Clã, *maldito seja*. A tradição proibia estar com seu pai enquanto se curava, mas não impedia de ir para casa. Aquilo era coisa de seu irmão mais velho. A autoridade de Benedict para vetar ao *lu núncio* no Lar do Clã era muito fraca na teoria, mas tinha suficiente força na prática. Ninguém discutia com Benedict sobre a segurança do clã. A maioria das pessoas não discutia com Benedict, e ponto.

Ao menos sabia que o *rho* estava a salvo. Exceto um ataque das forças armadas, nada nem ninguém poderiam chegar até seu pai estando Benedict ali.

— Dá um abraço no Toby por mim — disse — Estarei em contato. — Desligou e guardou o celular no bolso de sua jaqueta.

Ficou sentado uns instantes. Tinha medo. Por seu pai, por sua gente, por ele mesmo. Era o momento mais inoportuno para que a liderança dos Nokolai se debilitasse, que era o que os atacaram Isen queriam, é obvio. Rule se levantou e caminhou para o bar, seguindo um aroma que o atraiu imediatamente.

— Meu café está pronto?

— Não sei como pode beber essa porcaria — disse Max.

Cullen sorriu e deslizou uma taça pelo balcão. Continha um café feito com grãos da reserva do próprio Rule.

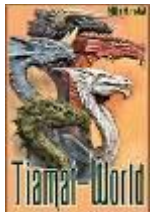
— Requer certo paladar. — Rule podia manter os ombros relaxados. Podia controlar a expressão de seu rosto, sua voz e, até certo ponto, seu aroma. Mas não podia controlar seus nervos que se retorciam em seu estômago, o fazendo saltar como um chihuahua cheio de cafeína— Este lugar é infernal com todas as luzes acesas — observou, sentando-se em um tamborete.

Max pôs seu próprio copo, que continha uísque irlandês em vez de café, sobre o balcão, e escalou o tamborete mais próximo a Rule.

— Essa é a ideia.

— Sim, mas é o tipo de inferno em uma manhã com ressaca. Como um carnaval antes que caia a noite, e as luzes e a música converte o misterioso em caipira.

— São cinco horas da maldita manhã. O que esperava? De toda maneira, não quero ouvir



falar de carnavais. Me lembro dos anos que passei no circo.

— Esteve em um circo? — Esse era Cullen, que estava do outro lado do balcão. Estava em um dos seus estados de ânimos agitados, brincando com uma coisa, logo com outra — Foi antes da guerra, ou depois?

— Que guerra? Os humanos são uns idiotas. — Inclinou seu copo, engoliu metade do uísque e arrotou satisfeito — Deixa de brincar com os malditos copos.

Cullen continuou secando o copo que acabava de pegar.

— A Segunda guerra mundial. Essa sobre a que sempre nos contam.

— Ciúmes. — Max negou com a cabeça tristemente — As novas gerações estão doentes de ciúmes. Já não há respeito por nada.

Cullen parou.

— Quer dizer que sou um membro da nova geração?

— Todos são jovens. Meninos, cada um de vocês. Indo daqui para lá como despreocupados, e não se dão conta do logo que vão morrer. — Max tirou uma cigarreira de prata de sua jaqueta, abriu e escolheu um desses cigarros baratos com os que gostava de poluir o ar — Por exemplo, a maneira em que idealizam a verdade. Dizer a verdade. Encontrar a verdade. — Riu sarcástico — Encontrar a verdade! Como se estivesse por aí atirada no chão, esperando passar alguém para recolhê-la. Isso é infantil. A gente vive por e para as histórias, não para a verdade. O que realmente querem é que alguém dê todas as respostas para que não tenham que descobrir eles mesmos. — Tirou um isqueiro — Admito que pensar custa, e leva tempo.

— Pare já — disse Rule, cansado.

Max fez uma pausa e observou Rule com os olhos entreabertos. Baixou o isqueiro.

— Seu pai?

— O *rho* está se curando. Perdoe, não queria ter dado a impressão de que algo ia mal. — Fez um gesto de dor — Bom, havia algo que estava errado.

— Não está bem — disse Cullen, surpreso.

Rule levou uns segundos para pensar no que ia dizer. Max e Cullen eram seus amigos. E nesse exato momento eram quase colegas, de algum jeito. Mas não pertenciam aos Nokolai.

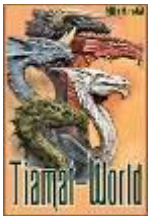
— Ninguém esperava que agissem tão cedo. E eu não esperava que fosse tão pessoal. — Pensou em Rachel, em seus olhos vermelhos e inchados, vazios de tudo menos de dor — Possivelmente deveria ter imaginado.

— O arrependimento é a forma mais inútil de culpa — disse Cullen — Chega muito tarde e nada se pode fazer por remediar o ocorrido.

— É sua natureza, não? — Rule decidiu trocar de assunto e falou formalmente — O *rho* expressa à gratidão dos Nokolai e te oferece um lugar no clã por um ciclo lunar.

— Agradeço ao *rho* — disse Cullen. Sua voz soava despreocupada, mas seus dedos estavam tensos sustentando o copo que estava secando — Esse velho é um ardiloso bastardo. Surpreende-me que não tenha me oferecido dinheiro.

— O *rho* sente um grande respeito pelo dinheiro, e sabe o que pode comprar e o que não



pode. Não é sua intenção te insultar, Cullen.

Este deu de ombros e deixou o copo na prateleira.

— Talvez não. Mas estou tentado me instalar no Lar do Clã por um mês para ver como lhe arrepia o cabelo da nuca.

— Necessita um guarda-costas — disse Max repentinamente — Sabemos que Isen é seu objetivo. Mas o que os impede de virem por ti também?

— Matar Carlos não os aproximou desse objetivo. — Rule fez uma pausa, incerto — Não encaixa. Por que arriscar-se a uma investigação?

Max deu de ombros.

— Possivelmente sejam uns idiotas.

— Ou possivelmente tenham uma razão. — Cullen estava mexendo com as garrafas de vinho, trocando-as de lugar, as ordenando de acordo com algum tipo de inspiração oculta e desconhecida para os outros — Possivelmente esse é seu plano.

— Pois é uma merda de plano. Tentaram matar Isen e falharam. Agora tentam colocar Rule no meio, mas não conseguiram o implicar completamente. Pare já — ordenou Max quando Cullen moveu outra garrafa — O barman não vai poder encontrar nada.

— Você esta assumindo quais são seus objetivos — disse Rule lentamente — Isen não está morto, mas estará fora do jogo durante um tempo. Possivelmente seja igual. E não sabemos por que mataram Fontes, ou se eu vou conseguir ficar fora da prisão.

— Você não vai ser preso — insistiu Max.

— Deixa de se fazer de *Pollyanna*⁶. Não fica bem no papel. Rule tem razão. Nossos inimigos são sutis, e não podemos nos permitir subestimá-los.

Max soprou.

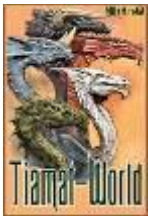
— O que acontece? Esteve vendo *Missão Impossível* em sua bola de cristal? Sutil é uma forma de dizer obscuro. Na vida real, quanto mais complicado é o plano, mais probabilidades têm que falhe.

— Mas também pode dar certo. — Cullen agarrou o isqueiro de Max, acendeu-o e observou a chama — Dizem que viram uma *banshees*⁷ no Texas.

— Então se trata disso? De sinais e maus agouros? — Max gargalhou — O homem lobo grande e mau se mijou nas calças porque algum imbecil não sabe distinguir entre os vapores do pântano e uma *banshee*. E nada menos que no Texas! — Ao que parecia, esta era a melhor parte da piada porque Max golpeou o joelho com a mão e quase caiu do tamborete por não poder parar de rir.

⁶ Protagonista da novela homônima escrita pela Eleanor H. Porter em 1913. Um clássico que conta a história de uma menina que brinca de encontrar o lado bom de cada situação para alegrar a vida dos que a rodeiam.

⁷ Figura mitológica de origem celta. Fada obscura triste que anuncia a morte. Quando alguém a avistava, sabia que seu fim estava próximo: os dias restantes de sua vida podiam ser contados pelos gritos da Banshee: cada grito era um dia de vida e, se apenas um grito fosse ouvido, naquela mesma noite estaria morto.



Cullen não disse uma só palavra, mas seu rosto se esticou e suas pupilas se encolheram. A chama-a do isqueiro levantou trinta centímetros e saiu disparada para o Max.

— Ei! — Desta vez Max caiu do tamborete, e aterrissou sobre seu traseiro — Ficou louco? Quer que dispare o alarme de incêndio? Quer queimar o local? Como se me fizesse feliz ter que falar com os bombeiros e com a companhia de seguros sobre meu querido amigo, o homem lobo que tem problemas para controlar sua raiva.

Cullen o olhou. Em um instante, os olhos de seu amigo voltaram ao normal e o fogo se apagou.

— Eu não estou rindo — disse Rule — O que sugere?

— Consultei os ossos quando os policiais se foram.

Max o olhou irônico.

— Truques de adolescentes.

Rule sabia pouco sobre adivinhação, mas chega um momento, em que todo mundo consulta os ossos. Como havia dito Max, a maioria das vezes eram adolescentes atraídos pelo proibido e com muito pouco bom senso. Os resultados não eram confiáveis. Ou, pelo menos, era o que sempre acreditaram.

Mas consultados por um feiticeiro da Estirpe? Suas sobrancelhas se arquearam.

— E...?

— Perguntei para obter informação sobre seu inimigo. E consegui... isto. — Tirou um punhado de jogo de dados do bolso e os deixou cair sobre a balcão.

Olhos de serpente. Todos eles. Os seis jogos de dados tinham um só ponto em cada um de seus lados.

Houve um silêncio, até que Max soprou.

— Jesus!

Rule sentia a boca seca.

— Acredito que não existe possibilidade alguma de que fez o seu? Por acidente?

— A mesma probabilidade que existe de que você vá se converter em um gatinho na próxima lua cheia.

— E outro feiticeiro?

Cullen negou com um gesto.

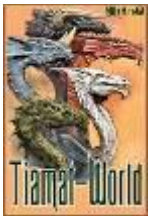
— Não acredito.

— Há alguns destinos que poderiam fazê-lo — disse Max — Mas não saberia dizer por que. Enfim, quem sabe por que um destino faz o que faz?

— Ou podemos considerar a resposta mais óbvia. — Cullen olhou para Rule.

— Sim. — Rule respirou profundamente — Que um dos antigos despertou e está se fazendo notar.

Capítulo 4



O teto baixo e as rampas cheias de curvas do estacionamento subterrâneo da delegacia de polícia davam a impressão para Lily de estar caminhando através das vísceras de concreto de um monstro. Quando descia para seu velho Toyota por outro intestino de cimento, seu celular soou.

Comprovou quem chamava no visor e fez um gesto de aborrecimento, mas atendeu de toda maneira.

— Olá, mãe. Estou com um pouco de pressa. Tenho que estar no escritório do capitão às nove.

— O escritório do capitão? Está metida em alguma confusão?

De onde demônios sua mãe tirou essa ideia? Tampouco quando menina esteve a todo momento metendo-se em confusões. Mas bem o contrário.

— Tenho que informar sobre a investigação. Vamos, é uma reunião. Iguais as que tem as pessoas que com um trabalho de verdade.

Silêncio mortal no outro lado do telefone. Lily suspirou zangada. Sua mãe podia mostrar mais reprovação através de um silêncio que a maioria das pessoas insultando aos gritos.

— Me perdoa. Preciso dormir.

— Será somente um momento. Ontem de noite foi sem que me dissesse quando posso marcar um encontro para que prove o vestido.

— Agora mesmo estou andando pelas tripas de um monstro de cimento. Não tenho minha agenda à mão.

— Pois me chame quando a tiver. Lily, a amiga de minha prima é uma mulher muito ocupada e nos fez um grande desconto. Tem que mostrar um pouco de respeito. Já se esqueceu de uma prova, e terá que fazer muitos ajustes em seu vestido de dama de honra. Está horrível.

Lily queria dizer a sua mãe que nenhum acerto faria que ficasse bem um vestido cor verde vômito, mas preferiu não jogar mais lenha na fogueira.

— Mando um email quando verificar minha agenda, certo? É mais cômodo que ter que me chamar.

Sua mãe não gostava de usar email, mas aceitou a contra gosto e em seguida começou a descrever com todo tipo de detalhes as novidades da última crise nupcial. A irmã mais velha de Lily ia se casar muito bem embora para sua mãe custasse à vida.

Lily chegou a sua vaga de estacionamento no fundo da garagem, concentrada em repassar o relatório que redigiu antes de sair de casa.

— *Mmm* — disse enquanto agarrava sua bolsa e se assegurava de fechar bem a porta do carro. Justo então se deu conta do que sua mãe estava lhe contando.

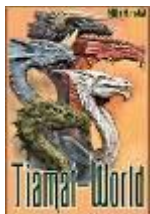
Pelo visto terei que trocar o cardápio para o jantar de ensaio. A irmã do noivo é alérgica a gengibre.

— Lily? Acontece algo?

Lily se deu conta de que havia feito algum ruído de surpresa.

— É que quando mencionou o gengibre me lembrei de que esta noite vi Ginger Harris⁸.

⁸ Gengibre em inglês é ginger.



Sua mãe pronunciou uma dessas exclamações autenticamente chinesas que devia significar algo assim como “OH!”. Que falasse em chinês era um claro sinal de angústia. Normalmente Julia Yu soava tão californiana como a banda de rock local Beach Boys.

— Ginger Harris? Por que iria querer vê-la? O que está acontecendo?

— Não disse que queria vê-la, mas sim que a vi. Em relação com um caso. Você sabe o que aconteceu com os Harris, quando se mudaram?

— Isto não está bem. Acreditava que havia superado tudo isso.

— E superei. — Exceto pelos pesadelos, mas muito de vez em quando — Preciso saber pelo caso, mãe.

— Não sei para onde foram. Não me lembro. Acredito que poderia perguntar a Doris Beatón.

— Não pôs muito entusiasmo no oferecimento — Acredito que ainda mantém contato com eles.

— Estaria muito agradecida se o fizesse. — Lily apertou o botão do elevador.

— Não entendo para que precise saber algo sobre os Harris.

— Ainda não estou certa. No trabalho policial seria muito mais fácil se soubéssemos de antemão que pistas são importantes. — Era uma intuição ou talvez se tratasse do passado de Lily espreitando de novo ameaçador? Tentou relaxar os ombros para esquecer essa estranha sensação — De toda maneira, obrigado por te oferecer a falar com a senhora Beatón. Sei que você não gosta de recordar o ocorrido.

— Não se trata de mim. Estou preocupada com você.

— Sei. E estou bem. — Para Lily, tudo aquilo sempre pareceu que tinha tanto a ver com sua mãe como com ela mesma. Ainda havia muitos cabos soltos do que aconteceu, e Lily não podia resolvê-lo por muito que o tentasse — O elevador já chegou. Melhor desligar.

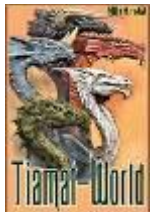
Julia lembrou que comprovasse a agenda e se despediu. Lily guardou o celular na bolsa e entrou no minúsculo recinto de metal.

Era um alívio poder concentrar-se de novo no caso, feitos e possibilidades. Pistas. Isso era o que eram um montão de pistas confusas, e quase nenhuma prova que ajudasse a escolher um caminho a seguir. Recolheu muitas declarações, mas nelas haviam mentiras mescladas com a verdade, evasivas, omissões ou simples equívocos.

Estava convencida de que a hora da morte ia ser crucial neste caso. Esperava que o relatório preliminar do laboratório chegasse logo. Não é que fossem descobrir grande coisa, mas poderiam confirmar que o assassino era membro da Estirpe.

A ciência dependia de que certas coisas ocorressem de uma determinada maneira sem que falhassem nunca. A água fervia a cem graus ao nível do mar sem importar quem a estivesse fervendo. Se mesclasse potássio, nitrato, sulfureto e carvão nas proporções adequadas sempre conseguiriam pólvora, e não sairia às vezes pó de ouro, outras leveduras ou qualquer outro material improvável.

Mas a magia era caprichosa. Cada caso era único. As células e os fluidos de um membro da Estirpe, de qualquer ser inerentemente mágico, atuavam de maneira diferente cada vez que eram submetidos a um exame. Era possível identificar ao autor da magia em um rastro fresco, mas no



laboratório era virtualmente impossível.

O elevador se deteve no primeiro piso com um ruído seco. Subiram duas pessoas. Lily olhou a hora em seu relógio. Possivelmente teria sido melhor ideia utilizar as escadas.

Se o estacionamento eram as vísceras da besta, o elevador era seu sistema circulatório. O que significava que o edifício frequentemente sofria uma comoção por problemas circulatórios, já que os elevadores eram tremendamente lentos. De uma maneira ou outra, Lily conseguiu chegar ao terceiro piso. Voltou a olhar a hora enquanto cruzava a porta do departamento de Homicídios. Se apressasse, inclusive teria tempo para tomar uma taça de café.

— Olá, Lauren — saudou a gordinha mulher loira que ocupava o primeiro escritório. Outras três das cinco mesas do escritório estavam ocupadas nesse momento. Mech não estava na sua — Onde está Mech?

— Tenho jeito de ser a recepcionista? — Lauren seguiu olhando fixamente a tela de seu computador enquanto teclava — por que todo mundo acredita que sou a maldita recepcionista?

— São suas encantadoras maneiras. Faz que todo mundo se sinta bem-vindo. — Mech andaria por aí. Em seguida ficaria sabendo de que Lily queria falar com ele antes de reunir-se com o Randall. Foi diretamente para cafeteira.

Brady levantou o olhar do relatório que estava lendo e uivou como um lobo.

— Pelo amor de Deus — disse à mulher que estava sentada na mesa do lado — Baixa o volume, sim? Ninguém vai acreditar que é um lupus.

T. J. apareceu com cabeça pela porta de seu escritório.

— Alguém viu meu...? OH, olá, Lily. — Sorriu e trocou um olhar suspeito com Brady.

T. J. já era policial quando o mundo era jovem. E era detetive quase o mesmo tempo. Seu cabelo era como o do Papai Noel, óculos de aros dourados, um rosto enrugado igual a um cão da raça Basset, e um incrível senso de humor. Lily se perguntou se deveria examinar sua mesa em busca de brincadeiras escondidas.

— Alguém viu Mech? — perguntou Lily. A cafeteira estava quase vazia. Sempre estava assim. As normas diziam que quando acabasse o café teriam que fazer mais, por isso todos tentavam deixar sempre algo de líquido no fundo. Lily se serviu de um pouco desse café denso e escuro em uma taça que dizia: *“Os ovnis existem. A força aérea não.”*

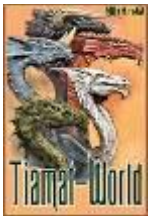
— Fala conosco, simples mortais? — perguntou Brady — Deveríamos fazer uma genuflexão antes de responder?

Lily suspirou divertida.

— Que Deus nos ajude se Brady esteve decorando o dicionário de novo.

— Só falava porque agora trata com a realza. O príncipe. — E voltou a uivar.

— Que alguém ponha uma focinheira nele, por favor. — Lily se encaminhou para o que gostava de chamar seu escritório. Na realidade era um pequeno espaço em um canto do escritório, que carecia de porta ou janelas. Mas era um canto privado com lugar para sua mesa, alguns arquivos, uma cadeira para visitas, uma planta que lutava por sobreviver, e um vaso com uma trepadeira crescida e pronta para conquistar o mundo.



— Sabe, Brady — disse Lauren — Estou certa de que não tem nem ideia do que é uma genuflexão.

— Não? Pois estou certo de que poderia fazer uma e me agachar até o nível de sua...

— Pode ir te levantando aqui ou te prendo por conduta indecente.

— Mech está vigiando seu domínio — disse T. J. ao passar junto a Lily.

Ela parou.

— Seus olhos brilham T. J. Eu não gosto quando seus olhos brilham.

T. J. negou com a cabeça, resignado.

— Tão jovem e tão pessimista. — Sorriu — Espero que você goste de nosso pequeno presente.

OH, merda. Lily ficou em guarda enquanto se aproximava de seu escritório, embora não imaginava o que poderiam ter maquinado. Se Mech estava ali, podia estar a salvo de brincadeiras bobas. Passou do lado oposto de T. J. e Brady, sérios até o extremo. Os colocaria presos se tivessem mexido em sua cadeira para que caísse ao sentar-se.

Que tipos de presente teriam deixado?

Virou a esquina e descobriu.

— Detetive Yu — disse Rule Turner enquanto se levantava cavalheirescamente da velha cadeira de madeira à esquerda da mesa — Seus companheiros me permitiram esperá-la aqui. — Seu sorriso era encantador — Embora acredite que me utilizaram.

— *Mmm.* — Foi tudo o que Lily pôde dizer. Outra vez ele vestia preto. Uma camisa preta de pescoço aberto, com uma jaqueta preta e calças. Muito ao estilo de Hollywood. A jaqueta com aspecto de ter custado tanto quanto o carro de Lily — Temo que sim. Mas a brincadeira era para mim. — Era uma sutil gozação de sua vida social inexistente. Suspirou. O humor de um policial se parece muito ao humor de um menino do maternal. Só que com mais piadas novas.

— O chefe o mandou para falar contigo — disse Mech. Estava sentado na mesa de Lily, tentando parecer cruel.

Mech era dez anos mais velho que Lily, era uns dez centímetros mais alto e uns trinta quilos mais pesado. Todo músculo. Era um homem tranquilo e metódico com uma paciência de Jó. Sua pele era da cor do seu café com leite com caramelo favorito, e revelava sua herança puritana com cada palavra.

Mech não ficava bem parecendo cruel.

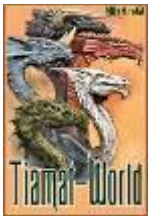
— Seu eh... a alteza quer nos ajudar com a investigação.

— Não sou nenhuma alteza. À imprensa gosta de me chamar príncipe, mas também é verdade que gostam de vender revistas e jornais.

— Já me dei conta. — Lily deixou a mochila sobre a mesa — Obrigado, Mech. Pode dizer ao T. J. e ao Brady que eles estão na minha lista.

Mech hesitou, como se não soubesse se era adequado deixá-la a sós com Turner. Fez um gesto para ele enquanto abria a mochila. Aceitou a ordem e saiu.

Lily tirou seu computador portátil.



— Nós gostamos que os bons cidadãos colaborem conosco, mas acredito que não seria correto que nos ajudasse em uma investigação em que é você um suspeito.

Turner arqueou as sobrancelhas surpreso.

— Você fala sem rodeios.

— Sim, mas sorrio quando o faço. O chefe Delgado mandou você para mim?

— Sim. O chamei esta manhã para oferecer minha ajuda. Se quiser caçar um lupus, precisa saber coisas sobre eles e não acredito que você saiba alguma coisa. Não a estou criticando. Na realidade, há muito pouca informação disponível sobre nós.

— Quer dizer que o filme *Witches Sabbath*⁹ era tudo mentira? — Negou com a cabeça — Agora vai me dizer que Charlie Chan¹⁰ não é chinês.

Turner riu.

— Ponto para você. Na realidade é um ator ocidental, não era?

— Sydney Toler¹¹, entre outros. — Lily nunca admitiria que tivesse uma queda pelos velhos filmes do Charlie Chan, embora estivessem cheia de clichês e estereótipos. Mas eram muito mais divertidas que os do James Bond ou Bruce Lee. Para derrotar aos maus, Chan confiava unicamente em seu cérebro, não na tecnologia ou o kung-fu — Seria muito difícil comprovar qualquer informação que você me desse.

— E, é obvio, não tem intenção de confiar em mim. Entendido. Mas tenho muito interesse em que este caso se resolva o mais rápido possível. Quero que se culpe a um lupus, não a todos nós. E não quero ser esse lupus. Sou inocente, mas você precisará de provas para acreditar nisso.

Lily estudou Turner enquanto tomava outro gole do escuro líquido de sua taça. Não seria a primeira vez que um líder lupus colaborava com a polícia. Se um homem lobo ficasse louco e não fossem capazes de detê-lo, as repercussões para todos os lupi seriam duras. As pessoas se tornavam histéricas com estas coisas. E havia o projeto de lei que estudava outorgar a cidadania a outras espécies, que estava sendo debatido no Congresso. Não podiam permitir ter contra a opinião pública.

Mas a ideia de cooperação dos lupi não implicava necessariamente em provas ou testemunhos. Normalmente deixavam um corpo na entrada da delegacia de polícia correspondente com uma nota que dizia que o problema fora solucionado.

Lily deixou a taça sobre a mesa.

— Ontem de noite me disse que não tinha a mínima ideia de quem matou Carlos Fontes.

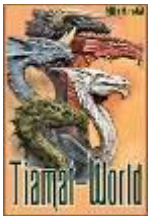
— E não tenho nem ideia.

— Nada de fazer justiça com suas próprias mãos. Um assassinato é um assassinato e se resolve segundo as leis.

⁹ Filme de terror lançado em 2005.

¹⁰ É um detetive chinês de ficção. Sucesso nos anos 20, era o verdadeiro retrato da não-violência.

¹¹ Foi um ator norte americano, teve sucesso interpretando o personagem de Charlie Chan.



— Uma ideia digna de admiração. Embora a lei só o considere assassinato quando nos matam enquanto estamos sobre duas patas. — Turner moveu as mãos enquanto falava. Eram mãos bonitas, com dedos longos como os de um pianista. Era difícil imaginar elas se convertendo em garras de lobo — Mas temo que não me entendeu. Não estou dizendo que vá pegar o assassino. Ofereço-me para informar de tudo o que precise saber sobre a cultura e os costumes dos lupi.

Aquilo era um primeiro passo para chegar a um acordo. Em uma escala que media a franqueza e a capacidade de comunicação, os lupi ocupavam o mesmo lugar que a máfia ou a Cia.

— Falarei com você — disse Lily, conectando o cabo da impressora a seu portátil — Mas tenho uma reunião com o capitão em... maldito seja — murmurou ao olhar a hora — Dois minutos. Se não se importa em esperar na sala do lado, o sargento Meckle trará uma taça de café.

Turner fez um gesto de desgosto.

— Refere-se a isso que há em sua taça?

Lily sorriu.

— Muito forte para você?

— O oferece aos suspeitos para que cantem?

— Só funciona com os fracos.

Turner negou com a cabeça.

— Acredito que estou em apuros, porque acaba de descobrir meu ponto fraco. Sou um apreciador do café.

Não foi o que disse, a não ser como o disse. Lily soltou uma gargalhada.

— Sabe, não é muito bom em se fazer de humilde.

— Não posso esperar dominar todas as artes. — Sorriu, e seu olhar percorreu Lily de acima a baixo. Foi tão breve que não podia considerar insultante, mas seu interesse nela estava óbvio — Me dá a sensação de que em você tampouco fica bem a humildade, detetive.

— Minha avó afirma que a humildade é a face da inveja. — por que diabo estava falando de sua avó com esse homem?

Possivelmente a estranha sensação em seu estômago tivesse algo que ver. E provavelmente ele tomaria a resposta como uma vitória, *maldito seja*. Turner levava muito tempo ganhando jogos contra garotas. Ela sacudiu a cabeça.

— O concedo, você é muito bom. Mas eu não estou brincando.

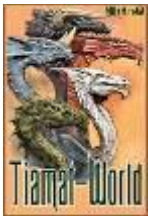
— E você é muito direta. Eu gosto. — Turner se aproximou e roçou o cabelo de Lily com a ponta de seus dedos — Seu cabelo cheira a flor de laranjeira.

Lily olhou os olhos e ignorou o batimento de prazer.

— Está começando a me chatear.

— Prefere que a relação seja impessoal — disse Turner deixando cair à mão — Suponho que é razoável do seu ponto de vista. Mas deveria saber que não sou muito bom na hora de tratar de forma impessoal uma mulher que eu gosto.

— Outra dessas artes que não domina, então. Mas alegre-se. Nunca é tarde. Pode começar a



praticar agora mesmo.

Turner sorriu ligeiramente.

— Tenho um encontro às dez e meia, e você vai chegar tarde a sua reunião. Trabalha aos sábados, detetive?

— Suponho que desta vez vou tocar, por quê?

— Por que não vamos comer amanhã? Exclusivamente negócios. Em algum lugar público para que me comporte bem.

Lily o viu em público no Clube Hell na noite anterior e, precisamente, não estava se comportando bem. E se não podia confiar nele? Lily podia confiar nela mesma.

— Certo. Conhece o Bishop's na Oitava?

— Encontrarei — Seus olhos sorriram enquanto estendia a mão para que ela a apertasse — A uma?

— Muito bem. — Talvez Turner a estava desafiando ao lhe oferecer sua mão, e ela aceitou por seus próprios motivos, entre eles, para poder sentir a marca de sua magia. A mão do Turner envolveu a sua, grande, quente e sólida.

Sentiu um buraco no estômago. Sua respiração se acelerou, sentia falta de oxigênio. Os músculos do interior de suas coxas tremeram e seu olhar se fixou na boca dele, nos dentes brancos e perfeitos que apareciam entre os lábios separados, como os dela. Lábios suaves. Lily desejava tocar esses lábios.

Seus olhos encontraram com os dele. Viu manchas de ouro nas íris negras e as pupilas que se aumentaram de repente. Os triângulos rosados nos cantos do interior dos olhos. Os cílios grossos e escuros. E a maneira em que as pálpebras se retiraram pela surpresa.

Turner deixou cair sua mão. Por uns segundos olharam de um ao outro. O coração de Lily pulsava com força. Ele respirava rapidamente, e as aletas de seu nariz se alargaram.

Meu deus. O que fez? Como podia Lily voltar atrás e desfazer aquele gesto?

Turner rompeu o silêncio.

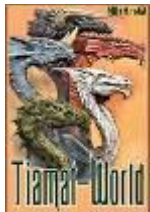
— Não acredito que vá me comportar bem — disse totalmente sério, voltou-se e saiu.

Capítulo 5

O corredor até o escritório do capitão era bege. Paredes beges, móveis de cor bege, carpete bege. Não havia janelas. Lily avançava por aquele túnel bege com o coração ainda pulsando com força, o relatório em uma mão e a cabeça feita uma confusão.

A literatura popular estava povoada de histórias que falavam sobre o suposto poder sexual dos lupi, sua capacidade para atrair a mulheres indefesas. Muitos peritos acreditavam que não se tratava mais que mitos que se perpetuava. O mal sempre teve certo *glamour*, e o mistério faz que seja difícil de explicar.

Até uns instantes, Lily esteve de acordo com os peritos. Agora... bom, o que quer que tenha ocorrido entre ela e Turner não devia ter acontecido. Não duvidava disso. E mais, era impossível



que ocorresse. Embora os lupi tivessem algum poder sexual mágico, ela era imune. A magia escorregava ao entrar em contato com ela, provocando um ligeiro picar em sua pele. Nunca entrava em seu corpo nem a afetava de maneira alguma.

E apesar de tudo, não podia interpretar o que passou como uma atração sexual normal; foi muito rápido e muito intenso. Inclusive ele se surpreendeu, como se também fosse pego despreparado...

Lily sacudiu a cabeça tentando afastar esses pensamentos. E nada disso importava tanto como o que não aconteceu. Apertou a mão de um príncipe lupi e não havia sentido nem rastro de magia. Não podia explicar.

Bateu uma vez à porta do capitão, logo entrou.

— Nos alegramos de que por fim tenha podido reunir-se conosco, detetive — disse o capitão Randall secamente.

Ao cruzar a soleira, Lily pôde ver que havia três homens no escritório, não um.

Frederick Randall estava sentado atrás de sua mesa. O capitão era um homem baixo e calvo a ponto de completar os sessenta anos, e com seus traços expressivos concentrados na metade inferior de seu rosto. Seu aspecto de burocrata, bem alimentado não muito inteligente. Mas era uma impressão equivocada.

Os outros dois homens vestiam ternos e estavam profissionalmente sério.

OH, OH, pensou Lily. *Federais*.

— Sim, senhor. Sinto chegar tarde.

— Estes são os agentes especiais Karonski e Croft do FBI. Estão interessados no caso Fontes.

Já tinha percebido. Lily saudou com um movimento de cabeça, mas a assaltou uma dúvida. Randall não falou dela, ou sim?

Os dois homens começaram a levantar-se. Randall lhes fez um gesto.

— Sentem-se, sentem-se.

Era o escritório do capitão, mas não era grande nem elegante. A única cadeira livre era de madeira simples e estava à direita da mesa do capitão. Colocava Lily junto a ele e justo em frente dos dois homens.

O agente mais próximo a ela tinha uma boa dentição, sua pele vários tons mais escura que a do Mech e um sorriso agradável. As entradas sobre sua testa indicavam que seu cabelo estava caindo.

— Sou Martin Croft — disse — Como já expliquei a seu capitão, não temos intenção de reclamar a jurisdição...

— Embora pudéssemos. — O outro não sorria — Karonski — disse a Lily.

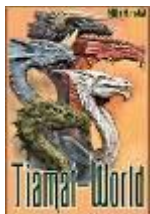
Randall bufou.

— Não têm nada para reclamar o caso.

— Assassinato por meios mágicos é um delito federal.

Lily tentou falar com jeito.

— *Mmm* meios mágicos? Mataram Fontes com presas, não com um feitiço mortal.



— Segundo o capitão, foi assassinado por uma criatura mágica — disse Karonski — Isso é assassinato por meios mágicos.

Lily arqueou as sobrancelhas. O capitão respondeu de uma maneira mais direta.

— É uma merda. Embora pudesse convencer a um jurado de que o assassinato cometido por um membro da Estirpe é por meios mágicos, os tribunais rejeitariam determinar qualquer condenação.

— Pode ser. — Karonski olhava para Lily com clara desaprovação — É jovem.

— Não tão jovem como parece, e está muito qualificada. Além disso, tem contatos na, *mmm*, comunidade paranormal. Isso pode nos ser muito útil. Isso que tem aí é seu relatório, Yu?

Certo, não falou sobre ela. Realmente, Lily não acreditava que o tivesse feito.

— Sim, senhor. — Lily entregou o relatório ao capitão.

Croft comentou acidamente:

— Obviamente ainda há divergências a respeito. Sobre tudo porque este é o primeiro caso de assassinato cometido por um lupus em forma de lobo desde que o Tribunal Supremo passou...

— O primeiro? — disse Lily surpreendida — Neste país?

— O primeiro no que se desconhece a identidade do assassino — corrigiu Croft — Houve um assassinato em Connecticut, mas a... comunidade lupus se encarregou de resolver o caso.

Queria dizer que o assassino morreu nas mãos de sua própria gente. Lily recordava ter lido a notícia. Deixaram seu corpo, em forma de lobo, e uma nota na porta do tribunal.

— E aquele assunto no Texas, o ano passado, acabou sendo em legítima defesa.

Os olhos de Croft mostraram surpresa.

— Sim. Um caso muito interessante, do ponto de vista legal.

Lily assentiu. O lupus em questão estava em forma humana quando foi atacado por uns baderneiros. Trocou. Três dos atacantes sobreviveram.

— Inclusive a União de Liberdade Civil¹² interveio.

— Foi um momento histórico. O primeiro reconhecimento legal do direito à legítima defesa de um lupus em sua forma de lobo. Foi limitado em sua aplicação, é obvio, por como se redigiu a sentença.

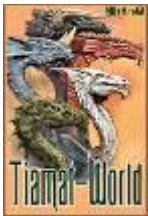
A defesa argumentou que, nessas circunstâncias, a mudança era como soltar um cão de guarda treinado. Que a forma lobuna do acusado defendeu sua forma humana, o que estava legalmente contemplado como legítima defesa. O tribunal de apelação esteve de acordo, mas...

— Os juízes discutiram sobre o que constituía um “perigo claro e iminente” suficiente para justificar transformar-se em lobo. É um precedente, certamente, mas não está muito claro.

Croft sorriu.

— Começo a entender por que seu capitão a atribuiu a este caso. Não há muita gente que compreenda tão bem o terreno no que me movo, em meu trabalho. Ah... não acredito que o capitão o tenha mencionado. Somos da DCM.

¹² No Brasil, é conhecido como Direitos Humanos.



Divisão de Crimes Mágicos. Isso tinha sentido, mas dizer que aquilo era um caso federal era exagerar um pouco. Embora não acreditava que estivessem o reivindicando de maneira oficial, não? Só estavam avisando ao capitão de que podiam pôr as coisas difíceis se não cooperasse.

Cooperar de que maneira? O que é que queriam? Olhou para Randall, que falou sem levantar os olhos do relatório.

— Estes cavalheiros receberão uma cópia de todos seus relatórios escritos uma vez que nós tenhamos dado uma olhada. Faça um resumo pôr dia para eles.

— Muito obrigado, capitão — disse Croft — Mas podemos esperar e ler o relatório. Entre o que você nos contou e a imprensa, acredito que temos a informação básica do caso. A não ser por uma coisa. Preciso saber detetive, se estiver totalmente segura de que o assassino é um lupus.

— Se quiser provas terá que falar com o laboratório forense. Mas eu estou bastante segura. — Não podia dizer por que e de toda a maneira, teria sido inadmissível no tribunal. Mas havia muitos outros sinais que assim o indicavam.

Lily reconstruiu o ataque, descreveu as feridas, as manchas de sangue e a mão amputada.

— Um dos oficiais que chegou primeiro à cena do crime formava parte da Patrulha X — disse para terminar — Serviu ali há quinze anos. Ele também acredita que o atacante foi de um homem lobo.

— Um lupus — corrigiu Croft automaticamente — Tudo parece indicar que o atacante foi um lupus.

Karonski franziu o cenho.

— Que parece indicar que não é conclusivo, de vez em quando sempre surge algum assassino que tenta empurrar seu morto aos lupi. Normalmente mostram serem imitações muito fracas — admitiu — E este não é.

Lily o observou. Altura média, traje barato, constituição de tonel. Ligeiramente mais jovem que Croft e com uma aliança em sua mão esquerda, que Croft não possuía.

— O mais provável é que o assassino tenha deixado saliva nas feridas. O laboratório não poderá compará-lo com nada, mas nos dará a segurança de tratar-se de alguém da Estirpe ou não. Alguém tão inteligente para falsificar essas feridas saberia isso. Embora não acredito que sejam falsas.

— A magia pode criar falsificações muito boas.

Isto inquietou Lily.

— Isso é possível? Quero dizer... Suponho que as feridas em si poderiam ser montadas, mas poderia a magia imitar os estranhos resultados típicos de uma análise de sangue de um lupus?

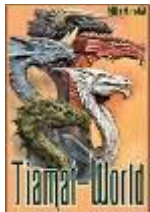
— Não sei — disse em tom pessimista — Você sabe?

Era uma ideia pouco tranquilizadora. A magia a esse nível era ilegal, é obvio, mas o assassinato também era.

— Se isso fosse possível, seria assassinato por meios mágicos. Por isso estão vocês aqui?

Croft deu de ombros.

— Em parte. Temos que confirmar ou rejeitar essa possibilidade. Também nos preocupa que



este caso tenha repercussões políticas.

Lily estranhou.

— Diz pelo Projeto de lei de Cidadania para Outras Espécies? — O Congresso quase conseguiu evitar o assunto ignorando o comitê, mas os que apoiavam o projeto estavam trabalhando para que chegasse a ser votado.

— Política. — Randall cuspiu a palavra, deixando de lado o relatório de Lily — Esse não é meu trabalho, graças a Deus. Quando fala de falsificar coisas magicamente, refere-se à feitiçaria?

Certo. A magia não podia mudar a essência das coisas, e ela saberia se, tratasse de feitiçaria... não era assim?

Croft não se alterou.

— É uma possibilidade.

— É uma arte morta — disse o capitão, estava perdendo a paciência — Às vezes tropeçamos com algum aficcionado que acredita ter encontrado um fragmento do *Codex Arcanum*¹³. Mas ninguém foi capaz de executar a magia transformadora da Purgação.

— Que só ocorreu na Europa — particularizou Croft — Há feitiçeiros na África, e existem rumores que afirmam que alguns escaparam da limpeza comunista dos anos sessenta.

Randall deu de ombros.

— Sempre há rumores. E a feitiçaria africana é mais bruxaria que outra coisa. Ou isso eu li. Você tem outra opinião?

Croft e Karonski trocaram uma dessas olhadas incompreensíveis que compartilham os parceiros que já estão há muito tempo trabalhando juntos. Ou nos casamentos. Croft falou:

— Não pretendemos sugerir que deva ignorar os resultados de seu laboratório.

— Parece-me bem, porque não é essa minha intenção. Acreditava que vocês dois são os peritos em assuntos mágicos, e não os estagiários do *National Inquirer*¹⁴.

Isto irritou Croft.

— Os únicos peritos em magia são os que a praticam. Abel e eu podemos aconselhar sobre métodos de investigação e detenção, e sabemos um par de coisas sobre os lupi que não são de domínio popular. Este caso abrirá precedente. A agência acredita que nossa experiência poderia ser muito útil para você.

OH, ai esta. Lily sorriu ligeiramente.

O capitão Randall se deu conta.

— Há algo engraçado, Yu?

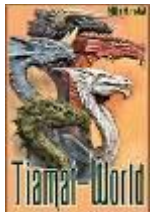
Seu senso de humor ainda iria criar problemas.

— Acabo de me dar conta de que estes cavalheiros estão se oferecendo como consultores peritos.

— Assim é. — Croft sorriu para ela.

¹³ Livro de Todas as Magias (Melhor explicação no Capítulo 18).

¹⁴ Jornal popular americano.



Seu sorriso realmente era agradável.

— Me parece... agradável. Sabe? Cheguei tarde porque Rule Turner se ofereceu para o mesmo posto. Quer me instruir sobre os costumes dos lupi.

Croft se esticou como se estivesse incômodo continuar sentado.

— Rule Turner? O herdeiro Nokolai?

Poderia haver duas pessoas com esse mesmo nome?

— Sim.

Croft e Karonski trocaram outro de seus olhares. O capitão Randall disse:

— Turner é suspeito.

— Sim, senhor. E normalmente é bom deixar que os suspeitos falem tudo o que queiram.

Karonski estava zangado. Mas parecia que esse era seu estado natural.

— Turner não matou Fontes.

Lily decidiu que suas sobrancelhas falassem por ela.

— Entendo que tenham que o considerar suspeito — concedeu Croft — Mas não é provável que seja culpado. Em primeiro lugar, os lupi não são sexualmente possessivos, assim não há motivo. Em segundo lugar, se ele tivesse matado Fontes, nunca teriam encontrado o corpo.

— O conhecem?

— Possivelmente queiram dar uma olhada em nosso arquivo sobre ele.

— Isso nos ajudaria muito, obrigado.

— Aconselho que solicite informação antes de sentar-se e falar com ele. — Karonski tinha uma forma de inclinar-se para Lily que parecia que querer agarrá-la e obrigá-la a estar de acordo com ele — Tem que saber onde está se metendo.

Randall o olhou com claro desprezo.

— Possivelmente seja melhor que deixem aqui esse relatório e marquem um encontro para informar a detetive Yu mais tarde. Agora mesmo, tenho que falar com ela sobre seus casos.

Os agentes não gostaram que o capitão os dispensasse, mas não podiam fazer outra coisa a não ser, ir. Lily se perguntou o que se escondia na hostilidade de Randall, porque parecia algo mais que a típica animosidade jurisdicional. Possivelmente já se encontrado antes em algum velho caso no que tiveram algum choque? Ou possivelmente Karonski entrou com o pé errado. Era um homem intenso.

Os dois agentes se levantaram. Croft colocou a mão em uma maleta de couro e tirou uma grossa pasta.

— São cópias. Pode ficar.

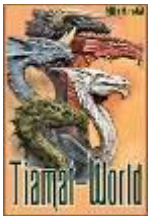
Lily se levantou por educação e aceitou a pasta.

— Obrigado. Temo que esteja ocupada até meio-dia. Combinamos às três?

— Certo. — Croft abriu sua mão — Nos vemos aqui.

Lily apertou sua mão e logo a estendeu para Karonski... e recebeu a surpresa do dia. Não a induziu a um transe sexual, certamente, mas sim que provocou algumas perguntas.

Um bruxo. Karonski era um bruxo praticante.



Os dois agentes fecharam a porta ao sair.

— Como vão seus casos? — perguntou Randall — Pode encerrar algum?

A atenção de Lily se voltou para o capitão bruscamente.

— O caso Meyers. Também o caso Valência; acredito. Estou esperando os resultados do laboratório para outros dois assuntos. O resto — admitiu — são casos abertos já faz tempo.

— Fique com esses. Não a distrairão. Passe os outros. Passe o caso Meyers a Lauren. Quer chegar a detetive assim precisa experiência, e algo mais sobre o que queixar-se — disse o capitão com a sombra de um sorriso.

— Mas... — Mas eram *seus* casos.

Recostou-se em sua cadeira, apoiando as mãos na barriga que nem crescia nem encolhia.

— Você é ambiciosa. Isso não é ruim. Mas aqui, faz parte de uma equipe. Você tem uma boa experiência. Deixe que outra pessoa leve o mérito por fechar um de seus casos, não vai te fazer mal. Receberá todos os louvores que queira quando pegar o assassino do Fontes, e quero que se concentre nisso. Concorda?

— Sim, senhor. — Mas estava errado. Não queria ficar com os casos para receber os méritos. Bom, sim, é obvio queria que reconhecessem seu trabalho, mas... mas essa não era a razão principal. No caso Meyers queria ser ela, pessoalmente, quem colocasse as algemas no bode que matou sua ex-mulher. Quanto aos outros casos, queria terminá-los. Conectar todos os pontos.

— Bem. No que está ocupada agora? O que está fazendo Mech?

— Como pôde ver no relatório, dois dos cinco lupi do Clube Hell têm álibi. Mech está checando eles, depois interrogará o chefe do Fontes e os seus colegas de trabalho. Os patrulheiros se encarregaram de falar com todo mundo que vive perto da cena do crime ou que estivesse por ali. Estou em contato com eles. Esta tarde irei conversar com a viúva. Ontem de noite estava muito abalada para dizer alguma coisa. Também tenho intenção de falar com seus vizinhos. E com os de Turner. Neste caso é muito importante a coordenação.

Randall assentiu.

— Se Turner for culpado, é melhor que se assegure de que não vá se livrar com algum álibi inventado, quanto mais possa precisar os movimentos de Fontes e Turner melhor.

— Sim, senhor. Também gostaria de investigar a igreja onde acredita-se que Fontes deveria estar ensaiando com o coro. Chama-se a Igreja dos Fiéis.

Randall arqueou as sobrancelhas.

— Sim, senhor. Bastante irônico dado às circunstâncias. Parece mais uma seita que qualquer outra coisa. Adoram uma deusa e chamam a si mesmos os Azá.

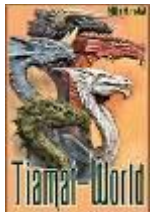
— Os Azá. Sim, ouvi falar deles. Têm um templo ou algo parecido em Los Angeles. Houve problemas com algum tipo de grupo fundamentalista, não consigo lembrar os detalhes.

Lily concordou e tomou nota para averiguar mais sobre o tema.

— O que pensa fazer esta manhã?

— Irei procurar meus contatos na comunidade paranormal — disse totalmente séria.

Uma nota de humor cintilou nos olhos de Randall.



— Muito bem, detetive. — Recolheu as folhas do relatório e as ordenou as golpeando contra a mesa e indicando que a reunião tinha acabado — Terá os jornalistas em cima como pulgas sobre um cão. Mande embora. Não conceda nenhuma entrevista.

— Não... não era minha intenção.

— Melhor. Seu relatório é um pouco escasso, mas é suficiente por agora dadas as circunstâncias. Tenha em conta que teremos que compartilhar todos seus relatórios com os federais.

Por acaso estava aconselhando que não coloque tudo por escrito? Mas ela nunca mencionou nada sobre suas habilidades menos respeitáveis em seus relatórios. Nem sequer as mencionava em voz alta. E ele também não. *Não pergunte, não fale disso.* Então, ao que se referia?

Havia algo que deixava passar.

— Sim, senhor. Eh; há algo mais que deveria saber sobre os agentes da DCM?

— Não procuram mais que crescer em cima dos outros. Sobre tudo Croft. Gosta de saber tudo e não regula os meios. Tentará espremer-lá até conseguir tirar toda a informação que tenha. Não permita. Tome — disse dando um formulário a ela— Precisarás ter munição e algemas especiais, os da administração têm que dar o visto, já sabe, com tanta prata acaba um pouco caro. Agora vá alegrar o dia da Lauren.

Randall a dispensou com um gesto da mão.



Lily contemplou a pasta que acabava de fechar. Descobriu muitas coisas interessantes no relatório que os agentes da DCM entregaram, mas havia um fato que chamou sua atenção mais que nenhum outro.

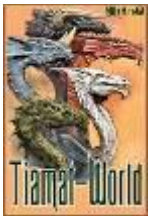
Rule Turner tinha um filho. Um menino de oito anos. Tecnicamente a mãe tinha a custódia, uma jornalista que não parava de trabalhar. Por alguns uns anos, ele deixou o menino aos cuidados da mãe.

Era uma história comum nesses dias. *Mamãe está muito ocupada para ser mamãe. E papai também tem coisas melhores para fazer.* Como ir a festas de Hollywood ou passar a noite no Clube Hell.

Muito ridículo para indignar-se, disse a si mesma enquanto caminhava até o arquivo. O que importava a ela que os interesses de Turner não incluía seu filho? Podia pensar que ele era um idiota, mas não era o único homem do mundo com carências nessa área de sua vida. Pelo menos aceitou sua parcela de responsabilidade, admitiu Lily enquanto abria uma gaveta; pagava a pensão do menino passava os verões no território Nokolai aonde, acreditava-se, que podia ver seu pai de vez em quando.

Não era suficiente.

Lily sacudiu a cabeça impaciente consigo mesma. Tinha coisas melhores para fazer que perder seu tempo reprovando os defeitos de Turner. Devia tirar os arquivos dos casos que tivessem perspectivas de encerra logo e entregar aos outros agentes. Além disso, precisava



comprovar sua agenda. De uma maneira ou outra era necessário encontrar um tempo para provar o vestido.

Mas enquanto pegava os arquivos, sua mente não estava pensando no casamento ou no que Lauren faria com o caso Meyers.

Estava tentado decidir se prepararam uma armadilha para ela. Sempre acreditou que o capitão Randall era um homem justo e um bom policial. Droga, Lily confiava nele. Embora essa confiança tivesse sua origem em muitos anos atrás. Naquela época ele era um detetive recém-formado, e amável. Ela tinha oito anos e estava traumatizada. Mas ele também ganhou seu respeito como adulta.

Entretanto, sua avó estava acostumada dizer que os refrões sobre a morte e os impostos omitiam outro elemento inevitável: a política. Duas pessoas brigam, jogam cartas ou fazem amor. Reúne três, e uma delas em seguida começará a ver como pode tirar o maior proveito possível.

Se estragasse este caso, a única coisa que ficaria em seu arquivo seria uma mancha enorme... e um montão de velhos casos abertos. Nenhum novo.

Lily tamborilou os dedos com mais rapidez. Era por isso que não informou Randall sobre Karonski? Certamente não informava sempre que cruzava com alguém com um dom ou certo rastro da Estirpe. Mas ele teria gostado de saber que havia um agente do FBI que era bruxo.

Não queria dizer para ele. Era seu instinto que o sugeria ou seu orgulho ferido?

O capitão estava correndo um grande risco ao colocar no comando uma detetive recém-nomeada. E teria sentido se tentasse minimizar os danos. Se aquilo acabasse bem, todo mundo estaria contente. Se fizesse uma cagada, ou o caso se arrastasse, teria que oferecer uma vítima aos tubarões da imprensa... bem, Lily podia compreender que era melhor arriscar a perder uma novata que alguém que estava há quinze anos ou mais servindo no corpo. Possivelmente, era simplesmente mais fácil arriscar-se a perder uma mulher... uma mulher chinesa.

Ou possivelmente estivesse ficando paranoica.

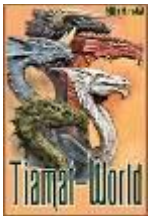
Lily suspirou e enfrentou o problema mais simples da sua lista, consultar a agenda. Uma breve olhada confirmou suas suspeitas: não tinha nenhum tempo livre para provar o vestido. Decidiu que teria que pular uma refeição. E com esta investigação em andamento, provavelmente não seria a única que ia perder.

Mas não amanhã. Amanhã ia almoçar com Rule Turner. E hoje comeria a caminho para encontrar seus contatos na “comunidade paranormal”. Sentou-se diante do computador e mandou um breve email a sua mãe. Depois pegou o telefone e chamou sua avó.



Doze anos atrás, sua avó surpreendeu à família abandonando o bairro chinês aonde viveu desde sua chegada aos Estados Unidos como uma noiva de guerra. Situou sua casa nos subúrbios, em uma extensão de cinco acres que comprou fazia quarenta anos, muito antes que a cidade crescesse até ali. Construíram a casa segundo suas especificações e pagou em dinheiro.

O edifício não harmonizava com o resto da vizinhança. Era uma casa de pedra, quadrada e



coberta com um telhado ondulado mais apropriado para as nevascas do norte da China que para o sol do sul de Califórnia. As janelas externas eram muito altas, fendas horizontais que davam ao conjunto um aspecto de fortaleza tocada com um chapéu na moda. Não havia entrada para veículos. Sua avó não gostava das entradas para veículos. Nem dos carros, embora tivesse um. Ela permitia que uma prima já idosa, que vivia com ela, o conduzisse de vez em quando.

Lily estacionou na rua e subiu pelo sinuoso caminho de cascalho que conduzia até a porta, pintada de vermelho brilhante e flanqueada por dois leões de pedra com suas bocas abertas, que pareciam rugir. Tocou a campainha.

— Lily. Alegro-me muito de te ver. — A idade suavizou o rosto quadrado de Li Qin e converteu o corpo anguloso em um pouco menos feminino e mais andrógino. Sua voz era seu traço mais belo, grave, suave. Era... como música — Entre. Sua avó está no jardim.

— Obrigada. Tem boa aparência. — Lily sempre se sentia torpe diante da educada cortesia da mulher mais velha, como se acidentalmente pudesse estragar uma macia pétala com uma palavra inapropriada. O que não fazia muito sentido. A mulher vivia com sua avó. Precisava ser dura como uma rocha, ou teria desistido fazia anos.

— Obrigado. Estou bem. — Li Qin se colocou de lado. Lily tirou os sapatos e entrou nesse pequeno pedaço da China... a versão da sua avó.

A entrada da casa era reduzida e estava quase vazia. Sobre uma mesa negra e brilhante tilintava uma fonte de pedra esculpida de forma complexa, e uma singela estante de madeira aonde tinha vários pares de sapatos e pantufas. Lily colocou um par, cor turquesa e seguiu Li Qin.

Passaram pelo que Lily e suas primas chamavam a sala dos troféus, que continha as coleções da avó: jade, porcelana, madrepérola. Peças modernas mescladas com antiguidades. Algumas eram dignas de estar em um museu, e outras eram simplesmente extravagantes. Os gostos de sua avó eram imprevisíveis.

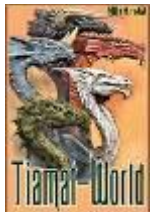
A porta que dava ao jardim estava aberta. Ao passar por ela, Lily se transportou da China a uma exuberante mescla do Mediterrâneo e os trópicos. O chão de ladrilho rodeava um círculo com gramado situado no centro, como um salva-vidas, e cobria o resto do pátio de forma quadrada. Nas quatro esquinas haviam um carrapicho que misturava alternadamente hibiscos, flor de lavanda e bambu crescendo com força, e aos pés de uma pequena laranjeira abundavam as margaridas da Santa Bárbara.

Justo no centro do jardim havia uma mulher pequenina sentada em uma mesa redonda. Seu rosto mostrava os estragos da idade, mas seguia ágil porque estava sentada com as pernas cruzadas ao estilo oriental. O cabelo negro com os inevitáveis fios brancos estava preso em um coque solto. Vestia um traje chinês de seda negro feito sob medida. Seu rosto estava voltado para o sol.

Lily caminhou até ela.

— Vó — disse em tom acusador, enquanto se inclinava para beijar uma bochecha suave coberta de maquiagem — a lavanda está florescendo.

— Eu gosto de sua fragrância. — Sua avó falou em chinês. Era uma recriminação.



Lily respondeu em chinês a contra gosto. Entendia melhor do que falava.

— Não é época para que floresça a lavanda. Faz mal para a planta.

Umas sobancelhas perfiladas com lápis se arquearam.

— Veio me pedir um favor?

E ainda não a convidou para sentar-se. Não começou com pé direito, entretanto riu ao sentir uma grande onda de afeto por essa mulher.

— *Wo ai ni, Dzu-mu.*

A senhora levantou a mão e acariciou a bochecha de Lily.

— Eu também te amo. Embora não sei por que. É impertinente e sua pronúncia é horrível. —

A pequena mão fez um gesto real — Pode te sentar. Li Qin trará um pouco de chá.

O que queria dizer era que não falariam de nenhum assunto de negócios até mais tarde. Lily se sentou e tentou não retorcer-se de impaciência. Durante os seguintes vinte minutos sorveram Oolong¹⁵ em delicadas taças sem asa e falaram do *Casamento* — na mente de Lily começava a aparecer em letras maiúsculas — e da política californiana, que divertia a sua avó. E de beisebol.

Sua avó era uma torcedora apaixonada pelos *Padres*. As temporadas medíocres, uma atrás da outra, não diminuía seu ardor, depois de falar sobre quase todos os jogadores, disse:

— Projetei o horóscopo de toda a equipe. Esta será a melhor temporada que alguma vez já tiveram; se conseguirem evitar as lesões.

— Isso seria uma novidade. No ano passado tiveram o que... cinco jogadores fora de jogo?

— Não é normal que sofram tantas lesões. — Refletiu a avó um momento — vou mandar ao treinador o nome de uma boa marca contra feitiços. — Olhou para Lily de forma matreira — Acredito que a empresa do Chang está procurando uma sensitiva. Pagam muito bem.

— Não comece você também!

Sua avó riu.

— Faria sua mãe feliz. Mas não a mim.

Lily nunca quis trabalhar para as empresas privadas que contratavam pessoas sensíveis. Nem para nenhuma outra que pertencesse ao governo. Fazia séculos, que os sensíveis e os que afirmavam serem, sem ser, foram utilizados para detectar o estranho. Durante a Purgação foram mais solicitados, mas hoje em dia também eram usados. Ainda existiam muitos problemas, e os sensíveis serviam para descobrir aqueles que tinham boas razões para ocultar seu dom ou sua linhagem.

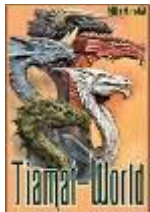
— De fato, vim para falar disso. Sobre os sensíveis. E sobre os lupi.

— Li algo no jornal. O assassinato é teu, não? — A avó falou em inglês, mas com uma pronúncia tão horrível como a de Lily falando chinês — Quero dizer... o caso. Que você está no caso.

— Estou no comando. E preciso saber mais do que sei sobre os lupi.

A avó roçou a borda da taça com uma unha comprida e pintada.

¹⁵ Oolong (烏龍 ou 乌龙 → wūlóng) é um chá chinês tradicional. Mistura do chá verde com o chá preto.



— Esse é o favor que queria me pedir? Que conte para você sobre os lupi?

Lily mediu suas palavras. Havia assuntos que era melhor não tratar diretamente.

— É obvio que tenho alguns conhecimentos. Os lupi vivem em grupos ou clãs...

— Sei pouco sobre os clãs lupi. São pessoas muito reservadas.

— Sim, mas... pode me ajudar a entender do que são capazes quais são suas debilidades. São rápidos e ágeis. Isso eu sei. Mas, quão rápidos são? Li um relatório que afirma que em forma de lobo podem correr a cento e sessenta quilômetros por hora.

Isto provocou em sua avó uma grande gargalhada.

— Os peritos? Os peritos acreditam isso? Os leopardos podem ser rápidos assim. Os lobos não.

— Mas não são lobos normais.

— Não, mas também não são leopardos. — Seus olhos brilhavam e estavam úmidos de tanto rir. Secou um com o dedo. — Têm muitos bons reflexos. E isso se sabe! Duas vezes mais rápidos que os humanos? Três vezes? Não sei. Não saberia pôr em um numero, mas sim, são muito mais rápidos que os humanos. Quando o querem — acrescentou divertida — Normalmente não vão por aí a toda velocidade.

Duas vezes mais rápidos já é suficiente rápido, pensou Lily.

— Debilidades?

— Não gostam dos espaços pequenos e fechados. Colocá-los na prisão não é boa ideia. Alguns ficam loucos.

Uma raça claustrofóbica?

— São capazes de regenerar partes de seu corpo? Por isso tatuavam os lupi registrados na testa. Porque se o faziam na mão os lupi a cortavam e faziam que voltasse a crescer sem a tatuagem.

A avó deu de ombros.

— Às vezes os peritos acertam.

— E sobre os rumores, eh, de sua potência sexual? É verdade que enfeitiçam as mulheres?

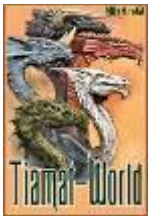
Sua avó riu.

— São potentes, certamente. Mas a magia não tem nada a ver. A não ser que chame magia quando um homem dá atenção aos desejos de uma mulher. — A ideia pareceu divertida — Possivelmente o seja. Um lupus se fixou em ti, menina?

— Hoje vou me reunir com um, para falar do caso. — Franziu o cenho e colocou o cabelo atrás da orelha. Realmente não acreditava que foi enfeitiçada, mas... o que ocorreu? — Há alguma maneira de que um lupus perdesse sua magia? Uma maldição ou algum tipo de acidente mágico? É possível que exista um lupus que não tenha magia?

— O que? — Sua avó se ergueu séria como um gato ao qual colocaram a comida errada para jantar — Explique.

— Apertei sua mão. Do príncipe Nokolai. Dei-lhe a mão e não senti nada. — Isso não era totalmente certo, ruborizou-se — Quero dizer que não senti magia. E quero saber do por que. Se



isso quer dizer que estou perdendo minha habilidade...

— Sabe que não. Poderá perder um braço ou uma perna. Mas nunca poderá deixar de ser o que é.

— Então, o que aconteceu? — perguntou frustrada — Acredita-se que é o herdeiro, o número dois dos peixes gordos do clã. Tem que ser um lupus e, entretanto, não senti magia! Tenho que saber o por que. Tenho que saber se é por causa dele ou se é por causa minha. Se não tem magia, não pode trocar, e se for assim, não pode ser o assassino. E não poderei provar ou explicar a ninguém, mas é um ponto de partida. Considerando que tenha razão. Tenho que...

— Basta! Está alterada. Fique tranquila. Tenho que pensar.

Custou, mas Lily relaxou. A unha da avó golpeava a borda da taça, *ting, ting, ting*. Estava muito quieta, muito reta. Seu olhar era distante e seus lábios um jeito preocupado que acentuava suas rugas mais que o normal.

Sua avó sabia o que aquilo significava. E ainda mais. Por isso Lily foi a ela. A magia era inata em um lupus, igual à habilidade de Lily para senti-la. Se uma podia desaparecer, também a outra. Entre outras coisas.

— Fez bem em vir perguntar para mim — disse finalmente, em chinês. Assentiu brevemente com a cabeça — Mas não consigo entender o que isto pode significar. Terei que consultar com... alguém.

— Com quem? — perguntou Lily intrigada — Alguém que sabe...

— Basta de perguntas — disse a avó firmemente — Não é alguém a quem se possa recorrer sempre, mas me deve um favor... há muito tempo. Muito, muito tempo.

Lily se alarmou diante das possibilidades que cruzaram sua mente. Inclinou-se para frente, tocando a mão da avó. A magia vibrou e passou da enrugada pele até a sua.

— Não quero que corra perigo.

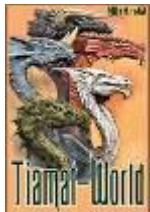
Os finos lábios sorriram e os velhos olhos escuros se suavizaram. Deu batidinhas na sua mão.

— Te amo muito, você sabe. Mas não faço isso por ti. Ou ao menos, não só por ti. E agora — disse recostando-se na cadeira —, vou te contar tudo o que sei sobre os lupi.

Capítulo 6

O apartamento dos Fontes ficava em La Mesa. O edifício insípido e de dois andares que formava um retângulo com uma piscina e um estacionamento no centro. Algum aspirante a poeta tinha batizado o complexo como O Oásis, um nome que não refletia absolutamente a realidade. Havia somente duas palmeiras reais junto à estrada. Nada de jardins, nem de alpendres nem de balcões. Nada verde.

Pelo menos o exterior não era rosa. Lily suspirou enquanto procurava uma vaga para estacionar, pensando em seu próprio e minúsculo apartamento. Aguentava a cor chicle das paredes e a falta de espaço porque o edifício estava a três quadras da praia, mas às vezes lhe corroia a inveja.



Teve que estacionar a duas quadras, mas deu um agradável passeio. Era um desses dias claros e perfeitos que florescia na cidade de vez em quando no outono. Um desses dias pelos que as pessoas se mudavam para Califórnia. Lily teve vontade de sujar as mãos de terra. Não tinha um jardim próprio, à exceção de alguns vasos de barro, mas tinha liberdade total para trabalhar no terreno que rodeava a casa da avó. Possivelmente pudesse tirar uma hora algum dia.

Lily chamou o porteiro eletrônico de Rachel; e esperou um bom tempo para a mulher pedir que subisse.

O apartamento dos Fontes fazia esquina no segundo andar. A escada de cimento estava fechada por uma cerca e conduzia a um corredor que servia a dois apartamentos. Lily falaria mais tarde com os moradores do 41-C, para averiguar o que sabiam de Rachel e Carlos Fontes.

Apertou a campainha e esperou. Estava se perguntando se seria correto chamar outra vez quando a porta se abriu.

Rachel Fontes estava com muito mau aspecto. Seu rosto estava cheio de manchas e os grandes olhos que brilhavam a noite anterior estavam agora apagados e avermelhados, e se escondiam atrás de um par de óculos sem armação. Vestia um pulôver folgado de uma divertida cor púrpura com algumas manchas de ser lavado com algo vermelho que desbotou em algum momento. A grande mata de cabelo estava recolhida em uma tira atrás da nuca.

— Suponho que tenho que falar com você.

— Sei que é um momento difícil. Sinto muito. Não é minha intenção incomodá-la.

— Entre.

A pesar do clima agradável, Rachel ligou o ar-condicionado. O apartamento estava gelado. Era maior que o de Lily, mas qual não era? Também estava mais abarrotado de coisas; não desordenado, mas tampouco era a casa de uma pessoa meticulosa. E era muito mais colorido.

Toda a cor que a tragédia apagou em Rachel ainda permanecia no apartamento. As paredes estavam pintadas de ouro de múltiplas tonalidades. O sofá tinha uma coberta vermelha e almofadas de cor laranja, amarelo e verde limão. As cadeiras da mesa de jantar eram todas de diferentes cor. E alguns quadros estavam pendurados nas paredes. Nada de pôsteres, a não ser a óleos; uma paisagem brilhante ligeiramente surrealista, um cão azul sorridente rodeado de formas coloridas.

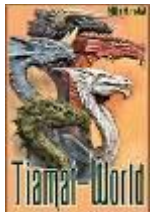
— Você mesma o decorou? — perguntou Lily.

— Como? — Rachel parou no meio de sua linda sala e piscou — OH, sim. Carlos também gosta das cores brilhantes, mas não está... estava interessado na decoração.

— Estou impressionada. — E o estava. Muito vivo seu gosto, seu olho era artístico para pôr juntas tantas cores e que ficasse bem. Demonstrava paixão, pensou Lily. Isso não a surpreendeu, mas sim o sentido de equilíbrio e harmonia.

Não estava certa de que Rachel a tivesse escutado. A mulher estava de pé junto ao sofá, com os cotovelos pegos ao corpo, e olhando ao redor da sala como se esperasse que os móveis dissessem o que precisava fazer. Como se trata um detetive que investiga a morte de seu marido?

Lily tentou deixá-la a vontade.



— Sua irmã não está?

— Está no trabalho.

— Prefere que volte quando ela esteja aqui?

— Melhor fazer o quanto antes. Há algumas coisas que... será mais fácil falar sem que ela esteja presente. É muito protetora. — Rachel deu de ombros — É minha irmã mais velha, sabe?

— Eu também tenho uma. Não é má, mas nunca esquece que é a irmã mais velha. Ainda não compreende que a estas alturas sou capaz de amarrar os sapatos sozinha.

Um rastro de humor apareceu nos olhos escuros de Rachel.

— Della quer o melhor para mim. Não gostava do Carlos. E odeia o Rule. Bom, não exatamente ele, a não ser tudo o que ele representa. É difícil me entender com ela neste momento.

— Conforme entendi, seus pais não vivem aqui.

— Não. Mamãe voltou para Tucson quando papai partiu, e nenhuma de nós sabe para onde foi. Ela... — seu rosto mostrava pena e culpa — ela reza por mim. E odeio. Odeio que acredite que sou uma espécie de adúltera. Não era assim.

— E como era?

Rachel a olhou duramente, mas Lily viu como sua garganta se movia ao tentar engolir.

— Acredito que tenho que falar disto com você. Quero que o peguem. Quero que castigue a quem fez isso. Carlos... era um desastre. — Soltou uma gargalhada breve e amarga — Era mais desastre que eu, acredite ou não. Mas não merecia isso. Não merecia que lhe tirassem a oportunidade de fazer as coisas bem.

— Não, não merecia. Possivelmente será melhor que nos sentemos, e assim você poderá falar mais sobre ele.

— Claro. — deixou-se cair no sofá — Teria que haver... A verdade é que não posso pensar corretamente.

A cadeira em frente à de Rachel estava pintada com listras amarelas e verde limão. Lily tirou o jornal que descansava sobre ela, deixou-o no chão e se sentou.

— Será assim durante um tempo.

— Suponho que sim. — Uma longa mecha de cabelo se soltou da tira. Rachel o pôs atrás da orelha e se inclinou, colocando as mãos entre seus joelhos.

— Você quer saber quem o fez, quem o matou. Não sei. Mas não foi Rule.

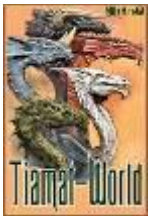
— Você parece muito segura.

— O não... não poderia... — Teve que parar e engolir — Poderia dizer que ele não poderia ter ficado sentado comigo no clube, conversando e rindo se acabasse de matar o meu marido. Mas é somente minha opinião. E você pensa que é normal que eu diga isso. Do contrário, a morte do Carlos seria minha culpa. Mas é de toda a maneira, não?

Lily sentiu que fechava sua garganta.

— Por que diz isso?

— Um lupus o matou. — Soltou Rachel e começou a passear pela sala — Não foi Rule, mas



foi um lupus, assim tem a ver com Rule, ou com o clube. Tem a ver comigo. Só que não sei por que.

— Diria que você tem as coisas muito claras.

Rachel parou e olhou para Lily irritada.

— E possivelmente isso não seja muito. Possivelmente deveria estar me derrubando agora mesmo.

— Cada um enfrenta à dor de maneira diferente. — E Lily não tinha nenhuma dúvida de que essa mulher estava sofrendo — Seu marido possuía uma arma, senhora Fontes?

— Sim, ele... — Esfregou a testa — Não mencionou algo sobre isso ontem de noite?

— Sim. — Mas Rachel estava em condições de falar então — Encontramos uma arma perto do corpo. Estamos checando o número de série, mas nos ajudaria muito se nos dissesse que tipo de arma ele possuía.

— Um revólver. Calibre vinte e dois.

— Estava acostumado a levar com ele?

— Não. Só quando ia ao Clube Hell. Não é um bairro seguro.

Lily arqueou as sobrancelhas.

— Estavam acostumados a ir juntos ao clube?

— Ultimamente... não. — Permaneceu quieta, abraçando a si mesma, olhando para baixo, como se observasse o passado — vou contar como Rule e eu acabamos juntos. Não quero. Não acredito que seja de sua incumbência, mas quero que pegue o assassino. Quem quer que seja, quero que ele pague.

— Prender é meu trabalho. Fazer que pague é coisa do juiz.

— Para mim tudo bem. — Mas não se moveu nem disse mais nada. Simplesmente estava de pé, com os braços ao redor de seu corpo.

Lily tentou animá-la a começar o relato.

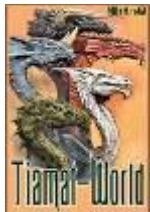
— Suponho que conheceu Rule Turner no clube. — É a única informação que Lily tirou do Turner. Calou-se sobre todo o resto que tivesse que ver com relação a Rachel. Embora tivesse admitido que conhecesse Carlos.

— Sim. — Um ligeiro sorriso triste apareceu nos lábios de Rachel. Seu olhar se suavizou como se estivesse recordando momentos felizes — Nunca acreditei que fosse funcionar. A maioria dos homens são simples: veem uma oportunidade de ter sexo e a aproveitam, entende? Mas Rule... poderia ter tido a quem quisesse, e eu não sou nada do outro mundo. Não sou feia, mas também não sou bonita. E, entretanto, ele me fazia sentir linda.

Bonito, pensou Lily. E relatado em tempo passado.

— Apaixonou-se por ele.

— Não como você acredita. Acredito que me deslumbrou. Mas não estava apaixonada nem nada disso. Nem ele tampouco. — Despertou de seu sonho para olhar Lily — Eu gostava. Era amável comigo. Mas não era nada ciumento. Poderia dizer que nasceu com o que Carlos desejava, ou acreditava desejar.



— A que se refere?

Rachel apertou os lábios, embora Lily não pudesse decidir se era por dor ou por raiva, ou por uma combinação de ambos.

— Carlos e eu não tínhamos um casamento de conto de fadas. Era mais como uma montanha russa. As coisas iam muito bem, ou iam muito mal. Podia ser a pessoa mais doce do mundo e, de repente, mudava eu que precisava lutar por salvar nosso casamento. — Respirou profundamente — Me cansei de ser a que lutava.

Lily se imaginou o resto.

— Ele tinha aventuras.

— Idiotice. — manteve-se quieta durante um bom momento — Me amava. Sabia inclusive quando me estava deixando louca de dor. Mas precisava provar algo a si mesmo, uma e outra vez. Teve caxumba aos dezesseis, sabe? — As palavras se detiveram, mas seguiu andando.

— Era estéril?

Rachel concordou e alcançou a parede, virou-se.

— Nós estávamos juntos desde o colegial. Nos casamos assim que nos formamos. Era o único homem que queria, e o único homem com o que estive. E precisava que ele sentisse o mesmo. Necessitava que eu fosse a única para ele, mas Carlos não podia me dar isso. E chegou o momento no que já não pude mais. Assim que me rendi. A última vez, quando começou com isso de que o demônio é o ciúmes e não a infidelidade, me disse: Certo, vamos ver quem tem razão.

— Decidiu ter uma aventura.

— Aceitei ter uma aventura. — parou, com a cabeça erguida e um expressão amarga no rosto — Te surpreende? Foi ideia do Carlos. Dizia que queria que me esquecesse de meu ciúmes. Falava de que amor e sexo eram o mesmo, e de que a ideia de amor era um apego infantil a um ideal romântico que estragava as pessoas. — Seus olhos brilhavam de raiva. Suas mãos eram punhos pegos ao corpo — Mas não eram suas palavras. Estava repetindo o que eles o ensinaram.

— Quem?

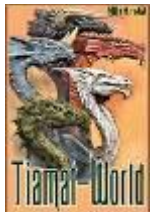
— Os dessa estúpida igreja a que ia. Os Azá.



Às onze e meia da noite de sexta-feira, Lily estava aconchegada na cadeira que constituía um terço dos móveis de sua sala. Os outros dois terços eram a mesa de café de madeira teca que estava junto à janela e a almofada vermelha que a acompanhava. O que faltava de móveis o supriu com plantas, uma hera na entrada da cozinha, uma bonita azaléia em um canto, e onze vasos de barro compartilhando a luz sob a única janela da casa.

Lily tinha um pote grande do Ben & Jerry¹⁶ em uma mão, um lápis na outra, um caderno amarelo apoiado no braço da cadeira, e um gato listrado de cor cinza e com quase oito quilos, ao que faltava meia orelha, aconchegado a seus pés.

¹⁶ Marca de sorvete americano.



Por muito que gostasse de seu computador portátil, não a ajudava a pensar tanto quanto um caderno amarelo. O colocou na horizontal para que fosse mais cômodo desenhar colunas. Os nomes dos lupi que entrevistou no clube na noite anterior encabeçavam quatro delas. O resto eram Carlos, Rachel, Azá e lupi.

Não podia assegurar que o assassino era um lupus que tivesse estado no Clube Hell nessa noite, mas o local estava vinculado ao caso de algum jeito. Alguém matou Fontes a menos de uma quadra dali. Não podia ser uma coincidência. Dois dos lupi que estiveram ali nessa noite tinham álibis sólidos; e nenhum dos outros tinha um motivo, a não ser Turner.

O lápis golpeou o segundo nome. Cullen Seabourne. Destacava por uma razão: não era Nokolai. Os outros três eram. Quando perguntou pelo nome de seu clã, ele sorriu docemente e afirmou não ter nenhum.

Nos tempos em que o registro era obrigatório, todos os lupus que eram detidos asseguravam não pertencer a nenhum clã para que as autoridades não os obrigassem a delatar os outros. Hoje em dia já não era necessário manter essa mentira.

O que significava para um lupus não pertencer a nenhum clã? Qual era o motivo para isso ocorrer? Era um banido ou nunca formou parte de um clã por alguma razão? Tentou falar com ele na hora do jantar, mas não obteve resposta. Nem sequer uma secretária eletrônica ou um correio de voz. Deixou a mensagem ao intratável gnomo dono do clube, porque provavelmente Seabourne iria trabalhar essa noite.

Lily escreveu “Banido?” debaixo do nome do Seabourne e seguiu com a seguinte coluna: os Azá.

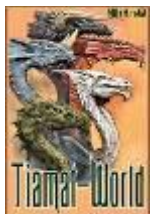
O lápis começou a repicar de novo, esta vez com irritação. Mech deixou uma mensagem em seu correio de voz dizendo que entrevistou um par de senhores na Igreja dos Fiéis... O que teria estado muito bem se ele o tivesse falado com ela primeiro. Ela é que estava no comando. Ele não podia fazer o que quisesse.

Embora não havia feito um trabalho ruim. Mech era metódico e fez todas as perguntas óbvias a respeito de Fontes. Mas a mensagem que deixou na secretária eletrônica provocava em Lily algumas pergunta. Amanhã, disse a si mesmo, leria o relatório policial e iria à igreja, depois de ter um pequeno bate-papo com Mech.

O lápis seguiu adiante até deter-se no Lupi. Justo debaixo Lily tinha escrito: Promíscuos. Projeto de lei cidadania/preconceito. Alcatéia (clã): a prioridade, política interna complicada. Hierarquia. Ciúmes?

Segundo Rachel, os lupi não eram ciumentos. Mas sua avó havia dito que essa aparente falta de capacidade para sentir ciúmes não era natural, mas sim se devia à educação. Os ensinavam a não serem sexualmente possessivos igual se ensina uma crianças a compartilhar seus brinquedos.

Mas muitas vezes o egoísmo infantil sobrevive até a idade adulta. Lily prendeu muitas pessoas que queriam ter o que desejavam, no momento em que o desejavam, e não tinham nenhum remorso em pegá-lo, desde que não os prendessem. Que os educassem para “ser bons” não garantia esse resultado.



Possivelmente Turner ardeu-se em ciúmes, mais ainda ao ser um sentimento totalmente proibido e oculto?

Estava começando a ficar com seu pé dormente e lhe doía o quadril. Lily olhou seu gato.

— Logo vou ter que mudar de posição.

Harry o Sujo levantou as pálpebras o suficiente para olhar Lily através de duas fendas carrancudas e amarelas. Fez seu comentário não verbal alargando uma garra e cravando suas unhas no pé de Lily.

— Para com isso — disse — Não estou de humor para suportar um macho exigente. — De fato, se não soubesse que não era possível, diria que estava a ponto de vir o período. Estava inquieta e resmungona, e estava desajeitada.

Essa tarde teve uma queda. Um simples puxão de ombros e beijou o chão torpemente, como um novato que tem medo do tatame. Muito embaraçoso. John mostrou seu aborrecimento com o olhar. Embora, por outro lado, seu *sensei* sempre reprovou que não se dedicasse à arte com maior empenho. Queria que Lily competisse, mas para ela o judô era algo mais que colecionar troféus. A princípio era simplesmente um meio para sentir-se segura. Agora... já não estava tão certa. Costume? Não queria esquecer o que aprendeu... ou possivelmente ainda precisava sentir-se a salvo.

Olhou carrancuda o gato.

— Venha Harry, se mova. Acredito que algum dia precisarei usar esse pé outra vez.

Agachou-se, sabendo que o gato se moveria antes que tivesse oportunidade de pegá-lo.

O fez. E se sentou aí, olhando-a como um malvado demônio agitando a cauda. Quando esteve seguro de ter a atenção de Lily, encaminhou-se para a cozinha.

— Está bem. — Lily se levantou e o seguiu.

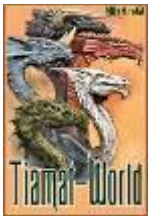
Julgava que não precisaria alimentar o gato até pela manhã, mas não cuidava do peso de Harry como dizia o veterinário. Lily acreditava que se ela tivesse que se alimentar de pardais e lixo como havia feito Harry um dia, agora também teria certos transtornos alimentares.

Lily tirou a comida para gatos. Parecia decepcionado e começou a rondar a geladeira.

— Só um pouco — disse Lily enquanto guardava a comida e tirava o leite. O veterinário dizia que o leite de vaca não era bom para os gatos, e muito menos para um com sobrepeso. Mas Harry adorava, e Lily odiava negar seus caprichos. Pôs um pouco de leite em uma terrina e o deixou no chão.

Lily não estava segura de estar fazendo as coisas bem com o Harry o Sujo. Era seu primeiro gato, por isso se rendia às convenções e se atrevia a chamá-lo “seu” gato. Muitas vezes teve a sensação de que era justamente o contrário. O encontrou na praia fazia um ano, meio morto de fome, com uma pata ferida e inchada pela infecção. Foi a primeira e última vez que ele se deixou pegar.

— Que você pensa Harry? — apoiou-se contra a geladeira com os braços cruzados e observou como o gato bebia o leite — O mundo animal me perdoe o mundo não humano, não está livre da exclusividade sexual. Certamente isto teve algo a ver com essa parte da orelha que te



falta desde muito antes que nos encontrássemos.

Harry a ignorou.

— E os lobos sim lutam pelas fêmeas. Mas os lupi não são exatamente lobos, não é isso? Minha avó diz que têm regras para a luta, um ritual, embora não está acostumado a acontecer por causa de uma mulher.

Harry limpou até a última gota de leite e começou a limpar sua cara. Lily tocou o quadril distraidamente. Havia algo que a incomodava algo que não encaixava.

— Ou Turner matou Fontes em um ataque de ciúmes ou... o que?

Afastou-se da geladeira e começou a caminhar. Em uns poucos passos estava de volta à sala.

— A não ser que Turner esteja apaixonado por Rachel ou a considere seu território, não tinha nenhuma razão para matar Fontes. Ou possivelmente sim. Mas se não... qual é o motivo?

Lily parou ao chegar à janela, e olhou fixamente as cortinas fechadas. A quem beneficiava a morte de Fontes? Essa era uma boa pergunta. A maioria das vezes, a resposta implicava dinheiro. Embora possivelmente não tivesse nada haver neste caso. Através de sua empresa, Fontes contratou uma pequena apólice de seguros que somente daria para cobrir os gastos do funeral.

Paixão? Estava acostumado a namorar, segundo a própria Rachel. Mas o que matou Fontes não foi um marido ofendido ou um noivo zangado. Foi um lobo.

Certo. Qual era o resultado mais óbvio que provocou sua morte?

— Eu — disse Lily lentamente — Eu investigando sua morte. — E centrando-se em Turner porque teve uma relação com Rachel e, além disso, era um lupus. A única coisa da que estavam certos era que o que matou Fontes era um lupus.

Um momento. Possivelmente a pergunta era por que um lobo mataria Fontes? Não simplesmente um lupus, a não ser um que se transformou. Um lupus que possivelmente queria deixar uma mensagem: um deles era o assassino.

Os lupi eram mortais em forma de lobo, mas eram rápidos e surpreendentemente fortes também na forma humana. Poderia ter matado Fontes sem ter que se transformar.

Harry roçou sua perna, ronronando. Lily disse:

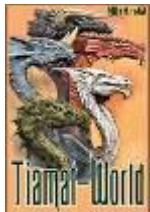
— Tem razão. É tarde. Melhor irmos dormir. — Mas enquanto se preparava para ir para a cama, uma pergunta seguia dando voltas em sua cabeça.

Por que o assassino de Fontes se transformou?

Capítulo 7

Uma rudimentar estrada terminava nas montanhas ao nordeste da cidade. A trinta e dois quilômetros estrada acima, algum esquecido urbanista do condado construiu um mirante panorâmico com uma mesa de piquenique de cimento e um cesto de papéis de metal. As onze em ponto Rule estava ali, apoiado contra seu carro, com os braços cruzados e o nariz farejando o vento.

O sol era um círculo brilhante no céu sem nuvens, mas ventava, um vento cortante,



carregado de pó que cheirava a sálvia, a creosota¹⁷ e a coelho. Diante dele, a terra caía formando pequenas montanhas até a cidade, que estava satisfatoriamente longe. Um quilômetro e meio mais acima pela estrada, escondida em uma curva entre uns carvalhos antigos, estava à entrada das terras dos Nokolai.

Rule fechou os olhos e desejou que os dias tivessem mais horas. Nesse preciso instante, desejava estar em dois lugares ao mesmo tempo, e nenhum deles era onde estava agora. Tentou comunicar-se com Cullen ao longo de toda manhã. Precisava o encontrar ou, pelo menos, saber se seu amigo estava em uma dessas fases em que gostava de desaparecer. De vez em quando Cullen sumia sem dizer a ninguém aonde ia ou quando voltaria. Era um costume irritante.

E, além disso, este não era o melhor momento.

Rule se obrigou a acalmar-se, e tentou relaxar. Passou muito tempo desde que percorreu essa colinas em sua outra forma. Muito tempo desde que as percorreu em sua forma atual. Precisava absorver e ser absorvido pela terra, e não havia tempo... mas aí estava.

Voltou à cabeça contra o vento tentando farejar a origem do aroma de coelho, e o encontrou sob um matagal, onde um tufo de pelo acinzentado agitava-se. Rule observou imóvel, e respirou profundamente. Ajudou ele a relaxar.

O rosto dela cruzou por sua mente... Um rosto com forma de coração, com um nariz reto e forte, e olhos como amêndoas negras. Quando sorria, sua boca formava um triângulo perfeito e suas bochechas se arredondavam. Pensou em sua pele, cor nata com um pouco de mel. Em sua fragrância. Ligeiramente de especiarias. Totalmente humana. Única.

A lembrança o excitou e ficou nervoso. Queria vê-la agora, não dentro de duas horas.

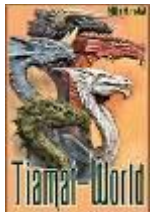
E isso, pensou, não era bom sinal. Não era absolutamente bom.

Uns minutos mais tarde, umas rodas fizeram barulho no cascalho. O coelho saltou de seu esconderijo. Rule se voltou e viu uma suja caminhonete de cor cinza estacionar atrás de seu conversível. Dele saíram dois homens, em vez de só o homem que ele esperava. Os dois vestiam jeans e tênis. Os dois estavam nus da cintura para acima. Um deles, o condutor da caminhonete, tinha três cicatrizes no peito, lembranças de um ataque que ocorreu há dois dias.

Era um homem grande, com a constituição de um jogador, de defesa, do futebol americano e as mãos de um jogador de basquete. Excepcionalmente moreno para um lupo, herdou a pele acobreada de sua mãe. Seu cabelo era negro com fios prateados muito curtos. A bainha de couro que levava às costas continha um facão, e a da cintura, uma faca. Rule sabia que ambas as laminas estariam muito afiadas, apesar da aparência suave do metal. O material, continha muita prata para que o fio se mantivesse afiado durante muito tempo.

A constituição do passageiro da caminhonete era como a faca do condutor: alto e magro, com uns ombros largos e ossudos como um boxeador. Seu rosto era estreito, sua pele e seus olhos claros, e seu cabelo era castanho, o suficientemente longo para poder prender em um elástico. A maioria das pessoas, diriam que era da mesma idade que Rule.

¹⁷ É um óleo extraído do alcatrão de madeira de faia. A faia é uma árvore da família do carvalho e a castanheira.



E teriam acertado. Embora também fosse certo que a maioria das pessoas não sabia a idade de Rule.

— Mick. — Rule se incorporou, e a cautela substituiu a pouca tranquilidade que conseguira — Não sabia que estava aqui.

— Estou dirigindo — disse o mais baixo enquanto se aproximava — A alcateia pode viver sem mim por um momento. Toby mandou dizer que te ama — acrescentou — E que leve um bolo ou qualquer outra coisa doce que faça seus dentes apodrecerem. Já sabe como é Nettie com sua obsessão pela alimentação saudável.

O coração de Rule se alegrou.

— Viu ele?

— Só uns minutos. Até que o motorista desalmado o colocou no carro e o levou para a escola. Acredito que você exagerou um pouco — comentou Mick — Não havia necessidade de trazer o menino da outra ponta do país. Nenhum lupus faria mal a uma criança.

Rule negou com a cabeça. Mick não sabia nada sobre Cullen ou sobre o que este descobriu. Rule preferia que fosse assim por enquanto. Estendeu a mão e os dois homens agarraram seu antebraço em uma saudação formal; depois Rule recebeu de Mick uma palmada nas costas que haveria feito cambaleiar um humano.

Não foi esse gesto amistoso o que fez que Rule fosse para trás, com um grunhido em seus lábios, os joelhos flexionados e os braços preparados para atacar a ambos os lados de seu corpo. Era o aroma.

O homem mais velho agarrou Mick pelos ombros. Sua voz era profunda e cavernosa.

— Clame por Pax¹⁸.

— Em nome da Dama, só dei uma palmada no ombro!

Benedict riu.

— Fede a *seru*¹⁹. Tanto que até um humano reagiria. Não posso perder tempo com esta tolice. Clame por Pax.

Mick parecia aborrecido, mas murmurou a palavra. Imediatamente Rule se tranquilizou, mas ainda demoraria um momento até que se dissipassem todas as reações químicas de seu corpo. O fedor e a hostilidade de seu irmão permaneciam no ar.

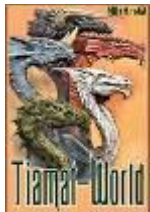
— E você — disse Benedict — Aprende a te controlar. O *lu núncio* não pode comportar-se como um adolescente descontrolado ao mínimo desafio.

Os lábios de Rule se converteram em uma fina linha. O único ao qual reagia assim era Mick. Os dois foram sempre muito competitivos. Mick invejava Rule porque vivia no Lar do Clã. E quando eram meninos, Rule invejava Mick por ter uma mãe que o amava. Mas a relação não piorou até que Isen nomeou a seu sucessor.

— Sei. Estou nervoso.

¹⁸ Em Latim, pode ser Paz ou Trégua.

¹⁹ Líquido não supurado dos edemas, das hidropisias.



— Mais uma razão para te controlar. — Benedict soltou os ombros de Mick — Vamos direto ao ponto. Não quero estar muito tempo afastado do *rho*.

— A ideia foi tua — disse Rule — Poderíamos ter nos encontrado mais perto dele. — por que Benedict havia trazido Mick para a reunião? Ele sabia que havia coisas das que não podia falar diante de qualquer um.

— Já disse, mas não acredita — disse Mick esfregando o ombro — Embora não serviu para nada. Não vejo que razão tenha para te proibir de entrar no Lar do Clã.

Benedict deu para ele, uma dessas olhadas inexpressivas que faziam Rule começar a tremer anos atrás, quando o estava treinando.

— Oh, você é muito protetor com os direitos de seu irmão.

— Suponho que esperava que me alegrasse de que esteja proibido. — Mick torceu um lado da boca. Olhou para outro lado — Eu não gosto que meu irmão mais novo seja *lu núncio*. Você sabe, ele sabe, todo mundo sabe. Possivelmente, por isso fico mais zangado quando alguém não lhe mostra respeito.

— O veto é o costume. Espere. — Cortou o ar com uma mão para fazer Mick se calar — Sei que o costume proíbe que esteja na presença do *rho*, não que não possa pisar no Lar do Clã. Mas o *rho* está de acordo com minha decisão.

Mick se surpreendeu. Rule não. Já tinha imaginado. Isen não esteve dormindo todo o tempo. Poderia ter anulado a ordem de Benedict... se quisesse.

— Rule — disse Mick — não sei o que dizer. Não posso acreditar que nosso pai suspeite de ti. Rule deu de ombros, ignorando, tudo o que pôde a estranha sensação em seu estômago.

— Isen sempre teve boas razões para fazer o que faz.

— Se te faz sentir melhor — disse Mick — tampouco me deixam o ver. — Olhou zangado para Benedict.

Benedict não se perturbou.

— Deixei que viesse para não ter que repetir tudo duas vezes. Então escuta.

Os olhos do Mick brilharam de raiva.

— Então fale.

— Acreditam que há um traidor entre os Nokolai. Essa é uma das razões pelas quais proibi Rule de pisar no Lar do Clã até que nosso pai se recupere.

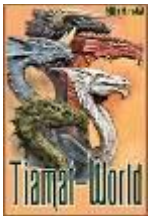
Rule se sentiu doente.

— O ataque. Não sabiam que te reuniria com Isen em seu retorno, mas sabiam que não estava com ele.

— Espera um momento — disse Mick — Em primeiro lugar, Benedict é bom, mas sua mera presença não pode evitar um ataque.

— Eram cinco — disse Rule — Te arriscaria a um ataque contra Benedict e nosso pai com só cinco homens?

— Certo, tem razão. Mas sabemos quem o fez. Leidolf. Três dos atacantes eram seus. E os dois que escaparam certamente também eram.



— Contatamos com o clã Leidolf — disse Benedict — O Conselho enviou uma queixa formal e fez uma petição. Seu *rho* baniu os atacantes.

— O Conselho? — Rule franziu o cenho — Se Isen não fez a queixa pessoalmente saberão que está ferido gravemente.

— O quis assim.

Rule pensou nisso. Aparentemente, Isen queria dar uma imagem de debilidade, fazer eles acreditarem que não confiava em seu herdeiro, deixar que o inimigo soubesse que estava ferido gravemente. Mas o que ganhava com isso se nem sequer era mentira? Olhou de novo para Benedict, preocupado, e viu que como encolhia ligeiramente os ombros.

Quer dizer, Benedict tampouco sabia o que tramava seu pai.

— Suponho que os Leidolf não ofereceram compensação alguma.

— Não, mas vão se dar conta de que mais cedo ou mais tarde terão que fazer. Por enquanto, o Conselho está disposto a deixar que arrumem as coisas a sua maneira. Ambas as partes nos limitamos a uivar. Ninguém está desafiando a ninguém.

Rule assentiu. Os Leidolf e os Nokolai eram inimigos desde os tempos antigos, mas evitaram o Desafio de Clãs durante os últimos sessenta anos.

A guerra era um grande desperdício. Isen preferia obter o que queria por meios mais sutis. Os Leidolf eram mais numerosos e acreditavam que jogar tudo em uma guerra os favoreceria, mas os Nokolai tinham muitos amigos. Não lutariam sozinhos. Até os Leidolf sabiam do desastre que seria um conflito generalizado.

— O assunto está — disse Benedict —, em que o ataque foi muito oportuno. Muitos poucos sabiam que os Nokolai iriam se reunir com os Kyffin. De nossa parte, só nós três e o Conselho. Eu não o contei a ninguém salvo ao guarda que mandei com o Isen, e está morto.

— Os Leidolf não são de manter sua palavra — disse Rule —, assim pode ser que matassem a seu próprio espião para evitar que falasse...

— Rule — disse Mick, surpreso — Está falando de Frederick.

Rule sacudiu a cabeça.

— Sei. O instinto se rebelava diante dessa ideia, mas gostaria de conhecer a opinião de Benedict.

— Frederick morreu defendendo o seu *rho* — disse Benedict categoricamente — Não há nenhuma dúvida a respeito. Falou com alguém da reunião, Mick?

— É obvio que não.

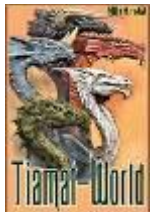
— Rule?

Havia uma pessoa fora do clã que sabia que a reunião ia acontecer, mas Rule não havia falado. Cullen. Rule escolheu cuidadosamente as palavras de sua resposta.

— Não comentei com ninguém, pelo menos antes de acontecer.

— Falei com os membros do Conselho — disse Benedict — Nenhum deles admite haver comentado com alguém.

Mick grunhiu.



— Isso não prova nada, porque não deixa que Rule entre no Lar do Clã para perguntar pessoalmente.

Rule arqueou as sobrancelhas.

— Quer que questione aos membros do Conselho? Sem a autorização do *rho*?

Mick desdenhou a ideia com um gesto.

— Certo, certo. Não pensei bem. Mas nós estamos divagando. Embora os membros do Conselho conseguissem ter suas bocas fechadas, havia dois clãs nessa reunião. O que sabe dos Kyffin?

— Jasper é impulsivo — disse Rule —, mas é um homem honesto.

— Não estou acusando a seu *rho* de nada mais que falar com as pessoas erradas.

Benedict negou com a cabeça.

— Jasper manteve a reunião muito mais em segredo que nós. Diz que só ele e seu *lu núncio* sabiam com antecipação, e está disposto a demonstrá-lo. Aceitou submeter-se aos Nokolai em uma cerimônia formal.

— Merda! — exclamou Rule. Moveu a cabeça em um gesto de clara admiração — Isen arrumou para sair limpo apesar de que eles também foram atacados. Suponho que não era assim como pretendia conseguir o apoio dos Kyffin, mas aposto o que for que está satisfeito. Restrições?

— Nada fora do normal. Um contrato de um ano e um dia.

— Então vai ter que deixar que Rule entre no Lar do Clã — disse Mick — A não ser que planeje deixar Jasper esperando até que nosso pai se recupere o suficiente para participar da cerimônia.

— O *lu núncio* aceitará em nome dos Nokolai, é obvio. Jasper chegou faz uma hora com sete Kyffin e dois de outros clãs como testemunhas. A cerimônia começará às duas. Rule virá ao Lar do Clã conosco.

— Agora mesmo? — disse Rule sobressaltado — Há alguma razão pela que tenha planejado tudo isto sem me dizer uma palavra?

— Acredito que tem um conceito equivocado de minha autoridade. Eu não o planejei, foi ideia do Conselho.

É obvio. Rule se sentiu um idiota. Seu desejo de ver Lily diminuiu sua capacidade de raciocinar? Precisava chamá-la, propor outro encontro. Embora ela não pensasse no almoço como um encontro...

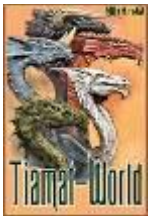
— Não é um bom momento, mas suponho que não se pode fazer nada.

— Tem algo mais importante que fazer que aceitar a submissão do clã Kyffin ao clã Nokolai?

— Se estivesse certo de que é mais importante, pediria ao Conselho que marcasse outro dia —disse bruscamente—Estou tentando que não me prendam por assassinato. Independentemente do que eu sinta a respeito, na Califórnia a pena por assassinato é a morte. Não acredito que ao clã caia bem que executem o seu herdeiro.

Um rastro de emoção cruzou o rosto de Benedict.

— A quem mataste?



—Ultimamente ninguém. Maldito seja. Não tem nem ideia, né? Ninguém escuta as notícias no Lar do Clã?

— Temos outras coisas no que pensar — replicou Benedict.

Rule passou uma mão pelo cabelo. Realmente foi uma pergunta retórica. Os muitos afortunados que podiam viver no Lar do Clã se isolavam do mundo humano. O Conselho não podia dar-se a esse luxo, mas como havia dito Benedict, tiveram outras coisas nas que pensar.

— Acredito que me puseram uma armadilha — disse, e fez um resumo do ocorrido até então.

— Assim também estão atrás de você — Mick ficou sério — Querem destruir os Nokolai. E sabemos o porquê, não é verdade? Por culpa do Isen e suas manobras políticas! Por que não pode se dar conta de que misturar-se na política humana não é benéfico para nós?

Rule não disse nada. Como *lu núncio* não podia permitir o luxo de ter opiniões próprias.

Benedict tampouco fez algum comentário, mas isso era normal. Teria sido um perfeito *lu núncio*, se as coisas fossem diferentes.

— Precisaré de guarda-costas — disse a Rule.

— Não acredito que me matar esteja em seus planos.

— Possivelmente queiram que te prenda em vez de te matar. Mas e se não te prenderem?

Rule assentiu dando razão. Se não se livrassem dele de uma maneira, fariam de outra mais... direta.

— Entendido. Mas não poderei fazer o que tenho que fazer arrastando um guarda-costas. E tampouco é que eu seja fácil de matar.

Benedict o olhou duramente, mas deixou passar. Possivelmente era o encarregado da segurança no Lar do Clã, mas não podia obrigar Rule ter um guarda-costas e ele não queria. Colocou a mão em um bolso e tirou umas chaves que passou para Mick.

— Tenho que falar com o Rule. Leve a caminhonete.

O olhar do Mick se obscureceu de raiva, mas não tinha sentido discutir com Benedict. Depois de uns instantes deu de ombros e se despediu de Rule com um movimento de cabeça.

— Te vejo logo — disse, e foi para o carro.

Benedict esperou até que Mick arrancou e partiu.

— Está bem. O que acontece? Essa nota enigmática que me mandou esta manhã precisa de uma explicação.

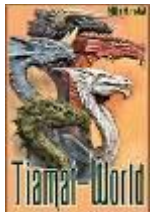
— Por isso estamos aqui. — Benedict era o responsável pela segurança do *rho*. Precisava saber o que podia enfrentar — Lembra do Cullen Seabourne?

— Seabourne... — Benedict fez uma pausa para recordar — Estava acostumado a sair com ele quando era mais jovem e mais estúpido. Não é... não é o que não possuía um clã?

— Sim. E também é meu amigo.

— Tem amigos peculiares. — Um pouco parecido com confusão substituiu sua expressão severa— Acredito que me lembro dele. Tinha um gato.

Isso fez Rule sorrir, brevemente. Geralmente os gatos e os lupi não se davam bem.



— Sim, tinha um gato. O que vou contar é somente para ti, Benedict. Isen já sabe. O Conselho não.

Benedict assentiu.

— Está suscetível.

— Dentro de pouco tempo será lua cheia, e já passou muito tempo. E... — Passou uma mão pelo cabelo — Agora mesmo tenho muitas razões para estar suscetível.

— Precisa de um pouco de exercício, mas não há tempo. Vamos caminhar. — Começou a andar para a estrada.

Uma das coisas que mais o irritavam em Benedict é que quase sempre tinha razão. Rule se sentiu melhor ao mover-se.

— Cullen não é o meu único amigo, dos dias em que era mais jovem e estúpido, com quem mantenho contato. E não são somente os lupi. Frequentemente nós que pertencemos à Estirpe somos como ilhas em um mar de humanidade. Não falamos muito entre nós, e muito menos, cooperamos uns com outros.

— Espero que não esteja sugerindo que façamos causa comum com as *banshees*.

— Acredito que é uma brincadeira.

— Me avise quando estiver certo.

Ao chegar à estrada, voltaram-se juntos, se movendo automaticamente contra o vento. O chão era duro e poeirento. Os passos de Rule eram suaves, os do Benedict eram tudo menos silenciosos, inclusive para o ouvido de Rule.

— Estamos acostumados à clandestinidade — disse Benedict — Todos nós. E, além disso, há séculos de inimizade e desconfiança em alguns casos. Há razões para isso.

— Essas razões já não tem sentido depois da Diáspora²⁰. E a maior parte esteve dormindo após ela.

— Quer me fazer acreditar que isso mudou.

Rule assentiu.

— Não estou convencido, mas Cullen sim.

— Além da amizade que o une a ele, tem alguma outra razão para acreditar?

— Recorda o gato. Era o seu mascote mágico.

— Não é um bruxo. Não pode ser. Não pertence à Estirpe.

— Não, não é um bruxo. É um feiticeiro.

Benedict conteve o fôlego.

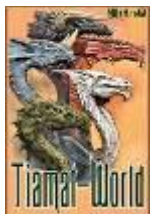
— Desconfio que diga que é um feiticeiro de verdade, não um amador. Mas... como? Esse caminho está proibido para nós.

— O único que sei é que sua mãe era uma bruxa.

— Coisa que também não deveria ser possível. Um lobo solitário e ainda por cima feiticeiro...

—Sacudiu a cabeça — Está me assustando.

²⁰ Em termos gerais, significa a dispersão de qualquer povo ou etnia pelo mundo.



— Ainda não cheguei à parte que assusta — disse deprimido — Cullen veio me ver faz umas semanas. Notou certas alterações nas energias que ele utiliza, as chamou de turbulências. Não entrarei em detalhes. Bom, não posso, porque não entendi nem a metade do que me explicou. Mas a ideia, é que ele acredita que um enfrentamento entre forças de outros planos espirituais está tendo seu reflexo neste, e que os Nokolai têm algo há ver com tudo isso, ou nossos inimigos, com o mesmo resultado.

Benedict negou com a cabeça.

— Não há suficiente relação entre os mundos para isso. Ao menos, não há mais.

— Isso é o que acreditávamos. Mas há rumores de que avistaram coisas que não deveriam ser possíveis: uma *banshee* no Texas, um *grifo*²¹ em Gales.

— Rumores — disse Benedict desprezando a ideia.

— Eu sei, eu sei os rumores não confirmam nada. Mas Cullen veio até mim por que... merda. Quase me esqueço de te contar isso — Rule inalou devagar, tentando acalmar-se. Somente caminhar, o ajudou durante um breve momento. A inquietação havia retornado, e agora era muito pior. Sentia uma estranha sensação rastejando em seu estômago — Em agradecimento a seu aviso, Isen ofereceu um lugar no clã por um mês. Não acredito que venha, mas se o faz...

— Me assegurarei de que seja bem recebido. Acabou a explicação.

— Sim. — *Continue caminhando*, disse a si mesmo. Mas iam na direção contrária. Tomou à direção do Lar do Clã, e ele queria... necessitava... — Cullen veio para me ver depois de que um *Elemental*²² decidiu aparecer em seu fogo profético. Dava medo.

Benedict fez um ruído zombador.

— Não é assim como se acredita que funciona a adivinhação? Em troca do fogo, ou da água, ou o que quer que seja o Elemental mostra imagens. Na maioria das vezes, mentiras—acrescentou — E não servem para nada. Os elementares são muito simples para conceber um pensamento, e muito menos uma emoção.

— Normalmente sim. Mas este era um Elemental muito velho, e muito grande. E, segundo Cullen, não era de nosso mundo.

— Tinha razão — disse Benedict depois de uma pausa — Isso da mais medo.

Rule notava que baixava a cabeça, como se lhe faltasse o ar. Seus pés se detiveram.

— A noite passada Cullen consultou os ossos. Eu os vi, Benedict. Olhos de serpente, todos eles, em todos os lados.

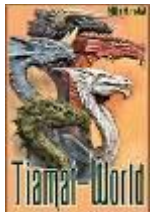
Benedict nunca amaldiçoava, mas a expressão de seu rosto sugeria que teve vontade de fazê-lo nesse instante.

— Não vou engolir toda essa história, valeu? Mas se a metade do que conta é certo... o que acontece com você?

— Não posso... — *Respirar. Não posso...* — Tenho que voltar. — deu a volta e cambaleou

²¹ É uma criatura lendária com cabeça e asas de água e corpo de leão. Pusera ovos em ninhos de ouro. Ovos de ágata e ouro.

²² É o nome dado a todo e qualquer espírito existente na natureza.



tanto que Benedict teve que o segurar para que não caísse — Tenho que voltar. — Começou a caminhar. Sim, essa era a direção correta. Acelerou pouco a pouco até que começou a correr, com o Benedict o seguindo em silêncio.

Deve pensar que fiquei louco. E tem razão. Mas Rule não parou para explicar. Segundos depois chegou até seu carro e parou, agachou-se e apoiando-se nas pernas, tentando recuperar o fôlego.

Uma corrida tão curta não era nada para ele. Não teria que ter acelerado seu coração nem suas pulsações. *Merda, merda, merda...*

Benedict o olhou sério.

— Vai me dizer o que acontece com você agora mesmo.

— Me perdoe. — Rule se levantou. Precisava chamar Lily, ao menos para trocar a hora do almoço. E para assegurar-se de que ela estava bem. Se estiver dirigindo justamente agora... — Não posso ir ao Lar do Clã. Terá que trazer Jasper até aqui. Não, melhor que venha a meu apartamento na cidade. Terá que pensar em como executaremos o ritual.

— Do que está falando?

— Não estava certo até agora, mas... parece que a *Dama* escolheu por mim.

Os olhos do Benedict aumentaram em assombro.

— Quem?

Rule tomou ar e aguentou à respiração. Deixou sair o ar lentamente enquanto recuperava o ritmo pausado de seu coração.

— A detetive que está investigando o assassinato que acredita que eu cometi.

— Diabos! — disse o homem que não amaldiçoava nunca.

Capítulo 8

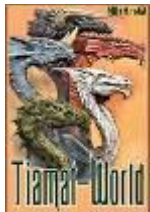
O bairro onde assassinaram Carlos Fontes tinha um aspecto igualmente sórdido na luz do dia, mas Lily observou que a zona que rodeava o Clube Hell se destacava sobre as outras, por estar menos descuidada.

A maioria dos estabelecimentos locais tinham grades nas janelas, certo, mas pelo menos estavam abertas e não abandonadas. A desordem habitual de jovens rebeldes abarrotavam as calçadas, mas também havia mulheres, e não só trabalhadoras. Diante de Lily duas mulheres mais velhas se moviam lentamente, lançando olhadas funestas a esses jovens e conversando em um espanhol ardente.

Desta vez os sapatos de Lily eram silenciosos, nada do incômodo ruído dos saltos sobre a calçada. Embora, também não usava esses horríveis sapatos da polícia. Uma das vantagens de não ter que usar uniforme era que podia usar somente umas sapatilhas e ponto.

Alegrava-se de tê-las colocado. Sentia-se inquieta, a ponto de saltar sobre algo ou alguém. Como se precisasse dar uma boa corrida.

— Pegou sua ficha?



— Não tem ficha. — O agente Larry Phillips caminhava tranquilamente a seu lado, e continuava sendo alto, magro e sarcástico — Possivelmente tenha algum antecedente, mas é confidencial. Está o bastante tempo nas ruas, mas como é menor de idade. Segundo sua identificação acaba de completar dezenove. — Riu sarcástico — González acredita que está limpa.

— *Mmm.* — Teoricamente era possível que uma prostituta nesse bairro conseguisse evitar as drogas. Mas não parecia ser o caso — Fez um bom trabalho a encontrando.

Ele deu de ombros.

— Ela não é exatamente invisível, a quem ia encontrar quando andasse pela rua na outra noite? Prostitutas, cafetões, traficantes e viciados. Isso é tudo.

— Você esqueceu as gangues. — No fundo de sua inquietação, Lily notava uma urgência, como se tivesse que estar em outro lugar nesse momento. E rápido. *O que estava acontecendo?* Sabia muito bem que não era uma vidente, assim não podia ser nenhuma coisa psíquica.

— As gangues tentam manter-se afastados. É aí, lá no fundo — acrescentou mostrando com a cabeça um edifício de tijolos em estado lamentável no final da rua — Terceiro andar. Esta muito satisfeita com tudo isto. Por acaso esta nova informação não invalida tudo o que tem você sobre o suspeito principal?

— Mas se enquadra com outras declarações. Temos Fontes saindo da igreja em La Mesa por volta das oito e meia.

— Isso são trinta minutos de viagem, se muito. O que fez entre as nove e às nove e meia?

— Ainda não sei. — Lily seguiu andando em silêncio antes de acrescentar — Me diga Phillips. Você é o que tem experiência com os lupi, por que razão se transformaria em um lobo para matar?

— Não sei. — Parecia surpreso — Instinto, talvez. Fontes possuía uma arma.

— Pelo que você me contou, e o que tenho lido, um revólver calibre vinte e dois não é uma grande ameaça para um lupus.

— Se tivesse disparado, teria nos facilitado muito as coisas. Curam rápido, mas nem tanto que não tivesse podido ver a ferida quando estive no Clube Hell.

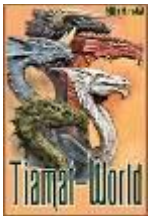
— Não teria ido direto ao Clube Hell sem saber que o assassino era um lupus. É como se tivessem nos deixado uma mensagem: Há um lupus assassino solto.

— Ou simplesmente queria cravar seus dentes em Fontes. Diabos poderia haver qualquer razão que os humanos nunca compreenderiam.

— Provavelmente. — Ou provavelmente o assassino os estava levando por onde ele queria. Por que se transformou em lobo para atacar Fontes? Foi deliberado ou instintivo? O argumento do instinto não se sustentava, a não ser que houvesse no assunto alguma circunstância estranha que ela ignorasse. Nenhum outro lupi mudou instintivamente para matar, pelo menos nos últimos onze meses.

Mas matar em forma de lobo era necessário, se o assassino queria que acusassem os lupi. Ou a um lupus em particular.

O lupus com o que combinou de almoçar.



Um pequeno vazio no estômago a deixou sentindo-se vazia. Massageou distraidamente. Tomou café da manhã?

— É aqui? — perguntou quando chegaram ao sujo edifício de tijolo na esquina da rua.

— Sim. — Estendeu o braço sobre o ombro de Lily e abriu a porta. O vestíbulo era pequeno e estava sujo. Lily subiu as escadas na frente de Phillips.

— O que queria dizer com que as gangues se mantêm afastadas?

— Os lobos — admitiu a contra gosto — Dizem que fizeram um acordo com alguns líderes das turmas para que não incomodassem os clientes do clube. Ou possivelmente esse estranho ser que o gerencia os assustou. Pela razão que seja nenhum membro de gangue se... ei! O que acontece?

Lily parou. Sua mão segurava firmemente o corrimão para evitar cair escada abaixo.

— Eu... me dê um segundo. — Mas o enjoo repentino não passava. Era como se estivessem tirando todo o ar de seus pulmões.

— Não tem bom aspecto.

— Estou enjoada. — colocou uma mão no peito como se pudesse fazer que voltasse a entrar o ar. Respirando, pouco a pouco, foi passando até que viu a si mesmo parada na escada como uma idiota — Tudo bem. Não sei o que foi isso, mas... — Pegou a expressão de Phillips — Não uso drogas — disse bruscamente.

— Você é um pouco jovem para ter um enfarte. Pouco açúcar no sangue? — Soava tão cético como só um policial podia soar.

— Pode ser. Acredito que me esqueci de tomar café da manhã. — Embora nunca antes tivesse nenhum problema. Pensou em como doeu seu quadril na noite anterior e franziu a testa — Agora estou bem e temos uma testemunha que espera para falar conosco.



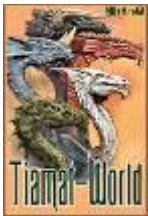
O apartamento da testemunha era pequeno e estava cheio de bonecas.

Bonecas em forma de bebê, Barbies, bonecas com cabeça de porcelana e vestidos limpos e brilhantes, os cabelos perfeitos. Enchiam duas estantes, e também estavam no chão, sobre a mesa e ainda por cima do travesseiro da cama. E todas eram loiras.

Além de bonecas, no apartamento também havia uma velha geladeira, uma cozinha com um fogão de duas bocas, um baú com gavetas e um pequeno sofá azul cheio de almofadas. Therese Martin os convidou a sentar-se nesse sofá. Ela se sentou na cama, uma jovem órfã e esquelética metida em uma camiseta azul muito grande, e nada mais; certamente, nada de sutiã. Lily não podia dizer se usava calcinhas.

O cabelo de Therese era loiro brilhante como suas bonecas, embora em seu caso se mantinha viva graças às drogas. Se Phillips não tivesse jurado que a identificação da garota era correta, Lily nunca teria acreditado que era maior de idade.

— Deveria estar dormindo, sabe — disse Therese, os olhando de forma hostil — Para mim estamos na metade da noite.



— Agradecemos que esteja disposta a nos ajudar. — Lily tirou a fotografia de Carlos Fontes de sua bolsa.

— Não sei por que você veio. Já disse a ele tudo o que sabia. — Apontou com seu queixo para Phillips.

— Ele não tinha nenhuma fotografia para mostrar. Eu sim. — Lily não criara ilusões em relação às meninas e as mulheres que trabalham na rua. A prostituição não era mais que pura sobrevivência, uma vida apoiada em usar e ser usadas. Não deixava muito espaço para a moral ou os princípios. Mas essas bonecas... Lily teve que pigarrear para afastar a piedade que a assaltou de repente — Este é o homem com quem falou na outra noite?

Therese pegou a fotografia que Lily mostrava, olhou-a, e devolveu.

— Sim, é ele.

— O agente Phillips diz que o conhecia.

Ela encolheu um magro ombro.

— Não de nome. Mas já o vi por aqui. Em meu negócio ajuda muito lembrar dos rostos.

— Imagino. A que horas falou com ele?

— Já contei tudo a ele. OH, está bem. Mostrarei.

Arrastou-se pela cama, o que não deixou nenhuma dúvida a respeito de sua roupa de baixo. Não usava nada, pegou um celular que estava no colo de uma boneca, que descansava na mesinha e o passou para Lily.

— Vê? Posso identificar as chamadas. Ficam gravadas quando recebo alguma. Na outra noite estava a caminho de minha esquina quando Lisa me chamou. Ainda não estava trabalhando, sabem? Assim estávamos falando quando esse cara parou o carro perto do parque infantil.

Lily olhou o celular que mostrava, realmente, que uma chamada foi recebida às nove e quarenta e nove, na noite anterior. Anotou o número.

— Diz que estacionou. Estava sozinho?

— Sim.

— Que tipo de carro era? — Encontraram o carro de Fontes estacionado perto do parque infantil, um Ford azul escuro bastante antigo.

— Não sei. Grande, feio, de quatro portas. Cor escura. — Voltou a sentar-se na cama, desta vez balançando os pés — Bom, estava falando com a Lisa e fiquei observando durante um minuto ou mais. Pode perguntar a ela porque falei. Então pensei que possivelmente poderia tentar com ele. Me despedi da Lisa e fui perguntar para ele se sentia, já sabe, só ou algo assim.

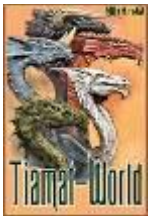
— Então o homem chegou ao parque infantil justo depois das nove e quarenta e cinco. — O que queria dizer que estava vivo entre nove e quinze e nove e meia, que é quando sete testemunhas afirmavam ter visto Turner chegar ao clube.

Therese olhou Lily irritada.

— Foi o que disse.

— Quanto tempo esteve falando com ele?

— Quase nada. — Franziu o cenho — Não estava interessado, e eu tenho que ganhar a vida,



não? Andei para a Proctor, é a esquina onde trabalho.

— Viu alguém se aproximar?

A garota negou com a cabeça.

— Viu alguém mais por ali?

— Possivelmente algumas pessoas que foram para o clube. — parou para pensar — Sim, acredito que sim. Estacionaram ali.

— Estacionaram? Quantos eram?

— Não sei. Eram mulheres, sabe, e não prestei atenção. Não vi ninguém mais até que cheguei a Proctor.

— Certo. E este homem? — Lily tirou uma fotografia do Turner — Já o viu alguma vez?

— Hoje não. Mas já o vi por aqui, falei com ele uma vez. — Suspirou — Somente falamos, os de sua classe não pagam para fazer. Mas é um cara bom. Muito respeitoso.

— E este homem? — Desta vez a fotografia que Lily mostrava era a do bailarino, Cullen Seabourne.

Therese passou a língua pelo lábio superior. Ansiosa.

— Claro que vi. Dança no clube, sabe. Tira toda a roupa. Como eu. — riu — Uma vez ele disse isso, que ele e eu tínhamos um trabalho parecido, só que eu precisava sujar as mãos, riu muito.

— O viu naquela noite?

— Já disse quem vi: primeiro esse cara, depois umas mulheres. Isso é tudo.

— Só uma coisa mais, senhorita Martin. Falou com alguém sobre o homem que chegou ao parque infantil?

Therese riu sarcasticamente,

— Diabos, não. Acredita que sou idiota? Neste bairro ou fecha o bico ou se mete em confusão.

— Isso é bom. E sua amiga, porque que telefonou para você? Falou com ela sobre ele?

— Só disse que possivelmente conseguiria um cliente e desliguei. Ela não sabe quem era.

Lily se levantou.

— Obrigado por sua cooperação. O agente Phillips trará uma declaração para que assine e assim não terá que ir até a delegacia de polícia. Estou certa de que não quer que ninguém saiba que falou conosco. E eu também não.

Lily deu a Phillips umas breves instruções: procurar a amiga, confirmar a chamada e assegurar-se de que não sabia nada. Depois saiu.

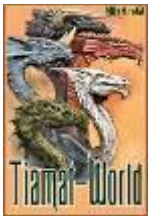
Lily olhou à hora em seu relógio enquanto descia as escadas. Doze e cinco. Tinha tempo de sobra para chegar ao Bishop's. Estava desejando ver à cara do Turner quando...

Souu seu celular. Atendeu.

— Detetive Yu.

— É Rule.

OH, quem dera que seu coração não tivesse dado esse salto. Falou bruscamente.



— Sim?

— Lamento ter que dizer que não poderei ir ao almoço. Uns assuntos do clã requerem minha atenção. Podemos deixá-lo para as duas e meia?

— Tenho um encontro às três. — Lily saiu para o corredor. Maldito seja não estava decepcionada.

— E para jantar?

— Que tal nos encontrar às quatro e meia? Não temos por que comer enquanto fala para mim sobre os lupi.

— E por que não? Nós dois teremos que comer em algum momento. Você me pergunta coisas sobre os lupi que ajudem em sua investigação e eu tenho a oportunidade de paquerar com você outra vez.

Soltou uma gargalhada antes que pudesse evitar. *Turner era perigoso, sim senhor.*

— Não se trata de uma reunião social.

— Você é livre para pensar isso. — Turner vacilou — Há uma possibilidade de que possa introduzi-la no Lar do Clã, se está interessada. Mas haveria algumas condições.

— Estou interessada. — Durante anos as pessoas acreditaram que a propriedade dos Nokolai nos subúrbios da cidade não pertencia mais que a alguma seita de loucos *pseudo-religiosos* que não permitiam visitantes externos. E embora o clã tivesse saído à luz, como resultados das investigações do Tribunal Supremo, continuavam sendo pouco acolhedores e seguiam estando nos subúrbios da cidade. Não existia possibilidade alguma de que um policial pudesse entrar sem uma ordem judicial.

— Poderemos falar do tema durante o jantar.

— Está bem. Vou trabalhar até tarde. Pode ser às oito e meia?

— *Dum alius*²³ hora, delícia.

— E o que isso significa?

Turner riu.

— Tão receosa. Às oito e meia está bem.

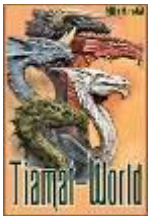
— No Bishop's — recordou Lily.

— No Bishop's. Tome cuidado — disse ele e desligou.

Tome cuidado? Olhou com estranheza o telefone que segurava em sua mão. Um de seus instrutores na academia costumava finalizar cada aula com uma frase similar. Nunca escutou de um civil. Também estavam acostumados a usá-la nesse programa de televisão sobre policiais... Como se chamava? Possivelmente Turner era um fã.

A ideia de que um príncipe lupus estivesse acompanhando um programa de televisão a fez sorrir até que acabou de descer as escadas. Já chega de pensar no Turner, disse para si mesma enquanto se dirigia para seu carro. Havia outro homem que precisava conhecer melhor: Carlos Fontes. Chegou ao parque infantil as nove e quarenta e nove. Mas por que foi precisamente ali?

²³ Palavras em Latim, *Dum* = Até/ Enquanto. *Alius* = Outro. Então no diálogo ficaria "Até outra hora".



Com quem se encontrou? E como se sentia realmente respeitado do romance de sua mulher?

Uma das últimas pessoas que falou com Fontes antes de sua morte foi o arcebispo Patrick Harlowe. Assim, a próxima parada era a Igreja dos Fiéis. Poderia comer no caminho.



— O que quer dizer com que não pode falar comigo?

O homenzinho gordinho parecia incomodado.

— Eu não disse isso. OH, não. O arcebispo falará com você, detetive, mas não está aqui agora mesmo. Teve que ir ao templo principal em Los Angeles. Voltará amanhã. — Sorriu esperançoso.

— Amanhã. — Lily franziu o cenho. Quando Turner pensava em levá-la ao Lar do Clã? Seu instinto dizia que, ali certamente encontraria algumas respostas. O caso parecia ser cada vez mais um conflito entre os lupi, embora a vítima fosse humana — A que horas?

— Pela tarde, acredito. O padre Hidalgo se encarregará das missas pela manhã.

— Têm dois padres?

— Dois sacerdotes — a corrigiu — Há vários graus no sacerdócio: Padre, Reverendo, Arcebispo, Santidade e Sagrado, que é como se fosse o nosso Papa. — Sorriu para Lily — Normalmente está acostumado a estar na Inglaterra, mas veio visitar nosso novo templo principal. Por isso o arcebispo Patrick teve que ausentar-se.

— Isso é muita hierarquia para uma religião tão nova. — E todos os sacerdotes são homens? Era incomum uma religião que girava em torno de uma divindade feminina.

— Não, não. A igreja não é nova. É nova na América, mas a fé existe há muito, muito tempo. Criou-se no Egito em... Oh, certo, não sou muito bom com as datas. A Segunda Dinastia? Nos perseguiram terrivelmente durante a Idade Média. — Sacudiu a cabeça — Tivemos que nos esconder. Por isso não ouviu falar de nós, mas os rituais não se perderam. Não totalmente. Muitos deles podem ser de até mil anos atrás.

Quanto mais excêntrico o culto, pensou Lily, mais gostavam de reclamar séculos de existência. E não havia nada melhor que sofrer um pouco com uma perseguição, de preferência no passado, para dar certo crédito.

— Você parece saber muito. Possivelmente possa me responder algumas perguntas.

O sorriso do homenzinho desapareceu.

— Não sei em que posso ajudá-la. Conhecia Carlos, mas não muito bem.

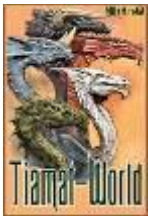
— Falou com ele na quinta-feira de noite?

— Brevemente. — Estava incomodado — Já disse isso antes, agente.

— Somente preciso confirmar algumas coisas, conhecer melhor o mundo do Carlos. — Dedicou ao homenzinho um sorriso que dava confiança — Já sabe como é isto. Tenho que ser capaz de responder qualquer pergunta que faça meu superior.

Assentiu não muito seguro.

— Acredito que poderíamos usar o escritório do secretário.



Eles estavam no que Lily acreditava ser o santuário, mas seu aspecto era de saguão de um banco, o que era originalmente. Só que com genuflexórios²⁴.

— Você não tem escritório?

— OH, não. — Negou com a cabeça, sorrindo de novo, e começou a caminhar para a parte de atrás do edifício — Só sou um secular. Sou carpinteiro... era. Já me aposentei, sabe, assim dou uma mão por aqui. Mas não estou ordenado.

— Trabalhou na restauração?

— Sim. — Seu rosto brilhou.

— Este edifício era um banco, não?

— Correto. — Olhou ao redor, como se fosse o orgulhoso proprietário do lugar — Construído em 1932, esteve vazio durante muitos anos. Orgulhamos-nos do nosso trabalho de restauração. O edifício estava em ruínas.

— *Mmm.* — Custava muito dinheiro restaurar um edifício antigo. Este era pequeno, mas era uma escolha estranha fazer uma igreja no edifício de um banco. Aparentemente, não faltava dinheiro na Igreja dos Fiéis.

No final descobriu que, o irmão secular e carpinteiro aposentado, realmente não tinha muito que contar. Confirmou que Fontes esteve na igreja na quinta-feira de noite, o viu chegar, mas não ensaiar com o coro. O homenzinho esteve reunido com esse tal arcebispo para receber algum conselho espiritual.

Amanhã, prometeu a si mesma enquanto abria a porta do carro, falaria com o arcebispo Patrick Harlowe. Esta noite... seus lábios se curvaram em um sorriso. Esta noite marcou um encontro com Rule Turner. Estava desejando ver sua cara quando entrasse no Bishop's.

Capítulo 9

Não estava no local nem há dez segundos e Rule Turner soube que tinham brincado com ele.

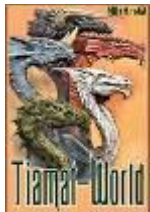
O Bishop's era mais um bar que um restaurante, com todo o encanto de um quarto de fundos. Das paredes com decoração dos anos setenta, de fotografias emolduradas em plástico barato. As mesas de madeira alinhadas, no reduzido espaço, pareciam sobreviver a duas guerras, e estavam dispostas a sobreviver à próxima. O local cheirava a peixe frito, a hambúrgueres e hostilidade.

Enquanto Rule caminhava até o fundo do salão, todas as cabeças se viraram para olhar para ele. As conversas pararam. Estava acostumado que as pessoas o olhassem, mas essas olhadas inexpressivas que o observavam avançar pelo local, não era a reação que estava acostumado a despertar normalmente.

O Bishop's era um bar de policiais.

Lily estava sentada na última mesa da esquerda. Vestia uma jaqueta de cor amarelo vivo

²⁴ É um móvel religioso com estrado baixo, para se ajoelhar, e um encosto alto onde se apoia os braços, na hora da oração.



com uma camiseta preta e calças. Turner sabia que a jaqueta escondia uma pistola. Nada de joias. Usava o cabelo solto, comprido até os ombros, brilhantes, e tão negro como o interior de suas pálpebras numa noite sem lua.

Desejava tocar esse cabelo com seus dedos. Segurar sua nuca com a mão por debaixo dessa cortina brilhante e aspirar seu aroma.

Não era provável que ocorresse. Mas isso não evitou que seu coração pulsasse mais forte enquanto deslizava em seu assento na frente de Lily. Podia sentir o desejo nas pontas dos dedos, o desejo de tocá-la. Sorriu forçado.

— Possivelmente tenha que me comportar bem. Há muitas armas neste lugar.

Uma nota de diversão iluminou os olhos de Lily, esse fugaz senso de humor que Turner já vira antes. Deu-lhe esperança. E a *Dama* sabia que precisava.

— Sobre as armas é uma suposição? — perguntou Lily.

— O óleo que se usa para limpá-las, tem um aroma muito característico.

Lily assentiu.

— É estranho que consiga informação por meios, que para mim são totalmente diferentes. Até que ponto é sensível seu olfato quando está... bom, como está agora?

— Não tanto como quando estou sobre quatro patas. Quando adoto essa forma o ar tem peso e textura, e os aromas chegam para mim como um tapete se deslocando.

— Você sente falta.

— Sim. Faz muito tempo desde a última vez.

Era o tipo de local aonde os talheres vêm envolvidos em um guardanapo de papel. Lily desenrolou os seus, prestando mais atenção do que era necessária para uma ação tão simples.

— Conforme sei, os lupi são obrigados a mudar de vez em quando. Que só podem atrasar-se até um ponto e, além disso, tem a lua cheia... Merda.

A jovem que se sua mesa vestia uns jeans folgados que caía no quadril, mostrando assim o piercing que brilhava no umbigo. Seu cabelo era curto, igual a sua escassa camiseta. Seus mamilos estavam eretos. Segurava uma caderneta para anotar pedidos e cheirava a excitação. E a medo.

— Sou Sharon — disse quase sem fôlego — O que posso oferecer?

O sorriso de Turner se suavizou automaticamente.

— Um hambúrguer mal passado servido com dois pães. Sirva puro, por favor. Seu café é bom?

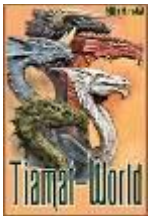
— É decente. Passarei um novo — prometeu.

— Obrigado. Lily? — perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Quer dizer “detetive Yu”. — Olhou à garçonete — Eu também quero um hambúrguer, mas bem passado, e com um extra de pepinos japoneses. Mas muitos pepinos japoneses. E café com um pouco de leite.

— Certamente. — Em seguida se virou. Olhou para Rule um instante, mais do que necessário e partiu apressadamente após soltar um suspiro.

— Sente-se bem-vindo agora? — perguntou Lily secamente.



— Tão bem-vindo como pode se sentir um homem que está jantando com uma mulher encantadora sob o atento olhar de seus irmãos mais velhos.

Lily riu.

— Este lugar goteja testosterona, não é? Mas você vem de uma cultura de machos dominantes. Deveria estar acostumado.

— Os lupi são homens, sim. Mas nossa cultura não é machista. Apreciamos muito às mulheres.

— É gracioso. Isso é o que dizem os homens que escondem suas mulheres atrás véus e *Purdah*²⁵.

— Nós não fazemos isso. — Estudou-a um segundo. Havia algo nela que mudou desde a noite anterior. Estava mais relaxada. Isso é exatamente o que queria, mas pensou que teria que trabalhar — Deve ter sido difícil para você abrir caminho em um mundo que, hã, goteja testosterona. Desconfio que tenha que demonstrar a que veio uma ou outra vez.

— Querem saber se terão cobertura, isso é tudo. Sabe o que faz que te aceitem no grupo? Entrar em uma briga. — Moveu a cabeça divertida — Uma boa briga de socos e já é um dos meninos.

Rule ficou impressionado.

— Teve que brigar? Mano a mano?

— Nem sempre se pode evitar e... você fez uma cara muito engraçada.

Lily era tão pequena. Dura de espírito. E estava fisicamente em forma. Mas não podia enfrentar a nove ou dez homens.

— Tenho um instinto protetor muito desenvolvido. Todos os lupi têm. Percebemos a divindade como essencialmente feminina.

As sobrancelhas de Lily se arquearam.

— Refere-se à Nossa Senhora?

— Algo assim.

— Que provavelmente não precisa uns tipos grandes e fortes para sua proteção.

Os lábios de Turner mostraram um ligeiro sorriso.

— Você esta certa.

— Ultimamente estive falando com outras pessoas que também adoram uma deusa. Acreditam que seu nome é muito sagrado para pronunciá-lo, a não ser que seja um sacerdote consagrado ao seu serviço.

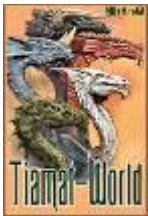
— Tem há ver com a investigação?

Lily ignorou a pergunta.

— Oficialmente são a Igreja dos Fiéis, mas preferem chamar a si próprios como os Azá. Acredita-se que é uma língua antiga, babilônico ou algo assim. Ouviu falar deles?

— Não posso dizer que sim. — colocou o guardanapo de papel no colo — Disse que estava

²⁵ Costume praticado nas sociedades Hindu e Muçulmana no qual as mulheres evitam a companhia de homens estranhos.



interessada em visitar o Lar do Clã.

— Sim.

— Amanhã vai se celebrar uma cerimônia a que tenho que participar. Acredito que poderei arrumar para que possa me acompanhar. — Ela tinha que estar ali, é obvio. Ou ao menos, estar perto do Lar, porque se não, ele também não poderia ir.

— Você é o herdeiro, o príncipe da coroa. Vai custar muito arrumá-lo?

Rule negou com a cabeça.

— Tenho uma posição... de grande status, diria você. Isso conta entre os lupi, claro. Mas não tenho nenhuma autoridade real. Isso é coisa do *rho*.

— Seu pai.

— Sim. Pode me dar sua palavra de que manterá em segredo tudo o que veja, e que não tenha relação com o caso?

— Nunca ouvi que um estranho pudesse visitar o Lar, e muito menos presenciar uma cerimônia. Por que eu?

Rule disse a verdade ou, ao menos, parte dela.

— Quero que confie em mim.

O dedo indicador de Lily repicou sobre a mesa enquanto pensava. Rule observou que sua *Nadia*²⁶ não era muito dada a tomar decisões impulsivamente.

Finalmente, Lily assentiu energicamente.

— Está bem. Tem minha palavra. A que horas?

— A pegarei às onze.

— Não, eu pegarei você. Onde posso te encontrar?

— Prefiro dirigir eu mesmo.

— Eu também.

Por que não se surpreendia?

— Nem sempre conseguimos o que queremos, sabe? Não... ah, obrigado. — A garçonete havia retornado com o café e a água. Perfumou-se com algum aroma de almíscar. Como estava acostumado a dissimular evitou que enrugasse o nariz com desgosto — Sharon, acredito que esqueceu o leite de minha amiga.

A garçonete piscou.

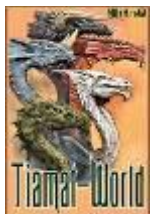
— OH, é verdade. — Colocou a mão em um bolso e tirou duas vasilhas de algo que provavelmente nunca esteve nem sequer perto de uma vaca — Aqui esta. Em seguida volto com seus hambúrgueres — disse para Rule com um sorriso e partiu.

Um homem de uma mesa próxima a seguiu pelo braço. Era jovem e tinha o cabelo castanho muito curto. Os outros dois homens sentados a sua mesa eram ligeiramente maiores.

— Sharon, se esse tipo te der problemas — disse em voz alta — é só me dizer.

Ela parecia confusa.

²⁶ Algo como escolhida.



— Ah, claro. Mas ele não é...

— Já sei o que é. — Embora falasse com a garçonete, o jovem policial lançou um duro olhar para Rule, e logo voltou sua atenção para Lily — E eu sei que você acredita ser muito superior aos outros para andar com um de seu tipo.

Rule ficou tenso. Lily não agradeceria a ele se desse um murro na cara daquele imbecil, mas...

— Ei, Crowder — disse Lily em voz alta — Tem um lenço?

Um dos homens mais velhos da mesa se surpreendeu, mas se recuperou em seguida.

— Não. Não trouxe a bolsa. — O outro homem sorriu.

Lily sacudiu a cabeça tristemente.

— Deveria estar mais bem preparado. — Pôs sua bolsa sobre a mesa e procurou em seu interior exageradamente — Toma — disse e lançou um pacote de lenços de papel — Limpe o nariz do seu novato, Crowder. Está escorrendo.

O comentário provocou uma gargalhada geral, e não só dos três homens sentados à mesa. O policial mais novo ficou vermelho e soltou o braço da Sharon.

— Você o tirou do caminho — disse Rule.

Lily fez uma careta, abriu a vasilha do leite e o esvaziou em sua taça de café.

— Não acreditei que encontraria este ambiente. Eu me pergunto se seria assim que se sentia uma mulher branca na Alabama dos anos trinta, que se sentava para comer com um homem negro.

— Espero que não esteja tão mau. Não acredito que nossos queridos amigos me atirem no beco e me deem uma surra.

— Não acredito que pudessem a não ser que te apontassem suas armas. Mas há certa semelhança, não acha? — Bebeu um pouco do café, observando Rule por cima da borda de sua xícara — O movimento pelos direitos civis abriu algumas portas para os lupi, que de outra maneira ainda estariam fechadas.

— Certo. Se as pessoas não houvessem se negado a sentar-se nos bancos no fundo do ônibus, agora não seria possível o Projeto de lei de Cidadania para Outras Espécies. Tenho que concordar com isso, mas primeiro, considerou a proposta de sair comigo?

Lily teve um ataque de riso.

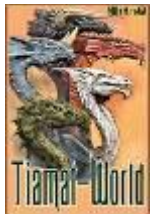
— Para você, funciona isso de ir ao ponto? — Sacudiu a cabeça enquanto passava a diversão — Não vai acontecer nada entre nós, Turner. Você é visivelmente agradável não nego. Inclusive é encantador, e um pouco convencido.

— Convencido é para garotos.

— Mencionei que também é arrogante? Da igual. Não importa o quão bonito e encantador que é não vale a pena correr e me jogar pela janela por você.

— Isso é o que aconteceria? — Fez uma pausa e assentiu — Tá. Acredito que isso colocaria as coisas difíceis para nós.

— Não há nenhum “nós”. Tenho que te fazer umas perguntas.



— Espero que sejam pessoais.

— Sobre os lupi. A lua cheia obriga a um lupus a trocar?

A tentação de seguir pressionando-a era quase irresistível, mas não estava ali para satisfazer seus desejos. Suspirou.

— Falemos de negócios, então. A lua cheia afeta a nós todos, mas só força a mudança nos lupi mais jovens. Como a maioria dos adolescentes tem que aprender a controlar-se.

— Assim a mudança é voluntária?

— Normalmente.

A ruga nas sobrancelhas de Lily sugeria que notou a evasiva, mas decidiu deixar passar.

— E sobre os lupi ainda mais jovens? Os meninos não têm controle algum.

— A mudança começa na puberdade, não antes. — *Isto a surpreendeu. Bom* — Espero que não ponha isso em seu relatório. Não é exatamente de domínio geral.

— Me dou conta disso — disse Lily lentamente — Por que me contou isso?

— Estou cooperando. Seria possível que visse o corpo de Fontes?

— Céu santo, por quê?

— Há uma possibilidade de que possa captar a essência do assassino. Se não, possivelmente possa descobrir informação que outros deixaram passar.

Os dedos de Lily começaram a repicar na mesa de novo.

— Que tipo de informação?

— As feridas podem me indicar algo sobre a natureza do assassino. Em primeiro lugar, se realmente era um lupus, como você acredita. Também se era um adolescente ou era um psicopata.

— Psicopata. Isso soa sinistro. É normal em um lupus?

— É uma condição que felizmente acontece pouco.

— Falando de pouco. Aí vem seu hambúrguer. Espero que tenha se lembrado do meu.

Sharon chegou com uma baforada de aroma de almíscar, sorrindo timidamente, e pôs sobre a mesa dois enormes hambúrgueres cobertos de um montão de batatas fritas. Ficou um momento, entretida com os condimentos, perguntado se Rule queria algo mais. Possivelmente um pouco mais de café? Outro cliente a chamou para que levasse a cafeteira a sua mesa. Sharon suspirou e partiu.

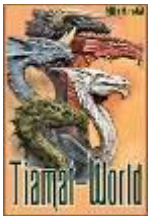
Rule esperou que se afastasse o suficiente para dizer:

— Sempre me perguntei por que os homens humanos gostam que as mulheres cheirem como a glândula odorífera de um cervo macho.

— Deduzo que não gosta do perfume. — Lily pulverizou a maionese pelo pão-doce do hambúrguer — Eh; julguei mal a Sharon, se lembrou de meus pepinos japoneses.

— O que aconteceu é que ficou encantada comigo. Provavelmente eu seja o único lupus que conheceu. Que ela saiba, pelo menos.

— *Mmm.* — Os pepinos japoneses estavam inteiros, não em rodela. Havia seis. Os cortou para poder por no hambúrguer e os colocou em cima da carne.



— Em todas as fotografias que vi de você, esta vestido de preto. Vestia preto na noite passada. Usa preto agora. Faz de propósito, não é isso? Quer que as pessoas o reconheçam. Quer que eles saibam que é um lupus.

— Usar preto é um bom disfarce — admitiu — De verdade vai comer isso?

— Você gosta da carne crua e eu de pepinos japoneses. — Pôs a tampa do pão-doce em cima de sua montanha de pepinos japoneses — Encarna bem seu papel: o mistério, o sexo, a sofisticação, a atração do proibido ou do perigo. É de propósito também, certo? É a imagem que quer que as pessoas associem com os lupi. Glamour, não bestialidade. Converteu-se em um garoto propaganda para sua gente.

Os lábios do Rule se curvaram em um sorriso.

— Obrigado.

Ela também sorriu.

— Começa a acreditar em sua própria imagem?

— Possivelmente, eu seja realmente sexy, sofisticado e, como você disse? Esteja cheio de atrativo do proibido.

— Certamente, está cheio de algo.

Sorriu, desfrutando deste momento com ela. Esticou a mão para pegar o ketchup.

— E o que tem você, Lily? Também acredita em sua própria imagem?

— Eu não tenho uma imagem.

— Claro que sim. A policial dura e cínica.

— Não, essa sou eu realmente. Nada de segredos... bom, possivelmente um ou dois. — de repente, qualquer rastro de diversão desapareceu de seu rosto — Mas nenhum parecido com o seu. Não tenho nenhum filho escondido, só para que não estrague minha imagem.

Capítulo 10

Lily pensou que Rule ia saltar sobre ela. A fúria que apareceu em seus olhos parecia violência a ponto de materializar-se. Durante um longo momento ele não se moveu, não falou.

E finalmente perguntou, com uma voz grave e sedosa:

— Como sabe que tenho um filho?

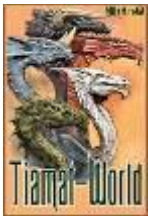
A boca de Lily estava seca. E isso a zangou.

— Não quer que a polícia saiba que tem um filho?

— Esqueci que estava falando com a polícia. Que tolo eu sou. Não, não quero que a polícia saiba que tenho um filho. Não quero que ninguém fora do clã saiba, mas não pelas razões que você acha que sabe. — Seus lábios se curvaram — Essa é a opinião que você tem de mim.

O feriu. A ideia a surpreendeu e em seguida tratou de tirar da cabeça.

Nesse momento já não era o principal suspeito. Muitas testemunhas o viram no Clube Hell às nove e meia, e Therese e seu celular provaram que Fontes ainda estava vivo às nove e cinquenta. Assim, talvez, Lily relaxou muito. Deixou que a conversa fosse muito informal, muito



amistosa. Possivelmente, por alguma razão que não conseguia compreender, gostava desse homem. Sentiu-se mal por ele, quando falou de quanto sentia falta da mudança. O que tirou sua magia? Poderia recuperá-la de novo? Não podia perguntar.

Mas ainda não o conhecia bem, não realmente, nem ele a conhecia. Sua opinião não importava. Entretanto...

— Passei dos limites — disse em voz baixa — Sinto muito.

— Meu filho não é parte de sua investigação. — Deixou o guardanapo sobre a mesa, levantou-se e afastou sua carteira.

Lily se levantou também.

— Não tem por que...

— Eu a convidei. Eu pago. — Colocou duas notas sobre a mesa — *Bon appétit*, detetive. Se quer visitar o Lar do Clã esteja na delegacia de polícia às dez e meia de amanhã. A pegarei ali.

Saiu do local em meio ao mesmo silêncio reprovador que o saudou ao entrar.

Muito bem, pensou Lily agarrando seu hambúrguer e tratando de comer com um mínimo de interesse. *Acredito que estraguei tudo*. Estava mastigando um pedaço insosso quando Crowder se aproximou.

— Ficou sem encontro? — sentou-se na cadeira da frente, sem pedir.

— Estou tentado jantar.

— Por mim pode continuar — disse e colocou ketchup numa das batatas do prato do Rule — Tem mostarda?

— Não. — E deliberadamente deu outra dentada no hambúrguer.

— Ah, aqui está. — Pegou o pote e o espremeu até que esparramou em todo o pão-doce — Estaria melhor com um pouco de cebola — disse enquanto colocava a tampa do hambúrguer — mas não sou muito exigente.

— A carne está mal passada.

— Como já disse, não sou muito exigente. — E deu uma boa dentada.

Lily suspirou e deixou o hambúrguer no prato.

— Não vai deixar em paz, não é verdade?

— Não. — Mastigou e limpou os lábios com a mão — Queria me desculpar em nome do Tucker. É um novato como você disse. O ponto é... bom, acredito que deve saber. As pessoas falam. E Tucker está muito verde para saber que não deve levar em conta tudo o que ouve.

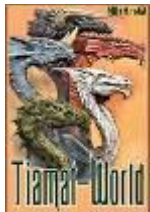
— Falam? — seu estômago encolheu — Sobre mim?

Crowder assentiu e se mordeu outro quarto do hambúrguer em uma só dentada, mastigou e engoliu.

— Nada grave, só... já sabe. Falam. Sobre ti e sobre Turner, do efeito que os de sua espécie têm sobre as mulheres. Esse tipo de coisas.

— Quem? — Quis saber Lily. *Droga*, só estava a dois dias no caso — Quem está falando mal de mim?

Crowder negou com a cabeça.



— Digo o pecado, mas não o pecador. Já sabe como isso funciona.

Claro que sabia. Foi um deles até que deixou de ser. Os bate-papos do vestiário seguiam as rígidas normas: não contar às garotas. E a maioria das vezes era bom, porque se não, nenhuma mulher no corpo suportaria trabalhar com alguns homens.

Crowder tinha infringido essas regras não escritas ao falar com ela.

— Obrigado pelo aviso.

— De nada. — acabou o hambúrguer — Teria estado melhor com cebola — disse, e se levantou— Tome cuidado, certo?

— Sim, você também.

Crowder voltou lentamente para sua mesa, deixando Lily furiosamente pensando. Crowder trabalhava no mesmo turno que ela. Quem estava por dentro do caso e que poderia ter estado no vestiário falando mal dela no final do turno?

Fez uma careta. Muitas possibilidades. Mas não pôde evitar pensar em como Mech tentou protegê-la de ficar a sós com o Turner. *Não tire conclusões precipitadas*, disse a si mesma.

Mas pensar nisso tirou seu apetite. Pegou sua bolsa e se levantou.

— A comida não estava boa? — A garçonete encantada pelo Turner estava de pé diante de Lily, seus olhos escuros com ira e decepção.

Não estava preocupada com a comida, precisamente. Lily suspirou.

— A comida estava ótima, mas ele teve que partir. E eu também tenho.

Sharon sacudiu a cabeça.

— Segue meu conselho, não corra atrás dele. Faz que ele venha até você. Embora não te culpo. — Suspirou — Esse homem irradia sexo. Como um forno. Aposto o que for que... Já vai, já vai! — gritou para um cliente que pedia sua atenção — Agora vou. — Sorriu amavelmente para Lily — Minha mãe sempre diz que se não poder jogar para conseguir algo, simplesmente joga. Passe bem. — Golpeou Lily no braço, compreensiva, e saiu apressada.

Lily a viu partir. Definitivamente, julgou mal Sharon.

Forçou sua mente a voltar a pensar no caso.

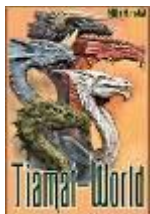


A dor era uma presença surda, apagada, muito pouco convincente. Mas algo mais avisou Cullen de que já era hora. Era hora de despertar.

Agitou-se. Algo duro debaixo dele... Difícil, era tão difícil despertar. Não deveria ser. Esteve... estava...

Por um momento, a memória não estava ali. A onda de pânico o empurrou até a superfície. Abriu os olhos. Madeira áspera em cima. E também debaixo. A cabana. Sim, pensou aliviado. É verdade. Estava na cabana. Veio para... o pensamento escapou.

Doíam suas costelas. Se levantou com cuidado, deixando cair em seu colo a manta que lhe cobria. Piscou. Esteve deitado no chão, completamente vestido. E havia um enorme buraco na parede norte.



OH, claro. Atravessou ela quando teve essa pequena discussão com o amigo de Molly. Tocou em seu flanco e fez uma careta. Não ganhou essa discussão, *não é verdade?*

Sua memória estava imprecisa. Devia ter uma pequena concussão, embora não doía sua cabeça. Supôs que se curou enquanto estava desacordado. Ficou de pé. Teve tempo para curar-se. O raio de luz que entrava pela parede danificada disse que era cedo da manhã. Chegou à cabana com Molly e seu amigo feiticeiro no dia anterior ao meio-dia. Conversaram um momento sobre trocar feitiços, e então... Foi ontem? Franziu o cenho. Decidiu que não havia outra explicação. Se tivesse estado inconsciente mais de uma noite, já não deveriam doer suas costelas. E teria muito mais fome.

Não é que não estivesse faminto. Mas o primeiro era o primeiro, pensou. Tocou mentalmente suas defesas, e viu que tudo estava em ordem, depois comprovou os danos de seu desmantelado *pied-à-terre*²⁷.

Não era carpinteiro, mas acreditou que os concertos que teria que fazer entravam dentro de suas habilidades. Teria que fazer rápido porque o telhado estava cedendo. Alguém colocou um par de vigas velhas de escora, reforçando temporariamente a parte superior da cabana, mas um vento forte poderia jogá-la abaixo sem problemas.

Que consideração, pensou, caminhando com muita dificuldade até a geladeira portátil que havia trazido com ele. Golpearam-no sua cabeça, quebraram uma costela ou duas, mas pelo menos evitaram que o teto caísse enquanto estava inconsciente. E antes de ir o cobriram com uma manta.

Provavelmente isso foi ideia de Molly. Era boa. Mas não acreditava que tivesse força suficiente para fazer os acertos temporários em seu telhado. Esse devia ter sido... Como se chamava o homem?

Franzindo o cenho, tirou uma caixa de ovos, e parou, tentando identificar o som mecânico *gup gup* que soava em seus ouvidos. Decidiu que podia ser um helicóptero. Longe, ao sul. Não era um som muito comum por esses lados. Estava muito longe. Não teria que se alarmar com isso.

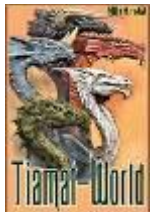
Dirigiu-se para a pequena cozinha com um fogão a gás. Teria que chamar Rule. Estava acontecendo algo importante, energias estranhas movendo-se entre os mundos da realidade que não conseguia compreender. Embora pudesse fazer uma ideia por algo que havia dito o outro homem... Algo sobre que os mundos estavam mudando?

Maldito seja, era necessário que recordasse. Pegou o acendedor e jogou óleo na frigideira de ferro, preocupado. O que era o último que podia lembrar?

O encontro com essa bonita detetive no Clube Hell estava muito claro. Cullen sorriu. Rule teve um óbvio interesse nela. Deveria dizer a seu amigo que sua mais recente paixão era uma sensitiva?

Possivelmente, mas nada disso importava agora. Essa lembrança estava muito clara. Igual à manhã seguinte quando uma chamada de Molly o tirou, de repente, de um profundo sono e

²⁷ O termo *pied-à-terre* implica na utilização como uma residência temporária.



cutucou seriamente sua curiosidade. Umas horas depois, Cullen foi ao aeroporto pegar Molly e a seu atual amante, que era um feiticeiro como ele.

Só que não era como ele exatamente. Cullen franziu o cenho. Aí é onde as coisas começavam a estar imprecisas. Não podia recordar o rosto do homem ou nada do que ocorreu depois de que Molly e como sei lá se chamasse, chegassem. Ele e o feiticeiro discutiram. Disso se lembrava. Queria mais que o outro homem... Michael. Sim, pensou aliviado de que pudesse lembrar isso. O homem se chamava Michael.

Era o nome que usou, de qualquer modo. Os feiticeiros eram muito reservados, assim existia a possibilidade de que não fosse o seu nome verdadeiro. Em circunstâncias normais, Cullen não teria convidado a sua casa outro iniciado na feitiçaria. Havia um pequeno nódulo de magia, sem explorar, atrás da cabana que não tinha intenção de compartilhar com ninguém. Mas Molly respondeu pelo homem.

E Cullen terminou inconsciente durante vinte e quatro horas.

Bom, disse esfregando o flanco distraidamente, possivelmente o merecesse. Michael e ele haviam trocando um par de feitiços básicos, bom material, mas nada novo. Entretanto, quando começaram a falar sobre a teoria, ficou claro que o homem estava mostrando menos do que sabia. Cullen não podia recordar o que ocorreu exatamente, mas tinha a noção de que descobriu um pouco de uma forma nada limpa.

E funcionou. Sorriu, eufórico, os ovos esquecidos em sua mão, quando por fim pôde lembrar-se de tudo, de forma clara e precisa.

O que era uma costela quebrada ou uma sesta não espontânea no chão? Agora possuía um novo feitiço, elegante e poderoso. Muito mais sofisticado que qualquer coisa que encontrou ou que tivesse sonhado um dia. A mera sequência de partida sugeria um montão de possibilidades...

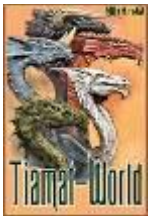
O azeite salpicou sua mão. Começou a esfregar e se deu conta de que ainda sustentava os ovos. Quebrou e os jogou na frigideira. Acrescentou um terceiro. Primeiro, alimentar-se, e depois... OH, então começaria um estudo sério sobre sua nova aquisição.

Embora também não fosse conveniente que se envolvesse muito ou esqueceria chamar Rule. Cullen suspirou. Uma pena, mas não podia simplesmente desaparecer e ficar trabalhando no feitiço, não era o momento.

Quem mais poderia revelar a verdade? Nesta época ignorante, havia tão poucas pessoas que compreendiam inclusive os fundamentos da magia... Não ardiam por entender como ele. Não, eram como meninos que, assustados pela escuridão, tampavam a cabeça com o lençol. Eram felizes em sua ignorância e expulsavam aqueles que não queriam viver sob suas sufocantes restrições. Igual aos que expulsaram ele do clã, que deveria ter sido seu.

Cullen suspirou fracamente. Chega. Rule nunca afastou ele por fazer o que precisava ser feito. Por isso, Cullen devia sua amizade. E uma chamada de telefone.

Quando os ovos ficaram prontos, os colocou em um prato que deixou sobre a mesa junto com uma fatia de pão. Tirou uma lata de Coca Cola da geladeira e comeu rapidamente, sem apenas se dar conta do que mastigava sua mente perdida entre símbolos, estruturas e relações



que não tinham nenhuma semelhança física direta.

Trinta minutos depois, o prato com os restos dos ovos estava esquecido no chão, onde Cullen o deixara ao dar-se conta do que incomodava. A mesa estava coberta de partes de papel, e Cullen estava concentrado em uma fileira de símbolos brilhantes que flutuavam no ar. Depois de um instante, dois desses símbolos se moveram para a direita e outra sequência ocupou seu lugar.

Sim, era isso. Isso era o que faltava. Se a relação lógica entre o objeto e a ilusão era a de manter-se, então ele...

Um farrapo de energia vermelha cruzou seu campo de visão. Cullen saltou. Alguém abriu uma brecha em suas defesas. Não interferiram com ela, não, não havia nada de sutileza. Algo passou através delas, como se não estivessem ali.

Coisa que não era possível.

Cullen não tinha aversão às armas como a maioria dos lupi. Agitou sua mão e os símbolos brilhantes desapareceram enquanto corria ao canto onde guardava sua escopeta, carregada e limpa. Agarrou-a e se deteve. Um segundo de concentração e os pedaços de papel arderam. E se dirigiu rapidamente à saída.

Não na porta principal, nem na saída improvisada que criou ao atravessar a parede no dia anterior, mas por um alçapão escondido na parte inferior da cabana. Abria para um túnel que conduzia a uma gruta que explorou amplamente anos atrás. Cullen não gostava dos espaços fechados e reduzidos mais que qualquer outro lupus, mas o atraía menos conhecer a coisa ou o ser que atravessara suas defesas com essa facilidade.

Poderiam o chamar paranoico. Mas os visitantes amistosos batem na porta, droga.

Tirou o tapete, segurou a borda do alçapão e passou por ele. Era mais pesado do que parecia porque estava construído em aço sólido.

E então sentiu uma dor angustiante. Suas costas se arquearam ao mesmo tempo em que seus dedos soltavam a escopeta. Seus joelhos fraquejaram. Caiu no chão.

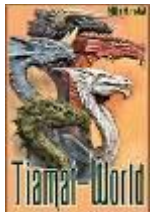
Cullen podia suportar muita dor. A maioria dos lupi podia. Mas isto não era nada do que já experimentou antes, era como se o estivessem queimando vivo, por dentro. Ouviu a si mesmo gritar e tentou juntar sua mandíbula, mas seu corpo se agitava e teve espasmos e não queria obedecer. Instintivamente tentou se transformar. Mas não pôde. O terror, primitivo e tão destruidor como a própria dor, o segurou.

E acabou da mesma forma, como quem aperta um interruptor.

Assim como as sensações provocadas pelo sexo continuam uma vez que tivesse terminado, também acontecem com as provocadas por uma dor intensa. Cullen continuava no chão, retorcendo-se, ofegando, sua mente debilitada, e seu corpo gritando de dor como se fosse um dente podre.

A arma.

Estava no chão, a uns centímetros de sua mão aberta. A alcançou, ou ao menos tentou. Seu braço não se moveu. Inquieto, concentrou-se e tentou de novo. Seus músculos tiveram um pequeno espasmo e enviaram uma nova onda de dor através de todo seu corpo.



Apertou os dentes para poder suportar. *Então o ataque foi físico, não psíquico. Tenho algumas feridas. Mas posso as curar. Dama me conceda tempo para...*

Um grupo de figuras cobertas de negro entraram pela porta. Três... quatro... e outras duas apareceram pelo buraco da parede. Vestiam o que parecia ser umas roupas pretas com compridos cinturões de tecido vermelho bordados com estampas complicadas, grandes lenços cobriam suas cabeças e parte do rosto, ao estilo beduíno.

E estavam com rifles. Todos e cada um deles.

Recruta de *ninjas* com armas?

— Você — gritou um deles, baixinho, de pele clara e que cheirava a *seru*, estava excitado e agressivo — Onde estão outros?

— Não pode responder, Segundo. — Um sussurro. A voz surgiu de entre os corpos cobertos de preto que tinham aparecido pelo buraco da parede. Soava infantil... Como se fosse possível que uma máquina tivesse tido infância, porque era uma voz sem vida e sem nenhum sentimento — Me surpreende que esteja consciente. Mas não poderá falar durante umas horas.

As formas cobertas de preto partiram. Uma mulher que vestia uma túnica vermelha caminhou cuidadosamente por entre os escombros.

Era pequena, não tinha mais de um metro cinquenta, e não parecia ser mais que uma adolescente. Seu cabelo era comprido cor preta azeviche, usava solto. Uma fina tiara de prata brilhava na testa, com uma opala grande e negra que cobria o *chakra*²⁸ da testa. Caminhava apoiada em um bastão negro de madeira, decorado com fios de prata e que era tão alto como ela. Emanava magia.

Cullen queria achar graça, uma menina que se fantasiava para imitar um filme B. Em troca, o cabelo da sua nuca se arrepiou. Uma onda de ódio, instintivo e irracional, curvou seus lábios e lhe fez mostrar os dentes.

Esse pequeno movimento doeu como se milhares de lâminas o atravessassem. *Merda, merda, merda*. Sentiu lágrimas em seus olhos quando a mulher chegou lentamente até ele.

— Procurem — disse ela secamente, como uma rainha que dá ordens a seus súditos.

Procurem? Michael e Molly deduziu Cullen. Estes caras que pareciam saídos de uma opereta, procuravam o outro feiticeiro, não ele.

Depois de sofrer tudo isso, nem sequer me procuram. Perfeito.

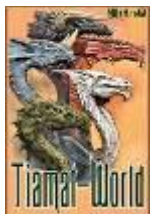
— Madonna²⁹ — vacilou o homem que tinha falado antes — Não te aproxime dele, nos deixe te proteger.

— Imbecil — disse ela com essa voz de máquina — Não pode se mover. Investiguem aonde conduz isso — assinalou o túnel em baixo do alçapão com seu bastão — É possível que tenha alguém escondido aí.

O *ninja* baixinho gritou as ordens. Três homens se apressaram a obedecer, e entraram um a

²⁸ Chacras ou xacras, também conhecidos pela grafia chakras são, segundo a filosofia ioga, canais dentro do corpo humano por onde circula a energia vital que nutre órgãos e sistemas.

²⁹ Termo utilizado para expressar adoração à uma Santidade.



um na rota de fuga de Cullen. O baixinho se aproximou de Cullen, o observando com apreensão. A mulher não lhe deu atenção, tinha seu olhar fixo em Cullen. Seus olhos eram assombrosamente negros, tão negros que não podia distinguir a pupila da íris. E havia algo estranho em seu aroma, mas o fedor da magia de seu bastão era tão forte que cobria todos outros aromas da sala.

Seu bastão...

— Me pergunto por que continua consciente — disse a mulher.

O Bastão. Foi aonde se concentrou o ódio de Cullen. Assaltou-lhe uma necessidade imperiosa de destruí-lo. Desejava trocar, apanhá-lo com seus dentes e converter em lascas, mas... um momento. Antes não foi capaz de trocar, mas agora que o ataque já terminou. Estava ferido, mas possivelmente...

— Está bem — sussurrou a mulher — vejamos o que está pensando. Onde estão?

Cullen olhou nos olhos da mulher, e os fechou ao comprovar que a tentativa de invasão não tinha êxito. Teria mostrado a língua maliciosamente se suas mandíbulas tivessem cooperado.

— Tem escudos mentais! — gritou a mulher surpreendida. Seu rosto se enrugou e golpeou as costelas de Cullen com o bastão.

Não vou permitir que me toque com essa abominação. A força do ódio de Cullen, o permitiu levantar-se, consciente da dor, mas consumido pela necessidade de destruir esse objeto. Mas ignorar a dor não significa vencer. Foi torpe e lento.

Esticou a mão, mas não pôde pegar o bastão.

Pode ver com o canto dos olhos, quando a parte de trás do rifle desceu sobre ele, mas era muito tarde para evitar que batessem em sua cabeça.

Capítulo 11

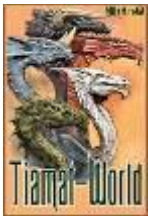
Subindo pelas montanhas a vinte minutos da cidade, tudo o que Lily via pelo vidro era chaparral³⁰, carvalhos baixos e rochas. A estrada era íngreme, e o céu sobre sua cabeça estava tão claro e era tão intenso que, parecia que se Lily baixasse o vidro poderia tocá-lo facilmente. Aquelas montanhas eram colinas comparadas com as Rochosas, mas ela as adorava. Faziam ela pensar em jeans velhos, usados e habituados a vida dura ao ar livre.

Uma boa parte daquelas montanhas era propriedade do pai do Rule.

E, de acordo com o relatório que o FBI lhe deu, isso não era tudo o que fazia parte da propriedade de Isen Turner. Havia vinhedos no vale de Napa. E um montão de bens e imóveis em San Diego e Los Angeles. Também possuíam ações na Bolsa de valores, títulos do Estado e mais terras em alguma região remota do Canadá. O FBI estimava seu patrimônio em trezentos milhões de dólares, e Rule administrava tudo.

Mas os federais não sabiam tudo. Não sabiam quem era a mãe de Rule, nem quantos anos tinha seu pai. Nem sequer sabiam quantos anos tinha o próprio Rule.

³⁰ É uma espécie de matagal encontrado principalmente no estado da Califórnia (EUA) e na parte norte da península da Baixa Califórnia (México).



Trinta, pensou Lily. Poderia passar por alguém de uns vinte e tantos, mas sua atitude deixava claro que era mais velho. Embora, pertencer à realeza, ou quase, possivelmente exercia esse efeito.

Observou Rule e logo voltou a olhar pela janela. A vista era mais interessante que um homem lobo resmungando.

O carro, entretanto, despertou o desejo em seu coração. Uma Mercedes conversível linda e novinha, prateada por fora, couro preto por dentro e com sistema de navegação agregado. Em vista da atmosfera mal-humorada, não quis perguntar se podiam baixar a capota, mas assim era mais fácil desfrutar do incrível equipamento de som estéreo... embora não houvesse muito que escutar.

Quando Rule passou para pegá-la estava escutando ao *Dvorák*.

Em geral, suportava bastante bem a música clássica. Mas não esta, não gostava dos quartetos. Possivelmente teria tido que apertar os dentes e aguentar até que acabasse, mas não o fez. Perguntou educadamente se Rule podia trocar de música. E, também educadamente, ele trocou de estação até achar uma estação de clássicos do rock. O que acreditava que, do ponto de vista do gosto musical de Lily, o tiro saiu pela culatra. Era igual.

Desculpo-se pela noite anterior. O que mais queria que fizesse? E, maldito seja realmente estava desejando que Rule voltasse a tentar paquerar ela? Não podia ser tão estúpida.

OH, está bem, admitiu. Possivelmente era. Estava tentando superar. Mas não precisava que ele se comportasse de uma maneira tão condenadamente educada. Ela tentou. Por acaso não tentara começar uma conversa civilizada? Era incrível o quão sufocante podia resultar um simples sim ou não. Cortesmente ele a forçou que ficasse em silêncio.

Rule lembrava a sua mãe.

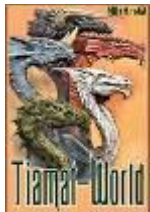
Esse pensamento era o suficientemente absurdo para fazê-la sorrir. Estava levando a si mesmo, e levando ele, muito a sério. E isto era uma investigação, não uma viagem de passeio.

Deixou bem claro para capitão nessa mesma manhã. Esteve de acordo com ela em omitir dos relatórios oficiais todos os detalhes irrelevantes; gostava da ideia de deixar às escuras os federais. Depois, Lily foi falar com os vizinhos dos Fontes. Foi em um par de apartamentos.

O do andar de abaixo não conhecia o casal. Assim não foi de grande ajuda. Entretanto, havia falado com a moradora do 41-C. Erica Jensen era uma moça, solteira, amiga de Rachel. Ela concordava com a opinião de que Carlos colocava facilmente os olhos em outras mulheres, e não só os olhos, também as mãos e outras partes do corpo. Ele convenceu Rachel de que tentasse ficar com alguém do Clube Hell, e ficou muito orgulhoso dela ao saber que saía com um príncipe lupus.

— Era tudo muito estranho, sabe? — Erica havia encolhido os ombros — Carlos falava constantemente de que era ruim possuir uma pessoa, mas eu não o tenho muito claro. Se quiser minha opinião, eu acredito que gostava que outros homens se sentissem atraídos por sua mulher, só porque ela era dele. Era uma forma de deixar claro que ela era de sua propriedade. E parecia que Rachel concordava com tudo.

— Falou com Rachel ou com o Carlos sobre isto? — Lily havia perguntado.



— Falei com Rachel. Mas Carlos falava dessa sua estranha igreja para qualquer um que quisesse escutar. — Parecia triste — Estou fazendo que pareça ser um autêntico desgraçado, mas não era. Trabalhava duro e a maior parte do tempo era bom para Rachel. Se quiser saber minha opinião, de vez em quando os fios dele se cruzavam, isso é tudo. Rachel era louca por ele. O assunto com o Turner... bom, disso também gostava. Diz que o sexo era incrível, mas acredito que simplesmente se sentia especial a seu lado. E fazia que Carlos a admirasse mais.

Depois de tudo, a senhorita Jensen fez que Rule Turner parecesse que estava se fazendo de bom samaritano dormindo com Rachel Fontes. Lily não engoliu. Mas os costumes dos lupi eram diferentes. Para começar, não acreditavam no casamento.

Lily observou o bom samaritano atrás do volante.

Rule esqueceu de mencionar que não precisava se vestir bem para a ocasião. Usava preto como de costume, mas os jeans estavam gastos nos joelhos e a camiseta era velha e perdera cor. Calçava tênis, sem meias, e usava óculos espelhados. E não se barbeou.

Então, por que parecia que ia tão condenadamente elegante? Lily rompeu o silêncio.

— Conforme entendi, seu pai é o proprietário do Lar do Clã.

— Tecnicamente, sim — disse Rule com essa voz fria e educada que usou desde que passou para pegá-la — Administra a propriedade em nome do clã.

— Uma empresa poderia fazer o mesmo.

— Discutimos sobre o assunto, agora que é legal ser lupus. Mas o direito comercial e os costumes lupi não se dão bem.

— Acredito que não. Acredita-se que os donos de ações têm direito de votar.

Os óculos espelhados viraram brevemente em sua direção, logo voltaram a se fixar na estrada.

— Não há dúvida de que você acredita que os membros do clã vivem privados de seus direitos, e que seriam mais felizes se pudessem votar.

— E não é assim?

— Não.

Isso foi tudo. Não houve mais explicações. Lily tratou de reprimir sua irritação. Não era a primeira vez que se encontrava com uma testemunha resistente em cooperar.

— Me fale de seu pai. Vamos ver ele hoje?

— É um velho bastardo muito ardiloso. E quero dizer literalmente, é obvio.

Agora havia algo mais que cortesia em sua voz. Diversão.

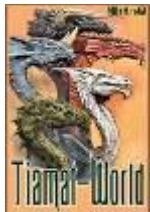
— Segundo seus padrões, todos nós somos uns bastardos.

— Você não sabe quais são meus padrões. Há algo que deva saber sobre a cerimônia de hoje?

— Não. Não vai assistir.

A fúria estava a ponto de transbordar todos os diques.

— Assim que tudo isso de dar minha palavra para não contar nada, era sobre o que? A decoração da casa?



— Todos os visitantes estranhos devem fazer a promessa de não contar nada do que vejam antes de ser aceitos no Lar do Clã. Não pode assistir à cerimônia de aliança porque há outro clã comprometido e seu *rho* não quer que um estranho esteja presente.

Outro clã, um novo aliado? Política lupi. Como dizia sua avó, se fazia segundo as regras. As regras lupi. O que implicada um combate, às vezes a morte.

— Que clã? O que está acontecendo?

— Isso não é parte de sua investigação, detetive.

— É incrível como consegue fazer que “detetive” soe como um insulto.

— Estou fazendo o que queria. Manter esta relação totalmente impessoal.

— Sêrio? — Lily se virou para observar Rule e negou com a cabeça — Pois eu não acredito. Se esta relação fosse impessoal, não estaria aí fazendo beicinho.

As sobranças do Rule se arquearam.

— Beicinho. Isso certamente se encaixa com essas outras ideias que você formou sobre meu caráter. Mas tem razão. — O carro diminuiu de velocidade — Esta relação é muito pessoal. E não sou eu que não se dá conta.

— Ao que me refiro é, que é você que está fazendo de tudo isto algo pessoal. Ou ao menos, tentando. E seu aborrecimento atual prova que... O que demônios está fazendo?

— Me comportando como um idiota. — Rule parou o carro no meio da estrada.

— Acredito que não me dirá para que desça e vá andando.

— Nem me ocorreu. — Tirou os óculos de sol no painel e desprendeu o cinto de segurança.

Um súbito salto em seu coração disse a ela o que ia ocorrer agora. Não queria ouvir. Não se atrevera. Não quando havia tanto em jogo, não quando continuava sendo suspeito de uma investigação policial. Não na metade da estrada, *Por Deus*.

— Há uma curva muito fechada a diante. É melhor que tire o carro se não quer que alguém bata contra nós.

— Você pode me bater — disse e agarrou o braço esquerdo de Lily — Depois.

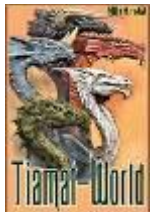
A mão direita de Lily saiu em disparada, não para dar uma bofetada, a não ser para dar um murro. A segurou no ar. Mas não com as mãos, a não ser com sua boca sobre a de Lily.

Ela o mordeu.

Rule conteve o fôlego, mas não se afastou. Não, o maldito bastardo riu. Lentamente esfregou seu lábio que sangrava com o dela. Depois, lambeu o lábio inferior de Lily.

E ela... não resistiu. Não podia mover-se. Era como se tivesse injetado nela algum tipo de droga nas veias, estava cravada no assento, e tremia, todo seu ser vibrava ao ritmo de uma nova música silenciosa.

Rule soltou sua mão para segurar sua cabeça, aprofundando no beijo. Uma vez liberada, Lily não tentou se afastar. O Tocou. Tocou-lhe a orelha e o cabelo que se encaracolava sobre ela. Seu ombro, firme e incontestavelmente masculino. O revolveu o cabelo da nuca de Lily e, que Deus a ajudasse, a música se converteu em um batimento familiar, no ritmo intenso do desejo. Emitiu um pequeno gemido e devolveu o beijo com mais força.



O respondeu com um ronrono de aprovação, muito masculino. Sua mão se moveu para os seios de Lily, e se deteve em um dos mamilos. Sua boca se deteve um segundo.

A necessidade de Lily estava à altura da dele. A camiseta do Rule era fina, mas criava um nó caminho de Lily. Precisava tocar seu corpo, necessitava que estivesse nu para que ela pudesse tocá-lo e reclamar cada centímetro dele. Lily conhecia Rule, não, necessitava conhecer, conheceria agora, sempre, cada parte dele...

Lily se ouviu gemendo. O som a surpreendeu e lhe devolveu o juízo. Ou ao menos o que sobrava dele. Jogou a cabeça para trás.

Rule se inclinou para seu pescoço, beijando-o, lambendo-o.

— Não... não. Não pode. Não podemos... — O som desesperado de sua voz a assustou. Empurrou Rule.

Ele levantou a cabeça e a olhou com os olhos cegos de desejo, as pupilas tão dilatadas que quase não ficava íris.

— Não, claro... não aqui. Não deveria... vem aqui, querida, precisa que eu te abrace. Vem, eu também preciso — disse Rule, e soltou o cinto de segurança de Lily.

Sua mão tremia.

Como a dela. Como se a tivessem deixado cair em uma piscina gelada e pequenos calafrios percorressem de sua espinha dorsal até suas coxas. Sua mandíbula se contraiu e estava difícil falar.

— Não me toque. Não pode me ajudar. Você, você me fez isso.

— Te beijei. O resto não foi escolha minha também. Esta porcaria de mudança de marchas está me incomodando aqui no meio — acrescentou, mas não parecia que incomodasse muito.

Tampouco a ela. Lily deixou que Rule a ajeitasse, sua mente turvada pela confusão... Seu corpo ainda desejava o dele.

O braço que rodeava os ombros dela a obrigou a aproximar-se ao Rule tanto como permitia a mudança de marchas. O peito dele subia e baixava com a mesma respiração agitada que a dela.

— Sinto muito, *Nadia*. Estava zangado, mas não tinha direito de estar. Não tem nem ideia do que é que fez eu me irritar. Sei que é difícil para ti. Há tantas coisas que não entende...

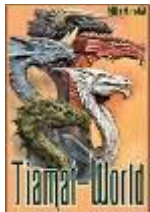
Lily sabia que isto estava ruim. Disse a si mesma, mas não se moveu.

— Me colocou algum tipo de feitiço. Tem que ter feito, embora não seja capaz de perceber.

— Não é isso. Você e eu... tem razão em achar que esta atração não é normal. Estamos vinculados, destinados um ao outro. Nenhum dos dois teve escolha alguma, nem ninguém pode controlá-lo.

— Não! — Lily se obrigou a levantar-se, se afastando dele — Sempre há escolha. Às vezes está limitada por... pelas circunstâncias... — Como neste caso, que estava perdendo a cabeça por um homem envolvido em um caso que estava investigando, e com quem não deveria se relacionar. Um homem que nem sequer acreditava na fidelidade. Um homem que nem sequer era completamente humano.

— Não podemos controlar nossas emoções constantemente — disse suavemente — Mas podemos decidir se agimos segundo sua ordem ou não.



— Por que será que já sei o que você decidirá? — Rule esfregou o seu pescoço e suspirou — Lily, não vai funcionar. Nem o sentido comum mais forte nem toda a vontade do mundo podem cortar a conexão que há entre nós. Não pode virar as costas como faria diante uma paixão.

— Perfeito. Estamos de acordo em algo. Eu não estou apaixonada por você. Nem sequer sei se eu gosto de ti.

— Já me dei conta. E neste momento, também não estou muito entusiasmado contigo. É cabeçuda, exasperante, e é cheia de preconceitos...

— Isso não é verdade!

— Assim, não tem nenhum problema com o que sou?

— Tenho um problema é com seus hábitos sexuais.

O sorriso torto de Rule era de tudo, menos de felicidade.

— Se alegrará em saber que você mudou isso. Para sempre.

— Tá, e também quer me vender a Torre Eiffel.

Lily olhou para frente, arrumou o cabelo e esperou que não parecesse estar tão afetada como estava realmente. *Merda*, ainda tremia.

— Não tinha que ir a uma cerimônia?

Rule permaneceu sentado olhando para ela. Ela se negava a devolver o olhar, mas o podia sentir como se pesasse. E emanasse calor. Os batimentos de seu coração se aceleraram.

Finalmente, Rule decidiu fazer o carro andar.

— Há um montão de coisas que tem que aprender, e não tem sentido que te explique nenhuma delas agora mesmo. Não quando está decidida a menosprezar tudo o que digo. Quando estiver com paciência para me escutar, me avise.

Durante o resto da viagem, os dois permaneceram em silêncio.



O Lar do Clã era uma terra ampla e sinuosa que tinha limites com terras públicas de um lado e uma reserva natural por outro. Segundo os mapas, só era acessível por duas estradas, esta mesma e uma estrada particular para o norte que conduzia à pequena comunidade de Rio Bravo. O trecho inicial que levava ao Lar era cercado e possuía um portão.

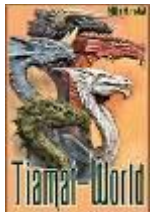
Rule parou o carro ao chegar na entrada. Um homem jovem usando uma bermuda, e nada mais, estava esperando para abrir o portão. Seu aspecto era saudável e parecia simpático, estava cheio de sardas e ia descalço; um homem lobo estilo Jimmy Olsen³¹. Um *walkie talkie* estava preso em sua cintura.

Depois de abrir o portão não se afastou para que pudessem passar, mas sim se aproximou da janela do condutor. Rule a baixou.

— Sammy.

— Olá, Rule. Benedict disse que leve a sua convidada à casa do *rho* antes que se dirija ao

³¹ Personagem de ficção criado para o Superman, de DC Gibis. É um jornalista ruivo cheio de sardas.



ritual.

Rule olhou levemente para Lily.

— Pode lhe dizer que recebi sua mensagem.

O homem jovem franziu o cenho.

— Não me entendeu. É o *rho* que quer vê-la, não Benedict. — Olhou dentro do carro, curioso por ver quem era a convidada de Rule.

Rule não a apresentou. Seus dedos repicaram sobre o volante e concordou. O homem jovem se retirou e eles passaram pelo portão.

— Ao que parece — disse Rule —, vai conhecer meu pai depois de tudo.

— Bom.

— Suponho que você fala como a detetive que tem um caso para resolver, e não como a mulher com que tenho uma relação.

Lily quis dizer que não tinham nenhuma relação, mas as palavras engasgaram. Limitou a aspirar ao aroma de Rule. Fosse o que fosse aquilo, não era exatamente uma relação. Mas não disse nada.

Ao atravessar o portão, um caminho de cascalho rodeava a encosta rochosa de uma montanha e descia para um vale comprido e profundo. Escondido nesse vale havia o que parecia ser uma aldeia. Dois cães, um terrier e outro uma mescla de collie e de outra raça, os seguiram ao aproximar-se do povoado.

Lily não esperava encontrar cães ali. Parecia que não combinava com todo esse assunto sobre lobos.

Não havia cercas nem, ordenadas quadras de casas que distinguissem a aldeia da natureza selvagem. Algumas casas modestas de estuque³², madeira ou de adobe³³ se agrupavam sem ordem em torno de uma rua principal. Outras apareciam entre os pinheiros e carvalhos cobrindo ambas as encostas. Passaram em frente a um posto de gasolina, um pequeno mercado, uma cafeteria, uma lavanderia e um restaurante.

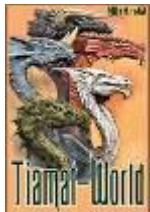
Também havia pessoas. A estrada rodeava uma área coberta de grama um pouco maior que um campo de futebol e havia vários grupos de pessoas reunidas nele. Chegaria a ver o lugar da cerimônia? Igual ao que vigiava a porta, os homens vestiam calças curtas, e ponto. As mulheres... por que tinha acreditado que não veria mulheres? Também vestiam calças curtas, mas calçavam sapatos e usavam camisetas ou tops. Algumas saudaram, outras simplesmente a olharam quando passaram.

Estrada acima uma adolescente estava sentada nas escadas do alpendre de uma pequena casa de estuque, e bebia um refresco em uma lata. Levava um vestido leve... e tinha um braço apoiado no lombo de um lobo enorme que tomava sol e ofegava feliz junto a ela.

O lobo virou a cabeça para ver passar o Mercedes.

³² É uma pasta fina de calcário, de mármore em pó e pigmentos naturais. É usado principalmente para rebocar paredes e tetos.

³³ São tijolos de terra crua, água e palha e algumas vezes outras fibras naturais, moldados em fôrmas por processo artesanal ou semi-industrial.



O lar do *rho* estava localizado no alto de uma encosta no final da rua. Era uma grande casa de estuque coberta de telhas vermelhas. Encantadora, mas nada tinha a ver com uma mansão. Não era o que Lily teria esperado de um homem que possuía trezentos milhões.

Rule conduziu para a entrada da casa e Lily viu um homem de pé em um canto. Era de meia idade e ia quase nu, como todos os que ela viu até agora.

Sustentava uma faca na mão. Com uma lamina de uns oitenta centímetros.

— Meu Deus, quem é? O guardião do palácio?

— Algo assim.

Rule estacionou em frente da casa. O guardião os observava. Não parecia tão simpático como o do portão.

— Isto não diz muito a favor sobre o seu argumento de que todo mundo é feliz sem direito a votar.

— Desconhece a situação.

— Me informe então.

— Não sei o que o *rho* quer que saiba.

— E não toma decisões como essa sem o consultar?

— Não quando estou falando com a polícia. — Abriu a porta do carro.

Lily fez uma ameaça de lhe tocar. Não sabia o que ia dizer, nem teve tempo de descobrir. A porta da casa se abriu de repente e um menino saiu correndo.

— Papai! Papai!

Rule saiu do carro igualmente precipitado. Estava chegando ao menino antes que Lily desprendesse o cinto de segurança. O rosto de Rule estava cheio de uma intensa alegria que fez que Lily se sentisse envergonhada, como se estivesse intrometendo-se.

Saiu do carro lentamente quando pai e filho se encontraram. Rule levantou o menino e deu voltas com ele, logo o sentou em um ombro tão facilmente como quem coloca uma bolsa. O menino tinha o cabelo liso e curto, um pouco mais escuro que o de Rule, um queixo menos proeminente. Não possuía barba, é claro. No resto, era a viva imagem de seu pai.

Embora possivelmente a semelhança se acentuasse, porque os dois expressavam a mesma felicidade.

— O que faz aqui? — perguntou Rule — E suas lições?

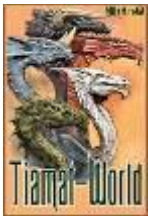
— É hora do almoço! — gritou o menino, indignado — Mas já acabei com os exercícios de ortografia, e sei todos os estados e suas capitais, e Nettie diz que depois estudaremos matemática. — Fez uma careta de desgosto — Eu não gosto de matemática, sabe?

— Eu sei. Mas cada vez que você estuda, melhora nas divisões. E caralho, você já tem as malditas multiplicações dominadas. Quanto é sete vezes sete?

— Quarenta e nove! E eu acredito que não deve dizer “caralho”.

— Tinha esquecido. Quero que conheça alguém, *ma animi*.

— Sim? — Virou a cabeça e, ignorando o guardião, em seguida viu Lily — É uma garota. — Estava surpreso.



— Uma senhora — corrigiu Rule — Lily, este é meu filho, Toby Asteglio. Toby, esta é Lily Yu.

— *Tu*³⁴?

— *Yu*. É um nome chinês — disse — Parecido como um sobrenome, como se estivesse sempre falando com outra pessoa. Entendeu? Mas em chinês tem muitos significados, dependendo de como se escreve.

— Sabe falar chinês?

— Às vezes. Quando estou com minha avó.

— Que legal. Meu amigo Manny está me ensinando espanhol. Seus pais falam em espanhol todo o tempo e nunca entendo o que dizem. Mas ainda sei muito pouco. Posso contar até vinte. *Cómo está usted?*

— *Muy bien, gracias* — disse Lily séria — *Y usted?*

— Também sabe falar espanhol! Ei, papai! — Tocou a bochecha de seu pai — Ela fala espanhol. Talvez possa me ensinar, enquanto estou aqui, para que não me esqueça do que sei. Gammy diz que está louco porque me fez vir do outro lado do país — acrescentou — E que se não estiver, deveria começar a amadurecer. Acredito que não deveria ter escutado essa parte.

— Provavelmente não — Disse Rule — Entretanto, estou trabalhando nisso de começar a amadurecer.

— Não falava por mau. Diz isso um montão de vezes. Se me esqueço de fazer os deveres, diz que eu tenho que amadurecer. Mas fico feliz de que você não fez, porque assim posso ficar aqui muito tempo.

Uma mulher alta com o cabelo grisalho encaracolado e comprido até a cintura saiu da casa.

— Toby, tem que acabar a comida, ou Henry acreditará que está incubando algo.

— Não estou doente!

— Você sabe e eu sei, mas Henry não acreditará em nós. — A mulher vestia shorts de correr e um top para fazer esportes. Sua pele era da cor cobre, tanto de nascença como pelo sol, e estava muito em forma, o que fazia difícil determinar sua idade.

— Olá, Rule. Toby certamente conhece o som de seu carro. Começou a gritar na cozinha como se estivesse sentado sobre um fogueiro.

— São sanduíches — informou Toby a seu pai — Mas foram feitos com o pão do Henry, assim estão muito bons. — dirigiu-se a Lily —: Ele mesmo faz o pão. Gammy compra a farinha, mas Henry o faz. Às vezes me deixa ajudar. — Voltou sua atenção para Rule —: Quer comer comigo?

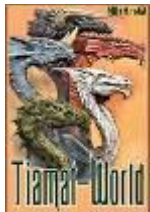
— Possivelmente a senhorita Yu coma depois de falar com seu avô — disse Rule — Agora mesmo, eu não posso.

Toby fez uma cara de decepção.

— Ah, sim, esqueci. Não pode entrar. Mas depois do ritual...?

— Virei te ver — disse Rule com carinho — Se te esforçar com as divisões, você e eu iremos fazer um passeio até o arroio. — Baixou o menino de seu ombro, deu um beijo em sua testa e um

³⁴ Jogo de palavras entre a pronúncia da palavra “you” com o sobrenome “Yu”.



suave tapinha nas costas — Vai comer.

Toby não se moveu. Lily viu Rule na atitude teimosa do menino.

— Eu gostaria de ir contigo.

— Claro que você gostaria. Mas os meninos não podem ir, coisa que sabe muito bem. Agora se encarregue de suas obrigações e eu me encarregarei das minhas.

O menino suspirou dramaticamente.

— Foi um prazer conhecê-la, senhorita Yu. Talvez depois possamos conversar um pouco em espanhol.

— É obvio — disse encantada. E sentindo-se um pouco culpada. Essa não era a relação impessoal e distanciada que imaginou — Embora eu também não saiba muito.

— Não importa. Eu também não sei. Adeus! — E correu para a casa, no que ela suspeitava que fosse seu estilo habitual: precipitadamente.

Lily olhou brevemente o guardião. Os outros agiam como se não estivesse aí, mas era um pouco difícil ignorar um homem com uma espada. Bom, com um facão, corrigiu. Possivelmente não medisse oitenta centímetros. Possivelmente fosse um pouco menor. Falou com Rule em voz baixa.

— Seu filho é encantador.

— Também acho. — Rule observou a porta pela qual Toby desapareceu e depois se virou para Lily — Temo que não vá entrar contigo.

— Como assim?

Rule sacudiu a cabeça e assinalou à mulher alta que permanecia de pé, em silêncio.

— Esta é Nettie Dos Caballos. Acredito que a levara para ver o *rho*. Nettie, esta é a detetive Lily Yu. Estava esperando ela?

— Sim. — estendeu a mão. Lily a apertou e percebeu um pingo de magia no mesmo momento em que um enérgico apertão que dizia “nada de tolices”. Magia nativa. Encontrou outros casos antes.

— Rule só me apresentou pela metade — disse a mulher — Sou a doutora Dos Caballos. Não é que seja obrigada a me chamar assim. O céu sabe que por aqui ninguém o faz. — Tinha um ligeiro e amplo sorriso — Tampouco acredito que não pareço ser uma doutora.

— A maioria dos médicos não usa jalecos em casa.

— E se pergunta se esta é minha casa. Bom, o Lar do Clã é. Mas não esta casa concretamente. Tenho um paciente aqui. — Fez uma careta — Um paciente condenadamente difícil.

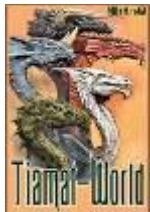
Rule sorriu secamente.

— Obviamente está acordado.

— E recuperando-se bem, dadas as circunstâncias. Mas o quero de volta, dormindo o quanto antes possível. O que significa que será melhor que leve Lily para o ver agora mesmo.

Rule assentiu.

— A verei logo. — Lançou para Lily um olhar que ela não pôde decifrar e tocou sua bochecha



— Tome cuidado.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Quer dizer, “Tome cuidado, detetive”.

Ele riu. Depois, em vez de voltar para seu carro, cortou caminho e começou a correr tão facilmente que era um puro prazer observar.

— É bonito ver ele em movimento, não é verdade? — disse à mulher que estava atrás de Lily

— É assim com todos eles. Nunca me canso de observá-los.

Lily emitiu um som pouco comprometedor, envergonhada de que tivesse pegado ela olhando.

— Não sabia que Isen Turner estava doente. Espero que não seja nada grave.

— É grave, mas não está doente. Vamos entrar. Posso contar alguma coisa, mas terá que reservar suas perguntas para Isen. — Começou a caminhar em direção a casa.

Lily olhou uma vez mais o homem do facão e logo a seguiu.

— Também não sabia que o filho de Rule estava de visita.

— *Mmm*. Diga-me, como devo chamá-la? Detetive? Ou Lily?

Quer dizer, que queria saber o que significava Rule ter tocado sua bochecha. Bom, Lily também.

— Estou aqui como parte de uma investigação.

— Lamento ouvir isso. Faria se sentir incômoda se te pedir que tire os sapatos para entrar? É o costume daqui.

— É obvio que não. — Embora, de fato, o fazia sentir-se um pouco estranha, porque era algo que só fazia na casa de sua avó.

Ao cruzar a porta, Lily se deteve para olhar a seu redor uma vez que se agachava para tirar sapatos de salto baixo que usava com seu traje de linho. O hall de entrada era amplo, com ladrilho no chão, e uma claraboia no teto. Acabava em umas portas de vidro que estavam abertas e davam para um átrio. Duas portas, de ambos os lados conduziam respectivamente a sala de jantar e a outro vestíbulo.

Um som de passos chegou da outra porta. Outra vez um *déjà vu*, pensou Lily levantando-se. Sentia os ladrilhos frios com seus pés descalços. Percebeu a magia através das solas dos pés, ligeiramente, um zumbido confuso como o que percebeu na cena do crime.

Magia lupi. Magia que Rule não possuía. Virou-se para olhar sua guia.

— Se o senhor Turner não estiver doente, então está ferido.

— Sim. Como você é oficial de polícia, suponho que não ficará.

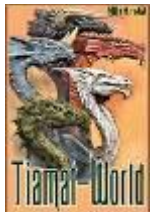
— Trabalhar no patrulhamento de tráfego geralmente te cura disso.

— É obvio. Como trabalhar em emergências, presumo. Agora você é detetive?

— Sim. Homicídios.

A mulher arqueou as sobrancelhas como único comentário, e não fez as perguntas que Lily esperou que fizesse. Em troca, se dirigiu para a porta da direita.

— Os lupi curam melhor se as feridas ficam descobertas, como já viu, necessitam de pudor.



Isen não está enfaixado nem vestido e não é uma imagem agradável nesse momento. Começam a crescer a pele e algum músculo superior à ferida do abdômen, mas...

— Um momento. Tem um ferimento de bala e não está em um hospital?

Nettie parou um momento e olhou Lily por cima de seu ombro.

— Em geral, os lupi odeiam os hospitais. Há razões para que o *rho* permaneça aqui, e cuidamos bem dele. Embora sempre tenha a possibilidade de que entre em estado de choque. Por isso o mantenho em sonho o maior tempo possível.

— Como e quando foi atacado?

Um sorriso cruzou o rosto da mulher.

— Você é rápida. Mas guarde as perguntas para o Isen.

— Certo. Mas esta é para você, usou um par de vezes essa palavra, “o sonho”. O que significa?

— É um transe curador. Em geral ajuda a curar qualquer um, mas os lupi se beneficiam muito mais dele, já que por natureza se curam mais rápido. Elimina qualquer possibilidade de que o paciente entre em estado de choque.

A mulher começou a caminhar de novo, e se dirigiu para uma porta com painéis de madeira no final do corredor.

— Suponho que você é algum tipo de médica particular.

— Me formei em medicina em Boston, e logo aprendi práticas *xamânicas*³⁵ com meu tio.

Lily assentiu. As práticas *xamânicas* tinham relação com a magia da terra, o que encaixava com o que percebeu ao apertar a mão da mulher. Embora se surpreendesse em encontrar uma *xamán* treinada naquele lugar. Os curandeiros indígenas eram muito solicitados, sobre tudo pelas pessoas de Hollywood, mas não havia muitos que decidiam abandonar as reservas. E muito menos eram os que estudavam também medicina.

— E trabalha aqui, no Lar?

— Aqui e em Rio Bravo. E às vezes faço consulta em outros lugares. Chegamos — disse, e bateu na porta com um par de golpes secos. Depois a abriu.

Quase dois metros de sólidos músculos masculinos bloquearam a entrada. Este lupus vestia umas calças jeans cortadas pela metade da coxa e seu peito era o mais impressionante que Lily já viu. Era liso sem pelo, com uma tira de couro atravessada.

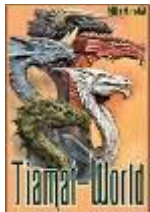
Igualmente impressionante era o facão que segurava em sua mão como se quisesse espetar a próxima pessoa que cruzasse pela porta.

Capítulo 12

— Benedict — disse Nettie Dos Caballos exasperada — Sai daí.

— Tem uma arma — disse o homem tranquilamente — Não pode apresentar-se armada

³⁵ O xamanismo é um termo usado em referência a práticas etnomédicas, mágicas, religiosas e filosóficas, envolvendo cura, transe, metamorfose e contato direto entre corpos e espíritos de outros xamãs, de seres míticos, de animais, dos mortos, etc.



diante do *rho*.

Lily já viu o suficiente.

— Tire essa faca de minha frente.

Não se moveu. Seus olhos eram escuros e sua pele de cor cobre como a de Nettie. Uma bainha menor estava pendurada na cintura, fios prateados abundavam em seu cabelo e o rosto não mostrava expressão alguma.

— Embainhe — repetiu Lily — Ou te prendo por ameaçar com uma arma uma oficial de polícia.

Uma risada apagada surgiu de atrás do homem armado.

—Seria interessante ver como faz isso, mas não temos tempo. Benedict deixe. Pode ficar com sua arma.

Aquela voz era inclusive mais grave que a do guardião, e parecia que surgia do fundo de um poço. Com um movimento rápido e suave, o gigante impassível saiu para o lado, embainhando o facão na capa nas costas. Nettie Dos Caballos entrou no quarto e Lily a seguiu.

Era um dormitório enorme, tudo de madeira e muito masculino, com vigas à vista no teto e o que parecia ser uma tapeçaria medieval em uma das paredes de cor verde bosque. Um violoncelo descansava em uma parede. Os móveis eram negros e ligeiramente brilhantes; e os tinham movido para acomodar uma cama de hospital no centro do quarto. No meio daquela cama havia um homem com uma intravenosa em um braço. Não se parecia nada com Rule. Suas feições muito marcadas e um nariz proeminente. Era difícil adivinhar sua idade. Cinquenta? Sessenta? E sim, estava totalmente nu, a não ser por um emplastro que cobria um olho.

Seu aspecto era péssimo.

A ferida que nascia em sua bochecha, e seguia abaixo do emplastro do olho, estava coberta por uma densa crosta. Uma pele rosada recém-formada aparecia pelas bordas e se perdia no que ficava de uma barba grisalha. As profundas feridas do corpo cheio de pelos começavam debaixo do mamilo esquerdo e continuavam até o estômago, e mais abaixo, quase até chegar as suas genitálias... que não pareciam ter sofrido dano algum. O abdômen se afundava, como se debaixo da pele nem todos os seus órgãos estivessem em seu lugar. Não podia ver o braço esquerdo, mas a mão direita só tinha dois dedos. O resto era cotocos de dedos mutilados e rosados.

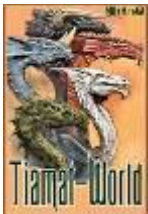
— O que? — perguntou Lily — O que significa tudo isto?

— Por favor, desculpe meu filho — disse o *rho* dos Nokolai — É o responsável por minha segurança e leva seu dever muito a sério. Nossos costumes ditam que ninguém pode chegar armado em minha presença.

Seu filho? Lily resistiu o impulso de olhar Benedict para procurar alguma semelhança com Rule e caminhou até a cama sem deixar de observar o seu mutilado ocupante. Já interrogou pessoas feridas gravemente, mas normalmente estavam vestidos. Era... perturbador.

Mas possivelmente era isso o que o *rho* pretendia.

— Você queria me ver. Sou policial, os policiais usam armas, e sei que você não é um idiota. Podia ter me avisado da arma antes que eu entrasse aqui. Por que esta recepção tão teatral? Por



acaso quer me chatear ou quer que eu sinta pena por você? Ou era somente para deixar claro quem está no comando?

O único olho visível do *rho* a observava profundamente... divertido.

— Se meu objetivo era incomodá-la, consegui. Não quer sentar-se?

Como não havia nenhuma cadeira à vista, Lily esteve a ponto de fazer outro comentário sarcástico. Mas acabou que Benedict era útil para outras coisas além de pôr uma cara ameaçadora, e aproximou uma poltrona com uma só mão, tão facilmente como quem leva uma cadeira de plástico de jardim. Depois voltou para sua parede.

Lily estava obrigada a dar as costas para ele ou se negar a sentar-se. Está bem, disse enquanto se sentava. Isen Turner gostava de jogar. Ela podia enfrentar isso. Passou toda sua vida jogando o mesmo com sua avó.

— Soube que sofreu um ataque e quase o matam. Quem é o responsável?

— Não recordo nenhum ataque — disse inocentemente — Possivelmente sofri uma concussão na cabeça que afetou a minha memória. Cheira a meu filho. Ao mais novo — acrescentou.

— Está começando a me encher.

O *rho* fez um som apagado e a pele cheia de vultos de seu abdômen tremeu.

— Ah... — disse depois de uns instantes — Isso doeu. Ainda não posso rir sem que me doa. Nettie quero que vá olhar se Toby está fazendo os deveres. Ou pode ir preparar uma de suas poções.

— Agora mesmo não tem duodeno³⁶ suficiente para digerir nenhuma poção, mas sei quando estou sobrando. Vou, mas diga rápido o que tem que dizer. Te dou quinze minutos.

— Trinta.

— Quinze, e quando voltar o colocarei outra vez em sonho.

— Essa mulher não entende de pechincha — disse o *rho* enquanto observava Nettie Dos Caballos fechar a porta ao sair.

Lily pensou que Nettie entendia perfeitamente, mas só pechinchava quando se via obrigada. Aparentemente, ela não necessitava, o que era interessante. Igual ao fato de que o *rho* dispensou Nettie, mas não Benedict, o do facão.

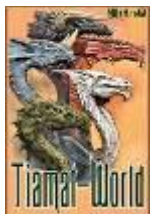
— Quinze minutos não é muito tempo — disse Lily — Desconfio que saiba do que quer falar. Eu também. Possivelmente deveríamos deixar os duelos para outra ocasião.

— Por que não? Não tremeu por muito que eu me tenha esforçado. Nem sequer cheira a medo. Perguntou-me por que será.

— Seu filho, que está atrás de mim com esse estripador de pessoas gigante, não dará um passo sem que você ordene. E não me fez vir até aqui para me abrir ao meio.

Uma sobrançelha grossa se arqueou, e subitamente viu uma semelhança com Rule, não nas feições, a não ser na expressão.

³⁶ O duodeno é um tubo de cerca de 2 a 3 centímetros de diâmetro e 25 centímetros de comprimento que liga o estômago ao intestino delgado.



— E, entretanto, até as pessoas mais sensatas nos temem, ao menos no princípio. A lógica pode dominar o medo, mas não eliminá-lo.

— A curiosidade também é eficaz contra o medo. E eu sou muito curiosa. Por exemplo, me pergunto sobre seus atacantes. Diz que não se lembra deles. — Lily assentiu como se tudo aquilo tivesse algum sentido — Mas se quisesse especular, de quem suspeitaria?

— Bom. — O olho do *rho* brilhava de diversão e simpatia — Me perguntaria se os Leidolf tiveram algo a ver, ouvi um rumor de que três membros de seu clã sofreram vários acidentes desafortunados enquanto estavam em forma de lobo. Como se tivessem participado de uma briga.

— Conhece seus nomes?

— Temo que não, mas já não importa. Estão mortos.

E não era um crime matar lupi em forma de lobo, assim Lily ficou sem nada ao que agarrar-se para seguir com sua investigação.

— Me perguntou quem será o líder do clã Leidolf.

— Posso imaginar por que sente curiosidade por isso. — Sorriu, e não disse nada mais.

Lily empregou esse truque por várias vezes. Deixar cair um vazio na conversa. A maioria das pessoas se via obrigadas a preenchê-lo e muitas vezes diziam mais do que queriam dizer. Ela sorriu.

O *rho* riu.

— Gosto de você, Lily Yu. Já sei que não se importa, mas eu pensei que seria bom mencioná-lo. Como disse antes, deixemos os duelos antes que minha guardiã volte. Mencionou que quer falar comigo sobre algo. Acredito que é sobre a investigação de assassinato.

— Sim, há um assassino solto e o tenho que prender. Para conseguir, necessito de liberdade para falar com sua gente. Não serão de muita ajuda se você não der o consentimento.

— E, entretanto, eu não gostaria de ver atrás das grades nenhum membro de meu clã. E muito menos o meu herdeiro.

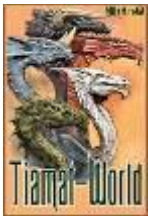
Lily negou com a cabeça.

— Não. Convém me ajudar porque seja quem for o assassino, tentou culpar seu filho. O outro, não o que está atrás de mim. — Isto surpreendeu o *rho*. Bem. Lily estava se arriscando, confiando que, o que descobriria naquele lugar justificaria que oferecesse um pouco de informação confidencial.

— É uma suposição sua?

— Tenho provas. E tenho intuições, e estas me dizem que o clã Nokolai está conectado com todo este assunto de algum jeito. Possivelmente seja este o objetivo. Em primeiro lugar, alguém quer que seu filho seja preso. Em segundo lugar, hoje vai se celebrar uma cerimônia. Vão realizar uma nova aliança e me pergunto por que. E logo tem você e o ataque que não lembra. Parece que alguém jurou sua família. Quero saber quem e por que.

— Não posso dizer quem — disse lentamente — Mas posso dizer o por que. Os Nokolai são a favor do “Projeto de lei de Cidadania para Outras Espécies”. E há muita gente que faria o que fosse



para que não passasse.

Lily podia acreditar nisso, mas...

- Foram um ou vários lupi que atacaram você, e foi um lupus o que matou Carlos Fontes.
- Os humanos não são os únicos temem as consequências de que se aprove essa lei.

Lily avaliou a resposta. O projeto de lei constava de duas ideias principais. Por um lado, definia oficialmente como não humanos a todos os que pertenciam à Estirpe; e isto já era muito considerando que muitos destes seres nunca foram classificados. Por outro lado, garantia a cidadania a alguns deles, incluídos os lupi.

Lily mencionou a parte do assunto que a inquietava.

- Por acaso não querem ser legalmente não humanos?

O *rho* desprezou o comentário com um gesto de sua mão coberta de cotocos.

— Humanos, não humanos, o que é que nos divide? A genética? Podemos procriar com vocês, mas isso não nos faz como vocês. Os nomes não importam. Nós sabemos o que somos. Não, o que alguns curtos de ideias temem é o efeito que terá essa lei em nossa cultura, nosso governo e nossos costumes.

— Para começar, seria ilegal atirar em um lupus em sua forma coberta de pelo. Isso deveria ser um estímulo. Mas tampouco poderiam vocês, matarem uns aos outros.

— O que nos mudaria muito mais do que imagina. Sempre há algo de selvagem em nós, e escondê-lo é cada vez mais difícil neste mundo super povoado e computadorizado. Temos que nos adaptar para sobreviver. Alguns não o vêem tão claro. O único conseguem ver é que terá que mudar as regras do Desafio.

O quadril de Lily vibrou, não pela magia, mas sim por seu celular que ela deixou no silencioso.

— O que é o Desafio? — disse, enquanto tirava o telefone do bolso. Olhou quem chamava — Um momento. Tenho que atender esta chamada.

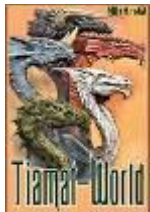
Um minuto depois, com a cara muito séria, Lily se levantou e devolveu o celular a seu bolso.

- Tenho que voltar para a cidade agora mesmo. Houve outro assassinato.



Rule cheirou seu irmão mais velho antes inclusive de o ver. Benedict não cheirava como se estivesse alarmado ou preocupado, entretanto, Rule prosseguiu com a cerimônia enquanto uma parte de seu cérebro se perguntava o que é que teria afastado Benedict do *rho*. Era improvável que fossem boas notícias.

Mas só uma parte de seu cérebro estava preocupado. A parte humana. A maior parte dele estava concentrada na comunhão íntima com o mundo, sentindo a grama e o pó sob suas patas, os sons desordenados emitidos pela gente que rodeava a ele e ao *rho* dos Kyffin. Os que presenciavam a cerimônia estavam em silêncio, alguém movia um pé de vez em quando, o ar soprando através dos corpos, do cabelo. As respirações dos que estavam mais perto dele. E o ar mesmo, tão cheio de aromas e odores que era como sorver o mundo cada vez que inalava, e logo



exalava sua própria essência de novo ao mundo. Se com a vista, percebessem as coisas mais amplas, com menos cores e menos brilho, a perda desse sentido passaria sem pena nem glória diante tanta riqueza sensorial.

Desejava correr. Correr pelo prazer de correr. Mas a parte humana não desapareceu nem estava eclipsada. Especificaram os termos da aliança enquanto ele e Jasper ainda caminhavam sobre duas pernas, mas o acordo não tinha sentido sem submissão. Rule esperou imóvel, enquanto o *rho* dos Kyffin se aproximava.

Jasper era um lobo formoso, mais miúdo e lustroso que Rule, com uma pelagem de cor castanha e uns olhos amarelos que assemelhavam, segundo Rule, à forma lobuna de Cullen. Pelo que recordava de quando eram jovens, Jasper era tão rápido como um relâmpago, e era um perfeito macho dominante, como deveria ser um *rho*. Não seria fácil para ele submeter-se.

Também tinha o infeliz costume de deixar que o lobo o dominasse. Por isso quando se aproximou de Rule, o cabelo arrepiado e cheirava fortemente a *seru*. E por isso, em seguida se atirou ao chão, mostrando sua barriga como um cachorrinho que quer que lhe acariciem.

Houve algumas risadas sufocadas. Rule pensou que era uma situação que refletia a tensão do ambiente enquanto baixava a cabeça para cheirar a barriga de Jasper. Normalmente, antes da submissão, uivava um pouco e havia um breve combate. Não com a intenção de fazer mal, a não ser para demonstrar a força de cada um e exercer autoridade antes da submissão. Jasper havia dito a Rule que não acreditava que a luta simulada fosse uma grande ideia. Preocupava-se que pudesse se deixar levar. Rule não o teve em menos consideração por isso. Um bom líder deve conhecer sua debilidade igual a suas virtudes.

Rule percebeu o aroma do medo junto com o do *seru*, o aroma do lobo e o aroma individual do Jasper, mas não essa mescla fedorenta que delatava culpa.

Uma vez aceita a submissão, Rule se retirou e deu por terminado o ritual. Ao não ter atacado Jasper, Rule demonstrou que aceitava que Jasper não teve nada que ver com o ataque a seu pai, restaurando a honra do Jasper a olhos de outros clãs. Como recompensa, os Kyffin se submeteriam aos Nokolai durante um ano e um dia.

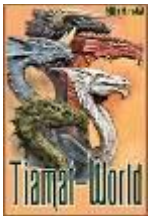
Chegado este momento era normal que houvesse um pouco de movimento, já que alguns membros de ambos os clãs, sobre tudo os mais jovens, aproveitariam para confraternizar em forma de lobo. Rule contava que teria que permanecer como lobo para atuar de anfitrião e evitar que os jogos se voltassem muito selvagem. Mas procurou a procedência do aroma de seu irmão e localizou Benedict de pé diante do círculo de testemunhas, perto da roupa do Rule.

Benedict fez o pequeno gesto circular que indicava “Troca”.

Com pesar, Rule obedeceu. Deixou-se levar e executou o ritual que a terra exigia dele. Foi quase indolor, com suas patas cravadas no chão do terreno do ritual. Em uns segundos, caminhava nu sobre duas pernas e o mundo desapareceu para todos os sentidos exceto para a visão.

Jasper se pôs de pé e olhava Rule com sua cabeça virada.

— Sinto muito. Benedict necessita minha presença, mas, por favor, desfrute da amizade dos Nokolai na forma que deseje. — Rule olhou ao redor e seus olhos tropeçaram com um dos



conselheiros mais velhos; fez o mesmo gesto que Benedict havia feito para ele. Os olhos do homem aumentaram pela surpresa, mas trocou obedientemente. Seth seria um bom anfitrião, uma necessidade além de uma cortesia. Seth poderia manter no limite os jovens Nokolai. Estavam acostumados a o obedecer.

Jasper observou o conselheiro em forma de lobo, Benedict e de novo a Rule. Assentiu e se sentou, à espera que Seth se aproximasse dele. Rule correu para Benedict.

— O que acontece? — disse enquanto pegava a roupa que seu irmão lançava.

— Sua detetive precisa voltar para a cidade agora mesmo. — Um sorriso apagado cruzou seu rosto inexpressivo — Não há fez muito feliz ter que te esperar.

Rule colocou as calças.

— O que aconteceu?

— Uma chamada telefônica. Outro assassinato.

Rule amaldiçoou, acabou de pôr as calças e colocou um pé em cada sapato.

— Quem? Onde?

— Não nos disse, mas, é obvio, ouvi. Acredito que ela não se deu conta de que podemos fazer. Therese Martin, 1012, Avenida Humstead, apartamento 12.

— Uma mulher? — perguntou Rule sem poder acreditar — Atacada por um lupus?

— É o que acredita a polícia. Conhecia-a?

— Não acredito... — Mas o nome era familiar — Humstead está perto do clube. Possivelmente a conhecesse. Maldito seja, malditos sejam todos. — acreditava que ia levar Toby ao arroio. Contava com isso. E o menino também. Que tivesse que ir tão logo seria uma amarga decepção. Mas inevitável. Dirigiu-se apressado para a casa. Os que andavam por ali, sobre duas pernas ou quatro patas, olharam eles passar com curiosidade e abriram caminho.

— Toby? — Rule fez do nome uma pergunta.

— Nosso pai diz que falará com ele. Não deixará que Nettie o devolva ao sonho até que fale com ele. E você também tem que falar. Com sua escolhida.

Não havia nada que pudesse acrescentar a isso, assim Rule guardou silêncio. Lily não ia aceitar a verdade tão facilmente.

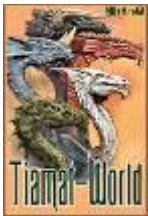
— Isen falou com ela sobre a conexão entre seu ataque, o Projeto de lei de Cidadania e o assassinato que está investigando, uma vez que ela admitiu que já não é suspeito. Tem provas.

— Tem o que? — Rule teria que ter se sentido aliviado, mas o primeiro que o assaltou foi à ira. Ela contou a seu pai, mas não a ele. Um segundo depois compreendeu os motivos de Lily, mas não fez se sentir melhor. Não contou porque ela queria que houvesse uma muralha entre eles, quanto mais alta melhor.

As boas notícias eram que Isen tirou o veto de dar informação à polícia, ao ser ele mesmo quem falou da conspiração com Lily. Agora era livre para decidir quanto queria contar a ela.

— Acredita que mentiria sobre as provas? — perguntou Benedict.

— Não sei. Não acredito, mas como posso estar certo? Estou tentando conhecê-la mais rápido que posso, mas ainda não sei tudo sobre ela.



— Penso que não. — Benedict permaneceu em silencio durante alguns passos — Nosso pai gosta dela.

Isto alegrou ligeiramente o coração do Rule. É obvio que sabia por que Isen mandou chamar Lily. Benedict falou dela e seu pai queria conhecer a escolhida de Rule. E o *rho* devia auxiliar já que logo seria um novo membro do clã, embora ela não suspeitasse nada.

Rule rezou para que tudo saísse bem.

Lily esperava junto ao carro, com Toby. Ou Lily gostava muito de roupas formais, ou acreditava que eram muito convenientes para esconder sua pistola. Este era negro, possivelmente um comentário zombador à limitada paleta de cores que ele mesmo vestia. Levava o cabelo preso em uma trança francesa, proporcionando a Rule uma visão muito clara da suave linha que ia da mandíbula até sua bochecha e da expressão séria em seu rosto.

Sentiu uma forte onda de desejo que fez contrair os músculos do estômago. Seu pênis reagiu levemente. Para quando chegasse até ela, Lily poderia dar conta perfeitamente bem de quanto se alegrava em vê-la.

Lily estava concentrada no que fosse que Toby estava contando. Rule diminuiu o passo, captou algumas palavras da conversa e sorriu relaxando um pouco. Embora Lily já devesse estar ficando nervosa, porque estava “falando em espanhol” com Toby.

Então Mick saiu da casa e o sorriso do Rule desapareceu.

Benedict o repreendeu com dureza.

— Já sei, já sei. — Rule suspirou e parou — Controle. Sabe, não foi muito difícil me controlar no terreno do ritual, faz um momento.

— Porque você gosta do Jasper.

E isso não era mais que a verdade. Gostava de Jasper, e não podia dizer o mesmo de Mick.

— Não falou de Lily.

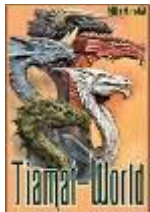
— Só para Isen. E imagino que ele o terá comentado com Nettie.

— Provavelmente. Mas ela não dirá nada. — A esta altura e dada à direção do vento, Mick já tinha que ter cheirado Rule, mas nem sequer os olhou, e seguiu pelo caminho até se reunir com Lily e Toby. Sorria. Disse algo adulator sobre o penteado de Lily, e riu quando ela o atravessou com seu olhar de policial durona.

Rule sabia que atraía às mulheres. Sempre o fez, e as satisfazer fora seu prazer mais absoluto. Mas o prazer estava apoiado em uma excitação sensual, com um traço de popularidade acrescentada à mescla em alguns casos concretos. Mick não atraía instantaneamente a esse tipo de mulheres, mas elas se divertiam com ele. Atraía-lhes que fosse brincalhão e tivesse senso de humor.

Rule pensou que o sonho de todo adolescente era que todas as mulheres que conhecesse desejassem deitar-se com ele. Mas Rule era um adulto. Também queria que gostassem dele de outra maneira. Queria... não, necessitava que Lily gostasse dele, e suspeitava que ela preferisse alguém como Mick antes que ele.

E isso era patético. Obrigou a centrar sua atenção no agora.



— Na próxima vez que o *rho* desperte, o faça saber que dei por retirada a proibição de falar sobre a conspiração agora que ele deu o primeiro passo.

— Farei. — Benedict estendeu sua mão — E quando chegar à hora darei boas-vindas a que foi escolhida para ti.

— Obrigado. — Rule estreitou o antebraço de Benedict. Nunca duvidou de que sua família aceitaria Lily, mas a brecha entre aceitá-la e recebê-la como mais uma no clã era difícil de passar.

Benedict respondeu brevemente ao gesto do Rule e voltou para a casa. Rule caminhou para Lily tentando não dar nenhum sinal que mostrasse agressividade. Possivelmente não gostasse de ver Mick flertar com Lily, mas não tinha vontade de começar uma briga com seu irmão nesse exato momento. Não com Toby junto. Por não dizer Lily.

— Não é necessário que se apresse — disse Lily com voz fria e calculada quando Rule os alcançou — Mick diz que pode me levar.

— Voltará para a cidade comigo. — Rule levantou Toby apreciando o contato de seu corpo com o de seu filho.

— Não é necessário. — Lily olhou Rule brevemente, mas em seguida retirou os olhos.

— Temo que seja sim.

— Não quero que vá — anunciou Toby — voltou logo porque ela pediu isso, e agora vai. E eu não gosto. O tio Mick pode levar Lily.

Rule tocou a testa de seu filho com a sua própria.

— Não poderemos fazer esse passeio ao arroio. Sinto muito.

Toby assentiu.

— E nem você nem Lily entendem por que. Mas seu avô está acordado, atrasando o processo de cura, porque quer te explicar isso ele mesmo.

— De verdade tem que ir?

Rule assentiu.

Toby fez que me sobressaísse seu lábio inferior como se estivesse a ponto de chorar, e com isso sugeriu que uma explicação não era suficiente. Suspirou e se afastou, preparado para que seu pai voltasse a o deixar no chão. À medida que passava o tempo, Toby estava menos disposto a que seu pai o segurasse nos braços. Rule sabia que era normal, mas dava pena. Deixou o menino no chão.

— Irei falar com o vô para que possa descansar e curar-se. Agora está muito mal — disse Toby para Lily — Viu? Estão crescendo as coisas outra vez. Logo estará bem.

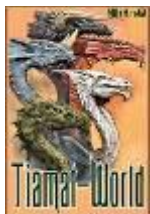
— Claro que sim. A senhora Dos Caballos cuidará disso.

— Sim, Nettie pode arrumar quase tudo. Adeus, Lily.

— *Hasta la vista* — disse ela em espanhol — Significa que te vejo logo. Eu gosto mais que dizer *adiós*.

— Sim. — Voltou seu rosto solene para Rule — *Hasta la vista*. Vai telefonar para mim esta noite?

Rule desordenou o cabelo de Toby.



— É obvio. — Chamava todas as noites, mas Toby precisava ouvir a promessa de seu pai. Rule amaldiçoou a sua mãe que não soube aceitar a natureza de seu filho, e não era a primeira vez. Essa rejeição criava uma brecha na alma do menino que nenhum pai podia reparar totalmente.

Quem podia saber melhor que ele? Mas ele pelo menos teve a oportunidade de ir ao Lar do Clã.

— A matemática — lembrou Rule. Toby fez uma careta de desgosto e correu para casa, apressado como sempre.

— Está decepcionado — disse Mick enquanto observava a porta fechar-se atrás de Toby — Sei que não sou substituto para um pai, mas posso o levar para o passeio. Não tenho que voltar para a cidade até a noite.

— Obrigado. — Toby sempre foi o ombro direito de Mick. E Rule sabia que, no fundo, seu irmão era um bom homem. Além disso, que lupus não se alegrava de ter crianças em volta?

— Embora eu também gostasse de escutar essa explicação. — A expressão de Mick se parecia muito a do Toby, um pouco de obstinação e um pouco de sentimentos feridos — Eu gostaria de saber por que não confia em mim o suficiente como para que me encarregue a preciosa detetive.

— Por Deus, Mick. Não tem nada há ver contigo.

— E não vai me contar isso.

— Agora não. E o fato é que devo uma explicação para Lily, não para você.

Mick olhou fixamente durante um momento e logo deu de ombros.

— Suponho que será melhor que vão para que Lily possa resolver esse crime. Embora desta vez não acredito que o culpem. Tem uma policial como álibi.

Lily negou com a cabeça.

— Não conheço a hora da morte, assim ainda não sabemos quem tem álibi e quem não tem. Mas tenho que ir.

— Então eu também te digo *hasta la vista* — disse Mick, a calidez de sua voz imitava a calidez de seu sorriso — Não acredito que esta seja a última vez que nos vejamos. A Dama não seria tão cruel.

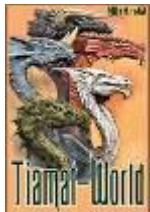
— *Hasta la vista*. Rule temos que ir, já.

Não foi sua voz que deu a Rule a ideia, nem como ela mudou o modo de dirigir-se a Mick e dirigir-se a ele foi que o irritou. Tampouco foi pelo flerte de Mick. Simplesmente acreditava que seria pura cortesia fazer uma mulher saber que a apreciava.

Lily evitou lhe encarar, como se assim, pudesse fingir não sentir atraída por ele, enquanto não o olhasse diretamente. Ele deu dois passos e se aproximou dela, parando tão perto que sentiu como seu aroma o envolvia, apesar de que todo o resto nela parecesse rejeitá-lo. O rápido batimento de seu coração disse que fizesse o que precisava fazer quanto antes fosse possível.

— Certo, vamos — disse — Mas primeiro... — Se inclinou e beijou seus lábios franzidos.

Esperava receber um murro, e não só pelo beijo. Já tinha decidido deixar que ela se vingasse.



Mas não esperava aterrissar com o traseiro no chão.

Mick riu com vontade. Rule a olhou surpreso. Lily tinha colocado sua perna atrás de seu joelho e o tinha empurrado. Caiu no chão antes que seus lábios pudessem tocar os dela.

— Nunca tome nada por garantido. — Ela abriu a porta do carro — Ah, e poderá me dar essa explicação — disse entrando no carro —, no caminho de volta. — E fechou a porta com um golpe seco.

Capítulo 13

Moça Difícil zombou Lily para si mesma enquanto prendia o cinto de segurança. Possivelmente sua reação foi um pouco exagerada... mas foi muito divertido ver a expressão de desconcerto de Rule.

Embora essa satisfação desaparecesse com a mesma rapidez que chegou. Porque, no fundo, tremia. Como aquela vez em que, sendo uma novata, foi a primeira a chegar ao local de um acidente múltiplo, com cinco veículos envolvidos. Daquela vez, teve uma boa razão para que suas vísceras se retorcessem e tremessem como gelatina. Mas agora...

Derrubou Rule porque estava assustada. Não porque não quisesse que a beijasse, mas sim porque queria. E muito.

Lily inalou lentamente. Sentia-se como um motor antigo que não saía do lugar. Como se estivesse quase chegando a um ponto de não ter volta e tivesse que decidir entre desligar o motor ou retornar à estrada.

A porta do condutor abriu. Rule entrou.

Lily fixou o olhar em algum ponto diante dela.

— Suponho que não espera uma desculpa.

— Não. — Arrancou o carro e girou para sair do imóvel — Estou surpreso, não zangado. Fazia muito tempo que ninguém me pegava tão despreparado. E também não estou pensando em te oferecer uma desculpa. Certamente não pelo beijo que não recebi. Mas sim, lamento ter feito você esperar.

Lily pensou no beijo que recebeu, e se agitou ligeiramente.

— Se for dizer para mim que há uma espécie de coisa estranha lupus que...

— Não como você acredita. Mas penso que irá considerar estranhas minhas razões. E não serão bem recebidas. — Suas palavras saíram entrecortadas, como se estivesse empurrando-as através de um estreito túnel.

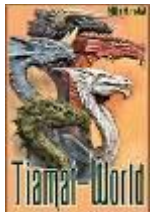
Nunca havia sentido tanto calor sentada ao lado de um homem. Nem havia se sentido tão intranquila. Mudou os canais mentais automaticamente para voltar para o que interessava.

— Isso não importa agora. Conhece uma mulher chamada Therese Martin?

— Está evitando o assunto.

— Não acredito ter dado permissão para escolher o assunto da conversa.

Rule fez um ruído estranho, algo entre a exasperação e a diversão.



— Está bem. Não que me lembre. É a mulher que morreu?

Lily lhe dirigiu um olhar duro.

— Por que isso acredita?

— Benedict escutou ambos os lados da conversa quando te chamaram.

— Isso é... — Quis dizer impossível — Você também pode fazer?

— Meu ouvido não é tão bom como o dele.

— O que não responde a minha pergunta.

— A vaidade insiste em que conserve um pouco de mistério. — Sua voz adotou um tom sério

— Se um lupus a matou...

— Sim?

— Nós não atacamos às mulheres. Não estou dizendo que seja impossível, mas um lupus que mata a uma mulher... bom, está louco.

Lily franziu o cenho tratando de lembrar outros casos de assassinato cometidos pelos lupi. Deveria ter alguma mulher entre as vítimas, não?

— Minha dedução é que Fontes foi assassinado como parte de um plano mais complexo para acabar com os Nokolai — disse Rule — Meu pai te falou disso.

— Um pouco. Tenho algumas perguntas.

— Por que será que não me surpreende? Mas esta nova morte... não encaixa. Eu não tive nenhuma relação com Therese Martin. Nem sequer a conhecia.

E, entretanto, uma vez falou com ela, e foi “muito respeitoso”.

— Era uma prostituta. Trabalha na esquina da Proctor. — E tinha uma centena de bonecas, quase todas loiras. Teria uma mãe ou uma irmã que cuidaria dessas bonecas? — Determinamos com quase total segurança que foi a última pessoa a ver vivo Carlos Fontes. Além do assassino, claro. Seu testemunho reduziu o lapso da hora da morte o suficiente para que deixe de ser suspeito.

— Merda.

— Sim, merda. — O’Brien estava encarregando da cena do crime e Mech também estava ali. Sabia que fariam um bom trabalho, mas precisava estar ali agora. Precisava estar ali, sentir o que aconteceu. Precisava tocar as coisas enquanto tivessem resíduos de magia.

Que pena que não pudesse cheirar... espera um minuto.

— Poderia captar o aroma do assassino no corpo da vítima? Se te levar até ali o suficientemente rápido, poderia?

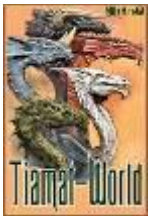
A pergunta surpreendeu Rule. Não disse nada durante uns segundos.

— Nesta forma, provavelmente não.

— Mas poderia trocar.

— Sim. Não garanto nada, mas poderia funcionar.

Quantas queixas receberiam por dar a Rule acesso ao corpo? Muitas; pensou franzindo a testa. Pelo que era. Se Rule fosse qualquer outro perito dando uma mão na investigação, ninguém diria uma palavra agora que já não era suspeito. E isso estava ruim. Alguém acabou com todas as



possibilidades vitais de Therese, apagando esse brilho teimoso que impulsionou ela a rodear-se de centenas de bonecas loiras. E o trabalho de Lily era investigar quem.

Malditos sejam todos esses assassinos de merda, pensou. Não vou pegar este se seguir às regras e não me arriscar um pouco.

— Tudo bem. Precisa... *mmm*, privacidade para trocar?

— Eu gostaria de sentir a terra sob meus pés, se for possível. A privacidade possivelmente seria boa para que seus colegas não se assustem. Lily...

— O que? — Já tinham deixado para trás o vale e se aproximavam da entrada principal — Não queremos que a imprensa descubra por que está ali, e também não posso te levar a cena do crime. Além de existir risco de contaminação, qualquer advogado diante de um júri se divertiria muito imaginando mil e um argumentos para fazer que sua presença ali pareça algo obscuro. Assim que... os peritos do departamento forense estarão preparados para levar o corpo quando chegarmos ali. Quando tiver examinado a cena, pedirei a eles que te permitam acessar o corredor. Pode fazer ali.

— Posso trocar ali se não, haver outra opção. Mas está evitando o assunto.

— Sabe, não acredito que vá conseguir escolher o assunto desta conversa. Esteve no Clube Hell ontem de noite?

Os dedos do Rule repicaram sobre o volante.

— Jantei com uns amigos, em meu apartamento. Foram embora por volta das oito e meia. Fiquei sozinho o resto da noite. Por quê? Acreditava que já não era suspeito.

— Terá que atar todos os pontos — disse Lily de forma distraída. Havia algo nesta segunda morte que não encaixava totalmente, mas não era capaz de dizer o que — Possivelmente alguém te vigiasse para assegurar-se de que estava sozinho. Quem sabia que estaria no clube na noite em que Fontes morreu?

Rule deu de ombros.

— Muita gente. Nas quintas-feiras de noite era quando me encontrava com Rachel.

— Também estava acostumado a chegar à mesma hora?

— Não, isso variava.

— Disse para alguém mais além de Rachel a que horas estaria ali nessa noite?

— O que importa isso?

— Você, siga o raciocínio.

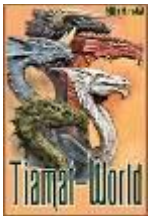
— Está bem. Sim, disse ao Max a que hora chegaria. E penso que ele disse para o Cullen. Mas Rachel pode ter contado para qualquer um.

— Certo. — Lily mordeu o lábio. Se somente soubesse como o assassino atraiu Fontes até o lugar de sua morte... Os dois interesses primordiais de Fontes eram as mulheres e a Igreja dos Fiéis.

O parque infantil não era um lugar adequado para encontros românticos.

— Alguma vez ouviu falar da Igreja dos Fiéis? Também se chamam de Azá.

— Já me perguntou isso no outro dia. Não me lembro do nome. Lily preciso te dizer algo. É



importante.

— Também é o assassinato. Me de um segundo. Estou pensando em algo. — Sua cabeça deu voltas durante uns instantes — Certo, uma primeira hipótese: Digamos que mataram Fontes para te comprometer. É obvio, o assassino quer fazer quando não tiver oportunidade de ter um álibi, mas isso é muito complicado. E também quer fazer na noite em que normalmente tem um encontro no clube para que nós, os policiais incompetentes, acreditem que é suspeito. Sabem que é difícil determinar com exatidão a hora da morte, sobre tudo se não houver testemunhas. Qualquer um que leia novelas de mistério e veja séries policiais sabe. Assim que a única coisa que precisa é um amplo lapso de tempo no qual nós não saibamos onde Fontes esteve.

— Até agora estou te acompanho. Mas como criou esse lapso de tempo?

— Possivelmente fez que acontecesse, ou possivelmente as coisas ocorreram assim. Seja como for, sua maior preocupação são as testemunhas. Escolhe o parque infantil porque está perto do clube e há essa hora está deserto. Se for organizado, chega ali antes de Fontes para assegurar-se de que não há ninguém pelos arredores. Mas Therese não viu ninguém na rua ou no parque infantil. Falou com Fontes justo antes das dez e não viu ninguém mais.

— Se estava em forma de lobo, não seria muito difícil esconder-se.

— Possivelmente. Mas então, por que seguir em frente e matar Fontes? Se estava ali, se viu Therese Martin falar com Fontes, sabia que havia uma pessoa que poderia testemunhar sobre a hora em que Fontes chegou ao parque infantil. — Negou com a cabeça — Não encaixa.

— Concordo, então não chegou antes que Fontes, assim não sabia nada sobre Therese. E quando descobriu... — A voz do Rule se cortou.

— Sim. — Lhe fez um nó na garganta. Tentou engolir — E essa é a pergunta, não acha? Como o descobriu?

— Possivelmente falou com outras pessoas sobre Fontes.

— Jurou que não fez. E eu a avisei. Disse que não falasse com ninguém. Possivelmente o fez de toda a maneira. Ou possivelmente alguém nos viu entrar em sua casa, embora assim não soubesse o que ela nos contou. Possivelmente o assassino se assustou, mas... por quê? Não o prendemos. — Sentia crescer a náusea dentro dela — Não tinha nenhuma razão para pensar que o tínhamos identificado. Não podia saber o que ela nos contou. A não ser...

Rule terminou a frase por ela.

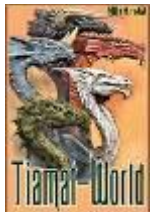
— Que um policial disse a ele.

Lily sentiu um vazio no estômago e a boca seca. *Segue essa hipótese*, ordenou a si mesmo. Quem sabia da existência de Therese? Phillips... Mas não fazia sentido porque se ele era o assassino, não teria levado Lily para falar com ela.

Quem mais? A quem ela contou? Quem poderia ter lido os relatórios?

Mech. O capitão Randall. O chefe. Os dois federais.

Deus. Passou uma mão pelo cabelo. O capitão não. Certo que não. Mech? Não podia acreditar, mas agora mesmo estava na cena do crime. E os dois federais poderiam aparecer a qualquer momento. E ninguém ficaria preocupado com isso.



— Qual é a velocidade máxima desta coisa?

— Duzentos e trinta.

— Pois acelera.

Rule obedeceu. Não alcançou a velocidade máxima porque, apesar de seus reflexos, havia uns limites impostos pela física em uma estrada de montanha cheia de curvas. Mas acelerou bastante.

Era perfeito.

— Você esta gostando disso — disse Lily.

— Culpado. — Rule não a olhou. O fazer teria sido insensato a essa velocidade — Ainda não está vomitando — observou.

— Ainda.

Entretanto, parecia mais tensa que assustada.

— Possivelmente também esteja gostando disso, embora só um pouquinho.

— Acredite em mim. Não. — Fez uma pausa — Me fale uma coisa. Tem dois irmãos, e pelo menos um deles é mais velho que você. Mas você é o herdeiro, por quê?

Rule esperou incerto. Decidiu que não ia contar para ela tudo o que significava ser eleito herdeiro. Lily acabava de levar um grave impacto, um que ele entendia muito bem. Descobrir que pode haver um policial corrupto entre seus companheiros tem que ser como descobrir que há um possível traidor entre os Nokolai. Mas decidiu contar coisas sobre o clã.

— Tradição. Varia de um clã a outro, mas, basicamente, o *lu núncio*...

— O que significa?

— Mais ou menos “o herdeiro reconhecido”. O *lu núncio* tem que provar a si mesmo através do sangue, do combate e da fertilidade.

— Você tem um filho — disse ela.

— Sim. Benedict também, mas não é menino.

— Mas... — Sua voz se deteve durante um instante. Logo disse —: está bem. Acredito que fiz uma hipótese estúpida. Os lupi são machos, assim sempre acreditei que só tinham descendência masculina. Assim as mulheres que vi no Lar têm relação de parentesco com o clã?

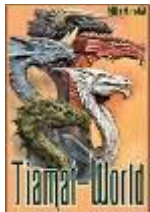
— Quer dizer, em vez de serem nossas escravas sexuais?

— Justamente — disse Lily — Estava pensando mais em termos de escravas domésticas. Os homens gostam de ter às mulheres perto para que limpem os pratos e lavem as roupas.

— Acredito que todos os que estavam no Lar hoje formam parte de um dos dois clãs. — Teve que reduzir velocidade porque estavam a ponto de entrar na estrada 67. Olhou para Lily brevemente — Acreditava que afogamos a nossas filhas ao nascer? Nossas filhas e irmãos são Nokolais, mas não são lupi.

— Admito que estejam saindo para a luz algumas concepções tolas que formei sem ter nem ideia. Estou tentando me esquecer delas. O que acontece com suas mães, tias e avós? Formam parte do clã?

— Isso é incomum. — Rule não podia contar para ela como era incomum nem por que.



Ainda não.

— *Mmm.*

Havia pouco tráfego a essa distância da cidade. Rule reduziu a velocidade sem parar, e acelerou abruptamente ao fazer uma curva.

— Ei! — gritou Lily agarrando-se ao painel do carro para evitar sair voando de seu assento — Não estamos no meio de uma perseguição.

— Eu adoro quando fala na gíria dos policiais — murmurou Rule e acelerou — Você se envolve em muitas perseguições?

— Não. E não estou aqui para fazer de suas fantasias realidade.

— Fantasias novas para mim. Quando era pequeno não brinquei de ser polícia, sabe? Vocês eram os caras maus.

— Os tempos mudaram. Eu... Ei! — agarrou-se de novo no painel.

Rule ziguezagueou entre dois caminhões que se arrastavam pela estrada a cem quilômetros por hora ou menos.

— Queria que me apressasse.

— Trata de te lembrar de que eu não me curo tão rápido como você. Ou pode me distrair da morte iminente me contando isso do sangue e do combate.

Rule riu.

— O do sangue se refere a pertencer à linhagem correta. E combate significa exatamente isso.

— Lutou com seus irmãos?

— Com o Mick e outros dois que se atreveram a duvidar do meu valor.

Um dos combates foi meramente cerimonioso, porque não se podia aceitar um herdeiro que não demonstrasse seu valor em um combate formal. O outro foi condenadamente sério. Mas era o combate com Mick que o atacou em sonhos durante muito tempo depois de ter ocorrido. Não porque o tivesse desafiado aquilo foi inevitável dada à natureza de seu irmão. Inclusive podia perdoar o fato de que Mick queria matar ele em vez de simplesmente o derrotar. Em alguns o lobo domina mais que em outros.

Mas o que não podia esquecer é a suspeita de que a parte humana do Mick também desejava lhe matar.

— E Benedict? — insistiu Lily — Seu irmão mais velho não te desafiou?

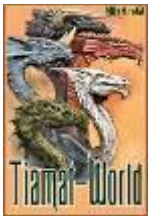
— Benedict apoiou a decisão de nosso pai. — Se não tivesse feito, Rule não seria *lu núncio*. Teria sido impossível que vencesse Benedict.

Lily sacudiu a cabeça.

— Se pudessem escolher os seus líderes, seria muito melhor.

— Votar serve para os humanos. Não somos uma raça democrática, embora também não sejamos tão passivos para nos deixar governar de forma autocrática. A tradição outorga alguns poderes ao *rho*. Do resto se encarrega o Conselho.

— Seu pai mencionou algo sobre o desafio. Como funciona?



— Os desafios são comuns, tanto entre membros de um mesmo clã como entre clãs. Especialmente entre os jovens de sangue quente. Imagine como duelos, mas em vez de pistolas, usamos garras e dentes. Entretanto, se te refere ao *Desafio*, isso é outra coisa. Isso é um membro do clã que desafia o seu *rho*.

— Seu pai já não é jovem.

— Há vezes em que o *rho* tem que brigar seus próprios combates. Embora normalmente, se alguém desafiar o *rho* é o *lu núncio* o que o defende.

— Esse é você.

Rule assentiu.

— E esse tipo de Desafio... é a morte?

— Pode ser. Não se preocupe, detetive. Brigamos em forma de lobo, assim é legal.

— Como se essa fosse minha única preocupação. Se você, Rule... pelo amor de Deus, olhe por onde vai!

— Estou olhando — disse Rule deixando atrás o caminhão reservatório que preocupou Lily. Passou muito perto, mas o Datsun da outra pista não deixava escolha.

Lily amaldiçoava baixinho. Rule olhou para ela e sua diversão desapareceu.

— Vou reduzir a velocidade. Está pálida.

— Convento-me em caucasiana³⁷ quando vou a cento e trinta ou mais. Não se preocupe.

Rule soltou uma gargalhada e a olhou de novo brevemente. Lily franzia o cenho ligeiramente, e sua mente dava voltas sobre tudo o que acaba de descobrir.

— Seus desafios não serão legais se aprovarem a lei — disse.

— Meu pai acredita que só afetará aos desafios de morte. Simplesmente não se informará sobre aqueles que tenham pequenos machucados.

— E você? No que acredita você?

— O *lu núncio* não pode expressar suas próprias opiniões. Seria como se um general desaprovasse ou discutisse a política do comandante chefe.

— Fala de suas opiniões com seu pai?

— Com meu pai sim. Com o *rho*... não.

— Isso deve ser complicado levando em conta que são a mesma pessoa.

— Ele me faz saber quando estou falando com cada um deles. — Entraram na cidade e o tráfego estava muito congestionado para ir à grande velocidade. Rule fez o que pôde — Chegaremos à cena do crime em quinze ou vinte minutos.

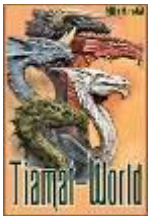
— Bom. Que opinião tem sobre a teoria de conspiração que mencionou seu pai? Parece ser que acredita que o apoio dos Nokolai ao projeto de lei provocou que tentem o matar para detê-lo.

— Sem os Nokolai é muito difícil que outros clãs apoiem o projeto.

— Os lupi não têm tanta influência política.

— *Mmm*. Nem todos os lupi são tão abertos com sua natureza como eu.

³⁷ Nessa frase, ela refere-se a ficar branca, uma vez que tem origem asiática (chamados amarelos).



Lily arqueou as sobrancelhas.

— Quer dizer que têm pessoas nos altos escalões? Pessoas com um segredo cabeludo?

Rule sorriu.

— Já estou me cansando de tanto mistério — observou Lily — Assim acredita que se tirarem você e seu pai do meio, isso terá repercussões em Washington?

— O plano não era somente me eliminar, não é verdade? Queriam que me prendessem que me isolassem. Se o, eh, menino propaganda dos lupi acaba na prisão por assassinato, acredita que o público apoiará uma lei que quer fazer de nós cidadãos com todos os direitos?

— Infelizmente, os cidadãos tendem matar-se entre si muito frequentemente. Mas entendo o que quer dizer.

Lily achou apropriado ficar em silêncio. Precisava concentrar-se em dirigir. Mas nem sequer neste tráfego Rule necessitava concentrar-se tanto.

Lily o chamou de Rule.

Uma coisa tão pequena, um nome. Mas nunca o havia chamado pelo seu nome. E agora fez no momento de aborrecimento, como se começasse a pensar em Rule por seu nome próprio. Como uma pessoa normal. Sentiu que a calidez o invadia. Lily estava começando a abrir-se para ele, inclusive com a investigação. Discutia com ele as possibilidades.

Como a possibilidade de que em tudo aquilo estivesse um policial corrupto envolvido. Alguém que ela conhecia com quem trabalhava em quem confiava. Alguém que traiu a lei que ela protegia, por dinheiro ou pela estúpida ideia de que o fim justifica os meios. Inclusive o assassinato. A calidez se evaporou.

Um policial corrupto podia inventar provas ou as destruir. Não era um pensamento feliz tendo em conta que alguém o elegeu como suspeito preferido. Mas se havia um policial trabalhando contra ele, havia outro que estava do seu lado. Ou, pelo menos, do lado da justiça.

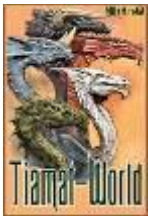
Como reagiria Lily quando contasse a verdade sobre eles?

Rule nunca acreditou que pudesse acontecer com ele. Para ser sincero, nunca desejou isso, nem sequer quando era um adolescente. Mas conhecia os perigos devido ao exemplo de Benedict e os conselhos de Nettie. Ser eleito era tão fora do comum... que havia se sentido a salvo. Embora pelo menos soubesse dessa possibilidade, e lhe ensinaram o que significava. Lily nem sequer sabia que existia essa condição.

E não ia aceitar bem.

Rule desejava ter tempo para cortejá-la como ela merecia. Tempo para que Lily começasse a conhecer ele, para que a confiança se enraizasse nela. Mas seu corpo a necessitava urgentemente, e insistia de uma forma que não admitia nenhum tipo de demora. Lily acreditava que podia seguir a ordem de seus sentimentos ou não; mas ele sabia que não era possível escolher. E sabia que precisava lhe dizer a verdade, antes que dormissem juntos.

Era o que se dizia a todos os jovens lupi: Se a *Dama* te benzer com uma escolhida, seja honesto com ela sobre o que está acontecendo. E seja paciente. “*Será tua responsabilidade*”, Netti lhe disse uma vez, “*Faça que tudo seja o mais fácil possível para ela. Tenta não pintar de cor de*



rosa as dificuldades que encontrarão para que ela não acredite que está vivendo um conto de fadas, uma espécie de união perfeita, a fusão de duas almas.” Nettie havia rido com vontade. *“Não deixe que imagine essas tolices.”*

Rule ficou atrás de um ônibus que ocupava sua pista e parte da contrária, e olhou para Lily. Ela era jovem, sim, e pelo que ele pode ver, possuía grandes ideais. Mas estava certo de que não ia considerar tudo aquilo como um conto de fadas. Rule apostaria o que fosse que Lily lutaria com todas as suas forças contra a situação, e contra ele, e só a *Dama* sabia o mal que poderia fazer a ela mesma. E a ele.

Esta noite, prometeu a si mesmo. Falaria nesta mesma noite.

Capítulo 14

A rua onde se encontrava a casa de Therese estava cheia de carros: dois pretos e dois brancos, a ambulância, o do laboratório forense, o sedan azul do Mech e o Chevy caindo aos pedaços de O’Brien. Lily pediu para Rule que a deixasse na esquina.

— Darei ordem de que deixem você entrar no edifício — disse, enquanto descia do carro.

— Muito bem. Deixarei o carro no estacionamento do clube. A reputação do Max desanima aos empresários do bairro em montar um negócio de troca de peças com os carros de seus clientes.

Rule falou brincado, mas seu rosto mostrava preocupação. Ela se sentia igual. Já não vomitava quando a cena do crime era excessivamente violenta, mas ter que ir a uma não fazia feliz o seu estômago. E era pior quando conhecera à vítima, embora a viu somente uma vez.

— Está seguro de que pode com isto? — perguntou Lily abruptamente.

— Já vi a morte anteriormente. Vai. Faz o que tem que fazer.

Lily concordou, fechou a porta e caminhou rua abaixo.

Reconheceu o agente de uniforme que guardava a entrada do vestíbulo sombrio: o novato do oeste do Texas. Cumprimentou ele com um gesto de cabeça.

— González, certo? Detetive Yu. O sargento Meckle está aí dentro?

— Sim, senhora. Tem uma testemunha. Está usando o escritório do gerente para os interrogatórios. Atrás das escadas.

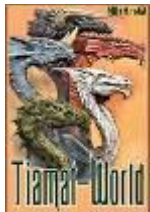
— Conforme entendi encontraram ela antes do meio-dia. Quem a encontrou?

— Um menino chamado Abel Martínez. Quatorze anos. O sargento tomou sua declaração e o entregou para sua mãe. Vive no número 10, no mesmo andar. Não tem pai. Duas irmãs, as duas mais jovens.

— O número 10 está ao lado do 12 — disse Lily. Lembrava do lugar por sua última visita — As paredes são finas. Ninguém ouviu nada?

— Não sei senhora. Phillips falou com umas pessoas até que chegou o sargento Meckle, que se encarregou de tudo. Eu somente vigio a entrada.

— Apareceu algum federal? Há dois que estão interessados no caso.



— Não, senhora.

Fez um gesto de cansaço. Isto não eliminava nem Croft nem Karonski, mas sugeria que examinasse com mais atenção Mech e o capitão.

OH, Senhor, não queria que fosse o capitão.

— Há um cara que vai trabalhar no caso como consultor perito. Rule Turner. Quando chegar o deixe entrar no edifício e diga a ele que me espere. Não o deixe subir, só o deixe entrar.

As sobranceiras do agente se arquearam, mas assentiu. Lily começou a subir as escadas. Na metade de caminho o aroma de vomito rançoso a golpeou. Possivelmente era a contribuição do Abel Martínez a toda aquela confusão, pensou. Devia assegurar-se de que uma assistente social falasse com ele.

Phillips guardava a porta do apartamento 12. Estava conversando com os carregadores da maca da ambulância. Podia ouvir o som apagado de um aspirador dentro do apartamento.

— Maldita seja, vê-la por aqui está virando um costume — disse arrastando as palavras.

— Posso troca-lo se te incomoda. Chegou primeiro à cena do crime. Me diga o que aconteceu.

— Recebi a chamada da central às doze horas e sete minutos, e examinei a cena da porta. Não tive dúvidas de que estava morta e informei. Falei com o menino que a encontrou. Ao que parece hoje Abel não foi para o colégio porque doía o seu estômago, mas se recuperou milagrosamente e decidiu jogar. Quando saiu de sua casa viu que a porta do número 12 não estava fechada. Diz que entrou para ver se ela estava bem. — Phillips deu de ombros — Provavelmente tenha pensado que poderia levar algo. Pobre menino encontrou mais do que procurava.

— O'Brien está lá dentro?

— Sim. Detetive... Ela não merecia o que esse ser maldito fez para ela. Quero saber como esse condenado descobriu sobre com ela.

— Eu também. — ia ser ruim de engolir. Lily podia cheirar o sangue do corredor, e algo pior também. Abriu a bolsa e tirou as luvas descartáveis e as capas para os sapatos.

— Uma ferida no estômago?

— Pelo menos cheira a isso — interveio um dos carregadores da maca da ambulância — Ainda não a vimos.

— Uma ferida no estômago — confirmou Phillips — Entre outras. Esse bastardo a estripou.

Lily colocou as luvas. A porta estava aberta uns centímetros. Empurrou-a.

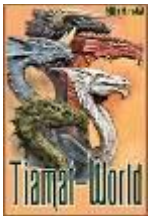
Therese estava no sofá, que costumava ser azul.

— Envolve os sapatos — disse O'Brien para ela. Estava agachado perto do corpo, de costas para a porta. Um técnico da polícia científica trabalhava de joelhos na minúscula cozinha, com um aspirador portátil de mão.

— Já fiz.

— Ah, é Yu. — Olhou por cima de seu ombro — Você entende né, Yu?

— Eu entendo. — O senso de humor de O'Brien estava pior que o normal, mas podia ser por



causa das circunstâncias.

Com certeza, o bastardo a estripou. E estava a muito tempo morta, possivelmente dez ou doze horas. A maior parte do sangue já havia secado... Havia muitíssimo sangue.

Therese estava atirada de costas, com a cabeça apoiada em duas almofadas e ligeiramente inclinada para a esquerda. Arrancaram a garganta dela. Um braço caía pelo sofá e os dedos tocavam o chão. E suas vísceras também o tocavam. Tinha o aspecto de um hambúrguer que fica aberto na geladeira: marrom escuro encima e vermelho vivo debaixo. O assassino a cortou repetidamente, rasgando o intestino, entre outras coisas.

O aroma fez que o estômago de Lily se retorcesse, mas foi uma boneca que fez ela sentir ainda pior. Therese ainda segurava uma boneca com a mão. E seu cabelo já não era mais loiro.

Lily caminhou para O'Brien, colocando um cuidado especial em cada passo. E se deteve, com o olhar fixo no fino carpete de cor bege.

— Aqui não há sangue.

— Porque a matou aqui, não aí.

— Mas o assassino teria que estar empapado de sangue. Divertiu-se com ela o que quis. Teria que estar gotejando quando foi embora.

O'Brien olhou para ela por cima do ombro outra vez, e franziu o cenho.

— Tem razão. Droga. Estou ficando velho. Teria que ter me dado conta disso. Depois de matá-la se lavou. Mona descobriu sangue na pia da cozinha. Embora o assassino tivesse que deixar alguma gota quando foi para li. — Sua cara se enrugou de perplexidade — Ou talvez o sangue desapareça quando trocam.

— Então por que se lavou? — Lily se aproximou mais. Não tinha feridas defensivas no braço que caía até o chão. Parecia que em primeiro lugar arrancado foi a garganta dela, o que explicava por que ninguém a ouviu gritar — O que encontrou?

O'Brien estava recolhendo algo do carpete empapado de sangue com um par de pinças.

— Um cabelo. Eu diria que de lobo, mas deixaremos que se certifique disso o laboratório. Também há cabelo em sua mão, mas a mecha maior está caída no chão. Ao que parece arrancou um bom punhado.

Lily franziu o rosto.

— Conseguiu arrancar um punhado de cabelo enquanto cortavam a garganta dela?

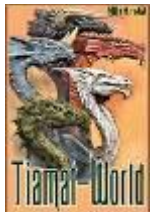
O'Brien deu de ombros.

— O deixou entrar. Não há sinal de fechadura forçada nem sinais de luta, assim possivelmente achava que era um cliente. Provavelmente estivesse fazendo carícias antes de colocar mãos à obra. Já ouviu isso que dizem que às mulheres gostam de fazer com eles quando estão em forma de lobo. Possivelmente alguns lupi também gostem.

— Não estava trabalhando.

— Por que diz isso?

— Não resta muito da camiseta que usava, mas estou certa de ter à vista usando quando falei com ela. Era o que usava para ficar em casa, não para atrair à clientela.



— Certo. Então não era um cliente, era um amigo.

— Poderia ser. — Lily se aproximou mais. O carpete que se sentia úmido quando andava — O que é isso que aparece debaixo dela? Papel? — Lily inclinou a cabeça — Parece parte de um anúncio. É papel brilhante, como de uma revista.

— Bingo. Era uma garota *Cosmo*.³⁸ — O sorriso de O'Brien foi breve — Já guardei todo o resto.

— Assim estava deitada no sofá lendo a *Cosmo*, acariciando o seu amigo lobo. Que de repente decidiu arrancar sua garganta, e virtualmente todo o resto do seu rosto. E tudo sem que caia em cima nenhuma gota de sangue.

— Não me olhe. Meu trabalho é encontrar provas e as documentar. Você é a que explica as coisas.

Mas não podia.

— Não parecem lesões de faca.

— Pensa que alguém quis simular o ataque de um lobo? — O'Brien guardou as pinças e selou cuidadosamente a bolsa de plástico — Não acredito. Rasgaram-na, não a cortaram.

— Mas por que continuou rasgando-a uma vez estava morta? Isso não aconteceu com Fontes.

— Mataram Fontes em plena rua. Mas aqui era um lugar íntimo, e tempo para fazer com ela o que quisesse.

Lily sacudiu a cabeça.

— Parece um ataque provocado pelo ódio. Não só queria ela morta, queria destroçá-la. Seu corpo, não seus braços nem seu rosto.

— Possivelmente odeie às mulheres.

Rule havia dito que um lupus que mata uma mulher poderia se considerar louco. Era isso o que enfrentavam? Um lupus louco em vez de uma grande conspiração, que casualmente, escolheu à testemunha de Lily como sua última vítima? O técnico da polícia científica foi para o banheiro e deixou eles sozinhos por um momento.

— Tenho que confirmar algo.

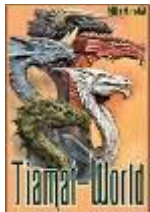
— Certo. — O'Brien ficou de pé — Me deixe que identifique esta prova.

Enquanto O'Brien vigiava, Lily tirou uma luva, respirou fundo e tocou o ombro de Therese.

A magia assaltou seu braço. Retirou a mão assustada pela força do que havia sentido... e por outra sensação. Totalmente estranha. Mordeu o lábio. Algo não encaixava. A magia que havia sentido era muito mais forte que qualquer outra magia lupi que tivesse percebido antes. Tinha que provar outra vez, embora houvesse algo que a jogava para trás.

Lily se agachou e pôs a mão no quadril de Therese, onde o sangue estava seco e a pele intacta. E voltou a sentir forte, brusco e discordante, era como passar a mão por urtigas. Apesar de que o único que queria era afastar-se mental e fisicamente, Lily forçou a permanecer ali,

³⁸ *Cosmopolitan* é uma organização internacional de revista para as mulheres. Seu conteúdo atual inclui artigos relacionados sobre sexo, saúde, carreira, celebridades assim como moda e beleza.



prestando atenção.

Havia um ligeiro traço de lupus na sensação e... um pouco mais oculto. Algo forte, inconciliável, cheio de *maldade*.

Exalou o fôlego com um estremecimento. Retirou a mão e a agitou tratando de fazer desaparecer o sentimento de maldade. O que estava acontecendo? A magia era neutra, uma força como a eletricidade ou o fogo. Existia em diferentes formas e podia utilizar para o bem ou para o mal. Mas quando Lily percebia a magia não podia sentir se existiu intenção alguma quando foi usada. Só percebia o poder em si mesmo.

Até agora.

O que se sentia ao tocar o mal?

Lily ficou de pé, voltou a colocar a luva e tratou de não soar tão alterada como estava.

— Acredito que já pode levar ela.

— Por mim, tudo bem. — O'Brien levantou o olhar de sua coleção de amostras. Seus olhos se estreitaram — Esta bem?

Lily sacudiu a cabeça, desprezando a pergunta em vez de respondê-la.

— Tem alguém me esperando lá abaixo para dar uma olhada no corpo. Preciso que a levem, para que possa examiná-la. — Lily caminhou para a porta pensando no que poderia captar o sentido do olfato de Rule. Seria um pouco parecido ao que ela sentiu?

Deteve-se para informar aos carregadores da maca de que podiam se encarregar do corpo e olhou para Phillips.

— Venha comigo — disse, e desceu as escadas.

Lily precisava se assegurar de que uma vez que Rule trocasse, não houvesse possibilidade de que deixasse algum rastro de pelo no corpo. Embora no laboratório não pudessem distinguir o pelo de um lobo do de outro lobo por culpa da magia. Mas Lily estava levando em frente um procedimento muito pouco convencional. Se o advogado de defesa alegasse que poluíram as provas, teria que ser capaz de contestá-lo.

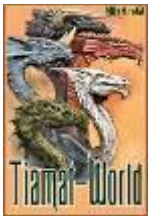
O que significava que precisava de testemunhas. Ao menos duas. Phillips, um. Não estava comprometido na morte de Therese, e seus anos na Patrulha X faria dele uma testemunha confiável. A defesa não poderia o acusar de ser brando com os lupi. Mas o outro...

— Minha mãe, mas o que... — Era a voz do Mech, que vinha do piso de abaixo — Atrás! Todo mundo para trás! Quietos! Não te mova ou atiro!

O instinto e o golpe de adrenalina a obrigaram a mover-se: *Corre, tem que chegar o quanto antes possível*. Lily sabia que irromper no meio de um possível tiroteio era a maneira mais fácil de morrer ou bloquear a linha de fogo de outro policial.

Não podia ver o que estava acontecendo. O final da escada mostrava uma parede vazia e nada mais, assim tirou sua arma e correu escada abaixo, rápida, mas silenciosamente. Confiava em que seu ouvido permitisse captar o que acontecia ali abaixo. Ouviu Phillips fazer o mesmo atrás dela.

— Acreditava que me esperavam.



A voz de Rule. O ritmo dos batimentos do coração de Lily disparou. Baixou a arma e saltou os últimos degraus, dobrou a esquina... e viu Rule parado na porta, com as mãos no alto, seu rosto voltado para alguém a sua direita.

Mech. Que sustentava sua *Glock* na posição do regulamento. Com as duas mãos. Apontava para Rule. O agente uniformizado da porta também apontava para Rule da esquerda. E atrás de Mech... Ginger Harris? Que diabos ela estava fazendo ali?

Lily guardou sua arma. Deu-se conta de que Phillips ficou na escada, arma em punho.

— Te disse que esperava o Turner — disse Lily ao agente de uniforme.

— E o deixei passar. Mas quando o seu sargento tirou a arma, dei cobertura. — González não sabia o que fazer. Dois policiais, incluindo seu companheiro, ainda empunhavam suas armas, mas o oficial de maior cargo a tinha embainhado.

Lily se virou.

— Sargento Meckle? Espero que tenha uma boa razão para fazer isto. Turner estava ameaçando a alguém?

— Tenho uma ordem de prisão preventiva contra ele. — Os olhos do Mech brilhavam — Ou a terei logo, está a caminho. É um transporte especial.

— Uma ordem de prisão preventiva? — Lily não podia acreditar — Inclusive antes de que chegasse à cena do crime, pediu uma ordem de prisão preventiva?

— Você não estava disponível. — Mech olhava fixamente para Rule.

— Tenho um telefone. Tenho um maldito celular.

— Estava com ele.

— E? — Lily ficou enfrente ao sargento — Embainhe-a. Embainhe-a, agora.

Mech se moveu, procurando uma nova linha de visão para ter Rule na mira.

— Nunca deveriam ter a posto no comando deste caso. Você não é responsável por isso. Mas será se ele escapar.

Phillips falou da escada.

— Possivelmente seja uma boa ideia que saia do caminho, detetive. Olhe seus olhos.

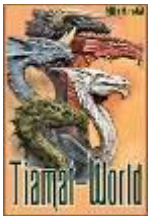
Lily se voltou.

Rule não se moveu. Parecia tranquilo. Seu rosto estava inexpressivo. Mas seus olhos se tornaram negros. Completamente. Com pequenos triângulos brancos nos cantos... Como os de um animal. Lily engoliu saliva.

— Está bem?

— Tenho o controle. — Sua voz suave contrastava com esses olhos de besta — Mas seria uma boa ideia que seus colegas deixassem de apontar suas armas para mim. Eu não gosto que me apontem armas, embora não vou trocar por isso. Isso é o que ele quer. Mas me incomoda — disse com uma voz que quase se converteu em um grunhido — Me incomoda que apontem armas para mim.

Antes que Lily pudesse repetir a ordem, Phillips embainhou sua arma. E depois de uns segundos também fez o seu parceiro.



— O que estão fazendo? — gritou Mech — Recebem ordens de alguém como ele?

Phillips olhou para Mech.

— Odeio ter que te dizer isto, mas este lugar é muito pequeno para nos matar a tiros. Estamos muito perto dele. Se quiser pode nos agarrar e nos converter em pedaços em uns segundos.

— Carreguei com balas especiais. Se colocar uma no cérebro...

— Possivelmente o pare, se acertar de primeira. Possivelmente não. Nem todos reagem da mesma maneira, e ele é um príncipe, assim acredito que será dos difíceis. Preferiria não ter que atirar nele.

Lily olhou para Mech. Não disse nada. Só olhou.

Pouco a pouco as mãos do Mech desceram. E lentamente embainhou sua arma.

— Está cometendo um engano — disse para Lily — Um engano muito grande.

— Já o cometi, Por Deus. — Negou com a cabeça aborrecida — Eu pedi que o colocassem neste caso. Agora o retiro dele, e não duvide de que vou colocar em meu relatório. — Olhou para Phillips — Sacou sua arma apesar de que sabia que estava muito perto.

Phillips suspirou cético.

— Já sabe como é isto. Vê alguém que saca sua arma e você faz o mesmo.

Não, decidiu Lily. Havia feito para oferecer a Rule vários objetivos de modo que, se atacava outros teriam mais oportunidades de saírem ilesos. Ainda não estava segura se gostava ou não de Phillips, mas estava começando a o respeitar como policial.

E de repente, sentiu que começava a tremer. Aquilo poderia ter sido um banho de sangue. *Adrenalina desperdiçada*, disse a si mesma. *Ignore-a*.

Com uma olhada para vestibulo descobriu que Ginger tinha desaparecido. O novato parecia preocupado, Mech continuava fincado no lugar e Rule... Seus olhos ainda não tinham voltado ao normal, mas estavam no processo. Rule sorriu tentando tranquilizá-la.

Não era ela quem queria arrastar para a prisão por assassinato, um assassinato que ela sabia que ele não cometera. Lily caminhou até Mech, cheia de raiva.

— E agora, sargento, tem um minuto para me explicar por que decidiu violar todos os procedimentos de modo que quase enche este lugar de cadáveres. Ou por acaso este é o seu método habitual para interrogar um suspeito? Simplesmente aponta com sua arma? Sem se importar com quem esteja na linha de fogo?

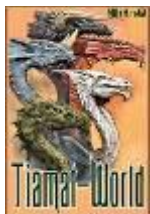
— Os procedimentos normais são inúteis com alguém como ele. Não podia deixar que escapasse.

— Ah, sim? E o vê sair correndo, agora que ninguém está apontando para ele com uma arma?

Mech piscou.

— Eu... provavelmente tenha julgado mal a situação.

— Você acha? — Lily deu rédea solta a seu sarcasmo — E há mais procedimentos que se saltou a soco. Como pedir uma ordem de prisão preventiva sem nem sequer comentar com o



oficial de comando da investigação.

— Falei com o capitão, senhora. — Esse “senhora” destilava um sarcasmo velado.

— Sério? E estou segura de que comentou com ele que eu não estava a par de que decidiu converter-se no Cavaleiro Solitário e que pensava em prender sozinho a todos os bandidos.

— Fiz isso, senhora. — Em sua voz havia satisfação — O fiz, embora não com essas palavras. Esteve de acordo em que as provas justificavam a petição da ordem de prisão preventiva.

Sem dizer a ela? Lily sentiu uma onda de frio. Então, o capitão era o policial corrupto? Foi Randall que ordenou a morte de Therese Martin? Ou por acaso estavam envolvidos os dois?

Está ficando paranoica, disse a si mesma. É o que as conspirações podem fazer a uma pessoa.

— Acredito que agora me informará dessas provas. Tendo em conta que estou no comando e essas coisas mais. Certifique-se de explicar por que Turner matou à única testemunha que teria evitado que o prendessem pela morte de Fontes.

— Turner a pagou para que dissesse isso. Tenho o recibo de um depósito de dez mil dólares que Therese Martin fez em sua conta, à vista, justo depois de falar com você. Suponho que ela ameaçou Turner ou a ganância a fez pedir mais, e se converteu em um obstáculo. Também tenho uma testemunha que coloca Turner na cena do crime na hora da morte. Aí tem motivo e oportunidade. E além disso... é lupo. Ele é o meio.

— Vejo que esteve incrivelmente ocupado. E teve muita sorte, considerando que encontraram o corpo do Therese Martin faz somente uma hora e meia. Essa testemunha não será Ginger Harris por acaso?

Os olhos do Mech se dirigiram para Rule e logo voltaram para Lily.

— Tenho que me certificar que está bem.

— Isso. Certifique-se.

— E vou executar a ordem de prisão assim que chegue.

— Claro que o fará. — virou-se, doente pela situação. Tudo era uma armadilha, e Mech era parte dela. Bem porque era corrupto, ou porque seus preconceitos impediam de ver com clareza.

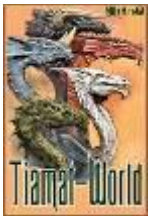
E o capitão? Também estava corrompido? O que faria se não podia confiar no capitão?

Lily se virou lentamente, sentia os olhos sobre ela. Rule seguia de pé no mesmo lugar, imóvel como o predador que era; observando-a. Quando seus olhos se encontraram, o coração de Lily começou a pulsar com força. Inclusive em um lugar como esse, em um momento como esse, sentia Rule puxando ela, como se a tivesse pego pelas vísceras... ou pela virilha.

Por um segundo odiou Rule com toda sua alma.

E isso também já não importava, pensou Lily olhando para a caixa de aço com rodas que eles chamavam de transporte especial, e que estacionara na rua. No que se referia à investigação, não importava se odiasse Rule ou se estivesse fodendo com ele. Porque logo deixaria de estar em suas mãos.

Mataram Therese Martin por meio de feitiçaria, não foi um homem lobo. E o assassinato por



meios mágicos era um crime federal. Ia ter que deixar que os federais se encaregassem de tudo.

Capítulo 15

— O que quer dizer com que não vamos informar eles?

Randall cruzou as mãos e as colocou sobre sua mesa.

— O que temos? O que você sentiu quando tocou Therese Martin. Isso não é uma prova, nem sequer é algo que possamos pôr no relatório.

— Terá que falar com eles sobre minhas habilidades — disse Lily muito tensa — Não vou gostar, mas não há mais remédio.

— Não estamos obrigados a contar para eles nada que não esteja em seus relatórios. Sobre tudo uma informação tão subjetiva. Espere. — Elevou uma mão — Diz que está convencida da exatidão de seus, eh, sensações. Mas também afirma que nunca antes percebeu a feitiçaria. Não sabe se é isso o que sentiu.

— Encaixa — insistiu Lily — Deixando de um lado toda a “informação subjetiva”, encaixa. É óbvio que é uma armação! Não há manchas de sangue em nenhum lugar exceto no corpo e na pia, assim acreditam que o assassino se lavou. Quanto a esse recibo bancário que encontrou Mech, não há nada que o vincule ao Turner. Qualquer um pode ter depositado. E o pelo de lobo. Therese não pôde ter arrancado ela mesma. Alguém o colocou ali.

— Escute a si mesmo, detetive. — Randall estava claramente zangado — Mech disse que esse príncipe lupus a enfeitiçou. Não acreditei nele, mas...

— Mech odeia os lupi. Não me dei conta antes, mas ficou muito claro na cena do crime.

Randall golpeou a mesa.

— E você decidiu que um policial é culpado em vez desse maldito homem lobo! Diz que há uma conspiração, e não é só isso, mas sim, além disso, há alguém deste departamento comprometido nela. E que o assassinato foi cometido a distancia e por meio de feitiçaria. Isso não é possível.

— Já foi feito antes. Os registros históricos...

— Antes da Purgação! Faz quatrocentos anos! — Randall se inclinou para frente — Vou deixar claro, detetive. Não vou deixar que dois federais ávidos por glória iniciem uma caça as bruxas em meu departamento. Sabe o que aconteceria? Que esses federais investigariam a todos, inclusive a mim, procurando um culpado. Esse detalhe escapou dessa sua mente paranoica?

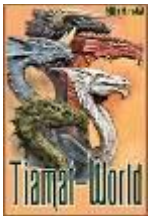
— Não, senhor — disse tensa — Não pensei nisso. Embora seja possível que um dos agentes do FBI esteja comprometido, acredito que é mais provável que alguém deste departamento denunciasse Therese Martin.

Os lábios do Randall se esticaram.

— Fora.

— Senhor...

— Fora! — Randall a olhou furioso — Não vou tirá-la do caso, mas estou a um passo de



fazer. Saia. Vá até que clareie suas ideias.

Lily saiu. Parou em seu escritório somente para colocar o arquivo do FBI e uns dois relatórios em sua bolsa, e se dirigiu para o elevador.

— Ei! — gritou Bradley ao vê-la cruzar o escritório — O que aconteceu entre você e o Mech? Lily nem parou.

— Meu relatório está no arquivo. Se quiser saber o que aconteceu, leia.

Bradley franziu o cenho.

— Por que está te causando problemas? Não acredito que passou dos limites contigo. Mech não.

T. J. negou com a cabeça.

— Tenta pensar em algo que não seja sexo, filho. Sei que é difícil, mas tenta. Lily...

Ela parou e o olhou nos olhos.

— Tome cuidado, tá?

Lily sorriu ligeiramente.

— Claro.

Pelo menos T. J. não odiava ela, pensou enquanto deixava cair sua bolsa no assento traseiro do carro. Ainda. Entretanto, se continuasse fazendo resistência às ordens do capitão... Mas o capitão Randall estava enganado.

Ou isso, ou estava corrompido. Não podia acreditar, mas também não podia descartar. Tinha razões para fazer o que fez. Segundo Lily, não eram boas razões. Mas eram plausíveis.

Lily tirou o carro de sua vaga no estacionamento, segurou com força o volante e pisou no acelerador o suficiente para queimar a borracha dos pneus. O capitão tinha razão em uma coisa. Precisava clarear ideias.

Quinze minutos depois, Lily deu uma batida na porta de seu carro e se dirigiu rapidamente ao atalho que conduzia a casa de sua avó. Tocou a campainha.

— Lily. — Li Qin sorriu — Que agradável verde de novo. Por favor, entre.

Lily negou com a cabeça.

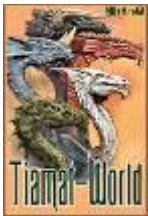
— Não, obrigado. Só queria que soubesse que estou aqui e que vou trabalhar um pouco no jardim.

— É obvio — disse Li Qin, como se Lily aparecesse frequentemente para plantar sementes na metade de um dia de trabalho.

— Espero que me permita te oferecer algo para beber. Chá ou uma bebida fria?

— Talvez mais tarde. Agora mesmo não sou uma companhia agradável. — Se arrumou para partir educadamente e se encaminhou pelo atalho de ladrilhos à parte de atrás da casa onde estava o abrigo das ferramentas.

Cinco minutos depois estava eliminando ervas daninhas na zona oeste da casa, onde cresciam as plantas nativas. O carvalho azul que dominava o lugar fazia uma sombra meio cinza, um mundo cheio de manchas. Uma forte brisa soprava do oeste. Lily se ajoelhou na terra sem se preocupar de que pudessem estragar suas calças de linho. Fincou sua pá na terra seca, liberou as



raízes que se encontravam debaixo de um arbusto de ervas daninhas e a arrancou com a outra mão.

Vinte anos atrás quando Sarah Harris morreu e Lily sobreviveu, a avó de Lily a levou para uma parte do jardim e lhe disse que arrancasse todas as ervas daninhas. Naquele momento Lily estava cheia de medo e de ódio. A terapia servira para nada. Como podia um psicólogo ajudar a uma menina que não queria falar?

A terra, o sol e as ervas daninhas conseguiram o que as palavras não conseguiram.

Lily cavou e arrancou, cavou e arrancou. E, depois de um momento, já não havia mais ervas e plantou flores. Algum tempo depois, o jardim floresceu. E ela aprendeu que a vida continua. Alguns vivem, outros morrem, mas a vida segue.

Lily seguiu criando pequenos jardins como este. Criar canteiros de jardim era divertido. Plantar era agradável e ver como o jardim adquiria vida a satisfazia como nenhuma outra coisa no mundo. Mas às vezes precisava simplesmente cavar e arrancar, cavar e arrancar.

O capitão Randall afirmava que não informou Lily porque ela estava com Rule naquele momento. Temeu que, involuntariamente, Lily avisasse Turner de que algo estava sendo planejado colocando em perigo a prisão e ela mesma. Acreditava que Mech tinha que ter dito a ela assim que Lily se apresentasse na cena do crime, mas esteve ocupado com sua testemunha. Com Ginger Harris.

Que havia mentido. Por quê?

Lily sacudiu a cabeça. Responderia a essas perguntas mais tarde.

As hipóteses de Randall teriam sido menos humilhantes, pensou Lily cravando a pá na terra, se o capitão soubesse que os lupi podem ouvir os dois lados de uma conversa telefônica. Não sabia. Randall se preocupou que Rule pudesse cheirar o medo de Lily. Deu por certo que Lily não era suficientemente preparada para fingir um súbito ataque de nervos.

Ou, Randall mentiu.

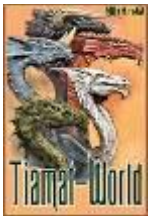
Provavelmente Lily tivesse medo de estar a sós com Rule, pensou, arrancando um ganancioso cardo estrelado. Mas não, pelos motivos que acreditava o capitão. Rule não matou Therese, embora até agora não tivesse tido sorte convencendo ninguém disso. A palavra de Lily não era suficiente.

O capitão deu uma pequena reprimenda disciplinadora em Mech. Não porque se precipitou na detenção do Turner, mas sim porque dirigiu mal todo o assunto.

A maioria dos agentes de polícia não tinha experiência em prender um lupus. Tempos atrás, na Califórnia não costumavam prender os lupi: os caçavam, os capturavam ou os matavam. A Patrulha X se encarregava disso. Mas agora, todo mundo recebia instruções sobre o procedimento correto para prender um lupus, e Mech havia pulado todas as regras. A situação podia ter acabado facilmente com um agente morto.

Entretanto, acabou com o Rule sob custódia algemado.

Os olhos do Lily brilharam, embora não sabia se era pelas lágrimas ou pela fúria que sentia. Agora mesmo Rule estava em uma jaula, para isso que serviu tudo. As cidades do tamanho de San



Diego tinham instalações específicas para os membros da Estirpe. Era perigoso que se misturassem com a população normal de uma cadeia, para não mencionar que eram difíceis de conter.

Rule estava preso em uma dessas caixas gradeadas em aço reservadas para os lupi e outros seres sobrenaturais, e que não chegavam a medir um metro quadrado. Sua avó dizia que os lupi eram claustrofóbicos. Que se tornavam um pouco loucos se os prendessem em espaços fechados. E essas celas eram tão pequenas...

Lily sentiu um calafrio e arrancou outro arbusto de erva. Entendia o horror de estar preso em um espaço reduzido.

Nenhum juiz concederia liberdade sob fiança a um lupus acusado de assassinato. Rule ficaria nessa minúscula cela de aço até que Lily pudesse provar que outra pessoa matou Therese.

E provaria. De uma maneira ou outra.

Certo, pensou sentando-se de cócoras e observando o campo de batalha coberto de cadáveres de ervas daninhas. *Esqueça as emoções. Analisa os fatos e as possibilidades. Considera o que é correto, o que está em perigo. E logo toma uma decisão.*

Começou a cavar com mais cuidado. As ervas daninhas construíram um forte em volta dos maciços de abricós. Removeu a terra com a pá e começou tirá-las com cuidado.

Fato: o capitão Randall não queria informar aos agentes do FBI que em suas mãos havia um assassinato cometido por meio de feitiçaria. Havia três possibilidades, pensou. Primeiro, que Randall simplesmente não acreditasse. Talvez pensasse que Lily estava mentindo, ou que estava enganada. Possivelmente não estivesse disposto a aceitar algo que não pudesse ver ou sentir ele mesmo.

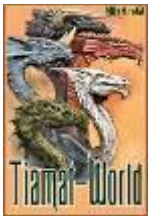
Poderia ser o caso, admitiu Lily enquanto mudava de posição para arrancar as ervas perto da macieira. Se sabia que os homens lobo, os elfos e demais seres existiam graças à magia, embora alguns insistiam em que a *wicca*³⁹ era estritamente uma religião e que não tinha nada há ver com a magia. Como essas pessoas que ainda acreditavam que a terra era plana, e que negavam a existência da magia e de tudo o que tivesse há ver com ela, apesar de que havia muitas coisas que não podiam explicar.

O capitão insistia que a feitiçaria não existia. E alguns peritos concordavam com ele, mas a atitude do capitão parecia fruto das emoções mais que da razão. Possivelmente era incapaz de admitir que existisse magia real no mundo.

Certo. Possibilidade número dois: Randall sabia que Lily tinha razão, mas não queria manchar a reputação do departamento. E estava disposto dar cobertura para Mech.

Lily não gostava dessa ideia. Ia contra tudo o que ela sabia sobre o capitão, mas admitiria que fosse uma possibilidade. Randall era ambicioso. Não gostava de Croft e Karonski, não queria que eles o tirassem do comando e, sobre tudo, não queria que alguém encontrasse provas de que havia um policial corrupto no departamento.

³⁹ Religião neopagã que prega o renascimento da antiga bruxaria.



Bom, maldito seja ela também não queria. Lily começou a arrancar as ervas que estavam escondidas sob as folhas dos arbustos. Mas ignorar e fazer como se não tivesse acontecido nada não era uma opção.

Terceira possibilidade: Randall estava corrompido. Sabia que Lily tinha razão sobre a feitiçaria, sabia quem matou Therese e o porquê. E se isso era certo, Lily estava em perigo. Randall teria que desacreditá-la... ou matá-la.

Forma que seria igual, caso o corrupto fosse Mech.

O suor cobriu sua testa, mas sentia frio. Não era pelo perigo em si. Era porque o perigo provinha de outro policial.

Nunca foi fácil ser uma mulher oficial de polícia. E não tinha ajudado que fosse baixinha magra e Chinesa. Mas conseguiu entrar. E agora formava parte de algo.

Mas o preço de formar parte de algo acabava de subir. Para continuar sendo um a mais entre seus companheiros teria que seguir jogando segundo as regras, as escritas e as não escritas.

Por acaso não foi sempre muito boa seguindo regras? Mas desta vez, pensou enquanto destroçava outro grupamento de cardos estrelados, seguir umas regras significava ignorar outras. Lily sabia que mataram Therese Martin por meio de feitiçaria e que prenderam o homem errado. Mas não podia informar ao FBI, e seria melhor que não comentasse em nenhum outro lugar. Para seguir no caso, Lily teria que agir como se não houvesse um traidor no departamento. Agir como se seguisse passo a passo a linha que o capitão desenhou para ela.

Isso fazia sentido? Lily limpou o suor da testa com a mão, misturando-a com terra. Poderia fazer mais por Rule ficando onde estava do que começar uma cruzada justiceira e solitária. Até onde poderia chegar se não tivesse atrás dela toda a força da lei?

Até onde poderia chegar se usavam contra ela toda a força da lei?

Ao menos sabia que alguém que jurou proteger a lei a estava subvertendo. Mech. O capitão Randall. Os agentes do FBI, Croft e Karonski. Lily não sabia quem era o inimigo... mas ele a conhecia. Rule estava preso, acusado de assassinato. Por culpa de uma armadilha colocada por um policial.

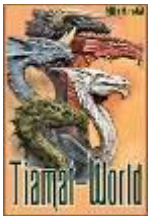
Lily ficou de pé. O vento fez que uma mecha de cabelo roçasse sua bochecha, e virou o rosto para ele. As nuvens se acumulavam para o oeste, sobre o mar. Possivelmente chovesse logo. Para a terra era bom.

Lentamente tirou as luvas. Normalmente recolhia as ervas daninhas que arrancara. Mas desta vez olhou o montão de ervas e não se importou. Deixou que o vento se encarregasse de limpar tudo.

Foi para seu carro. Seu telefone estava ali. Precisava fazer uma chamada. E logo voltaria para a delegacia de polícia.

Capítulo 16

Nunca apagavam as luzes.



Naquele buraco de metal em que o prenderam ele havia muitas coisas que odiava de morte, e outras que não estavam tão mal. Rule não se importava de não ter cama. Não podia ficar quieto, assim que uma cama só o teria atrapalhado. As instalações sanitárias eram simples, mas estavam limpas: tanto o lavabo como a privada se embutiam na parede. Embora as paredes em si mesmas o isolassem de tudo. Rule quase não podia sentir a lua através por todo aquele aço contra o que desenvolvera certa tolerância. Os humanos utilizavam grandes quantidades de metal para construir suas cidades. O mais difícil de aguentar era o silêncio, não podia ouvir nada do exterior dentro de sua minúscula cela.

Mas o que o estava tornando louco de verdade eram as luzes permanentemente acesas.

Se a escuridão tivesse sido total, Rule não teria conseguido ver as paredes. Teria podido imaginar que não estava ali, ou que estava mais longe. Embora a escuridão não fosse ajudar ele a ficar quieto. Tentou fechando brevemente os olhos. Não conseguiu nada.

As coisas poderiam ter sido pior. Como os lupi curavam suas feridas muito rápido, eram objetivos fáceis para certo tipo de policiais. O ferimento não ficaria à vista. Se alguém se dava conta de que o prisioneiro tinha um ou dois ossos quebrados, era fácil dizer que tiveram que submetê-lo por ser violento. Precisa muita força para submeter um lupus rebelde. E embora algum policial suspeitasse a verdade, não diria nada.

Rule os entendia. A polícia era como um clã, embora, em sua opinião, seu funcionamento não fazia muito sentido. Esperava-se muito deles, mas negavam a eles o status que mereciam por seu trabalho. Não era estranho que muitos se desviassem do caminho certo.

Economizaram a ele a indignidade de golpeá-lo quando estava claro que ele não ia contra-atacar, lembrou a si mesmo.

Preferia que tivessem dado nele uma surra.

Rule grunhiu para a parede de metal e se virou. Três passos em uma direção, volta, três passos na outra. Estava dando voltas sem parar desde que o prenderam. Talvez em um dia ou dois se esgotasse o suficiente para conseguir dormir.

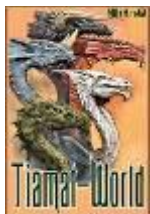
Utilizou a única chamada telefônica que o permitiram fazer para contar para Benedict o que aconteceu. Seu irmão se encarregaria de procurar um advogado, e antes ou depois teriam que deixar que esse advogado entrasse para lhe ver. Não podia saber se deixariam que alguém mais viesse o visitar. Também não sabia se alguém mais queria vir ver ele.

Seus lábios se esticaram de desgosto. Não servia de nada enganar a si mesmo. Não estava preocupado se por acaso “alguém” mais viria ver ele. Queria que Lily viesse. Queria que ela estivesse preocupada com ele.

Olhou-o como se odiasse.

Três passos. Volta.

Embora tivesse evitado que seu companheiro atirasse nele. Na mente de Rule não havia dúvida de que era o que aquele sargento queria fazer: provocar Rule para que mudasse. Se não conseguisse, obrigar Rule a mover-se, e fazer alguma ação que pudesse ser interpretada como ameaçadora. Queria uma desculpa para matá-lo. E os outros não se importariam. Matar um lupi



foi um jogo legal durante muito tempo.

Lily se colocou diante da maldita arma.

Em nome de Deus, no que demônios estava pensando? Ela mesma disse um pouco antes que os humanos não se curavam com tanta rapidez como os lupi. Rule não estava disposto a passá-lo por alto, mas pelo visto lhe dava igual. Se o sargento tivesse atirado em Rule, ele teria vivido o suficiente para levar aquele bastardo com ele. O outro policial acertou nisso. Inclusive conseguiria sobreviver, dependendo se os outros policiais disparassem ou não e onde tivessem entrado suas balas.

Lily não teria sobrevivido. Se aquele policial tivesse apertado o gatilho depois de que Lily se colocou na frente... *Pensa em outra coisa.*

Três passos e volta.

O que aconteceria aos Nokolai se julgassem ele culpado? O que aconteceria a seu filho?

Também não era o melhor tema sobre o que pensar.

De todos os modos, há quanto tempo já estava preso? Normalmente podia deduzir à hora pelo baile entre o sol e a lua, mas sua influência estava amortecida por todo aquele aço. Supôs que já seria noite. Tiraram seu relógio, os sapatos, um pequeno canivete, o telefone e as chaves. E nenhum desses perigosos objetos podia comparar-se com o que ele podia fazer somente com suas mãos.

Imbecis.

Parou e olhou para as condenadas luzes.

Dois tubos fluorescentes embutidos no teto e protegidos por barras de aço. A distância entre o chão e o teto era a única coisa ampla naquela cela, possivelmente três metros. Podia saltar e tocar o teto. Saltar, agarrar às barras com uma mão, colocar a outra por entre elas e destroçar os malditos tubos fluorescentes. Sofreria cortes, e o que?

É obvio, eles chegariam correndo, armas em mão, preparados para atirar nele por acreditar que era uma maldita tentativa de fuga. Observavam ele. Sabia. O olho negro e redondo da câmara observava do alto, em um canto.

Se estivesse um pouco mais abaixo, poderia ter mijado nela. Um desejo infantil, mas totalmente compreensível, pensou. Além disso, também teria sido muito fácil destroçar a câmara, se quisesse.

Seria um descanso entre tantas voltas e voltas.

Dobrou os joelhos para pegar impulso e se lançou para cima. Fechou os dedos em torno das barras e ficou pendurando... E então ouviu abrir a fechadura.

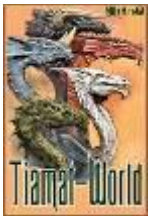
Deixou-se cair no chão e se voltou para a porta.

Esta se abriu.

— Está bem? — disse uma voz. Não podia ver ninguém — A porta vai ficar aberta. Não é uma armadilha.

Rule piscou.

— Karonski? Abel Karonski?



— Pelo menos sua memória ainda funcionava. — Uma figura volumosa se moveu na escuridão e saiu para zona iluminada: traje enrugado, expressão amarga, e um horrível mau cheiro desses cigarros que estava acostumado a fumar. Definitivamente era Abel Karonski, embora tivesse passado muito tempo desde a última vez que Rule o viu.

— Não estava em minha relação de nomes.

— E essa relação, é de pessoas boas ou de pessoas más?

— De pessoas que tinha a possibilidade de vir aqui. Acreditava que um advogado apareceria cedo ou tarde... mas não esperava a DCM.

— Bom, aqui estamos. E agradeça por isso. Esta livre.

Livre. Rule deu um passo para a porta. Hesitante.

Karonski deixou o caminho livre para ele. E Rule se moveu rápido. Não deveria ter feito. Quando um lupus se move rápido, assusta os humanos, e os humanos armados e assustados costumavam fazer buracos nas pessoas.

Mas... se deteve fora da cela, olhando ao redor. O pequeno corredor estava vazio exceto por Karonski e outro homem, um que Rule não conhecia. Também não tiraram suas armas do coldre.

— Estou sob sua custódia?

— Não. Como já disse esta livre. Graças a sua noiva. Embora eu fosse gostar que viesse comigo agora. E te convém, dado que aí fora há uma dúzia de jornalistas desejando te pôr na primeira página. Se equilibrarão sobre ti assim que saia. Um carro nos espera.

Rule assinalou ao outro homem com a cabeça.

— E ele é...?

— Martin Croft — disse o outro homem. Era mais alto que Karonski, sua pele era mais escura e se vestia muito melhor. Estendeu a sua mão.

Karonski lhe deu uma cotovelada.

— Ainda não. Precisa tranquilizar-se. — Observou Rule atentamente — Está nervoso, mas sob controle. Acredita que poderá passar por esse mar cheio de piranhas com microfones sem arrancar a mão de ninguém?

— É óbvio. — Jornalistas. Devia ter imaginado. Não estava pensando com clareza. Rule passou uma mão pelo cabelo e desejou ter um espelho. Atuaria para as câmaras, mas era melhor que fosse breve.

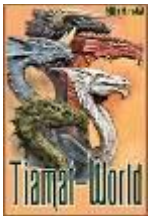
— Acredito que alguém vai me devolver meus sapatos. Que horas são?

— Quase as dez. Saia por aqui. — Karonski caminhou na frente pelo corredor. A porta, no final era de metal e não havia maneira de abri-la do interior. Rule se concentrou em manter estável sua respiração. Estava quase fora. Não podia desmoronar agora.

O outro homem, Croft, sorriu quando ficou ao lado de Rule.

— Se perguntar por que somos nós os que temos a honra de te tirar daqui deveria agradecer às habilidades descritivas de Abel. Explicou com detalhes o que aconteceu numa vez que puseram em liberdade um lupus que esteve preso por muito tempo.

— Por Deus, Martin, quer que me mate? — Karonski grunhiu — Turner, não disse para eles



por que ficam nervosos quando são presos. Simplesmente disse a eles que estaria de saco cheio pela injustiça que cometeram contigo.

Embora obviamente, havia dito para Croft.

— São parceiros? — perguntou Rule.

— Sim, por culpa de meus pecados — disse Croft.

Karonski riu inesperadamente.

— E fala literalmente — disse, enquanto apertava um botão junto à porta.

Uns minutos depois, Rule assinou um papel ao receber seus pertences. Colocou os sapatos e meteu a carteira no bolso. Dois agentes de polícia esperavam para escoltar ele. Ao que parecia, as autoridades não queriam que parasse para dar uma entrevista para a imprensa em seu caminho de casa.

Lily não veio. Rule não se deu conta do muito que queria que ela estivesse ali até que sentiu a decepção. O seu lado humano gostou de recuperar seus pertences. Perguntou se os humanos também se sentiam menosprezados como seres civilizados quando tiravam as coisas que normalmente levavam com eles.

— Disse que estou fora “graças a minha noiva”, — disse para Karonski — O que queria dizer?

Karonski o olhou brevemente.

— As explicações mais tarde. Vamos cruzar através desse mar de repórteres e iremos a outro lugar onde possamos falar.

— Droga — disse Croft quando chegaram à porta — Está chovendo outra vez. Desconfio que os jornalistas não se importarão em molhar-se.

— Não vai derreter porque a água toque em você. Vamos.

Rule saiu na noite úmida com Karonski de um lado, Croft de outro, um policial em frente e outro atrás.

Viu brilhar os flashes. O colocaram diante dos microfones. Ouviu vozes que gritavam perguntas. Rodearam-no: pessoas, sons, luzes; todos pressionavam ao seu redor até que foi difícil respirar. Com a ajuda da escuridão e da chuva, e os focos das câmaras, os jornalistas se converteram em uma muralha sem rostos nem vozes individuais.

Tranquilo, disse Rule a si mesmo. *Pode sair daqui, tranquilo*. Parou, sorriu para os jornalistas e realizou a melhor atuação de sua vida.

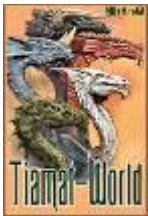
— Cavalheiros. Senhoras. Sou muito vaidoso para deixar que me entrevistem neste estado.

— Mostrou suas calças e sua camiseta, que eram muito mais informais do que ele estava acostumado a vestir para uma sessão de fotos com a imprensa.

Alguns riram. E alguém assobiou.

— Obrigado. — Esperava que seu sorriso brilhasse o suficiente — Permitam que me recupere com uma noite de sono reparador e que me arrume apropriadamente. Pela manhã farei uma declaração e responderei a suas perguntas.

Os jornalistas não se renderam, mas com a promessa de uma declaração para a imprensa, ficaram menos insistentes. A escolta de Rule arrumou para fazê-lo chegar ao sedan preto que



esperava por ele. Croft ficou no volante; Karonski se sentou ao lado e deixou o assento traseiro para Rule.

Concentrou-se em respirar.

— Está bem? — Karonski se virou para olhá-lo uma vez que o carro arrancou.

Rule odiava a si mesmo por como reagia. Os lupi, em geral, não gostavam dos espaços fechados, mas nem todos eram tão condenadamente sensíveis como ele. Mas não podia remediá-lo. Necessitava de ar.

— Tem um parque a umas quadras daqui. Eu gostaria de ir ali.

— No meio da chuva? — perguntou Croft.

— O que acontece com você e com a chuva? — Karonski voltou a olhar para frente — Minha mãe sempre dizia, não incomode um homem lobo intranquilo. No parque não há paredes. Diga a ele aonde quer ir — disse para Rule, e riu — Eu faço.

— Sempre — murmurou Croft.

Um par de semáforos vermelhos mais tarde e pararam no parque. Rule saiu. Não caía muita chuva, mas o vento soprava, revolvendo tudo. Voltou o rosto para o céu e deixou que a Dama o purificasse.

Ajudou-lhe. Quando os outros dois saíram do carro, foi capaz de dizer educadamente:

— Me perdoem um momento. Em seguida volto. — E pôs-se a correr.

Doze minutos depois voltou para carro. Manteve um ritmo suave, não mais rápido que poderia ter aguentado um humano. E viu dois caras fazendo *cooper*, confrontando a escassa chuva. Era um bom aviso. Nem todos os humanos se isolavam da natureza.

Entretanto, os agentes do FBI voltaram para o carro para manter-se secos. Quando voltou, Rule pediu desculpas por tê-los feito esperar.

— Não estava em condições de perguntar nem escutar nada. Agora sim estou. Por que não estou na prisão?

— Melhor que te tranquilize antes de tudo — disse Karonski — Sei que normalmente não dispararia no mensageiro, mas prefiro que ouça isto com a mente clara. Não vai gostar.



Croft e Karonski sabiam o endereço de Lily. Levaram ele ali.

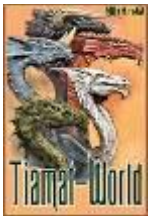
Vivia no segundo andar de um pequeno edifício de uma intragável cor rosa que a cinquenta anos veio à luz como um motel. Um corredor de cimento conectava cada andar com uma escada exterior e dava acesso a cada apartamento.

Quando Rule desceu do carro sentiu o aroma forte do mar e doce. Água, decomposição, sal e areia... Rule gostou de onde vivia Lily. O mais seguro era que uma mulher que escolheu viver tão perto do mar não se escondesse em casa automaticamente quando chovia.

O que não significava que não se escondesse de outras coisas.

— Vai embora — disse Lily sem abrir a porta quando Rule chamou.

— Não.



— Faz o que queira. Não vou abrir.

— Não vou embora. — Rule se sentou no corredor úmido e apoiou as costas contra a porta.

Não houve mais comentários do outro lado, mas sabia que ela continuava ali. A porta era muito fina para que ele não pudesse ouvir seus movimentos.

— Vai muito à praia? Vive muito perto.

Silêncio. Rule a imaginou sacudindo a cabeça, perplexa pelo tema da conversa.

— Corro na praia. É bom para os músculos da panturrilha.

— E para a alma. Não vamos à praia simplesmente por ir, não é? Vamos para nos sentir vivos. Como a vida, o mar contém a oportunidade e a mudança, a dor e o terror, e a beleza. Promete mortalidade, não paz.

— Esta noite não estou com humor para poesia.

— Acredito que não. Sente que como se colocaram sua vida de pernas para o ar. Possivelmente te ajude se bater em mim, gritar ou quebrar coisas. Entretanto, não pode bater em mim através da porta.

Houve uma longa pausa. E logo:

— Não vai, não é verdade?

— Não.

Um segundo depois ouviu a fechadura. Rule ficou de pé e encarou a porta enquanto se abria.

Lily vestia umas velhas calças de moletom de cor preta e uma camiseta cinza em que se lia “Dpto. de Polícia de San Diego”. Não usava sutiã, pensou Rule. Seu cabelo preso em um rabo-de-cavalo informal. Iluminada pela suave luz do interior, Lily parecia dura e intocável.

Isso não impediu que Rule desejasse tocar nela.

Lily negou com a cabeça.

— Posso te denunciar por perseguição e deixar que te prendam de novo.

— Sou um felizardo de que seja muito boa para fazer isso.

— Não sou boa para nada. — Deu um passo atrás — Entra para que possamos resolver isto de uma vez por todas.

Rule entrou e olhou ao seu redor, respirando os aromas que encontrou: plantas, espaguete, e Lily. Lily por toda parte. Seu aroma permanecia nas almofadas no carpete e nas paredes de sua casa, e isso o fez feliz.

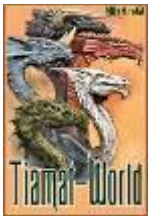
Mas cheirava a algo mais.

— Tem um gato.

Seus lábios se retorceram em um sorriso estranho.

— Está fora. Tem algum problema com os gatos?

— Normalmente são eles que têm comigo. — Caminhou mais pela sala, tocando uma pétala de planta aqui, ou as cortinas lá, olhando o único quadro do apartamento: uma fotografia em branco e preto de uma paisagem do mar. A sala era pequena, estava escrupulosamente ordenada e vazia à exceção de...



— Prefere as plantas aos móveis?

— Eu gosto da jardinagem. E como não tenho jardim, me arranjo com vasos. — Cruzou os braços indicando para Rule que queria que mantivesse a distância — Creio que não veio inspecionar meu apartamento.

Era uns braços tão bonitos, redondos e firmes, a pele suave. Rule desejava lambar cada centímetro. Para ocupar sua mão em algo, passou-a por seu cabelo, eliminando a umidade que se depositou nele.

— Não, mas estava curioso por conhecer sua casa. Cheira bem.

— Ah... obrigado. Estou feliz de que não continue preso, mas não quero ter companhia neste momento. Se veio me agradecer, considere aceito.

— Gratidão é uma palavra muito débil considerando tudo o que te devo. Por que te tiraram o distintivo?

Lily se sobressaltou.

— É temporário. De toda a maneira, como soube?

— Os federais que enviou. Me tiraram daquele buraco de metal no que estava preso.

— Suponho que falaram com o capitão. — Deu de ombros, mas não foi um gesto muito convincente — Não é teu assunto.

— Ah, não? — Sem pensar avançou para ela, mas em seguida se obrigou a deter-se. Já estava muito perto e seu coração pulsava como louco. Aquele era um lugar condenadamente íntimo — Te suspenderam por ajudar o FBI?

— Tecnicamente, não. Não se pode castigar um policial por seguir as regras. Embora em certo sentido também as quebrei... me refiro as regras não escritas.

— Então, por quê?

Lily sorriu com tristeza.

— Por ter um caso com você.

Isso fez que Rule soltasse o ar rapidamente.

— Seu capitão é vidente?

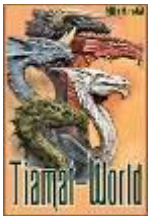
— Está muito seguro de si mesmo, não? Não, está de saco cheio. — Começou a caminhar de um lado a outro, mas as dimensões da sala não permitiam grandes passeios. Chegou à parede, deu a volta e continuou andando — Disseram que esquecesse o assunto. Mas estavam errados. Possivelmente não tivesse provas, mas sabia que Therese morreu por meio de feitiçaria. O capitão não queria acreditar em mim e era tão fácil culpar você pela morte... Enquanto pudesse acreditar que você era o assassino, não precisava investigar o departamento em busca de um policial corrupto. E no final, eu o obriguei a fazê-lo.

Em seu caminhar Lily passou muito perto de Rule. Este não fez nenhum movimento para tocá-la. Em troca, deslizou-se até o chão e se sentou, para evitar tentações.

— Como?

— Fui a Corregedoria. — Chegou à parede e deu a volta — Não sabe o que isso significa.

— São policiais que vigiam a outros policiais.



— Mais ou menos, sim. Mas normalmente não é você que vai até eles. Não se dedura o seu supervisor ou de seus irmãos policiais, porque ninguém confiará em você nunca mais se o fizer. Não posso explicar. Simplesmente, é assim.

— Acredito que entendo. A Corregedoria são policiais, mas não são parte do clã de policiais.

— O que? — Lily parou, soltou uma gargalhada nervosa e voltou a caminhar pela sala — Isto não é um clã lupi.

— Mas se parece bastante. O capitão é seu *rho*. Sabia que estava errado, mas suas normas não te permitem desafiá-lo diretamente. Em troca, teve que procurar um campeão fora do clã. E isso está permitido pelas regras, inclusive da ânimó, mas é obvio que esse comportamento cria problemas para ti e para seu clã de policiais. — Sacudiu a cabeça — É um sistema estranho.

— Acredito que estou perdendo o juízo — murmurou Lily — Isso que disse tem sentido.

— Num clã de verdade, Te castigariam através do Desafio. Mas suas normas fazem que possa sair do clã sem pagar o preço. Isso está errado. Assim seus colegas policiais irão procurar outra maneira de te castigar, embora isso implique mentir. Você e eu não somos amantes. Ainda.

— Ainda. Ainda. Quer deixar de falar assim? — passou uma mão pelo cabelo, enganchou os dedos na presilha que segurava o rabo-de-cavalo, soltou e a atirou no chão.

— Quem é que mentiu sobre ti?

— Mech contou ao capitão um montão de bobagens. Randall sabia que eram tolices, ou ao menos isso acredito. Mas então eu cheguei, dizendo para ele que devia te soltar. E o fiz depois de dedurar a Corregedoria e ao FBI. Deviam me castigar é obvio. — Lily se deteve um segundo — Deveria ser temporário. Não podem provar algo que não é verdade.

Lily não podia acreditar nisso. Acabavam de prender Rule só porque não tinham sido capazes de “provar” uma mentira. Mas Lily queria acreditar, precisava acreditar. Não queria perder seu clã... que é o que estava em jogo.

— Querida. Você me faz sofrer.

O olhar de Lily o alcançou e se afastou como uma pedra que ricocheteava sobre a superfície da água.

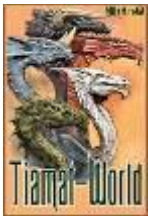
— Não fiz por você. Deveria saber. Fiz porque tenho que viver comigo mesma, e estava mal cobrir tudo e fazer como se não tivesse acontecido nada. Embora fosse temporariamente. — Seus pés a puseram em movimento outra vez — Queria levar a investigação eu mesma. Tentei me convencer de que podia, mas no final decidi que seria arriscar muito. Muito mais do que tinha direito de arriscar.

Lily lembrava a ele mesmo dando voltas em sua cela, sem poder parar. O que era que a fazia sentir-se presa?

— O que é o que teria arriscado?

— Você, por exemplo. Estava em uma jaula. Sei como são essas celas, minúsculas. E provavelmente fedem. Talvez não pudesse aguentar o tempo suficiente para que eu arrumasse as coisas.

— *Merda!* Karonski o contou para todo mundo?



— O que?

— Não se preocupe. Disse que não fez isso por mim.

— Você foi um dos elementos a se ter em conta. — Lily voltou a passar dolorosamente perto dele — Embora o mais importante fosse que eles possam ter sucesso em me colocar para fora. Se eu tivesse sido a única, a saber, com certeza que Therese morreu por feitiçaria, teria sido um incômodo. Se tivessem me matado e ninguém mais soubesse...

Rule ficou de pé de repente.

— Não tinha pensado nisso. Estava tão ocupado ficando louco naquela cela...

— E por que deveria ter feito? Também levei um tempo para me dar conta. Não estou acostumada a pensar que outros policiais possam ser um perigo para mim. Não queria ver, mas quando o fiz me dei conta de que precisava me assegurar de que alguém mais soubesse. Dizer para o FBI estava bem, mas não era suficiente. Havia possibilidades de que fizessem parte de tudo isso, da conspiração. Então não podia estar segura.

Rule passou uma mão trêmula pelo rosto.

— Karonski não.

Lily estava surpreendida.

— O conhece?

— Faz muito tempo que não nos vemos, mas sim. Juro que é honesto. Irritante como o inferno, mas honesto.

— E o que ele te contou? — Lily o olhou cara a cara, quieta por um segundo.

— Que você o chamou porque seu capitão não queria fazer. Que sabia que essa mulher, Martin, morreu por feitiçaria, não atacada por um lupo. Mas não disse como descobriu. Quando perguntei, me disse que perguntasse isso para você.

— Bom. — Lily mordeu o lábio — Se vê que consegue manter a boca fechada.

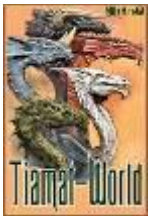
— Não quer que eu saiba?

— Não quero que ele determine quem deve saber. Mas você... — Parecia incômoda, mas deu de ombros — Por que não? De toda a maneira o capitão está planejando me tirar do armário e não será um segredo durante muito mais tempo. Sei que Therese morreu por feitiçaria porque senti a magia que o assassino deixou atrás de si. Sou uma sensível.

Capítulo 17

A expressão do rosto de Rule era de grande surpresa. Lily franziu o rosto e esfregou os braços. Sentia-se estranha; primeiro teve frio e logo calor, e tudo de uma vez. E estava muito nervosa. Excitada... Bom, isso não era estranho. A presença de Rule alagava sua pequena sala de estar. Parecia como se Rule estivesse aproximando-se dela mais e mais, e, entretanto não se movia.

Lily precisava afastar-se dele. Esse pensamento, não muito concreto, mas bastante imperativo, obrigou-a a mover-se de novo.



— O que acontece? Penso que não te assustam os sensitivos, não é?

— Não... — Parecia distante, e impressionado.

— Em meu trabalho às vezes ajuda saber quem pertence à Estirpe ou quem tem um dom. Como seu amigo Max. Isso foi uma surpresa. Nunca conheci um gnomo. Mas não mencionei que era em meu relatório. Eu não exponho às pessoas.

Como se voltasse de algum lugar longínquo, Rule sacudiu a cabeça como os cães quando querem secar-se.

— Não, é obvio que não. Isto explica... muitas coisas.

Explica o que? Entregou a si mesma de algum jeito? *Não importa*, disse para si mesma impaciente. Seu segredo logo deixaria de ser segredo. Randall pensou em seu relatório. Afirmava que precisava fazer para explicar por que pôs Lily à frente da investigação.

Lily chegou à parede e deu a volta. Possivelmente o capitão o fizesse por isso. Agora que estava cada um em um lado daquele abismo era fácil pensar mal dele em tudo. Mas isso seria um grande erro. Realmente o capitão acreditava nas acusações de Mech? Ou servi-se delas para castigá-la por sair do clã?

Deus. Começava a pensar como Rule, como se ela e o capitão fossem lupi. Precisava parar de fazer isso. Se continuasse fazendo, ia confundir as coisas muito mais.

Averiguaria no que acreditava Randall de verdade. Se tiver feito com ela por vingança certamente agiria de forma diferente, se realmente acreditasse que Lily cruzara o limite. O capitão era agora seu oponente. Odiava ter que pensar assim, mas era ele o que apresentou a acusação formal contra ela. Defenderia-se dessas acusações.

Lily fez uma pausa e olhou para Rule. E retirou o olhar. E voltou a olhar. Teve a sensação de que não podia fixar a vista em Rule durante mais de um segundo. Mas também não podia deixar de olhar para ele.

— Que esteja aqui esta noite fará mais difícil refutar as acusações de Mech.

— Sinto muito. — a expressão de Rule era preocupada — Não posso adiar mais, *Nadia*. Tem que saber.

— Saber? — Seu coração se acelerou. Não sabia por que. Sua boca secou e se deu conta de que, estranhamente, era mais consciente de seus dedos, de sua garganta, de sua pele; essa consciência total dela mesma que sentia cada vez que o perigo a rondava.

Sem se dar conta, Lily parou em seco.

— Saber o que?

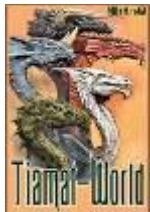
— Você e eu estamos destinados um ao outro.

Não havia suficiente ar para respirar. Apesar de tudo, Lily tentou rir.

— O que é isso? Uma frase lupus para paquerar?

— Significa que somos companheiros, um casal, destinados um ao outro pela mão da Dama. Unidos para toda a vida. Romper o vínculo significa a morte.

— Isso é uma loucura. Uma absoluta loucura. — Precisava mover-se. Não podia deixar de olhar para Rule — Não pretende que eu acredite nisso.



— É muito fácil de demonstrar. Se agora mesmo me aproximasse de ti, se te tocasse com minha mão, seria minha. Apesar de tudo o que poderia perder, seria incapaz de me afastar. Sua necessidade é muito forte.

— Isso... isso... — Lily conseguiu deixar de olhar para Rule e pôde voltar a mover os pés. Começou a caminhar de novo — Passou de arrogante a desagradável.

— Não pode te acalmar. Algo está te devorando por dentro. Posso cheirar sua excitação cada vez que passa do meu lado.

Lily ficou pálida, logo se ruborizou.

— Então respira pela boca, maldito seja. Isso é... um atentado contra minha intimidade. Não tem direito...

— Não posso evitar. Não mais que você. Ser eleito significa perder certas conveniências. Mas abrem outras possibilidades, algumas doces, outras terríveis. Ser eleito ocorre muito poucas vezes. — Estava sendo amargo não sedutor — Não quer acreditar, mas tem que fazer.

— Mas não acredito. Não adoro a sua Dama, e não acredito que esteja apaixonado por mim.

— Isso não importa. O vínculo primário é entre nossos corpos, não entre nossas mentes ou nossos corações. Embora eu goste muito de você, Lily — disse com um sorriso tão triste como arrebatador — Também te admiro e te respeito. Daí; podemos começar a construir algo. E fica muito trabalho.

Lily não podia dizer essas coisas para ele. Não porque não as sentisse, mas sim porque não se atrevia.

— Não acredito que Deus se dedique a distribuir *geas*⁴⁰ sexuais. Disso que está falando, não? Não de uma união romântica, mas sim de algo assim como um *geas* divino.

— Me diga que vá embora.

Os pés de Lily tropeçaram.

— Se estou errado, se tiver oportunidade de escolher, me diga que vá.

Lily não podia falar. Não podia mover-se.

— Faz dois dias senti um enjoo que não entendeu.

Lily sentia que sua cabeça dava voltas.

— Felizmente passou em uns segundos. Porque me dei conta do que estava acontecendo e me aproximei de ti. Há uns limites a respeito do quanto afastados podemos estar um do outro. Eu ultrapassei esses limites, e os dois sofremos.

O coração do Lily pulsava como louco.

— Estou enfeitiçada — murmurou.

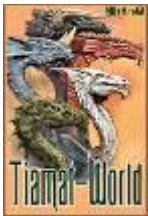
— Pode se enfeitiçar uma sensitiva?

Lily negou com a cabeça.

— Mas não há outra explicação.

— Não está raciocinando — disse Rule com suavidade, e se aproximou de Lily —, mas não é

⁴⁰ Segundo a mitologia celta significa maldição, obrigação mágica ou divina de fazer algo sob pena de morte.



sua culpa. Eu tenho a vantagem de ter tido tempo suficiente para poder assumir a mudança em mim. Você não. Sente como se estivesse dando voltas freneticamente, se partindo em dois, e, entretanto, não te move. Vai te devorar viva, Lily. Está me devorando. Temos que nos tocar. — E o fez.

As mãos do Rule eram grandes, e suaves para serem as de um homem. Possivelmente curasse as dificuldades antes que se formassem? Abrangeu ambos os lados do rosto de Lily com as mãos. Ela sentiu com clareza cada dedo. Não se moveu. A mente de Lily estava em branco, vazia de pensamentos, de possibilidades, de nada que não fossem suas mãos sobre ela.

Rule se aproximou mais, inclinando a cabeça como se fosse beijá-la. Não o fez. Entretanto, Lily sentiu o fôlego de Rule sobre sua boca.

— Fôlego com fôlego — sussurrou — Doce, é tão doce respirar seu aroma.

O mesmo ar adquiriu centenas de tonalidades. Respirar era embriagador, intoxicante. A pele de Lily estava viva e seu corpo pulsava de desejo. Mas havia algo que não funcionava.

— Por que não posso te sentir? Quando te toco, por que não posso perceber sua magia?

— Ah. Isso teve que te confundir. Eu diria que nossa magia se mescla tão brandamente que é incapaz de distinguir a minha da tua.

Lily se sacudiu.

— Eu não tenho magia.

— Amor. — Rule soltou o rosto de Lily para atraí-la para si. Suas roupas estavam úmidas, seu corpo duro e quente — Por acaso acredita que ser sensitiva não significa ter um dom? É um dom muito pouco frequente, mas continua sendo um dom.

Depois. Lily pensaria sobre tudo isso mais tarde. Como podia sequer pensar com Rule tocando seu corpo? Sua pele vibrava como um tambor. E o rosto de Rule, tão perto do dela, a fascinação... Lily seguiu a sobrancelha de Rule com um dedo.

— Sabe que agora mesmo estou apavorada.

Rule respondeu com uma risada extensa e rápida, muito menos sedutora que seu sorriso. E muito mais perigosa. Rule era real quando ria.

— É uma delícia.

— Genial. Eu estou apavorada, mas segundo você sou uma delícia.

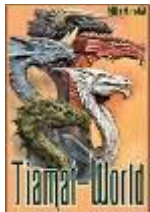
Rule sacudiu a cabeça e sua risada sumiu.

— Temos tantas coisas que aprender um sobre o outro. — As mãos de Rule estavam por todo o corpo de Lily — Depois. Preciso de você agora, minha *Nadia*, minha única. — A beijou com desejo.

Tudo nela foi ao encontro dele. Seu sabor, sim, já o provou antes e o necessitava agora, necessitava dele... Um uivo terrível como de outro planeta inundou o ar. Lily se separou de Rule, com os olhos abertos pela surpresa. Ele seguia com os olhos fechados, respirando pesadamente. Ergueu a cabeça.

— Que Deus nos ajude. Seu gato quer entrar.

OH. OH, claro, sim, é obvio, pensou Lily apoiando a cabeça no peito de Rule e tratando de



recuperar o fôlego. Aquele uivo de desafio pertencia inequivocamente a *Harry*.

— Te cheirou.

— Sim. — Rule soava fúnebre — Gosta desse gato?

— É obvio.

— É obvio. — Suspirou — Um cão teria dado muito menos trabalho. E, além disso, é macho.

Será melhor que o deixe entrar.

— Mas... — *Mas não posso o deixar ir agora, não posso parar me dói o desejo que sinto por ti. Não poderia... não poderíamos...* Lily sacudiu a cabeça para apagar a imagem que se formou em sua mente. Seu corpo zombava dela, e dizia claramente o que precisava. A ele. Dentro dela. Agora.

— Estou perdendo a cabeça.

— Você recuperará ela, mas não até que consumemos nossa união. Embora primeiro... — Fez uma careta enquanto deixava cair os braços e dava um passo atrás — Tenho que conhecer seu gato.

Lily tragou. Devia deixar Harry entrar. Os vizinhos poderiam reclamar, possivelmente comesçassem a atirar coisas para que ele se calasse. Lily não queria que fizessem mal a seu gato. Ainda estava uivando, esse seu som de desafio que subia e descia de intensidade.

— Não acredito que seja uma boa ideia que conheça ele. O colocarei no quarto.

— Não. — Rule negou com a cabeça — Precisa te defender, o deixe entrar.

— Não irá a...

— Não farei mal a ele.

Possivelmente seja ele que faça mal a ti, pensou Lily, e fez um gesto de chateação. Aquilo era ridículo. Rule lutava contra homens lobo, Por Deus. Poderia enfrentar um gato sem problemas. Inclusive um que pesasse sete quilos e meio e tivesse problemas de comportamento. Ou não?

Olhou para Rule por cima de seu ombro enquanto chegava à porta. Estava agachado no centro da sala, os joelhos flexionados e os braços dispostos. Levou a sério o desafio do Harry.

Possivelmente fosse uma boa ideia.

— Eh... seu nome é *Harry o Sujo*.

As sobrancelhas de Rule se arquearam.

— Colocou em um gato o nome de um personagem que chuta o traseiro dos caras maus?

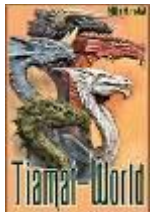
— Cai bem. Embora sua definição de caras maus abranja muitas pessoas. — Girou a chave e abriu a porta.

Harry entrou como um raio... direto para Rule.

Homem e gato se moveram rápido, muito rápido para que os olhos de Lily captassem o que estava acontecendo. Viu Harry saltar. Rule parecia que se teletransportava de um lugar a outro, algo que já havia visto Harry fazer às vezes. E de repente, Harry estava agachado a uns metros de distância, suas orelhas abaixadas e a cauda golpeando como um chicote.

— Isso está bem — murmurou Rule sem tirar os olhos do gato — Tem direito a protegê-la, mas não vou fazer mal a ela. Também não quer compartilhar ela, mas vai ter que fazer.

Harry saltou de novo. Rule se agachou e o gato aterrissou em suas costas. Houve outra série



de movimentos confusos que acabaram com Rule rodando pelo chão e Harry afastado dele e cuspidando.

Pelo rosto de Rule baixava um filete de sangue. Lily deu um passo rápido para ele.

— Fique aí — ordenou Rule, sem olhá-la.

Lily se deteve. Homem e gato observavam um ao outro com os olhos convertidos em finas frestas e Lily se perguntou por que estava obedecendo às ordens de Rule. E que demônios estava acontecendo.

Repentinamente, Harry deu um último uivo e se sentou. Parou de olhar para Rule.

Rule se levantou e virou a cabeça, como se a parede se tornasse subitamente fascinante.

Harry se levantou, agitou a cauda uma só vez, e caminhou para ela com o pelo ainda arrepiado. Se esfregou contra sua perna, miou, e seguiu o caminho para a cozinha.

— Quer... — Lily se engasgou com o que parecia ser uma gargalhada — Quer comer.

— Precisa reafirmar seu lugar em sua vida — disse Rule, que ainda estudava a parede.

— Tudo isto é muito estranho. — Mas seguiu Harry até a cozinha onde o encontrou esperando junto ao seu prato. Lily deu de comer e voltou para a sala de estar sacudindo a cabeça — Estou obedecendo às ordens de um gato, e de um às vezes lobo. Não sei o que estou fazendo. Obviamente, perdi a cabeça. Está sangrando. — Havia dois pequenos rastros de sangue nas bochechas de Rule. Um chegava até seu pescoço. O outro parava justo debaixo de seu olho. Lily tragou. — Deixou ele te fazer isso? Quase te deixa sem olho.

— Não menospreze as habilidades de seu campeão — disse secamente — Não deixei que me fizesse nada.

— Sabia que te atacaria assim que abrisse a porta.

Rule deu de ombros.

— O deixe decidir as bases da negociação. Entretanto, a parte de suas garras em meu rosto foi ideia totalmente dele.

Lily soltou uma gargalhada.

— Isso era uma negociação?

— Os gatos negociam de forma diferente que os humanos.

— Vou por algo nesse corte. Estou certa de que tenho alguma pomada antibiótica. — Mas Lily caminhou na direção de Rule, não para o armário dos remédios no banheiro. Não podia resistir — Não esperava que você gostasse de gatos.

— Respeito eles.

Lily parou diante de Rule.

Tocou o seu cabelo. Seus olhos estavam nublados de desejo.

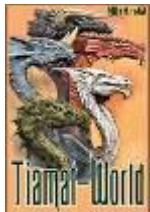
— *Nadia*; não posso esperar mais.

Lily engoliu em seco.

— Eu vou fazer isto, não é verdade?

— Nós — falou Rule e agarrou o cabelo de Lily com a mão — Nós vamos fazer; sim.

— Então, vá em frente — disse intensamente — Deixe de falar e faz. Quero você dentro de



mim.

Rule ofegou como se tivessem dado uma bofetada nele. E então, sua boca cobriu a de Lily, com força.

Lily o agarrou com as duas mãos, afundando seus dedos na carne por debaixo da camiseta úmida. Ficou assim, agarrada a ele. Rule percorreu com suas mãos as costas de Lily, e logo baixou, apalpando suas nádegas e apertando ela contra ele. Lily ofegou.

Descobriu que ele também tinha um aroma, um que inclusive seu nariz humano podia captar estando tão perto de seu pescoço. Uma essência selvagem, mescla de homem, roupa úmida e algo mais, algo que era incontestavelmente Rule. A fez ficar louca. Lily mordeu Rule no pescoço.

— Agora.

Rule grunhiu. Uma de suas mãos se moveu. Baixou o zíper de suas calças e se livrou delas, e depois tirou a calça de moletom e das calcinhas de Lily. Ela se livrou da roupa ardente de desejo. Tremia.

— Está bem — disse Rule abraçando-a. Pôs suas mãos por debaixo do traseiro de Lily, e a levantou do chão — Ponha suas pernas a meu redor, Lily. Sim, assim. — Rule sentiu um calafrio quando Lily obedeceu, abrindo-se totalmente para ele — Tudo ficará bem — repetiu. E ainda de pé, Rule entrou nela.

Lily fez um ruído. O som de algo que se abria, quando seu interior foi invadido por ele.

— *Ahhh* — disse agarrando-se a ele, apertando seus olhos fechados tanto que começava a ver bolinhas brancas em vez de não enxergar nada atrás das pálpebras.

Rule era grande. Extenso, quente e grosso dentro de Lily.

Então ele começou a andar ainda enganchado nela. A sensação era incrível. Os olhos de Lily se abriram de par em par.

— O que acontece? Costuma fazer andando?

Possivelmente Rule pretendeu que o gesto de sua boca fosse um sorriso, mas a tensão fez que se convertesse em uma careta estranha.

— A cadeira. Não posso chegar até sua cama.

Te Amo. Lily quase tinha deixado escapar, e estava atônita. De onde tinha saído isso? Só porque ele estava dentro dela? Porque ela era uma boba, uma idiota incapaz de distinguir entre...

— Vai ser um pouco incômodo — disse Rule olhando a cadeira — É mais apropriada para fazer carinhos e não para foder.

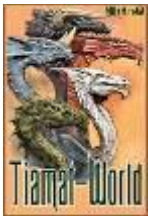
Ele devia saber. Provavelmente havia fodido mais mulheres do que Lily apertou as mãos de homens.

— O que está acontecendo? — Os olhos do Rule se tornaram subitamente ferozes — Aonde foi? Já não está aqui comigo.

Lily lhe devolveu o olhar.

— Se estivesse um milímetro mais contigo estaria dentro de meu útero em vez de você estar roçando nele.

Rule ofegou. Caiu de joelhos enquanto ela começou a cavalgar nele, fazendo que seu pênis



se movesse dentro dela, chegando a lugares nos quais nunca antes esteve e sentindo coisas que nunca havia sentido.

— Se segure. Se segure forte — disse Rule enquanto deixava Lily cair sobre suas costas. E começou a mover-se também.

Acompanhando o ritmo frenético dos quadris de Rule, Lily jogou a cabeça para trás, cravou as unhas nos seus ombros, e acelerou o ritmo para acompanhar o dele. Foi selvagem. E seu desejo, e o dele, fez que fosse breve. O clímax a atravessou, fazendo que seu corpo sofresse espasmos e deixando sua mente vazia. Rule gritou.

Quando Lily recuperou seus sentidos uns instantes depois, seu rosto estava úmido. Seu nome. Rule tinha gritado seu nome.

Por que isso havia a feito chorar?

Rule estava estendido sobre ela, com sua cabeça perto da de Lily, sua respiração agitava o cabelo de Lily. Ao se deixar cair depois do êxtase, Rule apoiou-se antebraços, assim não ficava todo o peso dele sobre ela. Rule ainda estava dentro de Lily... e seu pênis continuava duro como uma rocha.

— Lily? — elevou-se se apoiando em um cotovelo — Ah, querida, por quê? O que é isto? — Rule beijou o canto do olho de Lily e lambeu suas lágrimas. Beijou sua boca, sua língua suave e persuasiva. Seus lábios pediam que confiasse nele. Que permitisse ficar dentro dela. Todo ele dentro dela — Não chore, por favor. Não chore.

— Não estou chorando... — Faltou ar para continuar quando Rule moveu ligeiramente seus quadris — Eu não choro. Não sei o que está acontecendo comigo. Isto é — elevou um pouco os quadris para demonstrar algo —, normal para ti?

— Agora mesmo tem muito poucas coisas que sejam normais para mim. Ou para ti. Possivelmente é por isso chore.

— Suponho que sim. — Lily ainda desejava Rule. Acabava de dar um triplo que entraria para o livro dos recordes, e já sentia desejo por ele outra vez — Se acreditava que isto clarearia minhas ideias, não funcionou.

Os olhos de Rule se enrugaram nos cantos.

— Então deveríamos tentar outra vez. E ver se podemos esclarecer algo.

— Já sei que a resposta dos homens para tudo é o sexo, mas... OH!

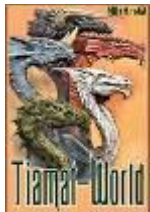
Rule se inclinou e estava lambendo ela através da camiseta. Depois de um instante Rule olhou para Lily.

— Nus seria muito melhor.

— Sim. — Lily moveu suas mãos pelas costas de Rule — Sim, seria muito melhor.

Trinta minutos depois Lily estava atirada de costas sobre sua cama. E Rule estava ao seu lado. Os dois respiravam com dificuldade, o que produzia nela certa satisfação, considerando a vantagem física dele.

— Acredito... Posso afirmar sem dúvida nenhuma — Lily teve que parar para tomar ar —, que sim, que nus foi muito melhor.



Rule riu, virou-se e se levantou apoiando-se em um braço para olhá-la.

— *Mmm.* — Suas mãos acariciaram as costelas de Lily e baixaram até o quadril — Está tão perto da perfeição como é possível sem chegar ao aborrecimento.

Lily virou a cabeça para olhar ele.

— Não esta me dizendo que já...

— Não? — Rule sorriu — ouvi que o primeiro mês para um casal de escolhidos pode ser... exaustivo.

— Ainda não estou certa se acredito em tudo isso dos escolhidos. Há um vínculo, uma atração, algo. Não vou negar isso. Mas provavelmente esteja equivocado.

— Provavelmente. Eu acredito que tudo o que te contei é certo, mas isto... o que nos aconteceu... é incomum. Não sei tudo o que tenha que saber.

Lily ficou em silêncio. Precisava fazer algumas perguntas, e uma parte dela queria as fazer já. Interrogar Rule, arrancar a história dele ou descobrir a verdade sobre esta nova condição. Não queria saber. Lily fechou os olhos e tratou de deixar de pensar. Estava na cama com um homem que em muitos aspectos continuava sendo um desconhecido para ela. E o que era pior, ela era uma desconhecida para ela mesma.

Precisava acabar o que começou; encontrar as respostas sobre a morte de Carlos Fontes. A de Therese Martin. Era uma policial. Não era simplesmente algo que fazia, mas sim era algo que era. Mas era uma policial sem distintivo. No que isso a transformava?

— Resumindo, foi um inferno de dia.

— Para os dois. Que tenham apresentado essas acusações contra ti... Não éramos amantes antes de hoje como eles dizem, mas agora somos. Como vai afetar tudo isso em seu trabalho?

Lily virou a cabeça. Os travesseiros estavam no chão, igual aos lençóis. Voltou a olhar para Rule nos olhos, sem obstáculos entre eles.

— Provavelmente esteja acabada.

O rosto de Rule mostrou seu desgosto claramente.

— Sinto muito, de verdade.

E se Rule estava sendo honesto com ela, ele também não teve escolha. Estava preso igual a ela, e não podia fazer nada para desfazer o que ocorreu. E agora... parecia tão correto estar com ele. Necessário.

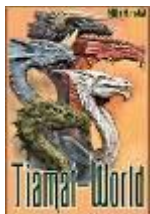
E se isto o incomodava se encarregaria de solucioná-lo amanhã.

— Me distraia — disse Lily beijando o ombro de Rule e acariciando seu estômago.

Isto cortou a respiração dele.

O desejo estava crescendo pouco a pouco nela, outra vez, tão facilmente como o sol cria a neblina a partir da água.

— Não pode fazer que tudo desapareça para sempre — disse Lily —, mas pode fazer que me esqueça, por algum tempo. — Mordeu ligeiramente um lado do pescoço de Rule — Provavelmente os dois possamos.



Capítulo 18

Eles estavam voltando.

Cullen estavam caído sobre o duro chão e percebia os passos com seu corpo. Não se levantou. Eles acreditavam que não podia sentir nada do que ocorria fora de sua jaula, o que estava muito perto da verdade, *maldita seja*. Era muito difícil trabalhar através do vidro, sendo que era quase impermeável à magia. E as paredes e o teto de sua jaula eram de vidro temperado pesado emoldurado em aço. O chão era de rocha, mas rodeada de uma força incrível que resistia as suas explorações com uma dolorosa eficácia. O ralo de energia estava unido ao nódulo próximo, e o nódulo estava vinculado a *Ela*. A antiga que o bando de loucos venerava.

Entretanto, o desespero era a mãe de muitas coisas. E em seu caso, dera a luz a uma paciência que fazia limite com o obsessivo. E ele sabia muito sobre obsessões, não é verdade?

A princípio mantiveram-no vivo pela novidade. Um homem lobo feiticeiro? Acreditava-se que isso não era possível. Já atuara para sua alteza três vezes, e a primeira delas enquanto sofria uma dor insuportável.

A dor já não era tão ruim, mas o bastão protegia à mulher, malditos fossem os dois, pensava Cullen enquanto executava seus truques. O bastão continha o mais puro poder que jamais vira, certamente, suficiente para controlar ele. Mas ela não era uma feiticeira. Tinha poder, um poder imenso, e as mesmas noções de como utilizá-lo como um menino brincando na cabine de um 747.

Precisavam dele. Não confiavam nele, mas queriam utilizá-lo. Cullen não teve muitos problemas convencendo eles de que era um cara facilmente corruptível.

— Pergunte a qualquer um que me conheça — havia dito para a mulher — Sou um egoísta baixo. Pode me comprar, mas o dinheiro não é meu preço.

Havia muitas desvantagens no fato de ter vivido uma vida totalmente egoísta. Como, por exemplo, que ninguém se preocuparia com ele se desaparecesse. Max grunhiria se não aparecesse para dançar, mas não se alarmaria muito. Rule...

O rangido da porta o colocou em guarda.

— Ela falará com você agora.

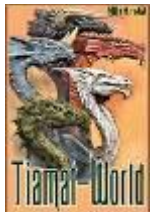
Era o guarda que batizou como Hulk. Era grande e estúpido, e um temperamento... que Cullen, por desgraça, não podia evitar provocar de vez em quando. Aquele lugar era condenadamente aborrecido.

— Não precisava. Mas será um prazer. — Se levantou com agilidade. Isso pelo menos não tiraram dele, pensou. Seu corpo e sua mente continuavam pertencendo a ele, o que frustrava bastante aos seus captores — Estou apresentável? — perguntou — Odeio ter uma má aparência quando tenho que me apresentar diante de uma dama.

Um golpe na têmpora com uma vara de madeira o fez cambalear.

— Proibido falar. Ponha isto.

As algemas aterrisaram no chão com um *clink*. Cullen ficou imóvel. Cada vez era mais difícil controlar sua raiva, mas conseguiu. Ajudou bastante imaginar o corpo flexível da mulher



retorcendo-se de agonia enquanto as chamas a consumiam.

Cullen se dava bem com fogo.

A respiração agitada foi o único sinal externo de sua reação. Logo se agachou, pegou as algemas e as colocou.

— E o meu adorável colar?

Recebeu outro golpe, é obvio. Por falar.

— Vem aqui.

Cullen quis resistir, desejava muitíssimo fazer isso. Mas a única maneira de sair da jaula, por enquanto, era obedecer. Deu um passo para frente.

Esta era a parte que mais odiava. Umas mãos duras colocaram o colar nele e a corrente de prata no pescoço, ajustando-a bem.

Alguém puxou do outro extremo.

— *Arre*⁴¹. — Outro riu.

Os guardas têm um senso de humor bastante limitado. Faziam a mesma piada uma vez e outra, e nunca deixava de ser engraçado para eles. Entretanto, colocar em um homem lobo uma coleira e uma corrente era somente uma parte da diversão. O mais divertido era o incomodar agora que estava cego. Fazê-lo tropeçar provocava sempre grandes gargalhadas.

Cullen deu só um passo. Conhecia muito bem o contorno de sua jaula de vidro, e os guardas nunca entravam, assim estava a salvo de seu humor até que saísse. Sentiu com seus pés o marco de aço da porta...

Um puxão na corrente quase o fez cair.

— Disse *arre*, menino. Anda logo.

Desta vez não pôde reprimir a raiva. Lançou-se pelo espaço, para o guarda que segurava à corrente.

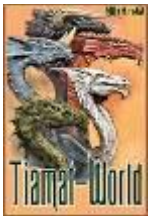
Os guardas eram humanos. Não puderam reagir a tempo. Colidiu com um corpo grande e duro e ajeitou suas mãos algemadas para passar por cima da cabeça do homem enquanto caíam no chão. Cullen caiu em cima dele, apoiou-se em um joelho e utilizou seu antebraço como uma dobradiça na cabeça do homem. Um giro no pulso e...

A dor o atravessou, mutilando seu corpo e sua mente, fazendo que seus braços sofressem espasmos. Igual ao resto do corpo. Embora, foi breve. Um instante de agonia insuportável, e então um pé o fez rodar o afastando do corpo de seu atormentador e vítima temporária, que gemia. Notou Cullen enquanto estava atirado no chão, retorcendo-se como um cão que sonha, cada pequeno espasmo enviava sinais de dor a seus músculos. Ao que parecia, a mulher também castigou o Hulk. E esse cheiro... Hulk mijou em si mesmo.

Os lábios de Cullen fizeram uma careta estranha quando seu impulso de sorrir e zombar ficaram entorpecidos pelos espasmos de seus nervos.

— Acreditava que eu não estava aqui? — Uma sombra de diversão trouxe um pouco de

⁴¹ Interjeição/ Expressão para incitar os animais a caminhar.



humanidade a essa odiosa voz. A mulher estava de pé perto dos pés de Cullen — Tem que aprender a dominar seus impulsos, Cullen. Não posso deixar que faça mal a meus servos. Segundo... — A ligeira mudança na voz indicou a Cullen que a mulher havia virado a cabeça para o outro homem — Te ordenei que dissesse aos homens que não incomodassem o Cullen. Causa problemas.

— O fiz, Madonna.

— Então John desobedeceu. — Aquela voz aguda e fria soava tão infantil... Mas também era o mais distante de uma voz infantil.

— Madonna, por favor... — Era Hulk. Gemia — Por favor, faz que pare.

— Já parou John. O que está sentindo é o eco. E te aconselho que deixe de tentar se mover, isso não faz mais que piorá-lo. Mas quero uma resposta. Obrigaste-me a usar meu poder para evitar que ele te mate. Desperdicei meu poder? Vai continuar me desobedecendo?

— Não, Madonna. — Hulk chorava — Não, te obedecerei em tudo.

— Não se esqueça. Segundo, faz que o levem. Fede.

Cullen estava estendido no chão recuperando-se enquanto arrastavam John Hulk que choramingava. Aquele foi um dos melhores momentos de sua vida desde que aquela horda de aspirantes a *ninja* irromperam em sua cabana.

— Imagino que pode ficar em pé — disse a mulher máquina — É mais resistente que John, e foi um castigo muito pequeno.

Havia alguma vantagem em fingir fraqueza? O suficiente decidiu Cullen. E a mulher era imprevisível. Cullen virou a cabeça para poder “ver” o poder do bastão da mulher, que não aparecia como um bastão na visão de feiticeiro do Cullen, mas sim como um rasgão na realidade, perfilado por palpitações energias vermelhas e púrpuras. O mau cheiro que emanava dele fazia que Cullen sentisse a necessidade de grunhir.

Em troca, sorriu. Os músculos voltavam a obedecer, embora continuasse doendo como um inferno.

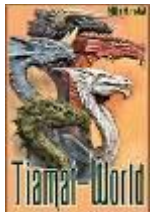
— Então posso me levantar? Já vê o quanto sou amigável que estou até pedindo permissão.

— Não é absolutamente amigável. Mas é inteligente e incrivelmente egocêntrico. Sei que se comportará bem, por enquanto. Sim, se levante. Segundo, segure-o pela corrente e o leve para os meus aposentos.

Um ligeiro murmúrio de roupas indicou a Cullen que a mulher saiu.

Mover-se era uma tortura. Cullen se arrumou para fazer sem mijar em si mesmo ou choramingar, um pequeno triunfo que ajudou ele a aguentar o passeio até os aposentos da mulher, acompanhado de vez em quando por um puxão na corrente ou uma palavra ocasional.

Seu mundo não era a escuridão completa. Estava cego para mundo material, sim, mas possuía outros sentidos. Por exemplo, sabia que estavam embaixo da terra, e inclusive sabia a área aproximada, agradecia que podia ler as linhas de energia que emergiam do nódulo. Uma vez que deixaram para trás a grande sala onde estava sua jaula, que sabia que era grande por como se comportava o som, o ar começou a cheirar a pedra úmida. Era algum tipo de túnel, as paredes e o



chão foram escavados na rocha. Havia magia por toda parte. Do nódulo, próximo, mas inalcançável, surgia uma luz, como a do sol, mas inconstante. Mas a magia não ajudava muito quando se tratava de desviar de paredes ou de tentar não cair em um chão escorregadio.

Tiraram os olhos dele quando ainda estava inconsciente. Para evitar que escapasse, haviam dito para ele. Não acreditou. Era uma maneira de desanimar os feiticeiros, que se utilizava desde tempos mais antigos. Durante a Purgação, as autoridades cegavam e mutilavam todo aquele que não mataram imediatamente, cortando suas mãos e a língua. Assim não podiam realizar nenhum feitiço, pobres desgraçados. Nem tampouco podiam limpar seus próprios traseiros, assim Cullen estava muito contente de conservar as mãos. Mas estava convencido de que arrancaram os seus olhos por rancor, e não por sentido prático. Sua Santidade ficava de mau humor quando estava frustrada.

A magia se fez mais densa conforme se aproximavam dos aposentos da Madonna, que estavam muito perto do nódulo. Havia contos e lendas que falam de que nos velhos tempos havia praticantes que podiam manipular as linhas de poder dos nódulos com somente a ajuda da mente, sem necessidade de pronunciar palavras ou fazer gestos para criar feitiços. Cullen suspirou. Ele estava bastante longe de ser um desses praticantes

E ela também. Não podia ver a magia e não via o que ela enxergava. Cullen nem sequer estava seguro de que ela soubesse que existiam. A magia não eram como as linhas de poder, eram mais como um escapamento de energia. Com muito pouco poder em comparação com o nódulo, mas *era* poder.

Cullen não podia se reclamar com a mente, como faziam esses praticantes, mas se encostasse levemente com uma, era dele. Tropeçou pela quarta ou quinta vez, e recolheu uma linha verde.

A corrente se estreitou ao redor de seu pescoço.

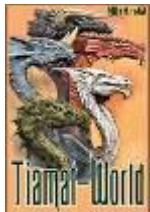
— Dois passos e vire à esquerda — disse o que chamavam de Segundo. Cullen se deu conta de que ter nome significava ter um status baixo entre aquela gente. Uma vez alcançavam certos postos importantes, faziam se chamar por seu título.

Ou possivelmente fossem dos que ainda acreditavam que podia ter poder sobre uma pessoa através de seu nome. O que era teoricamente possível, mas os feitiços para conseguir isso se perderam nos tempos junto com o desaparecido *Codex Arcanum*, o livro de todas as magias.

Cullen deu os dois passos, virou à esquerda e não se deu contra uma parede, o que foi um alívio. O fodor do bastão da mulher disse a ele que já chegaram. O puxão em seu colar confirmou. Voltou-se para o bastão e fez uma pequena reverência.

— Está um nojo — disse uma voz de homem, parecia divertido — Não pode fazer que o limpem?

— Você sempre tão afetado, Patrick. — Essa era a mulher. O bastão estava junto a ela, como sempre — Poderia fazer uso da água contra nós se facilitar para ele o suficiente como para que se lave. Não estou segura de até aonde chegam suas habilidades com a magia. E fazer que outros o lavem poderia resultar na perda de alguns servos. Cullen, este é o arcebispo Patrick Harlowe. Vai



se dirigir a ele como senhor arcebispo.

— É um prazer, senhor arcebispo. — Cullen fez outra reverência na direção do aroma do homem, fácil de localizar já que jogou em si mesmo umas gotas desse perfume de almíscar para homens — Peço que me desculpe por meu aspecto.

— Entendo perfeitamente a situação. — Soava como se estivesse se divertindo muito. Era uma voz grave e doce, o tipo de voz que as pessoas consideram carismática. *Há algum tipo de dom nele*, pensou Cullen — Não deseja te sentar? Ah, há uma cadeira a sua esquerda.

— Obrigado. — Cullen moveu o pé até que deu com a cadeira, identificou para onde olhava e se sentou.

— Encontrará uma taça de chá na mesa que há a sua esquerda — disse sua fria Santidade — Acredito que ainda está quente.

— Chá. Fascinante. — Encontrou a taça, embora fosse um pouco difícil porque continuava com as mãos algemadas. Mas as arrumou para segura-la e dar um gole.

Uma porcaria. Poderiam ter lhe oferecido uísque.

— Quanto ainda demorará a recuperar seus olhos? — perguntou o senhor arcebispo — Não parece que tenham curado muito até agora.

— Primeiro as pálpebras têm que crescer. — Era mentira, mas valia à pena tentar — Não posso ter olhos sem pálpebras, não? Isso vai demorar uma semana mais ou menos. Iria mais rápido se me enfaixassem os olhos. Com um pouco de proteção, os globos oculares poderiam começar a crescer. Mas, do meu ponto de vista, mais rápido não significa melhor. Perguntou-me se me permitirá conservá-los desta vez.

— Teria te permitido antes — disse a voz aguda e morta —, se tivesse sido razoável.

— Ah, bom. Suponho que temos ideias diferentes sobre o que é razoável, não? — Pôs a taça de chá em seu pires, satisfeito de que pudesse fazer sem errar — Não acredito que deixar que se intrometa em minha mente seja razoável absolutamente.

— Não te peço que elimine seus escudos completamente. Só o suficiente para que possa confirmar o que diz.

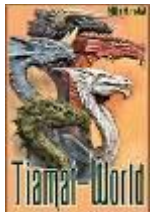
— E, entretanto, e desculpe minha desconfiança, uma vez que baixe meus escudos poderá fazer comigo mais ou menos o que te da vontade. Não é verdade? — Esta mulher não era uma feiticeira. Por isso estava falando com ele em vez de matá-lo. Precisavam dele. Mas era uma telepata, e muito boa. E tinha em seu poder aquele do maldito bastão. Quando quisesse, poderia transformar sua mente em uma substância líquida e viscosa. Ou implantar nele a vontade de obedecer todas as suas ordens, o que parecia mais provável que ocorresse.

— Onde aprendeu a criar esses escudos? — perguntou Patrick. Houve um pequeno entrecocar de porcelana, como se estivessem desfrutando de uma agradável tarde de chá — Helen me diz que nunca se encontrou nada parecido.

Helen. Aquela puta se chamava Helen. Fechou sua mente ao redor desse nome.

— Adquiri esse feitiço justo antes que sua Santidade me fizesse essa pequena visita.

— OH, sim. — O couro rangeu quando o homem se inclinou para frente — O outro feiticeiro,



esse que esperávamos encontrar. Diz que se chama Michael?

— Esse é o nome que utilizou. Duvido que seja seu nome real.

— E não tem nem ideia de aonde foi.

— Nenhuma ideia. — Embora tivesse entregado seus olhos outra vez se pudesse averiguá-lo.

Aquele homem lhe devia uma bem grande — Não tenho nenhuma razão para mentir para você. Não me importa nada o que possa acontecer a ele.

— E, entretanto, se o encontrarmos. Precisaríamos de você? — A mulher outra vez.

— Madonna, não saberia te dizer. Contou para mim tão poucas coisas sobre seus planos. — Embora já imaginasse muito mais do que eles contaram, escutando conversas aqui e lá enquanto estava na jaula. Possivelmente pensassem que o vidro parasse o som igual à magia — Mas acaba que não tem a ele. Tem a mim.

— De verdade o temos? — Este era o senhor arcebispo de novo — Seu corpo, sim. Mas não nos deixa entrar em sua mente, e não está comprometido com nossa causa. Não adora a *Ela*.

Cullen deu de ombros.

— Eu adoro ao conhecimento, e me sinto atraído pelo poder. E Madonna pode me proporcionar ambos. Não vejo por que não podemos chegar a um acordo.

Ela falou:

— Desde a última vez que falamos sugeriram outros métodos para provar sua sinceridade.

Parecia que estava pensando em voz alta, como se uma ideia estivesse dando voltas em sua cabeça. Mas nos ouvidos de Cullen soou totalmente falsa. A grande puta Helen não falava sem pensar primeiro.

Já decidira como pensava em utilizar ele. O coração de Cullen começou a pulsar rápido e tudo o que pôde fazer foi manter a compostura. Provavelmente tivesse uma oportunidade.

— A maioria dessas pequenas provas que propomos implica te matar se falhar conosco. — Havia uma pequena nota de sentimento na voz da mulher, muito ligeiro, mas discernível. Ao que parecia a ideia de matar Cullen a atraía muito — Mas nenhum deles implica em matar a outros. Matará para mim, Cullen?

— Sim. — Era como estar de volta no colégio. Responde as perguntas do professor com o que quer ouvir e ganha a nota máxima.

— Só sim? Não tem perguntas sobre a quem terá que matar, como ou por quê?

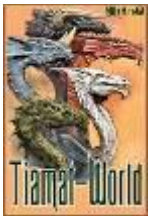
— Minhas perguntas se referem à recompensa. Se passar em sua prova, o que receberei em troca?

— Madonna. — Patrick se agitou em sua cadeira e possivelmente se virava para falar com a mulher — É totalmente imoral. Queremos que uma pessoa assim trabalhe para nós?

— Conosco — corrigiu a mulher amavelmente — Não podemos nos permitir o ter trabalhando para nós. É muito perigoso, é muito capaz que se volte contra nós. Temos que recrutar ele totalmente.

— Mas se não for capaz de entregar-se totalmente a *Ela*, como faremos?

OH, sim, pensou Cullen. Aquele cara, Patrick, era muito melhor em fingir que ela. Aquela



conversa foi coreografada. Queriam levar Cullen para algum lugar concreto.

— Nos asseguraremos de que tenha todas as razões do mundo para nos satisfazer. Primeiro, daremos a ele algo que pede. Em segundo lugar, faremos que seja impossível para ele sobreviver sem nós. Cullen, disse que mataria para mim.

— Isso.

— Mataria um desconhecido? Pessoas que nunca viu?

— Se o preço for o adequado. — Cullen sentiu um nó no estômago ao lembrar uma conversa que escutou na jaula.

— Pagaremos você com conhecimento. Eu não compartilho o poder.

Não brincava.

— E possivelmente, melhores aposentos.

— Possivelmente. — Helen parecia divertir-se de novo — E se te pedisse que matasse em forma de lobo? De maneira que fosse evidente que um lupus o fez?

Isso surpreendeu Cullen. E o deixou transparecer.

— Não quer que faça magia para ti?

— Provavelmente, mais para frente, quando estiver mais vinculado a nós. E estará uma vez tenha matado para nós em forma de lobo. Utilizaremos você para destruir...

— Helen!

O protesto de Patrick soou genuíno, não preparado. Interessante.

— Temos que explicar para ele qual é o nosso objetivo. É o suficientemente inteligente para deduzir por ele mesmo. Melhor que saiba agora onde está entrando.

Uma pausa.

— Tem razão como sempre, Madonna.

— Cullen, você sabe o que sou.

Assentiu.

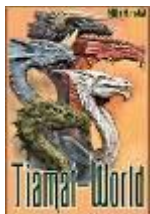
— Uma telepata, e muito boa. Um dos dons mais raros. — Porque costuma a voltar loucos aos seus possuidores.

— Sim. Meu dom permite a *Ela* me utilizar. Falar comigo e, às vezes, agir através de mim. — Agora era inevitável captar o sentimento em sua voz, uma paixão que indicava um fanatismo total— *Ela* me recompensou amplamente, além do que mereço por meus serviços, mas a verdadeira recompensa é poder estar em contato com *Ela*. Sei o que *Ela* quer, sei qual é seu sonho. E é minha satisfação e minha alegria trabalhar para conceder isso Cullen. Mas... — o tom divertido estava de volta —, possivelmente você não goste de seu sonho.

Às vezes os professores querem que seus alunos façam perguntas.

— E qual é seu sonho?

— O primeiro passo é evitar que aprovem a Lei para a Cidadania de Outras Espécies, e estamos no caminho de consegui-lo. Mas isso é somente o começo. Vamos matar uma série de pessoas, Cullen. Em grande número, violentamente, ao longo de todo o país. Serão assassinatos lupi, e já não se falará de tolerância nem de igualdade de direitos para os lupi. Os bons cidadãos



deste país exigirão o extermínio de sua gente, Cullen, porque isso é o que *Ela* quer. A destruição dos lupi.

Uma só vantagem do fato de não ter olhos. As pessoas normalmente costumavam examiná-los para ler as reações das pessoas que têm diante de si, para poder ler os seus sentimentos. E isso não podiam fazer com ele, não era certo?

— Não são minha gente — disse Cullen.

Capítulo 19

O sol da manhã penetrava por entre a persiana da única janela do apartamento, e caía sobre a cama formando linhas finas. O dormitório de Lily não era muito maior que a cela em que Rule esteve passeando no dia anterior, e estava igualmente vazio. Além da cama, havia uma cômoda com gavetas, posta de tal maneira que se pudesse ver da cama a televisão que estava em cima. Isso era todo o mobiliário, embora houvesse um grande pôster sem moldura pendurado em cima da cama... Algum motivo oriental recordou Rule. Não podia vê-lo de onde estava agora.

Entretanto, não foi a luz o que o despertou, mas o peso de um gato de sete quilos e meio sobre seu peito.

— Você não gosta, não é verdade? — murmurou Rule. Não cometeu o engano de mover um só dedo. Harry estava desfrutando muito de sua posição dominante. Em seguida se apressaria a castigar qualquer ideia de independência por parte de Rule — Te acostumarás — ele disse ao gato.

Como também teria que fazer Rule. Sua vida sofreria mudanças enormes, e era incapaz de prever como acabaria tudo. Embora essas mudanças implicavam grandes vantagens para ele, duvidava que Harry visse alguma na intrusão de Rule em sua vida.

Lily emitiu um som enquanto sonhava e se aconchegou mais contra Rule.

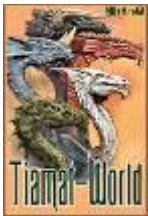
Quando era menino, Rule ouviu histórias de escolhidos que mataram, ou morreram, um por causa do outro. Eram histórias emocionantes e fascinantes para um menino. Mas também eram contos que recomendavam prudência quando se tratavam de escolhidos que foram incapazes de aceitar o vínculo, que foram incapazes de aceitar-se mutuamente. Histórias de suicídio e loucura.

E aí estava o exemplo de Benedict. Rule não conhecia toda a história, mas sabia como terminou. Viu as sombras de feridas que não podiam se curar. Mas apesar dessas tristes histórias, acreditava-se que ser um eleito era digno de celebração. Rule não estava tão certo. Ser eleito te fazia especial e te afastava do resto dos lupi. E Rule já estava nessa situação por nascimento e por sua posição dentro do clã. E também não queria ter a seu lado uma pessoa que significasse tanto para ele. Acaso valia a pena o perigo?

Lily se moveu e ficou de barriga para baixo. Deu em Rule uma pequena cotovelada nas costelas. O coração do Rule começou a pulsar com força.

Agora sim o deixava claro.

— Lily — murmurou — acredito que Harry *o Sujo* tem fome. E espero que esteja pensando em comida para gatos e não em carne fresca.



— O que? — Lily levantou a cabeça e franziu o rosto olhando-o através de uma cortina de cabelo enredado — Meu Deus. Não foi um sonho.

— Não. — Rule estendeu a mão para tirar o cabelo do rosto de Lily. Harry grunhiu — Ei... normalmente dorme contigo?

— Quem? — Lily recolheu o cabelo e virou a cabeça — OH. — Um sorriso apareceu em seus lábios — Tem um aspecto particularmente malvado esta manhã, né?

— Acredito que espera que me dê por vencido e vá embora.

— *Mmm.*

— E você — perguntou temerosamente — você também espera?

Os olhos de Lily se encontraram com os do Rule. Ela negou com a cabeça, mas não disse nada.

— Ou possivelmente deseje que o de ontem à noite não tivesse ocorrido?

Lily levou seu tempo para responder.

— Não se pode voltar a colocar o gênio na lâmpada uma vez saiu. E seria difícil — por fim, um sorriso — mas não impossível, desejar que desapareça a noite de ontem. Mas esta manhã vai ser complicada.

Harry decidiu que já o tinham deixado fora da conversa durante tempo suficiente. Levantou-se, espreguiçou-se e plantou suas patas dianteiras no ombro de Lily, olhando para ela intensamente.

Lily foi para o lado.

— Está bem, Harry. Sai daí e me levantarei.

O gato saltou e desceu da cama, e Rule pensou em entreter Lily uns trinta minutos mais. Mas ela tinha razão. A manhã ia ser complicada.

Lily rodou pela cama e finalmente se levantou.

—Vamos, Harry. Comida para ti, uma ducha para mim. E para ti... — olhou para Rule— perguntas. Algumas das quais precisava ter feito ontem.

Rule suspirou.

— É obvio. Você sempre tem perguntas.

— Assim é como eu trabalho. O truque está em fazer as perguntas apropriadas. — voltou-se, abriu um armário e tirou uma bata. Era bonita, de seda azul brilhante, mas não tão bonita como sua pele.

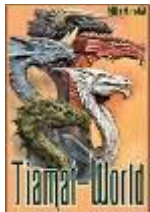
— Tem café em grão? — perguntou Rule esperançoso enquanto colocava os pés no chão — E uma máquina de moer? Poderia fazer um pouco de café.

Lily o decepcionou.

— Acredito que tenho em pó — disse enquanto entrava no minúsculo banheiro — A cafeteira está na cozinha. De comida ao Harry, sim? — A porta se fechou. O gato parou junto ao Rule, ofendido.

Rule o olhou.

— Acredito que quer que nos demos bem, Harry.



Harry o olhou intensamente e agitou a cauda.

— Certo. Mas te darei comida assim mesmo.



Lily levou o seu tempo para tomar banho, como se a água pudesse contribuir com um pouco de claridade para sua mente. Nada estava bem essa manhã. Precisava se concentrar em como defender-se, pensou enquanto ensaboava o cabelo. Mas ainda não conhecia as acusações que contra ela. Estava suspensa do trabalho à espera de conhecer essas acusações, mas não sabia o que teria que enfrentar.

Iria se preocupar com isso depois, decidiu, e enxaguou o cabelo e o corpo.

De toda a maneira, maldito Randall, sentia-se profundamente traída. Mas ia ser melhor que se vestisse já e fosse para o trabalho. Tinha algumas pistas. Precisava falar com esse arcebispo dos Azá. E logo haviam Ginger e Mech. Ginger mentiu sobre ter visto Rule na noite do assassinato de Fontes. E Mech esteve muito ansioso para prender Rule. Definitivamente faziam parte de tudo aquilo.

E ela não. Os federais se encarregariam de Ginger e Mech, não ela. Ao menos, não deveria...

Quando saiu do banho, soube em seguida que Rule encontrou o café.

O aroma a animou a andar de pressa e colocar um pouco de roupa. Rule também encontrara o aparelho de som que guardava em uma prateleira no armário dos casacos. E seus CDs. Alguns deles estavam atirados pelo chão.

Mas Rule não pôs um dos CDs de Lily. Estava escutando ópera no rádio. E aí estava totalmente nu no meio da sala, escutando o gorjeio de uma soprano em meio de uma canção.

— Rule — disse horrorizada — São sete e meia da manhã.

Rule olhou para Lily divertido e baixou o volume.

— Deduzo que não é entusiasta por ópera.

— Não. — Franziu a testa diante da desordem — E não acredita que deveria te vestir ou algo assim?

— Se te faz sentir mais cômoda. — Rule se virou para ficar cara a cara com Lily. Seu corpo expressou claramente seu interesse por ela e sorriu.

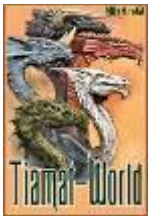
— Preciso de uma taça de café — disse Lily, e se retirou para a cozinha — Onde está Harry?

— Comeu e se foi. Espero que esteja tudo bem que o tenha deixado sair.

— Não posso ter ele aqui dentro por muito tempo. Viveu muito tempo na rua para ser feliz entre quatro paredes, vinte e quatro horas todos os dias. — se deu conta de que o prato de Harry estava quase cheio. Rule pôs muito mais comida da que se acreditava um gato comeria.

Lily encheu uma taça de café e ficou ali, bebericando. Dado o tamanho de seu apartamento, a cozinha era somente uma aproximação da ideia de intimidade. Mas necessitava dessa aproximação.

Passou muito tempo desde a última vez que acordou junto a um homem. E muito mais desde que isso ocorrera aqui, em seu espaço, em sua casa. Não podia decidir como se sentia.



Confusa, sobre tudo. Gostava de ter Rule em casa... Ou possivelmente não fosse ela, a não ser esse assunto do vínculo entre os dois que estava brincando com sua mente.

Iria se ocupar, mais tarde, em descobrir como se sentia. Por enquanto... Como funcionava isso dos escolhidos? Como podia descobrir? Embora Rule estivesse sendo completamente honesto com ela, provavelmente não soubesse tudo, provavelmente estivesse enganado. Parecia que para ele eram conotações religiosas, e a religião, muitas vezes leva as pessoas a não fazerem as perguntas que têm que fazer. Se você acha que tem todas as respostas, não precisa perguntar nada. Mas tudo o que Lily faria eram perguntas. E já era o momento de fazer alguma delas. Deu um último gole no café e saiu para sala de estar.

Rule pôs as calças e estava recolhendo os CD que pegou. O que estava bem, mas...

— Estão organizados por gênero, e por ordem alfabética de artistas dentro de cada gênero.

Rule a olhou com as sobrancelhas arqueadas.

— Por favor, me diga que também não organiza seus temperos por ordem alfabética.

— Poderia, se eu cozinhasse.

Rule voltou a ordenar os CDs.

— Isto vai ser um verdadeiro desafio para nós.

— O que quer dizer?

— Saberá quando vir meu apartamento.

Lily tocou o seu peito aonde a pele se tornou estranhamente apertada. E voltava a estar nervosa.

— Está assumindo coisas segundo suas crenças. Eu estou mais disposta a agir pela evidência que pela crença.

— É normal em um policial. — Rule colocou o último CD em seu lugar e se virou para Lily — Embora eu pensasse que você gostasse de ópera. Tem um montão de música clássica.

— Música instrumental. Antes tocava violino. — Lily descobriu que estava aproximando-se dele de maneira inconsciente. Deteve-se e se zangou — O vínculo me atrai para ti, não é isso? Faz que eu deseje te tocar.

— Temos que nos tocar, sim. — Rule chegou até ela e pôs suas mãos nos braços de Lily — É tão terrível?

— Eu não gosto que me obriguem. Eu não gosto que algo me faça sentir que preciso disto.

— Mas quando Rule a abraçou, Lily se apoiou nele, deixando cair à cabeça sobre seu peito.

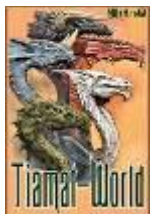
Rule era muito alto. Lily nunca gostou de homens tão altos... Mas o batimento do coração de Rule a tranquilizou, fazendo que desaparecesse seu nervosismo, e deixando os dois calmos.

— Nem sequer é o sexo. Quero dizer, o sexo está aí, mas não é tudo o que há.

— Não. — Rule acariciou as costas de Lily — Durante as primeiras semanas, sobre tudo, teremos a necessidade de sentir um ao outro, o contato físico.

— Como um viciado que precisa de uma dose. — Lily se afastou — Bom, eu já tive a minha, por enquanto.

Rule não estava contente.



— Não te deu conta de que somos dois nesta situação? O que acontece se eu não tive o suficiente com a minha dose?

— Eu... — Que acreditava que ela ia fazer? Fazê-lo sofrer? Fazer os dois sofrerem? Mas se cedia agora, e se permitia deixar-se levar pelo desejo de ganhar, já não seria ela nunca mais. Sua vida se converteria em outra coisa — Tenho medo.

— Sei. Mas isto não é um vício do qual você possa largar com um programa de doze passos. Quanto antes aceite mais fácil será.

— Veremos. — Deus, estava nervosa de novo. Assim que deixava de tocar em Rule, voltava a sentir-se inquieta — Até onde podemos nos afastar um do outro sem que nos ocorra algo?

— Depende, mas... mas não muito — admitiu — A atração não será sempre tão forte. Às vezes, um casal escolhido pode separar-se vários quilômetros durante um tempo. Não é cômodo, mas chega a ser possível para alguns. O emparelhamento terá estreitado nosso vínculo, assim teremos que permanecer muito perto um do outro durante umas semanas. Depois disso...

— Espera um minuto. Não disse nada de que o sexo estreitaria o vínculo. — Lily começava a sentir pânico — Quer dizer que agora vai ser pior?

— Será durante um tempo. Lily, não tínhamos escolha. Somos livres para escolher como queremos levar a nossa união. Mas não somos livres de rejeitá-la.

— Essa é sua crença.

— É um fato. — Rule a olhou como se sentisse desejo de sacudi-la — Se lutas contra a atração durante muito tempo, ficara louca.

— Acredito que já estou louca. — Lily resistiu ao seu desejo e se afastou de Rule. Começou a caminhar pela sala — Falaremos disto mais tarde. — Sua lista de assuntos pendentes estava ficando cada vez mais longa — Por enquanto — acrescentou com uma nota de humor negro —, parece que vai ser uma parte muito importante em minha investigação.

— Acreditava que te afastaram da investigação.

— Isso fará as coisas mais difíceis.

— Lily... — Rule se deteve e olhou para a porta. Dois segundos depois soou a campainha.

Ela não ouviu nada antes. Obviamente, ele sim.

— É difícil se acostumar a essas suas coisas — murmurou enquanto se dirigia para a porta.

O olho mágico mostrou a cara cor chocolate de Croft. Perfeito. Deveria pedir para Rule que se escondesse? Não, que besteira. Teria sido muito fácil provar que passou a noite ali. E de toda a maneira, seria imprudente começar a ocultar coisas.

Lily suspirou e abriu a porta.

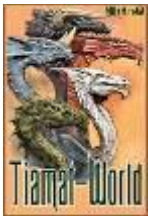
— Gostam de madrugada, né?

— Precisamos falar com você — disse Croft. Karonski estava atrás dele, franzindo o cenho — Podemos entrar?

— Por que não? Tem café.

O rosto de Karonski se iluminou ligeiramente.

— Com nata?



— Tenho leite. — Lily foi para o lado e deixou eles passarem.

Capítulo 20

Nenhum dos dois agentes federais se mostrou surpreso de encontrar com Rule na sala de estar de Lily, meio vestido. Karonski o saudou com a cabeça. Croft se mostrou incômodo ao ver que só havia uma cadeira.

— Podem brigar para ver quem fica com a cadeira. A almofada amarela é minha — disse Lily enquanto se dirigia para a cozinha — Me façam saber quem ganhou.

Ninguém se sentou na cadeira. Quando Lily voltou com quatro xícaras, açúcar e um copo de leite em uma bandeja; descobriu que estavam sentados ao redor da mesinha de café quadrada que estava acostumada a utilizar para comer.

Era muito engraçado ver a dupla do FBI sentada no chão com seus ternos. Rule estava quase nu e não parecia se preocupar absolutamente. Estava falando com o Karonski.

— Esta certo que poderá fazer algo.

Karonski negou com a cabeça.

— Não funciona assim. Se tentarmos interferir, a autoridade local colocará as unhas e, ei, aqui está o café.

Lily pôs a bandeja sobre a mesa.

— Sirvam-se vocês mesmos. — Olhou para Rule— Não estará pedindo que intercedam por mim diante o capitão?

Rule deu de ombros.

— Sim.

— Como já disse ele, não funciona assim. — Caminhou até a enorme cadeira onde deixou os arquivos, pegou umas pastas e as trouxe para a mesa.

A almofada amarela estava ao lado de Rule. Lily hesitou. Seria melhor se a mesa estivesse entre eles. A necessidade de lhe tocar era forte e insistente. Seria muito embaraçoso se de repente começasse a fazer carinho nele ou algo assim.

E também seria embaraçoso que pedisse para todo mundo trocar de lugar para que não tivesse que sentar-se ao lado do homem com quem passou a noite. Simplesmente teria que controlar-se um pouco.

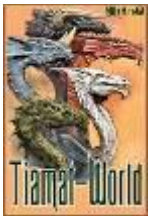
Sentou-se na almofada ao estilo oriental.

— Suponho que querem me fazer perguntas sobre a investigação do caso Fontes, já que tem há ver com o seu. Aqui têm uma cópia de todos os meus relatórios até a data. — Entregou uma pasta ao Croft — E isto é dele. — A segunda pasta era a que eles emprestaram a ela. A que continha informação sobre Rule.

Croft e Karonski trocaram um olhar. Croft falou:

— Realmente, temos perguntas. Mas não é a nossa prioridade.

Karonski riu sarcástico.



— Deixemos de conversas educadas, e vamos ao ponto. Estamos aqui porque queremos recrutá-la.

Lily abriu a boca pela surpresa.

— Acreditamos que seu capitão cometeu um grave erro de julgamento — disse Croft com um sorriso agradável — Um erro do qual esperamos tirar vantagem.

Lily sacudiu a cabeça.

— Um momento. O FBI não vai por aí recrutando agentes de polícia que estão até o pescoço de recursos disciplinadores. Não vai por aí contratando pessoas.

— O FBI em geral não o faz. Nós somos a DCM. E operamos de um modo menos burocrático.

Karonski converteu o café em um líquido pálido ao colocar o leite e agora estava ocupado acrescentando um montão de açúcar.

— Bobagens. Vamos ao ponto. Turner já sabe e ela terá que saber. — inclinou-se para frente — Não somos simplesmente da Divisão de Crimes Mágicos, somos parte de um grupo especial dentro dela. Tudo muito secreto. Temos a autoridade de contratar imediatamente quem queremos, e queremos você. E você não é idiota. Sabe por que.

— Porque sou uma sensível. — dizer para eles deixou um gosto amargo na boca — Porque sinto a magia ao tocá-la.

— O que faz que você seja uma entre um milhão. Precisamos de você.

— Esquece. Eu não exponho às pessoas.

— Nós não fazemos isso — disse Croft — É verdade que no passado a DCM foi responsável por identificar alguns lupi e outras espécies, mas esse nunca foi o trabalho de nossa unidade. Nos ocupamos de casos particulares, aqueles que necessitam conhecimentos ou habilidades... especiais.

Lily olhou para Karonski.

Sorriu para ela e acrescentou outra colherada de açúcar em seu café.

— Como a bruxaria, sim. Com um pouco de investigação fui capaz de confirmar o que nos contou sobre o assassinato de Martin. — Tomou um gole daquela nociva bebida que preparou para si e suspirou satisfeito — Feitiçaria. Um caso desprezível

— E você? — Lily olhou para Croft. Estava curiosa apesar de tudo — Não senti nada quando apertei sua mão.

— Nem todos os que formam parte da unidade têm um dom. Sou somente um agente de campo com muita experiência e um hobby muito particular. Tenho amplos conhecimentos de magia, objetos e criaturas.

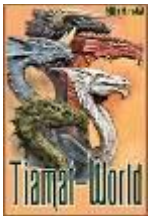
Karonski riu.

— É um intelectual com estranhas obsessões. Muito úteis, mas estranhas.

Rule falou em um tom muito frio.

— É por isso que não vai ajudar a limpar seu nome? Quer recrutá-la. Assim que é conveniente para vocês que a tenham expulsado da corporação.

— Não podemos fazer nada. Poderíamos falar em favor dela, claro, mas Randall tem birra



com o FBI, e não suporta o Croft. Já se encontram em outro caso faz uns anos. Se algum de nós fala em favor dela, podemos deixar o tiro sair pela culatra.

— Poderia fazer mais que falar a favor de Lily.

Karonski se aborreceu.

— Os feitiços persuasivos são ilegais.

Lily golpeou a mesa.

— Alto aí. Alto aí os dois. Não preciso que ninguém lute minhas guerras por mim, e não me expulsaram. Estou suspensa, e possivelmente me punam por conduta pouco profissional. Mas não acredito que me expulsem.

Croft parecia preocupado.

— Acredito que está subestimando o perigo no qual se encontra. Se o capitão Randall informou ao assassino do paradeiro de Therese Martin, você é uma ameaça para ele.

— Não acredito que tenha sido ele. Não tenho provas, mas não posso acreditar. É um policial. — Lily olhou os dois federais que a escutavam céticos — Randall não trabalha simplesmente na polícia, ele é a polícia. Não pode desviar-se tanto do caminho para organizar um assassinato e culpar outra pessoa. Não faria por nenhuma razão.

Karonski assentiu.

— Estou te escutando. Mas há vezes nas que um policial começa a pensar que seu trabalho é a justiça. E ultrapassa as regras porque acredita que sua ideia de justiça é mais importante que a lei.

— Randall não.

Karonski e Croft trocaram outro de seus olhares. Croft falou:

— Você trabalhou com esse homem. E sua opinião sobre ele é parte de todo este assunto. Mas nós queremos algo mais que suas opiniões. Queremos que continue com a investigação... só que para nós.

— Quer dizer... — Lily sentiu a boca subitamente seca e molhou os lábios — Que querem me recrutar agora mesmo. Que aceite e siga com a investigação. As duas investigações, já que Fontes e Martin estão relacionadas.

— Isso. Trabalhará com Abel e comigo.

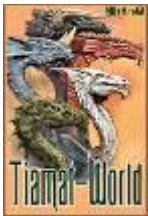
— Não tem que confirmar meu histórico? Verificação de segurança, antecedentes e tudo isso, OH — disse, lendo os rostos dos dois agentes — Já fizeram.

— Ainda não fizemos a verificação de antecedentes — disse Croft — Só o básico.

O básico seria suficiente. Vinte anos era muito tempo, mas saiu nos jornais. Lily olhou para os dois homens, um escuro, urbano e sorridente; o outro com a roupa enrugada, e agressivo. Sabiam, e não estavam fazendo perguntas para ela sobre isso. Isto era um ponto ao seu favor.

Karonski voltou a inclinar-se para ela. Lily quase podia o sentir pressionando ela, obrigando-a a aceitar.

— Não só a queremos porque é sensível, embora Deus saiba que isso é importante. Precisamos de alguém a quem não possa enganar a magia. Ultimamente houve...



— Abel — disse Croft dando um olhar de aviso.

Lily descobriu com surpresa que foi Rule quem terminou a frase de Karonski.

— Um aumento no número de crimes mágicos? — sugeriu — Recebem mais e mais relatórios. Relatórios de acontecimentos estranhos e inexplicáveis.

Croft o observou duramente.

— O que sabe sobre isso?

— Não muito. É certo que foi vista uma *banshee* no Texas?

Os dois agentes trocaram um olhar.

— Preciso conhecer sua fonte, Turner — disse Croft — Mas podemos falar sobre isso mais tarde.

Karonski se dirigiu para Lily.

— Precisamos de você porque é sensível, sim. Mas você é também uma policial, e boa, além de tudo. Não muitos que tem um dom e decidem por trabalhar na ordem pública. De fato, ainda há leis em alguns estados que o proíbem.

— Por não mencionar os regulamentos federais — disse Lily secamente — Mas aqui estão vocês.

— Nós não trabalhamos sob as mesmas regras que o resto do FBI — disse Croft — Essa é uma das razões pelas quais não fazemos publicidade de nossa existência.

— O ponto é — disse Karonski —, que já está treinada para o trabalho. Precisamos de você agora porque conhece o caso, a cidade, e as pessoas envolvidas. E tem algo mais que um pé posto dentro da comunidade lupi. — Olhou para Rule e moveu as sobrancelhas.

— Isso não supõe ser um problema para vocês? — perguntou Lily — Vêm aqui, encontram o Rule domesticado em minha sala, e não se perguntam sobre minha relação com ele? Sobre se meu juízo está prejudicado para seguir com o caso?

Croft abriu as mãos.

— A meu ver, não teve opção. E essa é outra das razões pelas que deveria aceitar nossa oferta. Vai ter dificuldades explicando sua necessária associação com o Turner a seus superiores da polícia. Nós estamos dispostos a trabalhar em, *mmm*, qualquer situação especial que seja necessária.

A cabeça de Lily se voltou para a de Rule.

— Contou para eles?

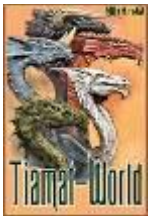
Mas Rule olhava fixamente para Croft, com essa quietude que resultava ameaçadora.

— A existência dos escolhidos não é conhecida fora dos clãs.

Croft sustentou o olhar de Rule sem intimidar-se.

— Conheço pessoas dentro dos clãs.

— Certo, bem. — Lily se levantou — Vocês dois podem brigar para ver quem sabe mais. Eu tenho que pensar. — Começou a caminhar até que chegou à parede e parou, rodeando seu corpo com os braços. Precisava de espaço, tempo e um pouco de intimidade para avaliar suas opções. Não ia se decidir por uma delas na pressa.



Lily não ouviu Rule se levantar, e aproximar-se dela. Sentiu como se ele a atraísse. Rule parou atrás de Lily, rodeou-a com seus braços... e com um suspiro ela se reclinou nele.

— Está acostumada a dividir sua vida em ordenadas partes que se chama profissional e pessoal — murmurou Rule — É incômodo para ti quando se misturam.

Lily fez uma careta.

— Incômodo não é a palavra que eu usaria. — Nos últimos anos, quase tudo o que ocorrera em sua vida entrou na gaveta “profissional”, mas Rule tinha razão. Lily odiava que o trabalho invadisse sua vida pessoal. Odiava que precisasse tocar em Rule, e odiava que os agentes do FBI estivessem em sua casa, porque estava começando a necessitar algo mais que tocar em Rule. Embora quando o calor de Rule invadiu seu corpo, seus pensamentos começaram a tranquilizar-se.

A oferta era tentadora. Terrivelmente tentadora. Poderia trabalhar com pessoas que valorizariam suas habilidades especiais e não teria que as esconder mais. E poderia acabar o que começou com sua investigação, e fazer com um distintivo. Mas teria que dar as costas para a Homicídios. E durante anos seu objetivo foi ser o suficientemente boa para chegar a Homicídios.

Quando se virou para olhar aos agentes do FBI, Rule manteve um braço ao redor de sua cintura. Não se afastou.

— Teria que desistir do meu trabalho na polícia para aceitar sua oferta.

As sobrancelhas de Croft se arquearam ligeiramente.

— Penso que sim.

— Não estou disposta a fazer isso. Não sei que decisão tomarei a longo prazo, mas não quero deixar a polícia neste momento. Espere — disse quando Karonski começou a falar — Tenho uma proposta para fazer a vocês. Quero continuar com o caso, e vocês me querem nele. Por que não fazemos como se isto que me oferecem fosse como uma avaliação? Poderia trabalhar como consultora perita.

Karonski fechou a boca. Olhou para Croft. Os dois estavam com a mesma expressão surpreendida. A seu lado, Rule riu.

— O que acham? — perguntou — É obvio terão que consultar o departamento. Para isso sugiro que falem com os escalões de acima. Não acredito que Randall aceite.

Um sorriso apareceu no rosto do Croft.

— Acredito que poderia conseguir isso. E não acredito que faça nenhum mal que a solicitemos enquanto você está suspensa, não?

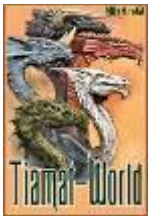
Karonski deu uma cotovelada em seu companheiro.

— Podemos pedir ao Brooks que fale com chefe. Tem hierarquia e quase tanta lábia como você. Já era hora de que fosse útil para algo.

— Brooks? — perguntou Lily.

— O chefe. Que dirige a unidade.

Uma onda de pânico assaltou Lily. Não sabia nada sobre essa unidade, e aceitou trabalhar para eles. Não, corrigiu-se, com eles. Temporariamente. Só era temporária.



O polegar de Rule desenhou pequenos círculos em suas costas através da seda de sua blusa.

— Está ficando cada vez mais confuso, não? — murmurou — Acredito que agora sou o consultor perito da consultora perita.

Lily sentiu calor em seu estômago. Estar em contato com Rule começava a ser uma distração em vez de um alívio. Separou-se dele e passou uma mão pelo cabelo, ainda úmido pela ducha, notou. Normalmente o secava em seguida, mas essa manhã não conseguiu.

Nada estava sendo como estava costumava a ser.

— Por que estou fazendo isto? Eu sou desse tipo de pessoas que se mantêm dentro do limite. E isto está tão longe dele, eu... — Sobre a cadeira, a bolsa de Lily soou. Lily a olhou — Maldito seja.

— Faz porque quer deter um assassino — disse Rule suavemente — E o limite sempre está em movimento.

— Sim. — Lily encontrou com os olhos de Rule — Creio que sim.

O telefone soou outra vez.

— Será melhor que eu atenda. O que decidiram? — perguntou aos agentes sentados do outro lado da sala — Temos um acordo?

Croft assentiu.

— Temos.

— Bem. — Estava bem, não? Tirou o telefone e atendeu sem olhar quem chamava — Yu.

— Sabe algo de sua avó? — perguntou sua mãe — Desapareceu.

Desaparecida? Lily começou a sentir pânico

— O que quer dizer? Desde quando?

— Bom, não desapareceu exatamente. Mas se foi. Li Qin diz que não me preocupe, mas como não vou preocupar-me quando só faltam três semanas para o casamento?

Lily se sentou na beirada da cadeira.

— Li Qin sabe aonde foi?

— Não quer me dizer nada. A sua avó pediu que não dissesse nada. — Julia choramingou — Desconfio que seja pedir muito que sua avó diga a sua própria nora quando vai da cidade. Mas por que se foi? Não é próprio dela. Nunca viaja, e partir assim, justo antes do casamento e sem me dizer nada... bom, já sabe. Está velha.

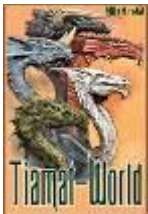
Lily conteve um ataque de histeria.

— Não acredito que a vó esteja caduca.

— Eu não disse isso. Só penso que... ah, bom. Não sabe nada dela?

— Falei com ela faz dois dias — disse Lily com jeito — Disse algo de falar com um velho amigo. Acreditei que se referia a falar por telefone, mas possivelmente pretendesse ir visitá-lo. — Para cobrar o favor que devia a ela...

Sua mãe resmungou um pouco mais pelo estranho comportamento de sua avó. Lily não a escutou. Em algum momento teria que dizer a sua família que estava suspensa do emprego e sem salário. Deus odiava ter que fazer isso. Podia imaginar o que diria sua mãe.



Possivelmente pudesse arrumar tudo rapidamente, antes de ter que lhe contar algo.

— Perdoa. O que dizia? — perguntou quando notou o silêncio — Me distraí um momento.

— Te lembrei de que tem que provar o vestido e te perguntei se já encontrou um dia livre em sua agenda.

Um dia livre?

— Para o ensaio do jantar — disse Julia lendo a mente de sua filha como só as mães podem fazer — Tem fugido de mim. Encontrou uma data disponível?

— Não, mas...

— É um jantar formal, Lily. Não pode ir sem acompanhante. Seu pai e eu ficaríamos com a cara no chão de vergonha.

O argumento de ficar com *a cara no chão* era impossível de contra-atacar.

— Está bem. Não há problema. Irei acompanhada.

— Quem? Encontrou alguém?

Lily olhou para Rule. O ataque de histeria estava aí de novo.

— De fato, sim, encontrei alguém.



Supunha-se que Rule devia dar uma coletiva de imprensa. E também precisava de roupa. Depois da conversa, ficou decidido que Croft se encarregaria de ambos os assuntos. Além disso, devia fazer uma declaração sobre o novo papel do FBI na investigação. Se não, como disse Croft secamente, a imprensa inventaria coisas. Também poderia dizer a eles que Rule estava “ajudando com a investigação” e que não podia falar com a imprensa no momento.

Rule nem sequer podia ir a sua casa e pegar sua roupa. Não, se Lily não fosse com ele. Ainda não sabiam o quanto podiam afastar-se um do outro, mas o apartamento de Rule estava muito longe para tentar.

Lily estava fazendo café outra vez. Rule estava na porta comendo uma maçã. Não havia lugar para os dois na cozinha. Maçãs eram o único que Lily conseguiu tirar de seus armários que se parecia com um café da manhã, já que o pão estava mofado.

Lily encheu a cafeteira e a colocou no lugar.

— Isto de ir juntos a todas as partes, é tão estranho para ti como para é mim?

— É desconcertante. Nunca acreditei que aconteceria comigo.

— Disse que ocorre muito poucas vezes.

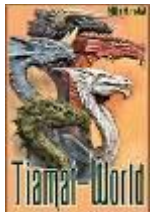
— Sim, e... — Rule hesitou — *Dama* nunca deu uma escolhida a um *lu núncio*. Não desde a época das histórias antigas, que já são mais mito que história. Não há precedentes do nosso.

— Penso que também ficou surpreso. Também não estava preparado para isto.

— Pelo menos sabia que estas coisas ocorrem, mas sim. — Fez uma pausa — Meu irmão teve uma escolhida.

Teve? Lily olhou para Rule.

— Que irmão?



— Benedict. Acabou mau.

Lily estudou o rosto de Rule que se tornou subitamente impenetrável.

— Não quer falar disso.

— Eu não gostaria de transformar a tragédia de Benedict em um aviso para nós. Embora seja um bom aviso. — Obviamente ansioso por trocar de assunto, Rule deu um passo para frente — Onde está o lixo?

Lily sentiu um comichão em sua pele quando ele se aproximou. Sentiu que seu coração pulsava mais rápido, e desejava tocar nele, pôr sua mão no peito firme de Rule, e comprovar se seu coração pulsava no mesmo ritmo que o seu.

Deu um passo para trás.

— Os restos orgânicos vão ao recipiente de cerâmica que há debaixo da pia, para fazer adubo.

Rule o encontrou e depositou os restos da maçã.

— Se preocupa com o meio ambiente?

— Sou jardineira. Somos muito gananciosos com os restos orgânicos.

Rule sorriu lentamente.

— Que eu me lembre, também é gananciosa com outras coisas.

Lily sentiu calor em seu rosto, e que algo palpitava mais abaixo. Isso a enfurecia. Deu a volta.

— Temos que voltar ao trabalho. Karonski está esperando.

— Lily. — Rule a deteve quando ela tentou passar junto a ele — Não resista muito. Quando um animal arranca a pata para escapar da armadilha morre sangrando.

— Como quer que reaja? Conheço você há somente cinco dias e se acredita que estamos unidos para sempre. Como quer que enfrente isso? — Lily afastou o braço de Rule — Não me irrite.

Karonski abriu papéis e pastas por toda a mesa.

— Se os dois, pombinhos, acabaram com os carinhos, precisamos que... certo, certo — disse quando viu a cara exasperada de Lily — Nada de piadas sobre pombinhos. Eu entendi.

— Tenho algumas perguntas — começou Lily.

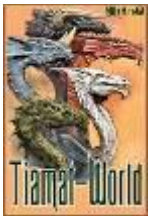
— *Naturalmente* — murmurou Rule entrando na sala atrás dela. Andou até a mesa e se sentou. Pegou uma das pastas. O que continha os relatórios oficiais de Lily, ela notou. Karonski não colocou objeções. Ao que parecia iam deixar que um civil se envolvesse em tudo.

O que estava bem se o civil se mostrava igualmente comunicativo com eles. E Lily sabia que até agora fora. Franziu a testa quando Rule inclinou a cabeça para ler.

— Suas perguntas? — animou Karonski.

— Sim. Primeiro, sabem que sou uma sensitiva somente a partir de ontem, mas já fizeram verificações sobre mim. Inclusive para o FBI, isso é muita rapidez. Já fizeram antes, não é assim?

— Confirmamos os históricos e os antecedentes de várias pessoas envolvidas neste caso — admitiu Karonski — Não sabíamos aonde nos levaria a investigação, mas queríamos estar preparados.



— Preparados para que? Isso é o que não tem sentido. Por que vocês estão aqui?

— O chefe é um vidente. Se ele disser vão, nós vamos.

Lily os observou um momento, surpreendida.

— Acreditava que o Governo não os utilizava porque não eram confiáveis.

— Brooks acerta em setenta por cento. Provavelmente pareça um número baixo; mas os exames em que submetem os videntes são bastante desgastantes e a premunção capta muito melhor os assuntos mais substanciais. Aqueles em que há emoções em jogo.

— Nunca ouvi falar de um vidente que chegasse aos setenta por cento. Não consistentemente.

— Não percebe tudo, mas quando capta algo, pode estar seguro de que é certo. Croft acredita que Brooks tem um pouco de elfo. Será interessante ver como o percebe você quando conhecer ele.

— Se nos conhecermos. Ainda não aceitei me unir ao seu grupo. Uma pergunta mais. De onde conhece o Rule?

Karonski sorriu.

— Me deu uma mão em outro caso que tive; antes de ter Martin como parceiro. Nós tivemos uns bons momentos, uma vez resolvemos aquele caso.

Lily olhou a aliança no dedo de Karonski.

Ele se deu conta.

— Eh, ainda não era casado. Mas meus dias de farra acabaram, e este caso está longe de estar resolvido, assim melhor que coloquemos mãos à obra. Temos que colocá-la em dia rapidamente sobre tudo o que temos — disse procurando entre os papéis que havia sobre a mesa

— A maior parte disso são verificações de históricos e antecedentes de pessoas. Mas alguns relatórios são uma leitura interessante. Onde?... OH, aqui está. — Entregou a Lily uma pasta.

As sobrancelhas de Lily se arquearam.

— Têm uma pasta cheia com informação sobre os Azá?

Rule olhou interessado.

— É material recente. Observamos eles desde que abriram o Templo em Los Angeles, faz três anos.

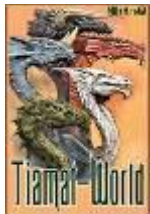
— E quem ou o que são? — perguntou Rule.

— Provêm de Grã-Bretanha, embora afirmem que suas origens estão no antigo Egito. Os cultos adoram dizer essas coisas: herança antiga, a tradição que se manteve em segredo. Faz eles parecerem mais interessantes. Investigamos porque eles estiveram relacionados com magia de morte.

— Magia de morte!

— Animal, não humana, e não pudemos provar nada contra eles desde que chegaram. Mas sim, alguns de seus rituais implicam sacrifícios de animais.

— Ruim — disse Lily enquanto repassava o relatório de forma superficial — Nunca ouvi falar dessa deusa deles, Ani...



— Ei, melhor não mencione o nome dela, certo?

— Por que não? — Lily ergueu a cabeça e captou o olhar envergonhado de Karonski — OH, vamos. A magia dos nomes está obsoleta desde a Purgação.

— Sei, sei. Mas Brooks disse que não mencionássemos o nome. Nem deixássemos que fizesse alguém que tivesse magia. — Deu de ombros — Não sei por que. Mas quando me avisa de algo tão específico como isto, normalmente presto atenção.

— Me deixe ver isso. — Rule estendeu a mão para pegar a página que Lily estava lendo.

Ela entregou, franzindo a testa. A voz de Rule soava estranha.

O olhou a folha, seus olhos liam a toda velocidade. E então se detiveram. Esteve imóvel durante um bom momento.

— O que acontece? — perguntou Lily — Me disse que não sabia nada sobre os Azá.

— Sobre eles não, mas *Ela*... — Por fim Rule levantou a cabeça — Alguma vez aconteceu a você que uma lenda adquirisse vida e te mordesse o traseiro?

— Sim, recentemente — disse Lily sem pensar.

Rule ficou vermelho de prazer pela surpresa de escutar essa resposta.

— Obrigado.

Karonski pigarreou.

— Assim, ouviu falar dessa deusa? Forma parte de suas lendas?

— Lenda, historia... Após a passagem de umas centenas de anos, mesclam-se e é difícil de distinguir. Sim, ouvi falar *Dela*. É a razão pela que minha gente existe.

— Ela é sua *Dama*? — perguntou Lily. A mera ideia parecia horrível para ela — Essa versão feminina da divindade que vocês adoram?

— Não entendeu. — Rule procurou os olhos de Lily, seus olhos estavam cobertos e escuros

— Minha Dama é sua inimiga. Criaram-nos para destruir a *Ela*.

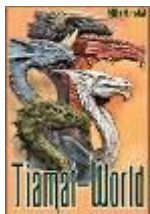
Capítulo 21

Cullen ficou deitado de lado com as mãos cuidadosamente dispostas. Como amostra de seu recém-adquirido status, forneceu a ele um colchão e uma manta leve. Continuava sendo um prisioneiro, é obvio, mas queriam o fazer acreditar que depois que provasse sua boa vontade seria bem tratado.

Claro. Sorriu sarcástico para a escuridão que o rodeava. *E o Papai Noel existe.*

Não cabiam dúvidas de que o colchão era cômodo, e ao mesmo tempo, era um verdadeiro incômodo. Já fora bastante difícil rastrear o ralo de energia que havia debaixo de sua cela quando podia deitar-se diretamente no chão. E agora o colchão estava entre ele e a rede.

Mas a manta era uma verdadeira bênção. Para um homem cego preso em uma jaula de vidro é impossível saber quando estão observando, mas a manta proporcionava a ele um pouquinho de intimidade. Se alguém via os ligeiros movimentos de suas mãos debaixo dela, provavelmente pensaria que estava se divertindo consigo mesmo.



Deus sabia que havia poucas coisas para fazer naquele lugar... além do que realmente estava fazendo, claro. Tecia a magia

Normalmente, um feitiço se tecia com palavras, objetos essenciais ou uma combinação de ambos, e podia aplicar-se de muitas maneiras diferentes. Trabalhar diretamente com a magia era quase uma loucura, pensou Cullen, para qualquer um que não fosse um seguidor. Mas, na teoria, podia fazer. A ideia era conseguir colocar a quantidade suficiente de elementos de seu próprio feitiço na fonte da rede de energia. Uma vez que houvesse o suficiente, poderia controlar a rede. Teoricamente.

Na prática, possivelmente conseguiria voar pelos ares em minúsculos pedaços junto com sua jaula de vidro. Se isso chegasse a acontecer, esperava que Helen estivesse o suficientemente perto.

Que engraçado. Nunca acreditou nas histórias sobre as grandes guerras e como criaram seu povo para servir como guerreiros em um dos lados. O lado da verdade e da justiça é obvio. O lado dos bons.

OH, sim, acreditava que tenha havido um conflito, um tremendo conflito que envolveu todos os mundos existentes, em um passado remoto. Antes que se perdesse o *Codex Arcanum*, já aceitou isto como um fato, assim provavelmente fosse certo. Mas as histórias que passaram de pais para filhos durante gerações, entre os lupi tratavam de heróis e vilões, deuses e deusas. Cullen acreditava que não eram mais que mitos. Nenhuma história oral poderia haver se mantido com tantos detalhes ao longo de um espaço de tempo tão extenso. Além disso, eram os bons os que sobreviveram para contar sua versão. Obviamente, seu lado ganhou.

Só bastou um toque do bastão para fazê-lo mudar de opinião.

Provavelmente não soubesse como identificar os caras bons, pensou Cullen enquanto retorcendo-se de dor dava a forma adequada a uma magia vermelho escuro. Mas agora sabia quem eram os maus.

Estudou a rede que criou. Parecia que estava boa... E só havia uma maneira de comprovar. Deixou cair uma mão, as pontas dos dedos tocaram o chão, e começou a introduzir seu feitiço na rede que havia debaixo.

A princípio, as vozes eram um incômodo, uma distração que logo desapareceu. Logo descobriu que uma delas era familiar para ele, e não exatamente de sua estada naquele lugar. Intrigado, deixou ir o feitiço. Desapareceu no ralo de energia.

— ... não estou contente... Turner está ainda... terá que detê-lo.

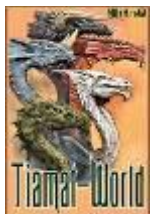
Era sua fria Santidade, muito longe para entender tudo o que dizia. Permitiu-se um segundo para comprovar como ia seu feitiço. Parecia que se integrou com suavidade...

— ... também não me agrada, Madonna. Eliminá-lo é... uniu-me a ti. Por isso... vim hoje aqui.

E essa foi à voz que reconheceu. Mick Roberts. O irmão de Rule.

— Hoje não está tão bonito como sempre, heim? — Era Mick Roberts outra vez, estava justo ao lado da jaula de Cullen, e estava se divertindo.

Não valia a pena fazer como se não o tivesse ouvido. Mick sabia que sim. Cullen moveu as



pernas e se sentou, com a cara virada para a direção de onde provinham as vozes.

— Olá, Mick. Fico feliz de que nos encontremos aqui.

— Sabe que está aqui — disse ela, surpreendida.

— É obvio que sim. Não tirou suas orelhas junto com seus olhos. Olá, Cullen. Conforme entendi está negociando sua liberdade, não é?

— Fazemos o que podemos — disse brandamente. A náusea que sentiu foi uma surpresa para ele. Não acreditou ter tantos ideais morais como para que a traição de Mick o afetasse de forma tão profunda. Mas falar com Mick o deixava doente — Vejo que não está em uma jaula.

Mick riu.

— O mesmo Cullen de sempre. Mas há coisas que não sabia sobre você, não é? A Madonna me diz que brinca com feitiçaria. Que vergonha.

— Falando de vergonha. O que faz aqui falando com a Madonna? Isso poderia se esperar de mim, mas presume-se que você está acima de uma pessoa baixa e sem clã como eu.

— Não te compare comigo. — A voz de Mick adquiriu uma súbita influência de emoção. Raiva, sobre tudo, com uma boa parte de desprezo — Estou lutando para salvar o meu clã. Você somente tenta salvar o seu traseiro.

— Perdoe-me por ser tão tolo, acredito que não te acompanho. Você se aliou a nossa histórica inimiga e está fazendo todo o possível para matar seu pai e destruir o seu irmão... Pelo bem do clã?

— Sempre foi curto de visão. O *rho* vai destruir todos nós com suas ilusões políticas. Destruirá o Desafio e nos transformará em uma imitação dos humanos, meras cópias daqueles que nunca ouviram o chamado da *Dama*. Não deixarei que isso aconteça.

A voz de Mick era dura. Decidida. Cullen recordava um pouco do Rule... Uma versão triste e retorcida de Rule.

— Bem, cada um com a sua. *Mmm...* Não posso evitar em me perguntar. Você vê, a minha lamentável curiosidade. Sabe que ela pode ler sua mente, não? — E era o mínimo que podia fazer. Acreditava-se que era impossível dominar a mente de uma pessoa, mas ela possuía muito poder concentrado no bastão... embora não podia imaginar nenhum lupus permitindo que lhe tocasse uma abominação como aquela.

Mick riu.

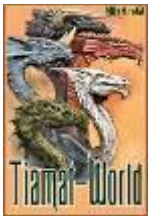
— Não pode ler a minha, nem a de qualquer outro lupus. É um verdadeiro imbecil, né? Aquela a que a Madonna serve não pode nos afetar dessa maneira.

Mas *Ela* não precisava. A puta insensível que era a sua sacerdotisa tinha seu próprio dom, que possivelmente fosse aumentado pelo poder da Deusa, mas não foi originado por *Ela*. Entretanto, Cullen suspeitou que não fosse o melhor momento para dar uma palestra sobre as diferenças entre a feitiçaria e os dons.

— E veio até aqui para me animar? Que consideração. Sinto-me muito melhor.

— Queria ver você em sua jaula. Acreditava que apreciaria, e estou fazendo.

A Madonna falou. Sua voz chegava através do vidro, suave, mas muito clara.



— Mick tem uma ideia sobre como utilizar você. Eu tinha outros planos para provar sua honestidade, mas eu gosto mais de sua ideia. Vai me permitir saber com segurança de que lado está e, além disso, nos ajuda a avançar em nossa causa. E não teríamos que esperar que seus olhos cresçam novamente.

— O que é isso? Um ataque de eficiência? — Cullen falou calmamente, mas os batimentos de seu coração se aceleraram. Não estava preparado. Ainda não controlava a rede de poder. Embora faltasse pouco...

— Tudo depende de quão flexível seja seu sentido de lealdade — disse ela — Mick me assegura que é extremamente flexível. Mas não é correto que se considera amigo de Rule Turner?

— Claro que sim. Rule é um ímã para as mulheres. Não é que eu tenha problemas para atraí-las, mas é tal o número das que ficam apaixonadas por ele que não pode agradar a todas. Eu me ocupo do excedente.

— Não me interessa escutar nada sobre seus hábitos sexuais. — Havia desgosto na voz da mulher. Cullen já se dera conta de que a encantadora Helen odiava qualquer referência ao sexo — Está disposto a atraí-lo até nós?

Cullen sorriu.

— E o que eu ganho?

— Aninnas quer comer. Se não conseguir, possivelmente aceite um homem lobo feiticeiro em seu lugar.

— Certamente, sabe como motivar um homem.



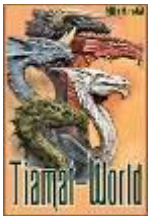
Às onze e meia, Rule estava a caminho do encontro com Ginger. Com Lily, é obvio. Ganhou no cara ou coroa o direito de dirigir, assim foram em seu carro.

Croft estava recolhendo mais informação sobre a Igreja dos Fiéis. Karonski ia fazer uma visita a Corregedoria para saber o que descobriram sobre Mech e Randall. Lily queria sua oportunidade para interrogar Ginger.

Teria sido mais prático dividir-se em outro tipo de casais: Lily com o Croft, e Rule com o Karonski; mas o vínculo dos escolhidos deixava impossível. E ainda que não deixasse Rule não estava disposto a perder Lily de vista. Ela era uma ameaça para os assassinos e para o policial corrupto que trabalhava com eles. Não estava disposto a arriscar deixando Lily saísse por aí sozinha.

Primeiro foi procurar Cullen. Não estava em casa, e uma chamada para Max confirmou que também não o viu, nem sabia nada dele. Rule estava zangado consigo mesmo por preocupar-se tanto. Às vezes Cullen costumava largar tudo durante semanas, seguindo a pista ou algum rastro de feitiço recém-descoberto. Sempre estava mergulhado em manuscritos antigos ou diários procurando esse tipo de coisas.

— Está certo de que Seabourne é um feiticeiro? — perguntou Lily pela terceira vez — Não é simplesmente um cara com um dom que quer se fazer de importante?



— Os lupi não têm dons.

— Acreditávamos que também não podiam ser feiticeiros.

Certo.

— Realiza feitiços que surgem de dentro dele. Essa é a definição de feitiçaria, não?

— Como você sabe de onde surgem esses feitiços? Não pode ver a magia, nem senti-la.

A ponto de perder a paciência, Rule saltou:

— Ele foi expulso de seu clã porque não podia renunciar à feitiçaria, o que sugere que seus motivos eram um pouco mais profundos de querer se fazer de importante. Tiveram que acreditar que era feiticeiro de verdade. E isso — acrescentou com um suspiro —, é mais do que deveria ter te contado.

— Manterei em segredo. A não ser...

— A não ser que não possa. Entendido. — Estava começando a lamentar haver falado de Cullen para ela. Mas quando descobriu a identidade do antigo que despertara, acreditou que Lily e os dois federais precisavam saber tudo o que ele sabia.

Cullen estava estudando o que ele chamava alterações no fluxo, que o faziam pensar que as relações entre os mundos estavam mudando. Havia sentido uma conexão com os Nokolai, algum tipo de conspiração, e foi até Rule. Utilizando Rule como o centro de um feitiço mais complexo, descobriu um plano para assassinar ao *rho*... muito tarde.

Lily tocou o braço de Rule.

— Não vou denunciar ele, Rule. A não ser que seja culpado de algo mais que praticar uma arte ilegal. Embora deva dizer que esta é a primeira vez que minha política de manter a intimidade de uma pessoa acabe protegendo um feiticeiro.

— Cullen diz que a feitiçaria tem má reputação. Não é que seja inerentemente boa ou má, ao menos não mais que a eletricidade, por exemplo.

— Isso é o que sempre pensei. A magia não tem condicionamentos morais. O que importa é como a utiliza. Mas o que percebi na casa de Therese... — Sacudiu a cabeça como se tentasse se desfazer de uma má lembrança.

Quando Rule estendeu a mão, a de Lily estava esperando-a. O vínculo estava funcionando. E continuaria funcionando, se Lily permitisse.

— Assim, o que se sente ao tocar magia? — perguntou Rule olhando para Lily.

Lily sorriu brevemente.

— Me diga como é trocar.

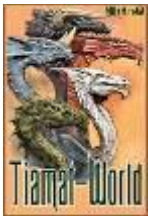
— Selvagem. Doloroso. Correto.

— Certo, é muito melhor que eu encontrando palavras. A magia é como... uma textura. Areia ou cristal, madeira, rocha ou folhas... Quando toco algo ou a alguém que contém magia, tem essa textura.

— Não é sempre igual? — perguntou Rule com curiosidade.

— OH, não. Por exemplo, a magia lupus é como tocar uma mescla de pele e presas.

Isso fazia sentido. Algo. Se Rule pudesse imaginar algo que fosse suave como o pelo de um



animal, e duro e pontiagudo ao mesmo tempo.

— É por isso que não entendo o que percebi na casa de Therese. A textura em si não pode ser má ou boa, simplesmente é. Suponho que poderia ter uma textura que ferisse como vidro quebrado. Mas dor e maldade não são o mesmo.

— Não quando deixa de ter três ou quatro anos, certamente — acrescentou Rule, pondo a luz de alerta para virar.

— Suponho... — Lily se deu conta de que estava segurando a mão de Rule e retirou a sua — Ei, não acaba de passar pela casa de Ginger?

Paciência lembrou Rule a si mesmo.

— Não havia lugar para estacionar.

— OH. Bem. Quero dizer, está bem saber que é humano... OH, isso não soou bem. Deveria dizer mortal, como o resto de nós. Eu também nunca encontro lugar para estacionar.

A humanidade de Rule, ou a falta dela, preocupava Lily. E ele não sabia o que fazer a respeito. Era difícil para ela enfrentar a natureza de Rule porque se sentia confusa sobre a sua própria?

— O que é o mais difícil em ser uma sensitiva?

— Suponho que não ser nem um nem outro.

— Acredito que não estou certo do que isso quer dizer. — Rule estacionou — É definitivamente humana.

— E isso o que quer dizer? Onde está traçada a linha que mostre, a partir daqui todos são humanos e o resto é outra coisa? Você está confortável estando fora dessa linha. Eu somente quero saber onde ela está. — Lily abriu a porta e desceu do carro.

Por que Lily necessitava dessa linha? Perguntou Rule a si mesmo, descendo também. Possivelmente era consequência de não pertencer a nenhum clã. Sempre soube quem era.

Mas em alguns aspectos, sua família era seu clã. O que o lembrou... Rule falou enquanto se reunia com Lily na calçada.

— Não havia algo que queria me perguntar?

— Normalmente sim, mas agora mesmo, não.

— Ia me falar de um encontro.

—OH. — Lily olhou para ele zangada — Deduzo que ouviu ambas as partes da conversa com minha mãe.

Rule sorriu.

— Está bem. Virá ao maldito jantar de ensaio comigo?

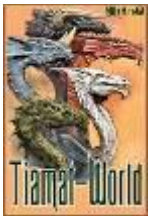
— Será um prazer. Começava a me perguntar se pensava pedir ao Karonski.

— Pensei.

Rule achou engraçado o tom áspero de Lily.

— É um jantar muito formal? Tenho um smoking.

— Por que será que não acho estranho. Não, bastará um traje normal. Vai se celebrar no restaurante de meu tio Chan. Possivelmente o conheça. O Dragão Dourado no Gaslamp Quarter.



— Estive lá algumas vezes. Excelente porco *mu shu*. — Rule observou Lily — Não a vejo muito entusiasmada. Tem vergonha de mim?

— Não. Não é isso. De fato — disse com um sorriso aparecendo — tenho muita vontade de ver a reação de minha mãe quando te conhecer.

— Assim me convidou para chatear a sua mãe.

Lily assentiu pensativa.

— Sim. Minha mãe está acostumada a dizer que não tem preconceito, mas claro que tem. Não contra os lupi em particular, mas, vamos admitir. Não é chinês.

Rule soltou uma gargalhada.

— Não, não sou.

— Ajudaria muito se fosse cirurgião. Ou advogado, sempre e quando trabalhasse em um escritório ou consultório de prestígio. É uma fanática pelo êxito pessoal. Mas um *playboy*... — Negou com a cabeça — Embora vá adorar a parte de que é rico.

— Não sou rico.

Lily virou a cabeça para olhar o carro de Rule, e logo olhou para ele, com as sobrancelhas arqueadas.

— É parte de minha imagem.

— Coisa que você adora.

Rule sorriu.

— É obvio.

— Também conhecerá meu pai, mas é um homem fácil de agradar. Minha irmã Susan, a que se casa, é perfeita, assim não será nenhum problema. Minha irmã mais nova, Beth, provavelmente tente flertar contigo. *Mmm...* E logo tem minha avó.

— Só tem uma?

— Não, mas minha avó é uma entre um milhão. Ela... — Lily suspirou — É impossível explicar como é a vó. Tem que conhecê-la.

— Estou ansioso.

— Isso demonstra que não a conhece — murmurou Lily.

Chegaram ao seu destino, A Jolie Sex, um salão de beleza propriedade de Ginger Harris.

— Lily. — Rule pôs uma mão sobre seu ombro detendo-a quando estava a ponto de abrir a porta — O que acontece?

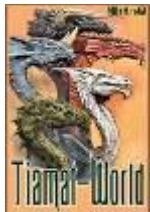
As sobrancelhas de Lily expressaram educadamente sua surpresa.

— Quer dizer além de estar vinculada à vida de um homem que mal conheço? Ou descobrir que o criminoso por trás dos assassinatos só pode ser uma deusa imortal?

A boca de Rule sorriu ligeiramente ao ouvir que *Ela* era descrita como a responsável pelos assassinatos cometidos.

— Uma antiga. Prefiro não honrá-la com outro termo. Terá problemas para prendê-la, temo eu, porque isso eu sei, *Ela* não pode entrar em nossa dimensão.

— Comentaste algo sobre isso antes, mas como pode estar certo? Seus conhecimentos se



apoiam em lendas tão antigas que ninguém sabe dizer quando se originaram.

— Se *Ela* estivesse aqui — disse Rule com amargura —, não teria que preocupar-se por nosso vínculo. Eu estaria morto. E o meu clã também, junto com a maioria dos lupi deste planeta. Sem mencionar os humanos que *Ela* considerasse que poderiam ser uma ameaça: O Presidente, o Congresso, o Exército.

— Tá. Está começando a me assustar.

— Bom. — Mas Lily já estava assustada antes. Quanto mais se aproximavam do salão, mais terror nela Rule sentia — Não vai me dizer por que Ginger te incomoda, verdade?

Lily tirou o olhar de Rule, seu rosto não expressava nada.

—A memória é uma merda às vezes. Está certo que não quer que arrumem o seu cabelo ou façam as suas unhas enquanto falo com ela? Ninguém vai tentar me matar entre os secadores de cabelo e a sala de limpeza de pele.

— Minhas unhas estão perfeitas, obrigado. — Rule se perguntou se ela teria se dado conta de que pôs a mão em sua cintura — Não vou atrapalhar Lily.

Lily olhou para Rule, fez um gesto de desgosto e afastou sua mão.

— E não fique tão perto. Não acredito que passe muito boa impressão se a interrogar enquanto estou me esfregando com você.

Capítulo 22

Ginger o decorara bem, pensou Lily quando entrou no salão de beleza. Moldes de estuque tipo veneziano⁴² nas paredes, piso de cerâmica no chão, um candelabro de cristal e uma recepcionista que parecia a irmã loira da Julia Roberts sentada atrás de uma mesa antiga.

— Posso ajudar vocês? — perguntou a mulher mostrando um suave sorriso. Incrivelmente, quase não olhou para Rule.

Havia certas desvantagens no fato de ser uma simples consultora perita. As mãos de Lily procuraram sua identificação na bolsa até que lembrou.

— Eu gostaria de falar com a senhorita Harris. Estou certa de que está ocupada, mas sou uma velha amiga. — Lily sorriu — Diga a ela que Lily Yu quer vê-la.

— Uma velha amiga? — disse Rule em voz muito baixa enquanto a mulher falava pelo telefone interno.

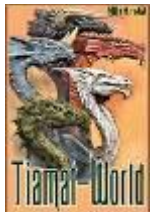
— Depois.

A recepcionista desligou o telefone e ficou de pé.

— Me acompanhem, por favor.

Lily seguiu a estilosa e magra loira de um metro oitenta ao salão principal, um lugar na moda com palmeiras de dois metros e meio, ladrilhos decorativos, aroma de produtos químicos e mulheres. Um montão de mulheres. Todas e cada uma delas olharam Rule passar.

⁴² Estuque veneziano é uma antiga técnica de pintura em paredes resultante de uma mistura de cal e água; a massa, depois de colorida com pigmentos tirados da terra, era aplicada com uma espátula, obtendo-se uma cobertura texturizada e rústica.



Possivelmente a recepcionista fosse lésbica.

Cruzaram uma porta na parte de atrás que conduzia a zona mais prática do local, um curto e atapetado corredor que possuía portas que levavam a ambos os extremos. Lily tentou fazer um esforço, não muito intenso, de convencer a si mesma de que seu coração pulsava de alívio. Não esteve absolutamente segura de que Ginger fosse receber eles.

Mas sentir alívio não faz que suem as palmas das mãos.

Pararam diante da porta da extremidade leste. O clone da Julia Roberts bateu uma vez brevemente, abriu e deu um passo atrás. Ainda sorria.

O escritório de Ginger estava decorado em um estilo muito extravagante e muito caro: uma palmeira de néon em um canto, cadeiras rosa e felpudas para os visitantes, uma mesa cromada e de vidro. Ginger não estava atrás dessa mesa, mas sim estava de pé diante da janela, observando o exterior. Vestia um Top muito curto, de elástico e de uma cor chamativa, umas calças justas de cós baixo que mostravam o *piercing* que levava no umbigo.

Virou-se quando a porta se fechou e suas sobrancelhas se arquearam.

— Rule. Não te esperava. Mas já que está aqui... — Olhou para Lily e seus lábios se curvaram nos cantos — Poderíamos tentar um trio. O sofá é um pouco pequeno, mas sempre sobra o chão.

Lily se ruborizou e ficou muito irritada.

— Isso quer dizer que não te importa em fazer sexo com um assassino? Ou não te importa ficar nua com um homem a quem tentou culpar por um assassinato?

— OH, se tornou muito dura. — Sacudiu a cabeça, e por um segundo Lily acreditou ver nesses grandes olhos, que Ginger havia se sentido um pouco ofendida — Desconfio que não esteja aqui para falar dos velhos tempos.

— Desconfia bem. Deveria mencionar, também, que não estou aqui na qualidade de policial. Estou ajudando ao FBI em sua investigação.

— O FBI? — Ginger passou uma mão por seu curto cabelo, afofando-lhe — Que medo. Já mencionei que eu gosto de tanto de caras como de garotas? — Examinou Lily de cima abaixo com esse sorriso felino em seus lábios — Eu gosto de sua jaqueta.

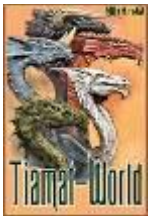
— Obrigada. Quem te persuadiu para que mentisse sobre ter visto Rule na outra noite?

— Não menti. — Olhou para Rule e deu de ombros — Não era minha intenção te causar nenhum problema, querido.

— Como pode ver o problema não foi muito grave. — O sorriso do Rule era afiado como o fio de um vidro quebrado — Mas acredito que mentir para os federais gera uns problemas mais sérios e permanentes.

— Pode ser que tenha me equivocado, mas aquele cara se parecia com você. — Ginger apontou para as cadeiras felpudas de cor rosa — Sentem-se. Posso oferecer algo para vocês? Temos um bom Chardonnay⁴³, ou possivelmente prefiram uma limonada se querem ser afetados e corretos por estar de serviço.

⁴³ Se refere a um vinho branco de qualidade com aroma de champanha.



Deixar que Ginger escolhesse o tópico da conversa não ia ajudar. A mulher manteria o controle a todo o momento, flertaria com um deles ou com os dois, e não diria nada.

Lily caminhou até ela.

— Essas pessoas, às que está protegendo, são assassinos. Sabe o que fizeram com Therese Martin? Destroçaram-na, em sua própria casa, onde ela pensava que estaria a salvo.

Ginger tirou a língua e tocou o lábio superior.

— Estou certa de que é terrível, mas não tem nada há ver comigo. Provavelmente me equivoquei ao dizer quem vi naquela noite, possivelmente não. Seja como for, não sou culpada de nada.

— O que fazia ali? Não nessa noite, que conforme entendi estava no clube. No dia seguinte, quando resultou que viu os carros da polícia estacionados na frente da casa de Therese e se aproximou para ver o que acontecia.

— Sim, soa muito estranho da maneira que conta. — Ginger inclinou a cabeça para um lado e roçou a bochecha de Lily com um dedo — Sabe querida, sua pele é bonita, mas não acredito que essa cor de base fique bem. Faz você parecer amarelada. Poderia te proporcionar um produto personalizado com nossa marca pessoal. Você adorará.

Lily não usava maquiagem.

— Não respondeu a minha pergunta.

— Para alguém que não está aqui na qualidade de policial, soa como um. — Deu de ombros — Por que não? Já contei tudo para aquele outro policial. Deixei a minha bolsa no clube, e não me dei conta até que quis pagar o táxi. — Fez uma careta — Deixe que te diga que o taxista não foi muito compreensivo. Tive que acordar alguns vizinhos para pedir dinheiro, que também não foram muito compreensivos. No dia seguinte voltei para buscar ela.

— Por que pegou um táxi?

Ginger suspirou chateada.

— Só entre nós, querida, tenho um pequeno problema com a minha carteira de motorista. Ultimamente ando de táxi para ir a todos os lugares.

— O Clube Hell está a duas quadras do apartamento de Therese Martin. Como pôde ver tão claramente Turner para poder identificar ele a esta distância?

— Passei a seu lado com o táxi, querida. Não sei se o taxista o viu ou não, mas eu sempre me fixo no Rule. — Mostrou um sorriso torto.

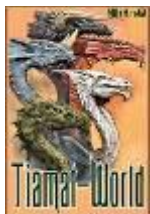
Lily assentiu lentamente, perguntando-se se eles, quem quer que fosse, teriam arranjado que um homem saísse do apartamento de Therese no justo momento para que o taxista o visse.

— É uma boa história, Ginger. Muito bem atada.

— História? — As finas sobrancelhas de Ginger se arquearam pela surpresa — Querida, eu não sou a que inventa histórias sobre onde estive ou aonde vai. Essas foram você e Sarah...

Lily sentiu que lhe faltava o ar. Foi por minha culpa? Me culpou todos estes anos? Podia ter dito que não, convencer Sarah de que não o fizesse... Recuperou o fôlego.

— Muito bem. Conectar isso. Mas já não tenho oito anos e posso me defender.



Possivelmente deva recordar isso porque te convém que seja sua amiga. Está com merda até o pescoço, embora seja muito lerda para ver.

A ira relampejou nos olhos de Ginger.

— Bom, bom. Não é necessário me insultar.

— Pensa bem. Se viu o assassino, está em perigo. Se não o viu, se tiver mentido por alguma razão, está ainda mais em perigo.

— Que bonito que se preocupe por mim. — A voz de Ginger se converteu em um sussurro — Pobre pequena Lily. Você gosta da segurança, não é verdade? Depois do que passou não posso te culpar. Entrou para a polícia porque se sentia mais segura com uma arma e um uniforme entre você e os tipos maus?

Essa também foi boa, pensou Lily. Mas Ginger sempre foi uma perita em golpes baixos.

— O assunto é Ginger, que sei que não viu o assassino. Porque o assassino não estava ali.

As finas sobrancelhas se arquearam.

— Tá, essa sim que é boa. Matou ela sem estar ali?

— Sim. Verá. Não foi um lúpus que matou Therese. Matou ela por meio de feitiçaria.

Por um segundo, o medo alagou esses olhos expressivos e familiares. Ginger soltou uma risada nervosa.

— Acredito que vê muitos filmes.

— Lembre que disse que estava trabalhando com o FBI? O caso é deles agora. O assassinato por meio mágicos é um crime federal... O único que concede pena de morte automática.

Durante um segundo, Ginger não disse nada. Depois, deu de ombros como se nada daquilo a importasse, e deu a volta.

— Tenho que voltar para o trabalho, querida. Agradeço muito a você que tenha se incomodado em me contar todos esses pequenos e fascinantes detalhes, mas...

Lily a agarrou pelo ombro e a deteve.

— Me escute. Eles já não precisam de você para nada. Sabemos que Turner não o fez, assim que você é um cabo solto. Acredita que não farão mal a você enquanto tenha a boca fechada, mas eles não vêm assim. Poderia mudar de opinião. Enquanto continue viva, poderia decidir falar. E a pessoa que matou Therese pode chegar a ti e deter seu coração a qualquer momento.

— Certo. — Estava tentando ser forte, mas nem ela mesma acreditava — Tem muita imaginação.

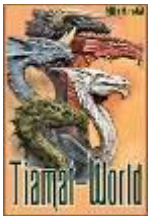
Lily não disse nada e deixou que a imaginação de Ginger fizesse todo o trabalho.

Ginger olhou para outro lado enquanto brincava com um pingente. Depois voltou a olhar para Lily.

— E o que aconteceria se te dissesse que alguém me pediu que dissesse o que declarei? Colocarei-me em problemas?

— Tentarei que não haja provas contra ti por obstrução à justiça.

— Bem. — Ginger mordeu um lábio. Seus olhos olharam ao seu redor como se tentasse procurar consolo em algo ou alguém. Seu olhar caiu sobre Rule, que permanecia no fundo do



escritório, junto à porta.

— Está bem. — Deixou sair um pesado suspiro — Foi Cullen. Ele me pediu que dissesse isso.

— Cullen Seabourne?

Ginger assentiu. Seu lábio inferior se sobressaía como o de um menino zangado.

— Ele e eu estávamos juntos, hoje sim, amanhã não. Já sabe. Funciona assim com os lupi. Mas quando toca você é... OH, minha mãe. — Seu sorriso apareceu brevemente, presunçosa, e desapareceu de novo — Ultimamente não nos víamos muito, e eu esperava mudar isso de algum jeito. Não sabia o que ia fazer a essa pobre mulher, mas penso que sabia que ia causar problemas para Rule. Mas não me dava conta de quão grave podia ser. De verdade, não sabia.



— Mentia — disse Rule. Fechou a porta de repente.

— Possivelmente. — Lily colocou o cinto de segurança — Quando no outro dia andei procurando o Seabourne não consegui achar ele. — Olhou para Rule — Não saltou sobre ela. Conseguiu se conter.

— Não foi fácil — disse Rule com voz carregada — Lily, conheço o Cullen. Não tem nada há ver com isto.

Entretanto, encaixava perfeitamente. Estavam procurando um feiticeiro. E Cullen era o único que Lily ouviu falar.

— São amigos. Muito amigos?

— Sim. Sei que tudo aponta para ele, mas Ginger não é a testemunha mais confiável do mundo.

— Levando em conta que já mentiu uma vez, não. Mas o que ganha mentindo sobre Seabourne?

— Pode ser uma forma de proteger a si mesma, mas eu apostaria que ela fez por malícia.

— *Mmm*. Ginger e Seabourne estavam envolvidos, como ela diz?

— Envolvidos pode ser uma palavra muita grande quando se trata dele. Cullen não tem relações. Só sexo. — Rule entrou no tráfego — O que pode fazer que não pense muito bem dele, mas há uma diferença entre a promiscuidade e arrancar a garganta de uma mulher.

Lily ficou pensando sobre isso.

— Ginger mente facilmente, mas acredito que estava assustada de verdade.

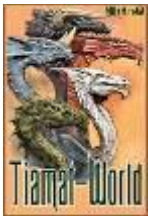
— É que dá medo quando se deixa levar.

— Há quanto tempo ela vai ao clube? É uma de suas admiradoras ou vai pelos lupi em geral?

— Gosta de fazer sexo com lupi. Mas, de fato, não gosta. — Observou Lily com um rápido olhar, sua expressão inescrutável, e pôs sua atenção de novo na estrada — Não me deitei com Ginger.

— Ninguém te perguntou.

— Podia ouvir enquanto pensava — disse Rule secamente — Ginger tem medo de nós. Isso não me deixa precisamente ligado.



Lily se surpreendeu.

— Sai com os lupi porque tem medo?

— Desfruta com o medo. A excita.

Lily tratou de encaixar isso com o que sabia da Ginger de antes e o que sabia da de agora. Encaixava.

— Eu gostaria de... ei. Por que parou aqui? — Rule parou no estacionamento de um restaurante da praia.

— Para almoçar. — Desligou o motor e olhou para Lily — E sobre as perguntas, agora eu as vou fazer.

— Não tenho fome.

— Mas eu sim, mas posso esperar. Disse que me explicaria isso depois. Agora é depois.

— Esta noite também será depois. — Ver Ginger já fora suficiente imersão no baú das lembranças. Não queria seguir fuçando no passado — Olhe, eu era amiga da irmã de Ginger no colégio. Aconteceu algo ruim. Foi há muito tempo, e temos que nos concentrar na investigação.

— Não está bem. Quero te ajudar.

Lily olhou pela janela. Mais à frente do estacionamento, uma faixa de oceano aparecia entre os edifícios. Azul escuro refletindo o céu sem nuvens. Fazia vinte anos, o céu e o mar estavam cinzas. Cinza tempestuoso.

Dentro dela, sentiu um puxão que a impulsionava a contar tudo para Rule. A confiar nele.

Mas não podia. Desprende o cinto de segurança.

— Não posso falar disso. Nunca pude.

— Nunca? — Rule pôs sua mão no ombro de Lily.

Ela sentiu uma onda de suavidade. A conexão. Sacudiu a cabeça.

— Está bem. Como queira, mas nosso vínculo serve para algo mais que para o sexo, se der uma oportunidade.

Lily voltou a olhar pela janela, para as gaivotas que voavam sobre eles e para o céu limpo e brilhante como vidro recém-limpo. A princípio, todos queriam falar do assunto: a polícia, sua mãe, o psicólogo. Mas ela não conseguia. Podia contar fragmentos, mas nunca toda a história. Nunca a pior parte.

Mas passou tanto tempo, desde a última vez que tentou. Muito tempo da última vez que alguém a animou a tentar.

Talvez, pensou, pudesse fazer agora. Possivelmente estivesse cansada do silêncio.

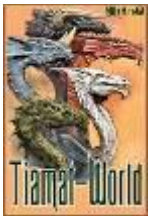
Lily se agachou e tirou os sapatos.

— Vamos dar um passeio pela praia.



Surpreendentemente havia pouca gente na praia. Embora, é obvio nesta época do ano as famílias só iam à praia em fins de semana.

— O único que precisamos é um entardecer — disse Lily — e poderíamos estar em um



anúncio. Certo que parecemos o perfeito casal californiano, passeando descalços pela praia, de mãos dadas. Deus sabe que é fotogênico.

— As pessoas costumam sorrir nessas fotografias.

— Acredito que estou pronta. — Lily não estava certa de que pudesse fazê-lo, ou de que quisesse — Mas vou te contar resumido.

— De acordo. Conheceu Ginger faz muitos anos.

— Vinte. O mês passado fez vinte anos. — Era uma obsessão saber com tanta exatidão quanto tempo passou? Não, decidiu Lily. Triste possivelmente, mas inevitável — Sua irmã era minha melhor amiga no colégio. Muitas vezes passava a noite em sua casa e brincava com ela depois da aula. Assim via muito a Ginger.

— Então se davam melhor?

Lily sorriu sem vontade.

— Não. Mas era a irmã mais velha, e como é natural se mostrava desdenhosa conosco, as pirralhas. Naquela época, Ginger era muito obediente, acredite ou não. Sarah... — Lily sentiu que não podia continuar. Poucas vezes pronunciava esse nome em voz alta — Sarah era a levada.

— Para mim é difícil imaginar te colocando em confusões.

— Eu era muito boa e muito formal. Fazia os deveres, nunca saía da linha, nunca falava em classe. Mas Sarah fez que me soltasse um pouco. Sempre me convencia a fazer coisas. Um dia matamos aula — disse abruptamente.

A mão de Rule se estava quente e agradável em torno da de Lily.

— Não é uma grande rebelião.

— Você não pensaria assim. — Caminhou em silencio durante uns instantes. Sentia que o sangue pulsava em seu corpo com um novo ritmo, rápido e insistente. *Continue* — Nós não gostávamos de nossa professora e, de algum jeito, fazia algum sentido castigá-la fugindo de sua aula. Tínhamos tudo preparado, como escapar antes que começasse, que ônibus pegar. Entretanto, não levamos em conta o tempo. Estava se formando uma tempestade, assim não havia quase ninguém na praia. Ao princípio tivemos uma decepção, mas logo decidimos que era muito melhor assim. Quase toda a praia era para nós.

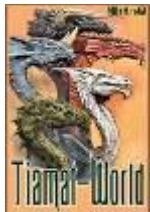
— O que aconteceu, Lily?

— Nos sequestraram.

Rule sentiu que lhe faltava o ar. Por um momento, seus dedos apertaram tanto a mão de Lily que doía.

— Era um homem simpático. — Era como apresentar um relatório, não? Escreveu sobre casos igualmente ruins, inclusive, piores — Lembrava o Papai Noel, mas sem barba. Como um vovô. Começou a falar conosco, perguntando por que não estávamos no colégio. A princípio eu não queria responder. Disse a Sarah que não devíamos falar com estranhos. Assim que ela perguntou seu nome, me apresentou ele. Já não era um estranho. Pensei que era terrivelmente inteligente.

Os pés de Lily se detiveram. Olhou fixamente às gaivotas que voavam em mergulho para as



instáveis águas azuis. Aqui era onde ela sempre parava; o ponto a partir do qual não podia seguir contando, não em voz alta. Sentia uma opressão no peito, como se todas as palavras se concentrassem aí e pressionassem para sair, cortando sua respiração.

Rule ficou atrás dela e a abraçou, acariciando seus braços, acima e abaixo. Acima e abaixo. O movimento repetitivo a acalmou fisicamente. Foi consciente da presença de Rule, que estava ali, atrás dela. Não a tocava, não fazia perguntas ou a obrigava a enfrentar sua dor e seus sentimentos. Simplesmente, estava ali.

Ele lhe dava apoio. E as palavras saíram como uma enxurrada.

— Nos fez acompanhá-lo até o carro. Não nos pediu que subíssemos nele. Isso teria nos assustado. Disse que precisava de ajuda para levar suas coisas de piquenique para a praia, e que éramos umas meninas muito prestativas. Fomos com ele. Não pensamos no porta-malas, em que podia ser perigoso. Golpeou-a. Eu vi e tentei escapar. Não lembro que tenha me golpeado. Não lembro, mas acordei no porta-malas. Doía a minha cabeça e me dei conta de que havia vomitado. Sentia o gosto na boca. Sarah chorava. Quando o carro fazia uma curva, batíamos uma com a outra, mas não podíamos nos ver. Estava muito escuro. Sentia como se não pudesse respirar, como se essa escuridão estivesse absorvendo todo o ar... — Lily ficou sem ar ao lembrar.

—Respire. —Rule a rodeou com seus braços — Respire Lily. Está a salvo.

Estava errado. Não estava a salvo. Mas se sentia bem entre seus braços. Apoiou-se nele e, depois de uns instantes, continuou em um sussurro.

— O homem dirigiu toda a noite, e nos meteu em sua casa. Sarah era uma menina com a pele branca rosadinha com um bonito cabelo loiro. Má sorte para ela. Me amarrou, para mais tarde. Mas eu estava ali. Eu estava ali quando ele a estuprou.

Um calafrio percorreu o corpo de Rule.

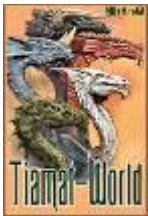
— Não acredito que sua intenção fosse matá-la. Também ficou surpreso. — Por alguma razão, esta era a pior parte. A surpresa na cara do homem quando Sarah deixou de mover-se, quando suas pernas deixaram de dar chutes e seus olhos ficaram abertos, sem piscar — A sufocou, mas não parecia ver a conexão entre o que ele fez e que Sarah estivesse morta. Isso o assustou. Quis que eu concordasse com ele em que foi um acidente. Disse que sim. Disse que sim para tudo.

Rule apoiou seu queixo na cabeça de Lily. Seu corpo rodeava o de Lily por completo, e isso ajudava. Ele a ajudava. Não dizia nada, e isso também ajudava. Por uns momentos, Lily se deixou reconfortar pelo corpo de Rule.

— Tive sorte —disse por fim — Eu não sabia então, mas alguém viu como o homem nos colocava no porta-malas. Uma mulher que corria. Pegou o número da placa. A polícia estava há horas procurando o carro. Encontraram bem a tempo... para mim. Não para Sarah.

Lily engoliu.

— Não me estuprou. O oficial de polícia que localizou a placa informou à central, mas não esperou. Derrubou a porta e entrou sozinho, contra todas as normas. Mais tarde contou que sua intuição o havia dito que não podia esperar reforços. Era um patrulheiro e estava a alguns anos no corpo. Seu nome era Frederick Randall.



— Diabos.

— Sim. — Sua voz tremeu. Mas conseguiu que voltasse a soar segura — Por isso tinha que ir a Corregedoria. Por tudo o que te contei, não podia estar certa de ser imparcial com Randall. Mas se sentiu traído. Eu o feri.

— Você disse que Randall é um policial dos pés a cabeça. Isso significa antepor o trabalho a tudo. Isso é o que você fez. Acabará vendo isso, mais cedo ou mais tarde.

— Provavelmente. — Não estava certa. Possivelmente por isso mesmo deveria perdoar Randall por ter duvidado dela — Sabe, Ginger tinha razão. Entrei para a polícia para me sentir segura. Quando você descobre em carne e osso que os monstros existem, quer fazer o que seja para ajudar a prendê-los. E quer ter ao seu lado todos os que possam para lutar contra esses monstros.

Rule estava tão perto dela que Lily pôde o ouvir engolir.

— Escolheu trabalhar na Homicídios.

— O assassinato não só destrói uma pessoa. Provoca consequências que ferem muitas pessoas... Algo se quebrou dentro de Ginger. Era insuportável quando tinha onze anos, mas muitas garotas são assim nessa idade. Sobre tudo para suas irmãs mais novas, e para as amigas de suas irmãs mais novas. Mas não era tão pervertida como é agora.

— Você a avisou. Ofereceu toda a ajuda que pode.

Lily não respondeu. Um homem que corria passou entre eles e o mar. Seu cão, um labrador grande e preto trotava a seu lado a pesar do cartaz de “Proibido Animais”. O cão, feliz, ia com a língua fora.

— Como é? — perguntou em um murmúrio enquanto observava o cão — Me refiro a ser um lobo. Pensa e sente como um lobo? — *Sente-se seguro? Sabendo que é mais forte; mais rápido e capaz de te recuperar de qualquer coisa que lhe façam?*

— O lobo está sempre com o humano, e o humano está sempre com o lobo. Sou eu mesmo em qualquer das duas formas, embora não exatamente o mesmo. Você é mesma quando dorme? Quando sonha?

— Acredito que já sei o que quer dizer. — Lily girou a cabeça ligeiramente para sentir o fôlego de Rule. Seu aroma a tranquilizava.

Não respondeu à pergunta que Lily não pronunciou em voz alta, mas era uma pergunta estúpida. Ninguém estava a salvo. E, entretanto, a maior parte dos que fizeram mal às pessoas de Rule levavam distintivos.

— É um problema para ti que eu seja polícia?

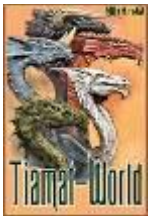
— Uma complicação. — Seu tom era irônico — Lily?

— Sim?

— O que aconteceu com ele?

Era a única pergunta que Rule havia feito. Lily tomou ar lentamente. A opressão sobre seu peito desaparecera.

— Ficou trinta anos no corredor da morte. Um montão de apelações. Mas no final, o



executaram.

— Nos clãs dirigem esses assuntos de outra maneira, mas suponho que seu sistema funciona. Certamente.

— Há razões para que existam as apelações. A lei nem sempre tem razão. Mas ele esteve preso todo o tempo. Não fez mal a mais meninas.

Rule permaneceu em silêncio. Lily ficou apoiada nele um pouco mais. Não foi tão mal contar. Ele havia feito que tudo fosse mais fácil do que ela tivesse pensado... Ou possivelmente tivesse algo que ver com o vínculo, que a convenceu de que confiasse nele.

Nesse momento, nada disso importava. Lily se sentia... limpa. Como se contar sua história a ajudasse a deixar o passado no passado. Lily virou a cabeça para olhar Rule nos olhos.

- Preparado para perseguir os monstros?
- Em quem pensa?
- No muito ilustre, o arcebispo Patrick Harlowe.

Capítulo 23

Mas Harlowe não estava na igreja. Lily esperou poder falar de novo com aquele homenzinho solícito; que se lembraria dela como detetive de modo que poderia economizar explicações desnecessárias. Mas também não estava. E a secretária escutou o pedido de Lily de falar com o líder de sua igreja com profunda desconfiança. Não conseguiram tirar nada dela.

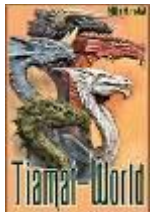
Também tentaram na casa do arcebispo, com a mesma sorte. Frustrada, Lily examinou a porta, estilo espanhol esculpida à mão, muito antiga. Ia muito bem com a casa de quatrocentos metros quadrados.

- O reverendo vive bem, né?
- A religião foi muito boa para ele, sim — afirmou Rule — E agora o que?
- Os vizinhos. Logo, comer.

Os dois vizinhos de Harlowe estavam em casa. E descreveram um homem que encaixava com aquela casa: urbano, classe média alta, habituado às reuniões sociais. À primeira mulher não gostava muito dele, mas não o disse; entretanto, o casal de idosos o levava na mais alta consideração.

Ela e Rule estavam comendo uns tacos de fruto do mar quando soou o celular de Lily.

- Yu.
- Lily? — Era a voz de Ginger, aguda e assustada — Poderia vir aqui? Estou em casa e... e acredito que estão me vigiando.
- Informou à polícia?
- À polícia? Não! Não, não posso... alguns estão dentro. Você sabe a quem me refiro. Preciso que venha agora mesmo.
- Já vamos para aí.
- Ande logo. — Ginger desligou.



Lily explicou rapidamente a situação para Rule, agarrou a bolsa e saiu correndo para o carro.

O apartamento de Ginger estava no outro extremo da cidade. Estavam a meio caminho quando o celular soou de novo. Era Karonski.

— Encontrei conexões interessantes entre a Igreja dos Fiéis e essa pequena igreja a que está acostumado a ir o sargento Meckle. Saímos agora para ter um pequeno bate-papo com o Marlowe.

— Pois boa sorte. Já estivemos na igreja e em sua casa. — Houve uns instantes de silêncio — Sim — disse Lily esfregando o pescoço — Devia ter consultado vocês primeiro. Ainda penso que o caso é meu. Sinto muito. Estamos há caminho do apartamento de Ginger Harris — disse informando conscienciosamente esta vez — Acredita que alguém a está vigiando.

— Ia pedir que você se reunisse conosco para a entrevista com o Harlowe.

— Quer dizer que falaram com ele?

— Através de seu celular. Neste momento está na estrada, voltando de Los Angeles. Nos encontraremos com ele no Oceanside em vinte minutos.

— Maldição. — Lily queria estar presente nessa reunião, mas Ginger podia ter problemas de verdade, ou podia estar o suficientemente assustada para dar com língua nos dentes um pouco mais — Suponho que terei que me contentar lendo seu relatório.

Karonski riu.

— Informarei você de tudo. Deixei uma chave para você na recepção. Se terminarem antes que nós, sintam-se em casa. E peçam o que quiserem, sempre e quando for café. — Desligou.

Eram quase cinco quando saíram do apartamento de Ginger. Esteve bebendo. E isso não colocou para fora o seu melhor caráter. Várias vezes os acusou de havê-la colocado em perigo e rogou para que ficassem com ela e a protegessem.

Não encontraram sinal algum de que a vigiassem.

— O que você pensa? — disse Lily enquanto subia de novo no carro — Estava assustada de verdade? Ou está jogando conosco?

— Não sei. Ginger mente muito bem, mas não acredito que seja capaz de fazer que seu corpo cheire a medo. — Rule arrancou — Está assustada, mas o de que a vigiavam pode ter sido produto da culpa e do álcool.

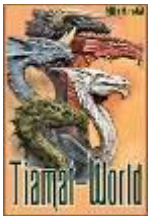
Lily estava agitada.

— Preferia que ela tivesse aceitado a que a mudássemos para uma casa segura. Não é que tenha autoridade para organizar algo assim, mas Croft poderia. Possivelmente devamos ficar por aqui, vigiar a casa.

— Nenhum de nós pode a proteger da feitiçaria. E como ela mesma disse; uma casa segura também não poderia.

— Sim, mas... — Lily negou com a cabeça — Não sei. Há algo que não vai bem. — Mas não podia dizer exatamente o que era o que lhe preocupava.

— Quer que chame o Karonski? Possivelmente não seja muito tarde para nos reunir com eles.



OH, claro. Mas...

— Se já estão falando com ele, e nós aparecermos pode prejudicar as coisas. Vou fingir que sou uma mulher adulta e deixar que outro jogue com a bola por uma vez.

— Para onde, então?

— Karonski mencionou café. Vamos a seu hotel e vejamos se a cafeína acorda alguns de meus neurônios. Preciso pensar.



Rule decidiu que já tivera o suficiente de intragáveis taças de café por uns dias. Deteve-se em uma delicatessen e comprou café em grão, uma máquina de moer e uma cafeteira francesa. Lily se debatia entre a risada e a exasperação até que Rule assinalou que também queria beber café decente em sua casa. Então Lily permaneceu em silêncio, com toda segurança pensado em como o vínculo introduziu Rule em sua vida, à força.

Entre aquela parada e o tráfego, os dois federais chegaram ao hotel antes que eles. Croft e Karonski estavam hospedados no décimo andar de um hotel que se especializava em suítes para viagens de negócios. A pequena sala de estar que era confortável em seu estilo universal com comodidades habituais, incluindo uma mesa redonda com quatro cadeiras. Uma grande melhoria em relação à sala de estar do apartamento de Lily; pensou divertido.

Entretanto, o serviço de limpeza do hotel deixou algo há desejar. Assim que pôs um pé na sala, Rule notou um aroma desagradável. Não era algo que os humanos que estavam com ele pudessem perceber, pensou. Possivelmente um camundongo morto no armário.

— Como foi? — perguntou Lily — E, qual é a conexão entre a igreja do Mech e a Igreja dos Fiéis?

— Não há — disse Karonski tristemente — Nos enganamos.

Rule caminhou até a mesa e começou a tirar suas compras.

— Quem quer uma taça de café decente?

— Ah, para mim não. — Karonski tinha uma estranha expressão em seu rosto. Como envergonhada.

Croft franziu o cenho.

— O que meu parceiro está evitando dizer é que fomos latir na árvore errada. Não há nenhuma conexão entre os Azá e os assassinatos.

Lily se deteve em seco.

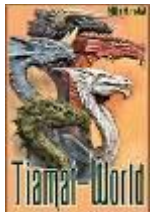
— O que quer dizer com que estamos enganados? Falaram com esse arcebispo durante uns minutos e convenceu vocês que ele e sua organização inteira são puros como a neve?

Croft se zangou.

— Às vezes ocorrem coincidências. Acredito que nos precipitamos ao tirar as conclusões.

— Coincidências! — Lily parecia disposta a golpear algo. Provavelmente o nariz do Croft — É obvio que estão conectados. E descobrir como é o trabalho da polícia.

Croft negou com a cabeça.



— Nos enganamos em tudo.

Rule falou antes que Lily fizesse algo que pudesse traduzir-se em problemas por golpear um agente federal.

— Conforme entendi, Harlowe é o último que falou com Fontes. O que disse sobre isso?

— Cooperou completamente.

Rule o olhou.

— Isso é tudo o que tem que dizer? Cooperou completamente?

— Olhe. — Karonski passou uma mão pelo cabelo fazendo que o mau corte de cabelo tivesse ainda pior aspecto — Como disse Martin, nos precipitamos em nossas conclusões. Nos enganamos. Não temos provas de que mataram Therese Martin por meio da feitiçaria, e muito menos de que a Igreja dos Fiéis esteja envolvida. Umas quantas lendas antigas, um nome parecido... — Deu de ombros — Não é muito para pensar.

Rule não podia acreditar o que estava ouvindo.

— Abel — disse brandamente — como se deixou convencer?

Karonski franziu o cenho.

— Vou fazer como se não ouvi isso.

— Um momento — interveio Lily — Um momento. Evitemos que nossos temperamentos tomem conta da situação.

Rule a olhou, surpreso pela mudança de atitude.

Lily parecia tranquila. Mas não cheirava como se estivesse tranquila. E então Rule a ouviu falar sem que ela emitisse um só som.

— *Te prepare. Possivelmente saquem suas armas.*

Havia falado Subvocalizando⁴⁴. Um truque que os lupi utilizavam frequentemente, e do que não esperava que Lily conhecesse.

Lily sorriu para os agentes.

— Nos pegaram de surpresa, isso é tudo. Acreditava que estávamos todos no mesmo barco, mas parece que vocês já chegaram ao porto e não nos querem dizer como. Tenho razão?

— Isto é o que acontece. — Croft se desculpou.

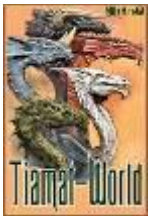
— Muito bem. Não estou de acordo com suas conclusões, mas são vocês que levam os distintivos. Imagino que já não precisam de mim no caso.

— Nós partiremos amanhã. Não acreditamos que haja caso.

— De acordo. — Lily deu de ombros — Tomaremos o café e partiremos. Sem ressentimentos? — Estendeu a mão e, por fim, Rule entendeu o que era tudo aquilo. Aproximou-se dos dois agentes. E se preparou.

— É obvio. — Claramente aliviado, Croft estreitou a mão de Lily.

⁴⁴ Subvocalização ou fala silenciosa, é definido como discurso interno feito quando lê uma palavra, permitindo assim o leitor a imaginar o som da palavra como se lê. Este é um processo natural durante a leitura e ajuda a reduzir a carga cognitiva, e isso ajuda a mente para o acesso aos significados que lhe permitam compreender e lembrar o que é lido. Refere-se ao movimento dos músculos associados com a fala, não a movimento literal dos lábios.



Rule ouviu que a respiração do Lily se acelerava.

— Karonski? — virou-se e estendeu a mão para o agente — Sem ressentimentos?

Karonski parecia mais confuso que aliviado.

— Não tem por que... — Sacudiu a cabeça e observou a mão aberta de Lily, logo a estreitou com um gesto breve e rápido — Sinto muito. Não estou certo do que ia dizer.

Lily retirou sua mão e a manteve ligeiramente afastada de seu corpo. Seus olhos se cravaram no de Rule, assegurando-se de que ele a apoiava. Rule assentiu. Deu um passo atrás para deixar algum espaço entre ela e os dois agentes.

E então falou:

— Estão enfeitiçados. Os dois.

— O que? — Karonski riu — Está brincando.

— Senti o mesmo. Essa mesma maldade que identifica à magia que matou Therese Martin.

— Não pode ser — explicou Karonski — Estamos defendidos por meus feitiços de amparo. Não podem nos manipular dessa maneira.

— Pense nisso. Pense no que acreditava antes de falar com esse homem. E compare com o que acredita agora.

Croft franziu o cenho.

Karonski estava perplexo.

— Mudei de opinião.

— Abel — disse Rule brandamente —, você mesmo comprovou a cena do crime e pegou as provas. Por que diria agora que não há evidência de feitiçaria no assassinato?

— Por que... — A cara do Karonski se contorceu como se tivesse comido carne estragada — Meus feitiços não são adequados como prova à exceção de em algumas situações estritamente definidas e concretas.

— Mas demonstravam que a mulher morreu por meio da feitiçaria, não?

— Sem dúvida alguma. O rastro era forte, inquestionavelmente resultado de um ato de feitiçaria, e... — Sua voz vagou ligeiramente — Não lembro o que ia dizer.

Lily olhou para Rule.

— Um feitiço de persuasão, provavelmente? O que sabe sobre os feitiços de persuasão?

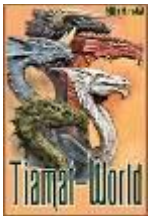
— Não muito.

Karonski respondeu.

— No geral, normalmente são feitiços muito fracos, embora quem os realize são pessoas com um dom de carisma... OH. É engraçado. Quando nos reunimos com o Harlowe lembro ter pensado que não me surpreenderia que tivesse algo desse dom.

— Estivemos ali muito tempo — disse Croft de repente. Gotas de suor alagavam sua testa como se estivesse fazendo um grande esforço — Chegamos às três e meia. E estávamos de volta às cinco e meia. Mas não recorro o suficiente... o suficiente para cobrir todo esse lapso de tempo.

— Merda — disse Karonski — Tem razão. Falamos com ele durante dez minutos, e depois... não lembro nada. Havia alguém mais ali? — Olhou para Croft — Chegou alguém enquanto



falávamos com o Harlowe?

— Não sei. Não me lembro. — Croft olhou para Lily — Tem razão. Manipularam nossas mentes. Não pode confiar em nós.



O que faz com uma dupla de agentes especiais que perderam a cabeça? Ou parte dela?

Lily tentou determinar até que ponto manipularam suas mentes. Os dois agentes estavam dispostos e cooperarem, mas logo esteve claro que não podiam raciocinar sobre o que aconteceu nem o que foi feito à eles.

Vinte minutos depois, Rule pôs uma mão no ombro de Lily.

— Acredito que será melhor que o deixemos. Se os pressionarmos mais corremos o risco de causar algum mal permanente.

Croft observava suas mãos, juntas e apoiadas sobre a mesa. Seu rosto estava pálido pelo esforço. Karonski estava murmurando uma litania para lembrar a si mesmo por que não podia confiar em sua própria mente. Cada vez que parava, voltava para os pensamentos que implantaram em sua mente.

— Necessitam ajuda médica — disse Lily — Ou algum tipo de ajuda. Eu não sei nada sobre isso. Se pudessem chamar o seu chefe, ele poderia...

Croft elevou o olhar.

— Quer dizer Brooks? Já o chamei. Já sabe que nos retiramos.

— Bem. — Lily assentiu — Isso está bem. Sabe, não tem um aspecto tão ruim. Mas possivelmente seria melhor se você se deitasse um momento.

— Não... — Croft esfregou a testa — Estive bebendo? Parece que não posso pensar direito.

— Não nos afastaremos — disse Karonski de repente — Embora precisamos nos afastar. Têm que nos sedar.

— Posso me ocupar disso — disse Rule.

Karonski o olhou nos olhos.

— Faz. Faça enquanto me lembre do por que.

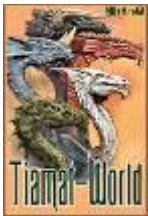
Rule tirou seu telefone.

— Enquanto me encarrego disso, Lily, fale com eles de algo que não seja o caso. Karonski gosta de basquete.



Karonski não teve nenhum problema em falar sobre basquete. Embora Croft não estivesse muito interessado e seu aspecto era pior do que seu parceiro. Sua memória a curto prazo estava uma confusão. Era necessário ocupar a mente dos dois agentes, assim quando Rule desligou, decidiram jogar pôquer.

Croft era uma fera no pôquer. O que houvessem feito a seu cérebro não afetara suas



habilidades para pensar e arquitetar estratégias, sempre e quando não pensasse no caso. A palidez não desapareceu de seu rosto, mas parecia mais tranquilo enquanto concentrar-se em outra coisa.

Quando finalmente chegou à ajuda, ele tirou trinta dólares de Lily, e depenou Rule e o Karonski.

— Espero que saiba o que está fazendo — disse Nettie Dos Caballos quando chegou — Onde estão meus pacientes?

— Aqui mesmo — disse Lily. Ela também esperava que soubessem o que estavam fazendo.

Dois jovens musculosos entraram com Nettie no quarto. Lily reconheceu um, o lupus ruivo que vigiava a entrada quando esteve no Lar do Clã. Os dois olharam para Rule durante um momento, logo se espalharam.

Croft ficou de pé quando os viu entrarem. Sua expressão era tensa, dizendo que estava disposto a arrumar problemas.

— O que está acontecendo?

— Não se encontra bem, lembra? Esta é a doutora Dos Caballos. Vai examinar vocês.

— Já estou melhor. Não preciso de um médico.

Nettie pôs sua maleta sobre a mesa.

— Já que estou aqui, por que não me deixa lhe examinar para nos assegurar disso?

Croft se aproximou de Karonski.

— Acredito que não.

— Está tudo bem, Martin — disse Karonski — Nós pedimos que viessem.

— Não lembro. — Sua testa brilhava de suor. A palidez havia retornado.

— Sim, bom, estamos tendo um pequeno problema com nossa memória. Por isso estão aqui.

— Não sei... — Os olhos de Croft observaram todo o quarto. Nettie e Lily eram as que estavam mais perto dele, junto à mesa; Rule estava aproximando-se. Os dois jovens foram para ele lentamente de ambos os lados — Não tínhamos nenhum problema até que apareceram eles.

Correu para agarrar sua arma.

— Martin, não! — gritou Karonski golpeando Croft no braço. Os outros três homens se converteram em sombras pela velocidade.

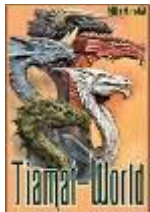
Dois segundos depois, Lily pegou sua arma, mas já não era necessária. Um dos jovens lupi segurava os braços do Croft, que estava inclinado para frente pelo atordoamento. Lily pensou que o outro bateu no agente, mas tudo foi tão rápido...

— Pronto? — disse Nettie Dos Caballos. Estava agachada no chão, onde se abaixou com uma rapidez admirável.

— Sim — disse Rule. Estava junto ao Karonski — Está bem, Abel?

— Não. — Estava pálido e tremia — Diabos, não. Já não posso mais... Não posso lembrar o porquê estamos deixando você fazer isto. Tentar recordar é como nadar em manteiga, maldito seja.

— Você receberá a primeira dose — disse Nettie cheia de energia. Levantou-se e tirou uma



seringa de injeção da maleta — Não se preocupe, seu companheiro ficará bem. Sammy não lhe bateu muito forte. Sammy pode trazer os baús. Lily pode guardar isso.

Lily olhou a arma que ainda sustentava em suas mãos, deu de ombros e a guardou. O ruivo foi para o corredor e voltou com um enorme baú vazio. Depois trouxe outro.

Colocaram os agentes nos baús. Sammy e o outro lupus levantaram um como se não pesasse nada, como estivesse vazio. E isso era o que queriam que pensasse as pessoas que pudessem encontrar pelo caminho. Uma vez estivessem na caminhonete com a que chegaram até ali, poderiam tirar os agentes de seus reduzidos alojamentos.

Lily começou a recolher os papéis e arquivos espalhados sobre a mesa.

— Seus homens parecem muito bem treinados em tirar corpos de quartos de hotel.

— Veem muita televisão — disse Rule — Percebi que não vai deixar nada para quem vier ver por que Karonski e Croft não retornaram para a central.

— Nós estamos tomando a custódia temporária de tudo. Nós vamos entregá-lo quando chegar a hora. Pegue o laptop, sim?

Rule se moveu para ajudá-la.

— Vamos contar isso a alguém?

— Quando vier alguém perguntando, sim. Agora, não. Prefiro não passar as próximas vinte e quatro horas presa. Sabemos que pelo menos um agente do departamento de polícia de San Diego está com os caras maus, assim ir a eles está descartado. E os federais locais teriam que nos colocar sob custódia e chamar alguém da DCM para esclarecer toda esta confusão.

— Tenho algumas pergunta antes que saíamos — disse Nettie — Dou por certo que é uma sensível, Lily.

Lily olhou brevemente para Rule, e logo para Nettie.

— Sim.

— O que pode me dizer sobre a magia que colocaram sobre estes dois?

— Repulsiva. Áspera e algo assim como pastoso e podre. Como... como tocar merda fresca coberta de grama e com vidro quebrado dentro dela. Poderá ajudar eles?

— Não sei. Posso mantê-los sedados, mas precisarei saber mais sobre o feitiço antes de tentar eliminá-lo.

Rule falou brandamente:

— Cheirei-o.

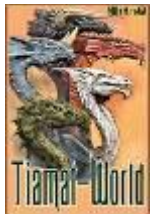
— O que? — Lily se virou para ele — Não me disse nada.

— A princípio não sabia o que estava cheirando. Era muito fraco e eu nunca encontrei algo assim antes. E mais tarde não tive oportunidade de dizer nada. Infelizmente, falar com subvocalização só funciona quando nós estamos no mesmo sentido.

— Agora que falou, isso foi muito estranho — disse Lily — Útil, mas estranho. Foi assim que disse a seus homens como agir? Subvocalizando?

Rule assentiu.

— E bem, a que cheirava o feitiço?



— A decomposição.

Nettie assentiu e os olhou preocupada.

— Sim, eu ouvi dizer que a magia da morte tem o mesmo cheiro.

Capítulo 24

Abandonaram o hotel ao anoitecer. O ar parecia cinzento, como se tivessem extirpado toda a cor. Os edifícios ao redor mostravam seus olhos amarelos à noite que se aproximava, e as luzes dos faróis se destacavam contra a penetrante escuridão no interior do carro de Rule. Lily massageou suas têmporas e tentou organizar seus pensamentos.

— Há uma coisa que não entendo — disse Rule enquanto entrava no tráfego — Por que Harlowe se incomodou em manipular suas mentes? A esta altura já deveria saber que é uma sensível. Arriscou-se muito.

Lily franziu a testa. Isso não ocorreu a ela.

— Possivelmente haja problemas de comunicação em seu grupo e não soubesse. Inclusive é mais provável que não se deu conta de que eu seria capaz de detectá-lo. Eu... bom, sou mais sensível que a maioria.

— A verdade é que não sei muito sobre este tema — admitiu Rule.

— A maioria dos sensitivos não é capaz de perceber rastros de magia secundários a não ser que sejam realmente fortes. São capazes de saber se for ou não um lupus te apertando a mão, mas não podem distinguir o rastro residual da passagem de diversos lupi no chão da casa de seu pai, por exemplo.

— Você pode sentir isso?

Lily assentiu, mas sua mente estava centrada na pergunta que Rule formulou fazia uns instantes.

— Possivelmente Harlowe pensasse que, embora eu detectasse o feitiço, ninguém acreditaria em mim. Me expulsaram da corporação, fui desacreditada. Croft e Karonski eram os únicos que poderiam acreditar em mim... e eles foram enfeitiçados.

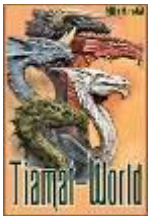
— Não é um pensamento tranquilizador, considerando que o mais certo é que recebamos uma visita de alguém que virá buscá-los.

— Vamos confiar em que a DCM tenha uma lista de nomes de bruxos que possam confirmar a existência desse feitiço. Um grupo de bruxos seria uma boa ideia. Um praticante individual será incapaz de reunir a energia necessária para realizar os feitiços mais complicados.

— Não acredito que tenham um feiticeiro — disse Rule com amargura —, dado que a feitiçaria é ilegal. Droga; eu queria poder encontrar o Cullen.

— Sim, eu também. — Embora Lily não o desejasse pela mesma razão que Rule — *Mmm*; odeio soar como uma ignorante, mas por que um feiticeiro seria melhor que um grupo de bruxos? Um grupo de primeira poderia reunir uma grande quantidade de poder.

— Segundo Cullen os feiticeiros podem ver a magia. Por isso podem trabalhar diretamente



com as forças implicadas no feitiço, ao contrário que os xamates ou os bruxos. Imagino que um feiticeiro olharia para Croft e para o Karonski e poderia ver o feitiço que aflige eles. Isso seria de grande ajuda para rebatê-lo, suponho.

— Seria muito útil — admitiu Lily. Se é que se podia confiar no feiticeiro em questão. Rule confiava muita em seu amigo. Lily, não.

— Acredito que pode haver outra razão pela que Harlowe se arriscou a enfeitiçar o Croft e o Karonski — disse Rule lentamente.

— Qual?

— Possivelmente tenham um grande golpe planejado para um futuro próximo e necessitem que os federais estejam fora de jogo durante um tempo para não estragar seus planos.

Um calafrio percorreu a espinha de Lily, eram muitas possibilidades que preferiria não ter em conta. O que seria um grande golpe para um grupo como aquele?

Ficaram em silencio durante uns instantes. No exterior, a cidade estava despertando para à vida noturna, com as filas e espirais de luzes ao longo das ruas, como se a cidade fosse uma mulher enfeitada com uma grande diversidade de joias brilhantes.

Por acaso era a crescente escuridão que fazia que Lily fosse mais consciente da presença de Rule? Não é que não o fora antes. Lily sentiu Rule junto a ela todo o dia, sabia onde estava sem necessidade de olhar. Mas a natureza do sentimento mudou. Agora sentia um comichão em sua pele, e uma concentração de calor em seu ventre. Quase podia sentir o fôlego de Rule, como se uma parte dela estivesse inclinada para ele, apesar de que Lily estivesse sentada totalmente reta.

Lily negou com a cabeça. Não era o momento apropriado, maldita seja. Precisava ter a mente clara, não coberta pela névoa do desejo. Não estava levando em conta algo importante. Algo importante.

E de repente, lembrou.

— Merda. Ginger.

— Acredita que fizeram mesmo que ao Croft e ao Karonski?

Lily negou com a cabeça.

— Quando fez esse comentário tolo sobre minha maquiagem me tocou o rosto, e o único que percebi é que estava zangada. Não. Mas acabo de me dar conta de que ela era o chamariz. Foi ela quem impediu que eu assistisse à reunião com o Harlowe, não? Eles não me queriam ali. Não podem me enfeitiçar e não teria causado mais que problemas.

Rule olhou o espelho retrovisor... e girou em circulo invadindo a pista adjacente.

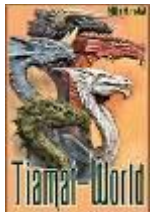
Lily se agarrou ao painel.

— Mas o que...

— A utilizaram duas vezes — disse Rule bruscamente — Primeiro, para me implicar, e depois para te afastar da reunião com o Harlowe. Mas agora que a descobrimos, não é mais que um obstáculo para eles.

Quinze minutos depois voltaram para apartamento de Ginger. Ninguém abriu a porta.

— O que você acha? — disse Rule enquanto estendia a mão para a maçaneta da porta —



Não acredito que esteja fechada.

— Espera um minuto. — Lily agarrou o braço de Rule com as duas mãos... e não teria sido capaz de deter ele se ele não deixasse — Se arrombarmos fará barulho suficiente para alarmar os vizinhos, e isso não ajudará a Ginger. Se a mataram, está tão morta estando você deste lado da porta como do outro. Se estiver aí dentro e não responde, chamará à polícia. Não acho que ela não o fará.

Rule assentiu.

— Tem razão. É a porta de trás que ela se esqueceu de fechar.

— Ei! Não era isso o que... — Muito tarde. A porta que dava à escada já se fechou atrás dele.

A única porta traseira do apartamento de Ginger era a do balcão, três pisos acima do chão. Lily sabia que isso não deteria Rule. Murmurando sobre estúpidos, cabeçudos e arrogantes que eram os homens lobo, Lily sacou sua arma e esperou.

Sete tensos minutos depois, a porta se abriu.

— Não está aqui — disse Rule.

E também não estavam algumas de suas roupas, isso Lily pôde comprovar.

— Ou fez a mala com pressa e saiu, ou eles querem que pensemos exatamente isso — disse Lily enquanto voltavam para carro.

— O trabalho policial é sempre assim de frustrante?

— Às vezes é pior. Ao menos temos algumas pistas. Você quer pegar uma pizza pelo caminho? O almoço foi há muito tempo.

— Se formos a minha casa em vez da tua, posso fazer para você uma comida de verdade.

— Sabe cozinhar? — disse Lily perplexa.

— Eu cozinho bem. E muito bem. Como é que você não sabe cozinhar?

— Vivo de tele-entrega. E meu tio tem um restaurante. — Lily considerou o oferecimento do Rule, logo negou com a cabeça — Tenho que abrir a porta para que Harry possa entrar. Além disso, se os jornalistas ainda não nos relacionaram bastará que tenha um intrometido por perto da sua casa para mudar isso.

— Para sua casa, então.

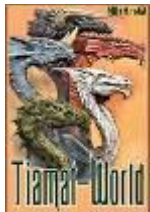
Lily ficou silêncio enquanto pensava em sua lista de suspeitos. Algum deles estavam claramente envolvidos, e outros um grande sinal de interrogação sobre seus nomes.

Ginger. O arcebispo Harlowe. Mech. O capitão Randall. Entretanto, Cullen Seabourne estava sozinho na lista de Lily, não na de Rule. E também havia um Nokolai que, segundo o que Rule contou a ela sobre o ataque a seu pai, podia ou não ser o mesmo que matou Carlos Fontes...

— Sabe o que nos falta? — disse Lily de repente — O motivo. Há um montão de pessoas envolvidas. Todos eles estão ansiosos para parar o projeto de lei? Há muitas formas de evitar que se aprove uma lei sem ter que recorrer ao assassinato.

— A Senhora que os Azá adoram os não pensa como um ser humano.

— E os lupi também não, suponho. Mas a maioria dos que estão na lista são humano, humanos que ou estão cumprindo as ordens *Dela*, ou trabalham por conta própria. Humanos



ocidentais do século vinte e um. Por quê? O que ganham com tudo isto?

— Sei aonde quer chegar, mas o fanatismo não está reservado somente a certas partes do mundo.

— Então você acha que tudo é devido ao fervor religioso? Que é mais divertido matar os infiéis, para evitar a aprovação de uma lei que não gostam?

— O cérebro dos fanáticos costuma funcionar assim.

— Mas estão se arriscando muito. Essa igreja deles acaba de chegar aqui, mas segundo o FBI estão recrutando fiéis a passos largos. E doações também. Além disso, incomodam-se em cultivar uma imagem normal e comum, como se quisessem ficar por um longo tempo. Se lembre da casa do Harlowe. Para eles importa muito o dinheiro e a posição social. Por que arriscar-se a perder tudo?

— Provavelmente não tenham escolha. Vimos o que podem fazer com dois federais que se acreditavam perfeitamente protegidos. — Rule virou para entrar na Rua de Lily — Não estou dizendo que todos os envolvidos estejam sob um feitiço que os obrigue a obedecer. Mas possivelmente alguns dos caras maus tenham influenciado de outras formas das quais é difícil proteger-se.

— Mech — disse Lily, surpreendida pelo pensamento — Ou Randall, ou quem quer que fosse... É possível. Não posso perceber nada através da roupa, e tampouco vou por aí tocando todo mundo. Mas se acredita que esses feitiços são muito limitados. Obriga à vítima a realizar um fato particular, e tem que acontecer rápido, ou o feitiço perde poder.

— Esse é o problema de que haja um Antigo no meio, embora se mantenha a distância. Não sabemos o que é possível e que não o é.

— E se não era um feitiço? Há dons da mente que, sendo inatos, não dependem de nenhum feitiço. Karonski disse algo de que Harlowe era muito carismático.

— *Mmm.* — Rule pensou uns instantes, e logo negou com a cabeça — Um dom carismático cujo poder poderia haver sido aumentado por *Ela* seria irresistivelmente persuasivo, mas não seria capaz de apagar a memória de ninguém. Croft e Karonski perderam mais de uma hora.

— As drogas podem produzir esse efeito. Mas por que seria necessário eliminar essa hora? — Lily pensou sobre isso enquanto chegavam diante de seu apartamento. *Maldição*; havia algo que não estavam levando em conta — Falando de perder uma hora... Ao menos sabemos que leva tempo para executar o feitiço, ou o que seja. Não é simplesmente, *ZAS!*, e já está possuído.

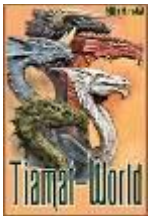
— Ou possivelmente levou uma hora para interrogá-los e tirar deles tudo o que sabiam sobre o caso.

— Isso não me anima, exatamente.

Saíram do carro e foram recebidos por um gato muito irritado. Harry encabeçou o caminho escada acima, com a cauda agitando-se e reprovando em voz alta que houvessem feito ele esperar.

— Desta vez não te atacou — observou Lily enquanto introduzia a chave na fechadura.

— Harry e eu nos entendemos. Tolerará minha presença em sua cama sempre e quando eu



reconheça seu direito a estar ali também.

Lily abriu a porta e acendeu a única luz, um abajur de chão junto à cadeira. Harry passou junto a ela dirigindo-se para a cozinha e o prato que Rule encheu pela manhã.

— Faz que soe imoral. Dois machos em minha cama, ao mesmo tempo.

— Poderia se quisesse, sabe?

— O que? — Lily se voltou. A expressão de Rule era tão inescrutável como a parede atrás dele. Lily sentiu que algo dentro dela se amargurava — Se estiver sugerindo que montemos um trio, esqueça.

— Estou sugerindo que não está presa somente a mim. Não sexualmente. Se quiser ter outros homens em sua cama, pode.

Lily deu as costas para ele e pôs a maleta do Croft sobre a mesa.

— Possivelmente segundo seus costumes isso seja um oferecimento muito cavalheiresco. Segundo os meus é como um nove na escala que se mede as coisas mais asquerosas que já me disseram. E não vou te oferecer o mesmo privilégio.

— Não tem necessidade alguma. Eu nunca mais estarei com outra mulher.

Lily ficou tensa.

— Os lupi não acreditam na fidelidade.

— Não tem nada que ver com as crenças. Você é minha escolhida.

Pouco a pouco Lily se voltou para Rule. Sentia-se tão tensa que qualquer movimento repentino poderia fazer que se quebrasse algo nela.

— Quer dizer que não pode estar com outra mulher? Que não é possível?

Rule fez uma careta de amargura.

— Fisicamente, é possível. Mas para a metade lupus de um casal vinculado como você e eu, seria algo asqueroso. Como o incesto ou o estupro.

Lily se deu conta de que tinha as mãos encolhidas como punhos, e se obrigou às relaxar um pouco. Sentia suas palmas úmidas.

— E o que há do elemento humano do casal?

— A mulher, que é humano, reage como uma humana. Comporta-se como ditam sua natureza e suas crenças.

— Quer dizer que eu poderia ser infiel, mas você não?

— Eu não diria assim, mas sim.

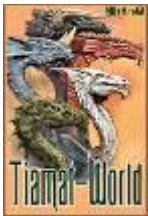
O coração do Lily pulsava com força.

— Por que me conta isto?

Rule não respondeu imediatamente. As sombras formadas pela luz do único abajur da sala faziam que sua expressão tornar-se misteriosa, e seu corpo estava extremamente imóvel. Finalmente, disse:

— Antes confiou a mim uma parte muito íntima de ti que nunca compartilhou com ninguém. Queria te devolver o favor.

Lily deu um passo para ele. Rule estava se mostrando vulnerável diante de Lily, mas ela não



entendia por que. O que Rule queria? Que esperanças?

— Como se sentiria se tivesse outro amante?

— Eu... Eu não gostaria.

Outro passo.

— Rule, qual é a diferença entre nosso vínculo e estar apaixonados? Deixando de fora que nos tenham imposto o vínculo, é obvio.

— Não sei. Nós lupi não nos apaixonamos. Eu... não sei se você sente o vínculo igual a mim.

Um passo mais e Lily estava de pé diante de Rule, observando esse belo e exótico rosto: as linhas de suas sobancelhas, as bochechas esculpidas, os olhos tão escuros...

— Como o sente você?

Os lábios do Rule se curvaram nos extremos. Elevou uma mão e tocou a bochecha de Lily com a ponta de seus dedos.

— Bênção. E dor.

Para Lily custava respirar.

— Para um humano, isso soa a amor.

— Sim? — Rule acariciou com os nódulos a bochecha de Lily, sua garganta, deixando com o seu passar uma sensação de formigamento na pele de Lily — Para mim, amor é o que sinto por meus irmãos, meu pai, meu filho.

— Não por sua mãe? — perguntou Lily brandamente.

Rule negou com a cabeça.

— Essa é uma história para outro momento. Você e eu ainda não nos conhecemos o suficiente para nos amar, não é verdade? Mas espero... — Sua voz se converteu em um sussurro — Seria bom que chegássemos a ser amigos.

Lily tragou.

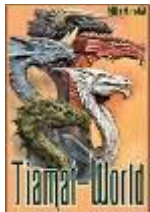
— Sim. Seria bom. — Então Lily ficou nas pontas dos pés e beijou Rule. Não foi o beijo ansioso no que esteve pensando todo o dia. Foi um beijo doce e suave. Um que sugeria... que havia esperança.

Um pouco indecisos, os lábios de Rule finalmente responderam aos seus.

Lily se aproximou mais dele; lentamente, levou suas mãos ao rosto de Rule, sentindo-o enquanto fazia que o beijo fosse mais profundo. As bochechas de Rule estavam ásperas pela barba de vários dias, seu corpo era forte e amplo. Na sua boca, o sabor era o da paixão da noite anterior e os descobrimentos do dia de hoje, do café, e do homem. Mas era a pele de Rule que fascinava Lily. A textura, a suavidade... O mero feito de tocar com sua mão a pele da garganta de Rule fazia que cortasse sua respiração.

Rule pôs suas mãos sobre os ombros de Lily. Simplesmente as deixou ali, sem intenção alguma de apressar ou de seduzir, apesar de que seu coração pulsava tão forte e rápido como o de Lily. Deixou que ela marcasse o ritmo.

Lily fez que suas mãos percorressem o corpo de Rule. O homem gostava muito de seda. E sentindo como a camisa se deslizava sobre o corpo de Rule ao passar suas mãos, decidiu que



também gostava. Rule era magro o suficiente para sentir as costelas debaixo dos músculos, e era tão alto que o nariz de Lily apenas alcançava o seu pescoço.

De pé era muito alto. Mas na cama seu tamanho era certo.

— Eu devo te desejar tanto assim? — sussurrou Lily — Deveria estar trabalhando. Tenho que... — Algo. Definitivamente havia algo que deveria estar fazendo nesse instante em vez de brincar com coluna de Rule.

Ele inclinou a cabeça.

— *Nadia*. — Sua voz soou como um sussurro, a palavra como um fôlego quente contra a bochecha de Lily — Pode me ter quando quiser, onde quiser e como quiser. O trabalho continuará aí depois.

Podia tomar uns minutos para ela mesma? Isso estava bem? Lily deixou cair à cabeça para trás e olhou Rule nos olhos. Sim, decidiu. E também podia dar esses minutos a ele.

Lily agarrou a mão de Rule.

— Nesse caso, quero-te devagar. Muito devagar.

Não acenderam a luz do quarto. Entre a escuridão e as sombras se despiram um ao outro, detendo-se para beijar-se, para tocar-se.

Uma vez nu; Rule afastou os lençóis e se deixou cair sobre a cama junto com Lily. Pele tocando pele, enquanto os lábios se encontravam, examinavam-se, afagavam-se. O desejo era cada vez maior; adoçado pela demora. Jogaram um com o outro, mas era um jogo sério: as carícias eram ligeiras, a respiração entrecortada, o ar espessando-se enquanto os corações pulsavam, e palpitavam.

As mãos de Rule estavam enredadas no cabelo de Lily quando se separaram depois de um profundo e apaixonado beijo. Apoiou sua testa na dela.

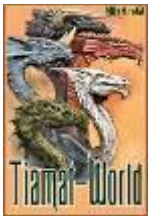
— Sua respiração faz que minha cabeça de voltas.

Sim, assim era. Uma vertigem sublime que Lily inalava com cada fôlego, como se estivesse caindo, caindo continuamente para um lugar seguro e ardente. Lily pôs sua bochecha contra a do Rule e o obrigou a deitar-se. Durante uns segundos Lily se limitou a lhe observar, seu elegante corpo, magro e poderoso. Pernas longas, ombros poderosos. Seu pênis, duro e pronto. E seu rosto, olhando para ela. Esperando que ela dissesse o que queria. O que necessitava.

— Agora? — sussurrou Lily, e ele sorriu.

Lily se colocou em cima, usando sua mão para guiá-lo para dentro dela. Lily se deixou cair e ele a encheu por completo. Rule segurou os quadris de Lily e começou a mover-se; lento, não rápido. Lily pôs suas mãos sobre os ombros de Rule e seguiu seu ritmo.

A cadência prazerosamente lenta deixava que Lily pudesse captar e sentir todas as sensações; inundar-se nelas, prestar atenção ao movimento dos músculos sob a pele de Rule e as sutilezas das sombras em seu rosto. Lily seguiu caindo a esse lugar ardente, não querendo alcançá-la, desejando ficar onde estava com a deliciosa sensação de estar completa; a maravilhosa fricção. Onde estava, com os olhos dele sobre ela, observando-a, o esforço aparecendo nas rugas de suas bochechas enquanto prolongava o prazer de ambos, empurrando lentamente. Lentamente.



O clímax, quando chegou, foi uma surpresa. Lily se arqueou e gritou, e chegou de novo. E outra vez. Ouviu Rule gritar algo, como se estivesse longe, e sentiu como sua semente entrava nela. O mundo de Lily ficou suspenso.

Quando voltou a si se encontrou estendida sobre Rule, com seu peito subindo e baixando pesadamente e lágrimas em seus olhos. E soube que algo mudou nela. Algo mudou sutilmente nela, para sempre.

Rule passou sua mão pelas costas de Lily.

— Esta tremendo.

— Sobrecarga sensorial — murmurou contra o peito dele. E, talvez, foi o que poderia ter causado estas ideias estranhas... Isso era tudo. As ideias estranhas de uma sobrecarga sensorial em colapso. As pessoas não mudam fundamentalmente no tempo que leva um piscar de olhos. Lily estava sendo ela mesma.

Mas seu braço tremeu ligeiramente quando se apoiou nele para levantar-se e olhar para Rule.

— Ei. Algo errado?

Rule negou com a cabeça, com uma expressão divertida no rosto.

— Tem um grande efeito sobre mim.

Ele também o havia sentido? *Deixe-o já*, disse a si mesma. Não acontecerá nada. Nada exceto um sexo incrível. Isso era tudo.

— E você em mim. E agora que nós tivemos nosso momento, deveríamos...

O peso que aterrisou sobre a cama fez que os dois saltassem no colchão. Lily olhou sobre seu ombro e tropeçou com um par de olhos amarelos que estavam fixos nela.

— Dar de comer ao gato? — sugeriu Rule.

— Correto. E depois, será melhor que voltemos para o trabalho.



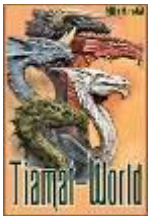
Mas não avançaram muito no caso essa noite. Estavam examinando os papéis da maleta do Croft e os documentos recentes do laptop que trouxeram do quarto de hotel dos agentes, quando Nettie chamou. Seus pacientes estavam instalados no quarto de hóspedes, dormindo e sob vigia. Levaria um tempo para descobrir o que tinham feito a eles, se é que conseguiriam.

Ao menos puderam encontrar a conexão que Karonski mencionou brevemente quando ligou para Lily. Os representantes da igreja do Mech, inscrita no âmbito do fundamentalismo Cristão, arrecadaram uma grande quantidade de dinheiro, doando-o depois, secretamente, para a Igreja dos Fiéis.

— Estranhos companheiros de cama — murmurou Rule.

— É claro que sim. Mas encontraram uma causa comum. — Lily entregou para Rule a cópia de uma lista.

Ao que parecia, ambas as igrejas acreditavam ferventemente na necessidade de conservar “A Pureza da Raça Humana”. Ambas se opunham ao “Projeto de lei de Cidadania para Outras



Espécies”, e anunciavam sobre a destruição da decência e da civilização. Embora definissem a decência de forma muito diferente, ambas as igrejas concordavam em que os lupi eram criaturas do diabo que deviam ser exterminadas, não premiadas com mais direitos.

Lily sacudiu a cabeça.

— Como um afro americano pode estar de acordo com toda esta porcaria depois do que sofreu sua gente?

— Como pode estar de acordo? Nenhuma raça está isenta do sentimento de intolerância.

— E os lupi?

— Nós, naturalmente, não. — Fez uma careta de desgosto — Nem todos os contos sobre a selvageria dos lupi são mentiras. Sabemos que os humanos foram presas para alguns de nós ao longo da história. Para alguns, lupi ou humanos, a honra só é aplicável em seu lado, dessa linha que desenharam entre *Nós* e *Eles*. O que acontecer com “eles”, não conta.

Já era tarde quando se renderam e foram para a cama. Rule estava cansado, mas nem tanto que não tivesse dado boas-vindas há um pouco de ação. Mas Lily estava distraída, seus olhos cobertos por uma sombra. Sua linguagem corporal indicava claramente que queria dormir, não sexo.

Mas a abraçou, e isso foi bom também. Dormir com Lily entre seus braços...

E não tão bom despertar com o som de seus gemidos, com o aroma do suor resultado do medo pego em seu nariz.

— Lily?

Ela seguia na cama, mas já não estava abraçada a ele. Rule a buscou na escuridão orientando-se com o tato e o olfato. Voltou a pronunciar seu nome, enquanto colocava uma mão sobre seu ombro.

— Acorda, carinho.

Rule ouviu Lily dar um grito sufocado. Depois ficou rígida e um calafrio atravessou seu corpo.

— OH, Deus!

Rule se aproximou dela sussurrando palavras de amor, palavras carinhosas. De repente, Lily rolou pela cama e se aconchegou contra ele.

Estava tremendo. Rule a rodeou com seus braços e a segurou, simplesmente a segurou, até que os tremores passaram.

— Um pesadelo?

A cabeça dela se moveu, concordando, contra o ombro de Rule.

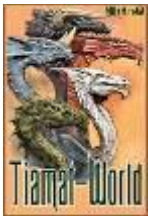
— Fazia muito que não o tinha. É... do sequestro. Deveria ter me dado conta de que podia acontecer depois de ter visto Ginger.

Rule passou sua mão pelo cabelo de Lily.

— Quer te levantar? Quando eu tenho pesadelos não consigo voltar para dormir.

Lily elevou a cabeça para olhar Rule nos olhos. Havia luz suficiente para que ele pudesse ver o tremulo sorriso de Lily.

— E sobre que pesadelos têm um homem lobo?



— O normal. Fogo, ódio, estar perdido ou em perigo, perder alguém a quem amo. Estar preso... aprisionado.

O tremor que sacudiu o corpo de Lily respondeu à pergunta que Rule não formulou.

Rule fez um pouco de chocolate quente. Era o remédio de Nettie para tudo quando ele era pequeno, e ainda sentia que o reconfortava em determinadas ocasiões. Sentaram-se junto em sua única cadeira gigante, dando goles e falando pouco, dando ao seu mundo uma oportunidade para voltar para a normalidade.

E Rule se perguntou com amargura se o pesadelo foi provocado por ter visto Ginger, ou por causa dele mesmo. Porque os demônios de Lily implicavam sempre estar presa ou aprisionada... e assim era como ela se sentia sobre o vínculo que uniam eles.

Obrigada a preocupar-se por ele. Presa por toda vida.

Capítulo 25

Lily acordou desorientada. Não estava na cama, estava... Piscou, logo sorriu. Aconchegada junto ao Rule, na cadeira.

Virou a cabeça para lhe olhar. Seu rosto raspava pela barba matutina, e sua cabeça jogada para trás, os olhos fechados, a boca ligeiramente aberta. Um homem muito menos elegante que o que conheceu no Clube Hell.

Muito mais real.

E dela. Para bem ou para o mal... Não era como se os lupi acreditassem no casamento, mas o que era esse vínculo a não ser um casamento que nenhum juiz poderia dissolver?

É obvio, acreditava-se que o casamento também deveria ser estável. Umas poucas gerações atrás as mulheres se viam presas por toda vida a homens que conheciam muito pouco ou que não conheciam absolutamente. Em sua própria família, Lily precisava somente retornar duas gerações. O primeiro marido da sua avó foi um completo desconhecido para ela na noite de bodas. Isso não significava que o que acontecia com Lily estivesse bem, mas, como se costumava ler em algumas camisetas, *Merda Acontece*.

E quando isso acontecia, era o trabalho de Lily limpar tudo, fazer que as coisas voltarem a ficar bem. O trabalho de um policial se parecia muito ao de uma dona-de-casa, pensou. Um trabalho sem fim e sem recompensa pelo que as pessoas só se interessavam quando a sujeira aparecia ou os criminosos andavam soltos pela rua.

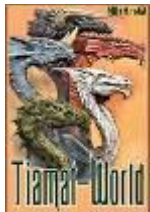
Era tudo o que Lily desejou fazer na vida.

O telefone soou. Sentou-se tentando não fazer movimentos bruscos, mas o barulho despertou Rule.

— Não sinto minha mão esquerda — murmurou.

— Sinto muito. — Lily dormiu sobre essa mão. Levantou-se, olhando ao redor. Onde estava seu telefone? Na bolsa, que... não soava, descobriu quando se aproximou dela.

— Acredito que é o meu. — Rule se levantou, movendo a mão esquerda e franzindo o



cenho.

Lily sorriu enquanto Rule se dirigia para o quarto, onde estava sua jaqueta e, portanto, seu celular. Havia algo gracioso na mão de um homem lobo quando fica adormecida. Gracioso e muito íntimo.

Um instante depois, Rule estava de volta, totalmente acordado.

— Era Max. Diz que Cullen deixou uma mensagem no clube. Quer que eu vá ver.



Lily observou a mensagem escrita em uma letra descuidada por cima do letreiro do Clube Hell:

“Rule, não acredite em nada do que digam. Não venha. E não mencione isso.”

As letras ainda fumegavam. Ao lado havia um mapa bastante básico. Ou, ao menos, era o que Lily acreditava que era.

— É a letra do Cullen — disse Rule.

— Está acostumado a deixar muitas mensagens escritas a fogo sobre as paredes?

Rule não achou graça.

— Não.

Max estava inclinado no corrimão no alto do bar, olhando carrancudo para Lily.

— Já sei que ela tem um bom par de tetas, mas precisava trazê-la contigo?

Max resmungou pela presença de Lily desde que chegaram. E já estava farta.

— Todos os gnomos são pequenos pervertidos odiosos ou só é o seu caso?

— De que demônio fala? Só porque sou baixo não quer dizer que...

— Não te esforce, Max. — Rule deixou de olhar com atenção a mensagem fumegante — É uma sensitiva.

Os pequenos olhos amendoados de Max arregalaram tudo o que podiam.

— Sêrio?

Lily disse exasperada:

— Por que não põe um anúncio no jornal e economiza o trabalho de ter que dizer a todo mundo um por um.

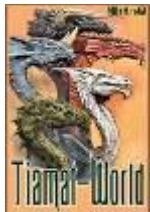
— Max não vai contar a ninguém igual a você não falará sobre ele. Não é verdade, Max?

— Por acaso não ensinaram como são as coisas? Se você tiver que perguntar a alguém se pode confiar nele, é que não pode.

— Confio em ti. E também na Lily.

— Sim? — Max suspirou pesadamente — Bom, é jovem. Então, o que deduz deste ato de vandalismo em minha propriedade?

— Não sei. Diz que não vá, mas desenhou um mapa. Esse “V” no reverso tem que ser uma montanha e SD é as siglas de San Diego, mas o resto...



— Esses garranchos podem ser água. — Lily se aproximou — E isso daí? É o número oito? Oito quilômetros, provavelmente. Será melhor que faça uma cópia.

— Não se incomode peituda. Eu já fiz. — Max estendeu uma folha de papel.

As sobranças de Lily se arquearam. Não era um esboço. Era uma réplica exata, feita em tinta azul.

Rule falou:

— Tem problemas.

Max riu sarcástico.

— O mais provável é que ele estava testando um novo feitiço. E escolheu minha parede para fazer, maldito seja! Vou ter uma ou duas palavrinhas com ele quando aparecer.

Para Lily a atitude do Max lembrava a de um pai que tem o seu filho metido em alguma confusão: zangado por fora, preocupado por dentro.

— Você também acredita que tem problemas.

O largo nariz do Max tremeu.

— Quem sabe, com um imbecil como esse.

— Café da manhã — disse Rule de repente — Max, eu sei que tem cogumelos. Se encontrar uns ovos, tomaremos café da manhã. Precisamos de comida e café... e depois, acredito que temos que conversar.

Acomodaram-se nos aposentos privados do Max, em cima do clube, um atestado de estilo cafona e arte. Uma das mesas, por exemplo, tinha um precioso abajur vitoriano, uma dançarina de hula-hula de plástico, três pedras um pouco vulgares, um doce barato, uma forma de caveira, seis livros de bolso e uma pequena réplica em pedra do David de Michelangelo que era, simplesmente, perfeita.

Max observou Lily enquanto examinava a pequena estátua.

— Mike me copiou, mas, que diabos. Fez um bom trabalho. Deixemos que leve o crédito.

Lily sacudiu a cabeça e seguiu Rule até a cozinha.

Eles discutiram baixinho. Rule queria contar tudo para Max. Lily estava de acordo que precisavam ajuda, mas um gnomo folgado com um problema de comportamento não era, exatamente, o que ela imaginou.

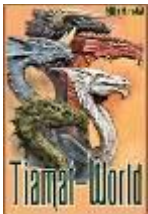
— Max está neste mundo há muito, muito tempo — havia dito Rule — Viu coisas que para nós são mitos ou história, e nossos inimigos não podem corromper ele.

— Tem muita fé em seus amigos — Lily disse sem má intenção.

Mas Rule se zangou.

— Não aprendeu nada nestes dias sobre os que pertencem à Estirpe? Não se pode corromper um gnomo com um feitiço ou um dom. São muito teimosos. Max não é leal a ideais como você ou eu idealizamos, mas preferiria deixar de respirar, literalmente, antes de trair um amigo.

Rule a convenceu. Assim enquanto terminavam as omeletes de cogumelos — Rule sabia cozinhar, certamente — informaram para Max sobre tudo o que aconteceu.



Rule inclusive mencionou à Antiga que veneravam os Azá, sem pronunciar seu nome, mas Max o interrompeu.

— Ela? Quem é *Ela*? Não fale em enigmas.

Em vez de responder, Rule pegou lápis e papel, e em três ágeis traços desenhou o que parecia um logotipo publicitário: uma linha que parecia um ovo convexo de lado com uma linha que o atravessava. Max começou a amaldiçoar. Fluentemente. Em vários idiomas, durante mais tempo que Lily jamais ouviu alguém amaldiçoar.

No final, Max parou, secou o suor da testa e disse:

— Me conte o resto.

Não disse mais nada até que Lily descreveu o que aconteceu com os dois agentes. E depois fez uma série de perguntas muito concretas. Finalmente, assentiu.

— Certo. Primeiro, seus federais não estão enfeitiçados. Há uma fodida diferença entre um feitiço e um dom mental, que hoje em dia ninguém...

— Corte a crítica mordaz; sobre estes tempos degenerados — disse Rule — Como podemos diferenciá-los?

Max franziu o cenho.

— A feitiçaria não é como a bruxaria. Se trabalhar diretamente com o poder tem que dar a ele forma, o que significa que tem que dar forma em seu interior. Entretanto pode nascer com um dom mental, que já é parte de ti, como os pés. Não precisa entender como funcionam seus pés para andar com eles. E por isso os feiticeiros são tão presunçosos, que acreditam que sabem tudo, maldição esqueça isso. O caso é que os resultados são diferentes. Seus federais têm esses pensamentos dos quais não podem se libertar, implantados como um cacho de cabelo. Isso significa que alguém pôs aí esses pensamentos e os fixou com uma boa quantidade de poder.

— Você não pode definir um feitiço de pensamentos? — perguntou Lily.

— Sim, se for um praticante. — riu sarcástico — Coisa que não é ninguém neste reino de existência, nem ninguém nos reinos próximos, diga o que diga Sua Arrogante e Esnobe Majestade das Fadas.

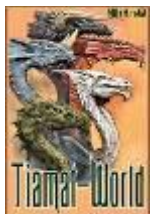
Lily piscou. Estava referindo-se ao rei das fadas?

— E essa, uh, Deusa que eles têm, não poderia converter um deles em um seguidor?

— Não. E não é que não fosse fazer se pudesse, mas não pode trabalhar neste reino diretamente. Tem que fazer através de ferramentas, pessoas deste mundo. Embora ela também não possa passar as palavras e os gestos de um feitiço a alguém e deixa-lo fazer, não é? Não mais que se eu te der agora um pedaço de pedra e um cinzel e te pedir para que faça um busto do Rule assim, de repente. Mas ela pode dar poder a eles.

Max se reclinou em sua cadeira, uma cadeira com encosto e uma barra para colocar os pés; e entrelaçou as mãos sobre sua barriga.

— Agora bem, para que funcionem, os pensamentos novos têm que mesclar-se naturalmente com os antigos. Se der a um amante de passarinhos um montão de pensamentos para odiar o pássaro em questão, o mais provável é que se volte louco antes de conseguir que faça



o que você quer que faça. Assim que seu telepata entra na mente de alguém e...

— Telepata? — Rule arqueou as sobrancelhas — Falando de voltar-se louco. Não se acredita que os telepatas ficam loucos por causa de seu dom?

— Sim, a não ser que sejam gatos. E? Você tem alguma razão para acreditar que há um pouco de sanidade em tudo isto que está acontecendo?

A não ser que sejam gatos? Lily ainda estava assimilando essa frase quando Rule disse:

— Enfrentamos a duas ameaças? Um telepata e um feiticeiro. Ou as duas habilidades podem acontecer na mesma pessoa?

— Não está me escutando! Não tem nenhuma maldita razão para acreditar que haja um feiticeiro no meio!

— Espera um segundo — disse Lily — Eu percebi a magia que utilizaram para matar ao Martin.

— Sim, mas no que a feitiçaria se refere é tão ignorante como a maioria dos imbecis vivem nesta época. O que sentiu foi poder; poder gerado por magia de morte. O que suas leis chamam de feitiçaria, mas as leis foram escritas por autênticos ignorantes. Poder não é o mesmo que feitiçaria. Um feiticeiro poderia utilizar o poder puro para organizar algo, sim, mas também poderia qualquer um que tivesse em seu poder um objeto com força suficiente.

— Bem — disse Rule — Assim possivelmente haja um feiticeiro envolvido, ou possivelmente não, mas sabemos que temos um telepata louco que pratica magia de morte e tem acesso a um montão de poder.

— Acrescenta a isso que o telepata está na palma da mão *Dela*, e que *Ela* te quer morto ou fora de jogo de algum jeito. Sua melhor opção é que abandone o país.

— Sabe que não é possível.

Max suspirou.

— Sabia. Sabia que não ia ser sensato. A segunda opção seria ela. — Assinalou para Lily.

Desta vez foi Rule que franziu o rosto.

— O que quer dizer?

— Mande para o louco a sua trava. Não pode enfeitiçá-la, não pode entrar em sua mente. Sensitivos são imunes. Ponto. É a única que poderia aproximar-se o suficiente para fazer algo. Todos outros, acabariam fritos.

Lily fez algumas perguntas mais antes de partirem, mas Max não teve muito mais o que lhes contar. Algumas conjecturas, alguns encolhimentos de ombros. Rule se manteve em silêncio até que chegaram ao carro.

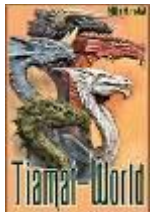
— Foi uma ideia estúpida falar com o Max — disse fechando a porta do carro com um grande golpe — Não deixe que te surja nenhuma maldita ideia estúpida.

Lily prendeu o cinto de segurança.

— Como qual?

— Não vai ir ver Harlowe sozinha.

— Como se eu pudesse, não? Tem que estar perto de mim. — O quão perto, isso eles não



sabiam. Ainda não testaram os limites do vínculo — Acredita que Harlowe é o telepata? — perguntou pensativa.

— Não estou certo.

— Quem, então? — Rule pisou fundo no acelerador.

Estava de muito mau humor.

— Bem, se aceitarmos na opinião do Max como uma hipótese plausível, o telepata em questão está louco de atar. Ontem falamos com algumas pessoas que conhecem o Harlowe e não disseram nada a respeito.

— Nem sempre parecem loucos.

— Certo. — Rule estava assustado por ela. Por isso estava tão zangado. Fazia que Lily se sentisse estranha; desorientada.

Não é que ninguém não fosse se preocupar se Lily ficasse em perigo. Sua família se preocupava, embora ela procurasse não contar a eles mais do que o necessário. Mas o risco inerente em seu trabalho era o que não gostavam nele. Por que a reação do Rule a fazia sentir-se tão estranha?

— Lily. — Rule tentou mostrar calma em sua voz — Não estará pensando em ir sozinha ver ele, não é verdade?

— Tenho que interrogar ele, e os reforços não me servirão se Harlowe, ou quem for, possa manipular suas mentes. — Com uma sacudida, Lily entendeu por que a reação do Rule a fazia sentir como se tudo estivesse de ponta cabeça. Gostava. Gostava de ser importante para ele, mas era o vínculo o que fazia que Rule se sentisse assim. Interferia em seus sentimentos igual a esse telepata hipotético interferira nas mentes dos dois agentes do FBI.

Com uma voz tensa, Rule disse:

— Se não poder manipular sua mente possivelmente se contente te matando.

— O que acredita que estive fazendo todos estes anos? Indo a reuniões sociais onde tomávamos chá com bolinhos? Prendi um montão de pessoas que teria estado encantada de ter uma oportunidade para me matar. E não conseguiram.

— Maldita seja, Lily, de toda a maneira não pode prender ele. Não tem distintivo.

Lily deu de ombros.

— E embora se tivesse, não tenho provas suficientes para efetuar uma prisão. Embora desejasse ter aceitado o posto que me ofereceram os federais. Além do problema para efetuar a prisão, você e eu não somos suficientes.

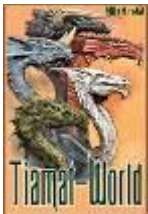
— Posso contribuir com duzentos membros do clã, mais ou menos. O que você precisa?

— Assim, sem mais? Acreditava que era seu pai que tinha toda a autoridade.

— Tecnicamente não tenho autoridade. Mas se o *lu núncio* diz a alguém do clã que precisa dele urgentemente, ajudará. Tanto eles, como elas — acrescentou —. Algumas de nossas filhas e irmãs se casam fora, mas fazem parte do clã.

Um sorriso repentino iluminou o rosto do Lily.

— Entendo. É como a minha avó. Tecnicamente não tem autoridade, mas se diz venha, nós



vamos.

— Tenho que conhecer sua avó sem falta.

— Tome cuidado com o que pede. — Lily se sentia um pouco mais tranquila —. Temos que averiguar o que representa o mapa do Seabourne, embora não estejamos seguros do por que o desenhou. Temos que terminar os exames financeiros. Croft se encarregou de fazer o da igreja, mas deveríamos investigar ao Harlowe também. Seria útil ter pessoal treinado da polícia, mas creio que não vamos poder contar com isso.

Rule se manteve em silêncio uns instantes.

— Crystal e eu podemos nos encarregar dos aspectos financeiros se nos disser o que temos que procurar.

Lily arqueou as sobrancelhas.

— Crystal?

— Minha assistente. Acredito que ainda não a conhece. O mapa tem me intrigado, mas Walker conhece as áreas selvagens por aqui com muita precisão. Possivelmente seja capaz de identificar algumas das características do mapa. Não posso te conseguir pessoal da polícia, mas posso te proporcionar membros de segurança. Teria que havê-lo feito antes.

— Refere a guarda-costas...

— Sim. Você já pensou que se Max tiver razão, Harlowe e companhia sabem tudo o que Croft e Karonski sabiam? O que inclui nosso vínculo. Você é a única imune as suas manipulações. E também é a chave para me controlar. A única pergunta real que me faço é se vão tentar sequestrar você ou simplesmente te matar.



Foram para o apartamento de Rule. O da Lily era muito pequeno. Enquanto estavam ali, ele fez várias chamadas telefônicas, e em seguida se uniram a eles outros membros do clã Nokolai.

Rule vivia no décimo andar de um arranha-céu. Enquanto esperavam o elevador, Lily pensou que era estranho.

— Por que um claustrofóbico iria querer submeter-se à tortura do elevador várias vezes ao dia?

— Não tenho fobias. E o edifício é propriedade do clã, assim que para mim é muito prático viver aqui.

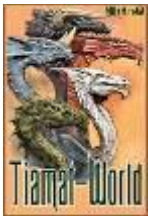
Incomodou-se, pensou Lily. Não chame um homem de claustrofóbico só porque os pequenos espaços fechados o assuntam. Certo.

O elevador chegou e entraram. Lily levava a pasta do Croft; Rule, o notebook do Karonski. Lily se aproximou dele para oferecer seu apoio, se por acaso o homem lobo grande e duro não estava tão à vontade preso como aparentava.

Rule apertou o botão de seu andar, colocou as mãos nos bolsos, e disse:

— Além disso, este elevador é muito rápido.

Lily sorriu.



— E você; o que? — perguntou Rule brandamente —. Não te dá medo os espaços reduzidos e fechados?

— Em geral, sim. Nunca vou às saunas. — Havia sentido um cansativo calor dentro daquele porta-malas.

— Quando me mudei para cá acreditava que utilizar o elevador todos os dias conseguiria me desestabilizar.

— E?

Rule sorriu com amargura.

— Não aconteceu.

As portas do elevador se abriram ao chegar a um pequeno corredor compartilhado; só havia dois apartamentos neste andar. Deviam ser realmente grandes. A porta do Rule estava no extremo oeste. Abriu-a.

— Vou fazer um pouco de café.

— Por que não me surpreende? — Lily entrou atrás do Rule, fechou a porta e olhou ao redor — Onde posso...? — Sua voz foi à deriva enquanto examinava a sala. O apartamento não tinha tabiques⁴⁵ e quase toda a parede oeste era uma janela única. Dava para o mar.

— Essa é a outra razão pela que vivo aqui — disse Rule. Aparentemente a necessidade de café ainda não era muito forte, porque admirou a paisagem colocando-se junto a Lily.

— Esta tem que ser uma das melhores vista da cidade.

— É claro que sim.

Lily desviou o olhar do mar e da paisagem, e continuou olhando ao seu redor, o apartamento. Havia um sofá comprido e elegantemente estofado com uma bela pele de cor pálida... e com jornais, revistas e livros por toda parte. A mesa de jantar era de uma madeira escura e suntuosa. O que podia ver dela, pelo menos. Por onde olhasse, podia ver coisas bonitas. E desordem.

— Não está tão ordenado como você gosta.

Lily olhou para Rule. Havia ficado vermelho?

— Quem teria adivinhado? É um porcalhão.

Rule franziu o cenho.

— Não é para tanto.

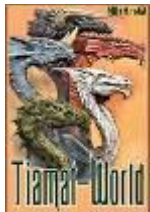
— É um desastre. — Lily se virou e rodeou com seus braços a cintura do Rule enquanto sorria ao apoiar a cabeça sobre seu ombro —. Mas não importa. Debaixo de todo esse desastre, é um lugar bonito.

Rule deu um beijo na sua testa. Seus braços, que rodeavam Lily, seus músculos estavam duros pela tensão. Rule pigarreou.

— Assim, acredita que... Harry poderia ser feliz aqui? Há muito espaço.

OH, merda. Na realidade Lily sabia que Rule não estava falando do Harry. Lily trágou.

⁴⁵ Parede em estrutura de madeira e/ou caniço, preenchida e revestida com argamassa de terra, cal ou gesso. Torchis em francês.



— Não sei. Não poderia sair. Está há muito tempo vivendo ao ar livre. Não sei se poderia adaptar-se a viver fechado o dia todo.

Rule não disse nada, mas seu corpo continuava tenso. Decepcionado? Doído? Lily jogou a cabeça para trás para olhar o seu rosto e encontrar seus olhos, escuros e graves, preparados para encontrar-se com os de Lily.

— Possivelmente possamos tentar durante uma temporada — disse Lily — Para ver como vai.

— Boa ideia. — Rule dirigiu as duas mãos para tirar algumas mechas de cabelo do rosto e lhe deu um beijo, prolongando-o o suficiente para dar a entender que era mais uma promessa que um simples beijo.

A risada de Lily soou um pouco insegura.

— Claro, por que não? Ei importa-se se eu fizer um pouco de lugar na mesa?

— Minhas pilhas estão organizadas, embora não o pareça. Move-os se quiser, mas não os misture.

Lily soube a que se referia quando começou a mover as pilhas de papel. Não eram um montão de folhetos publicitários ou petições de caridade; a não ser relatórios trimestrais, correspondência e outro tipo de documentos empresariais.

— Parece que precisa de um escritório — disse enquanto colocava e abria a pasta do Croft.

— Tenho um. Mas prefiro trabalhar aqui. — Pôs uma taça de café ao lado do cotovelo de Lily e se sentou na frente dela — Porque trabalho, sabe? — disse secamente — Me encarrego de administrar os investimentos do clã.

— Fiscaliza tudo?

— Não faço sozinho. — Tinha achado graça no comentário — Tenho uma assistente excelente, que logo conhecerá. Também tenho duas secretárias e administradores para as propriedades individuais. Mantemos bastante ocupada uma importante empresa de contabilidade, e temos um escritório de advogados contratado.

— E onde está todo esse pessoal?

— Formam parte do clã, assim vivem e trabalham no Lar. Os últimos dias não foram normais. Num dia normal passo ali a metade de meu tempo.

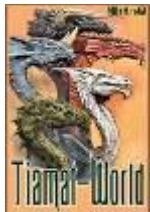
Certo, isso fazia sentido. E sublinhava o pouco que Lily conhecia Rule na realidade. *Não importa*, disse para si mesmo. Isso podia esperar. Teria que esperar.

— Aqui está todo o material referente ao Harlowe — disse tirando uma pasta da maleta do Croft — Temos seu número do seguro social, os extratos de sua conta corrente, esse tipo de coisas. Você pode fazer alguma coisa com isso?

— Alguma coisa, sim. O que estou procurando?

— Conexões, coisas que não batem as propriedades que possui. Por exemplo, tem uma casa ou um negócio no Oceanside onde se reuniu com o Croft e Karonski? E seus movimentos? Só temos sua palavra de que ontem estava voltando de Los Angeles.

— Levará tempo. O que vais fazer enquanto isso?



— Vou chamar um amigo para lhe pedir um favor. Depois pegarei o elevador e sairei para dar um pequeno passeio. — Lily se encontrou totalmente com os olhos do Rule — Temos que saber Rule. Temos que saber quais são os limites do vínculo. O quanto podemos nos afastar um do outro.

Rule inalou profundamente, e exalou com força através do nariz.

— É obvio. E tenho que superar a ideia de que algo vai acontecer com você se eu deixar você fora da minha vista. Mas espere até que chegue minha gente. Se você for muito longe e desmaiar, será melhor que tenha alguém ali para te pegar.

Capítulo 26

Lily chamou o O'Brien. Pensou que possivelmente estaria disposto a informar tudo o que soubesse sobre a cena do crime de Therese Martin. E estava, embora primeiro, deu uma boa bronca por haver passado "para lado escuro". Ao que parecia todo o departamento sabia que teve problemas com o capitão e que estava trabalhando para os federais. A polícia estava cheia de fofoqueiros.

O'Brien esteve de acordo em enviar para ela um fax com seu relatório. Lily deu o número do Rule, desligou e se dirigiu ao escritório para esperar que chegasse a informação. O escritório estava um desastre, como todo o resto. Por alguma razão, isso a fez sorrir.

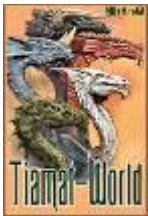
Se Max tivesse razão, se quem matou Therese era um telepata e não um feiticeiro, o assassino esteve presente na cena do crime. Max havia dito que precisava de contato visual. Por não poder utilizar um feitiço que guiasse seu poder, o assassino precisava ter à vista sua vítima. E podia havê-la matado da soleira da porta, sem necessidade de sujar-se de sangue.

Lily esperava encontrar algo que confirmasse essa teoria. Precisavam saber se estavam enfrentando um feiticeiro rebelde além da um telepata louco. Podia ser Cullen Seabourne. Provavelmente manipularam sua mente. Ele não disse para Rule que não acreditasse nessa mensagem tão estranha?

Mas não encontrou nada de novo, após repassar o relatório sobre as provas encontradas na cena do crime. Já o passou duas vezes quando chegou à gente do Rule: dois homens jovens e musculosos, incluindo o ruivo que Lily encontrou um par de vezes antes. O homem mais velho de olhos vigilantes era Walker. E Crystal, a assistente do Rule, uma mulher pequena que beirava os sessenta anos e que se parecia tanto com um bulldog que resultava desconcertante: mandíbula proeminente, cabeça quadrada, lábios grossos.

Lily esperou que sua surpresa não fosse perceptível por outros.

— Fico feliz em te conhecer — disse Crystal com uma voz grave que encaixava com seu rosto, embora não com seu nome. Não soava muito contente. Dedicou a Lily um olhar muito breve antes de centrar sua atenção em Rule — Nettie quer que saiba que está fazendo progressos com Croft, mas que Karonski vai ter que ser tratado por um grupo de bruxos. Tem haver com o grau de confiança ou algo assim. Não posso dizer que entendi algo do que me explicou, mas foi isso que



disse.

Rule assentiu.

— Acredito que logo receberemos notícias de seus superiores. E espero que eles possam organizar a coisa do grupo.

— O quê você precisa de mim? — disse Crystal cheia de energia, deixando cair sua bolsa sobre uma cadeira.

— Vou lhe explicar em um momento, Crystal. Primeiro preciso que todos estejam cientes de uma coisa: Lily é minha escolhida.

A cara de bulldog se iluminou. Ela jogou os braços ao redor da cintura de Rule e o abraçou com força. Walker foi em seguida ao lado de Rule, abraçando-o pelos ombros. Os dois mais jovens mostravam uns sorrisos amplos.

— Filho da puta! — gritou Sammy — Quando é a cerimônia?

— Vai demorar — disse Rule secamente — Temos outras coisas que fazer primeiro.

— OH, querido — disse Crystal — OH, querido. — Fungou, apertou a bochecha de Rule e se virou para Lily, radiante — Bem-vinda ao clã Nokolai.

Bem-vinda a...? Perplexa, Lily olhou para Rule por cima da cabeça da mulher.

Ele sacudiu a cabeça levemente e moveu os lábios para dizer “mais tarde”. Continuou em voz alta:

— Todos tiveram notícias sobre o ataque ao *rho*. E suponho que estão a par de que Nettie está tratando dois agentes do FBI que sofreram manipulações em suas mentes. Tudo está relacionado. Há um grupo de humanos e lupi que estão tentando destruir os Nokolai. — Isto apagou todos os sorrisos — Lily é um objetivo. E é nossa melhor chance para detê-los.

— Seu objetivo é uma escolhida? — disse Sammy, incrédulo.

— Os lupi envolvidos provavelmente não saibam que é uma escolhida. E os humanos utilizariam isso contra nós.

— O que temos que fazer? — perguntou Walker.

— Tenho um mapa que preciso que examine. Sammy e Pat irão com Lily. Crystal me ajudará a investigar as finanças de nossos inimigos.

Lily nunca teve um guarda-costas antes. E não gostava.

— Estou testando os limites de meu vínculo com Rule — disse Lily muito tensa enquanto apertava o botão do elevador — Precisamos saber quanto de distancia que temos.

Sammy assentiu. O outro, Pat, sorriu tímido.

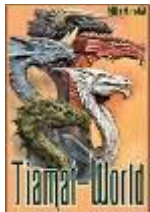
— Nunca conheci uma escolhida.

— E eu nunca fui uma — disse Lily secamente. As portas do elevador se abriram e entrou, seguida de sua tropa, que tomaram posições entre ela e a entrada do elevador.

— Uma vez vi uma escolhida — disse Pat quando as portas se fecharam — Na última reunião de todos os clãs.

Sammy chamou a atenção ao Pat com uma pequena cotovelada.

— Perdoe Lily, mas não temos permissão de falar. Poderia nos distrair.



— Então, escutem. As pessoas que estamos investigando utilizam magia de morte. Rule diz que cheira de uma forma muito determinada.

Lily não podia ver seus rostos, mas a súbita tensão em seus corpos sugeria que estavam surpresendidos. Apesar de tudo, a voz do Sammy soava firme.

— Desconfio que sim. Nunca a cheirei.

— E espero que nunca tenha que fazê-lo. Mas se por acaso percebiam um aroma como algo podre, decomposição como Rule chamou, façam-me saber imediatamente. Não... — O enjoo chegou tão subitamente que Lily não pôde terminar a frase. Desta vez foi pior que a anterior, uma vertigem que a absorvia e que a fez cambalear. Teve que se segurar ficando uma mão em cada parede do elevador, e se dobrou sobre si mesma.

— Droga, Droga. Em que piso estamos?

— Segundo. — A mão de Sammy segurava o seu cotovelo, tentando lhe dar mais estabilidade — Você está bem?

— Enjoada.

O elevador parou. Sammy voltou a situar-se em seu lugar, de cara para as portas, sustentando Lily com uma mão. Quando as portas se abriram... viram três homens vestidos em ternos pretos. Dois deles com aspecto de assassinos profissionais e estavam em alerta. O terceiro nem sequer estava de pé, estava em uma cadeira de rodas. Magro, abatido na realidade, seu rosto era estreito e um nariz torto.

— Ah, detetive Yu — disse em uma clara voz de tenor — Excelente. Sou Rubén Brooks. Acredito que tem os meus homens.

— Eh... não os tenho eu exatamente. — Tentou incorporar-se, mas teve que apoiar-se no Sammy quando o mundo começou a esfumar-se. Tentou o truque de falar subvocalizando.

— *Sammy, cheira algo desagradável?*

Depois de uma pausa, ele negou com a cabeça.

— Certo, então.

— Você está doente? — perguntou Brooks.

— Estarei bem em uns instantes. Embora tenha que voltar para cima. Não estou tentando escapar nem nada do estilo — assegurou Lily — Só preciso voltar para cima.

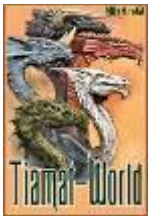
— Acredito que não me entendeu bem. Não estou prendendo você. Estou aqui para pôr minha unidade ao seu dispor.



Houve uns momentos de confusão. Os guarda-costas do Brooks não queriam deixar ele sozinho, e os de Lily também não queriam sair, e todos ao mesmo tempo não cabiam no elevador.

Lily não servia de muita ajuda porque perdia a consciência um momento sim, outro não. E no final acabou no elevador com Brooks, Sammy e um dos agentes do FBI, um homem alto e loiro. Quando deixaram para trás o terceiro piso, começou a sentir-se melhor.

— Fascinante — disse Brooks — Tem uns limites muito claros, não?



Lily olhou o homem loiro que permanecia calado. Franziu a testa.

— Vejo que seus homens o informaram de tudo.

— Você não mantinha totalmente informado ao seu oficial superior?

— Dependendo de que coisas, não. As provas que não se podiam verificar não constavam em meus relatórios, e também não informava verbalmente algo que não fosse pertinente. Eu não exponho às pessoas.

Brooks assentiu.

— Entendo perfeitamente. Quando levamos um tempo trabalhando juntos, espero que confie em mim e me conte isso tudo.

— Ainda não...

— Ah, já chegamos — disse quando o elevador se deteve — Depois de você.

A cadeira motorizada do Brooks seguiu Lily através do curto corredor. Quando chegaram à porta do apartamento de Rule, Lily não precisou utilizar a chave que lhe deu. Rule abriu a porta. E ela se lançou a seus braços.

Não era muito profissional, mas era necessário. Precisava sentir o batimento do coração de Rule, a pressão de seu corpo contra o dela. Embora depois de uns instantes, a situação embaraçosa em que se encontravam fez que se separasse dele.

— Este é Rubén Brooks — disse — Não sei como se chama o outro. Cavalheiros, Rule Turner.

Rule olhou para Lily com as sobrancelhas arqueadas. Lily assentiu.

— Vamos, entrem — disse com um sorriso e dando um passo atrás — Gosta de um pouco de café?



— Croft o chamou do Lar do Clã? — disse Lily surpreendida uns minutos depois — Não sabia que estava, bom, consciente.

— A doutora Dos Caballos o deixou sair do sonho o suficiente para... Ah, obrigado. — Brooks aceitou a taça de café que Rule trouxe — O suficiente para me informar, assim estou razoavelmente em dia com a situação.

— Como ele está?

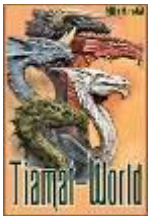
— Bastante bem, embora a doutora Dos Caballos diga que tem que estar em completo repouso durante mais uns dias, o que significa que estará no sonho a maior parte do tempo. Karonski permanecerá sedado até que possamos reunir um grupo de bruxos. Seu dom e suas crenças religiosas fazem que seja mais difícil de tratar ele.

— Chegou muito rápido — disse Rule parando na parte de atrás da cadeira de Lily e acariciando seu cabelo. Depois de pôr a prova os limites do vínculo precisavam sentir um ao outro.

— Já estava a caminho quando Croft chamou. Quando vi que nem ele nem Karonski voltavam a tempo, tive o pressentimento de que precisavam de mim.

As sobrancelhas de Lily se arquearam.

— Karonski diz que você é um vidente.



— Sim. — Bebeu um pouco de café — Está excelente. A premunição é o menos confiável dos dons, é obvio, mas desta vez tive um sentimento excepcionalmente intenso. Infelizmente, não obtive muita informação, mas a chamada de Croft do Lar do Clã remediou isso. Assim suponho que verá por que preciso pôr a unidade em suas mãos, no momento.

— De fato, não. Não vejo. Não tenho experiência, nem treinamento... Sou uma boa detetive. Mas não estou qualificada para dirigir uma unidade do FBI ultra-secreta da que nunca ouvi falar até uns dias atrás.

— Mas você é a única que pode — disse Brooks amavelmente — Embora eu possa contribuir com todas as minhas habilidades e meus conhecimentos, a pessoa ao meu comando tem que ser alguém de que sabemos com toda segurança que não pode ser manipulada.

— Os lupi — disse desesperadamente — Podem cheirar a presença da magia de morte, assim poderão nos dizer se tiverem manipulado alguém.

— Podem? Isso será muito útil. Mas só funcionará em pessoa. E às vezes, as ordens terão que ser dadas por telefone.

Lily não estava segura de como aconteceu, salvo que Rubén Brooks era um rolo compressor com a voz mais suave e educada que jamais conheceu. Quinze minutos depois de sentar-se e falar com ele, Lily jurou “Apoiar e defender a constituição dos Estados Unidos contra todos os inimigos, nacionais ou estrangeiros”.

— Está certo de que isto é valido? — perguntou depois — Acreditava que primeiro teria que passar por um treinamento.

— Em algum momento terá que ir até Quântico, mas por agora é bastante legal. O presidente me deu autoridade para tomar juramento de meus agentes quando eu o acreditasse necessário, prescindindo dos requerimentos usuais.

O presidente? Lily se sentiu enjoada, e desta vez não era por culpa do vínculo com Rule.

— Agora — disse Brooks olhando ao seu redor, para todas as pessoas pressente —, eu gostaria de escutar seu relatório, se não for incômodo.

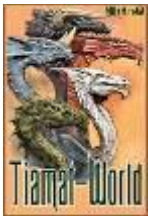
Lily assentiu.

— Tudo Bem, e quando eu terminar, eu gostaria que você contribuísse com as suas habilidades e conhecimentos. E possivelmente com um especialista em mapas e uma especialista para investigar contas bancárias.



As coisas começaram a ir depressa a partir desse momento. Brooks ordenou a um de seus homens que se encarregassem da papelada para conseguir qualquer ordem judicial que pudessem necessitar Rule e Crystal. Um computador último modelo desenhado para criar e ler mapas estava a caminho junto com um perito que trabalharia com Walker para identificar o primitivo desenho de Cullen.

Possivelmente, inclusive podia parecer que Brooks se colocou no comando, pensou Lily divertida. Não é que ordenasse, mas todo mundo corria para colocar em prática suas educadas



sugestões.

Uma vez que as coisas mais imediatas estiveram resolvidas, Lily formou uma conversa com Brooks.

— Não sei muito sobre leis federais. Agora que Croft pode testemunhar, temos suficiente para prender o Harlowe e o submeter a um interrogatório. Mas que me parta um raio no meio se eu souber de que demônios possa acusar ele. Obstrução à justiça?

Brooks assentiu pensativo

— Os legisladores poucas vezes aprovam leis que cubram crimes impossíveis e ninguém sabia que a mente de uns investigadores poderia ser alterada desta maneira. Conversei brevemente com o procurador-geral da região a caminho daqui. Ele não está muito animado para processar responsabilidades por menor que seja o assassinato por meios mágicos ou conspiração para assassinar por tais meios.

Lily deduziu que “Não está muito animado” era um mero eufemismo.

— Certo. Assim que minha pergunta é, o que obtemos o prendendo agora? Eh, temos o suficiente para que valha a pena o risco?

— Por que não me apresenta sua argumentação?

— Da maneira que eu o vejo, ainda não sabemos nada. Se ele for nosso hipotético telepata, possivelmente valha a pena o prender por alguma acusação menor. Mas se não é ele e o prendemos, o mais provável é que o resto de seu grupo se esconda. Incluindo o telepata ou o feiticeiro, ou o que seja, e é a aí aonde temos que chegar.

— Acreditava que você estava muito segura de seu informante. Acredita que há um feiticeiro comprometido em todo isso?

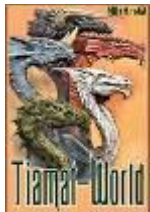
— Meu... OH, sim. — Lily havia descrito Max como alguém com uma grande experiência e conhecimentos em sistemas mágicos que preferia manter o anonimato. Ficando de pé, começou a passear de um lado para outro — Não sei. Normalmente, o mais simples é o correto, e o mais simples seria que tenhamos entre as mãos a um único cara grande e mau, um telepata com alguma espécie de ferramenta como sugeriu meu informante. Mas segue havendo a possibilidade de que haja um feiticeiro comprometido. Não é provável, mas sim possível.

Brooks assentiu.

— É razoável fazer planos para enfrentar várias possibilidades.

— Bem. Mas estou um pouco perplexa — admitiu — Não conheço os procedimentos para prender e neutralizar um feiticeiro sem pôr em perigo a alguém. Se é que há. — Que ela soubesse ninguém tentou desde a Purgação, e foi um assunto terrível e cruel. A maioria das vezes se limitava a executar aos suspeitos de feitiçaria.

— Que eu saiba, não há — disse Brooks com total tranquilidade — Algumas teorias sustentam que os homens e mulheres verdadeiramente puros não são afetados por feitiçaria, porque as energias espirituais são de uma ordem superiora que às energias temporárias ou mágicas. Inclusive se isto fosse certo, não acredito que o FBI tenha uma lista de nomes de nenhuma pessoa pura.



Lily levou um momento para ir além desse comentário dito com a maior das indiferenças, até que viu o brilho nos olhos do Brooks. Deteve-se e disse secamente:

— Também não acredito que o departamento de polícia de San Diego tenha alguma.

— Os arquivos históricos nos ensinam que nem todos os feiticeiros são criados da mesma maneira. Há vários níveis de aptidão. Mas devo supor que se houver um feiticeiro comprometido neste caso, inclusive embora seja um com um controle menor dessas artes, o prenderem vai suportar baixas inevitáveis em nosso bando.

Em outras palavras, as coisas não mudaram tanto da época da Purgação. Continuava sendo mais fácil matar um feiticeiro que o prender.

— Uma coisa mais. Como disse antes, tive a sensação de que precisavam de mim aqui. E conectada a ela havia uma forte sensação, muito forte, de urgência. É a informação que posso contribuir — disse em sua forma de falar tranquila e pedante — Não quero influencia-la muito, mas muito poucas vezes estou errado sobre este tipo de coisas. Possivelmente seja tão importante agir rápido como agir corretamente.

Lily olhou para o chão, pensando vertiginosamente. Sentiu um puxão e elevou a cabeça para ver Rule se aproximar.

Se havia um feiticeiro comprometido, o mais provável é que fosse seu amigo Cullen. Voluntariamente ou não.

Rule se sentou em uma cadeira perto de Brooks.

— Agora mesmo não sirvo para nada aí atrás. Crystal e seu homem estão com as finanças da comarca, e sei muito pouco sobre isso. E não pude evitar escutar sua conversa.

Lily arqueou as sobrancelhas ao escutar o comentário.

— Não pode evitá-lo?

— Certo, levantei a antena descaradamente — admitiu alegremente — Tenho uma sugestão. Utilizem a minha gente.

— Não te acompanho.

— Está tentando decidir o que fazer se no final tem que enfrentar um feiticeiro. Seria estúpido enviar humanos para enfrentar ele. Os lupi podem se impor a suas feridas e seguir agindo, e temos muito mais ligados com tudo isto.

Brooks juntou suas mãos cruzando os dedos.

— Uma proposta interessante.

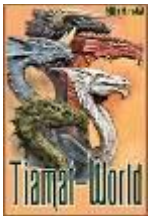
Lily o olhou, surpreendida.

— Desconfio que seja consciente do que a imprensa dirá sobre isso. Sobre enviar a um punhado de homens lobo atrás de um líder de uma minoria religiosa.

— Se conseguirmos provar que houve feitiçaria no meio, vão nos perdoar totalmente. Se não... — Brooks deu de ombros —, teremos que estar certos da validade de nossas provas.

E, no momento, não estavam. Lily começou a passear outra vez.

— O que precisamos encontrar é essa maldita ferramenta. A que contém o poder. — Se é que existia. Max estava bastante seguro de que sim — Não sabemos que aparência tem, mas eu



poderia identificá-la tocando-a. Se a encontrarmos, teremos a prova de que se trata de feitiçaria conforme define a lei. E também teremos tirado o assassino de grande parte de seu poder.

Lily se deteve, olhou para Brooks.

— Quero mandados de busca para a igreja e todas as propriedades do Harlowe uma vez saibam quais são.

— Terá que tomar cuidado em sua redação e será difícil que um juiz as assine — disse Brooks lentamente —, mas acredito que posso conseguir elas.

Lily olhou para Rule.

— Chame a tua gente. Quero um grupo treinado que saiba como cumprir ordens. Estarão preparados para agir quando eu diga. E rezemos para que não tenhamos que utilizá-los.



A contribuição de Rule à investigação foi muito escassa nas seguintes duas horas. Chamou o *rho*, que em seguida esteve de acordo em enviar uma equipe. Depois preparou para si um grande prato de chili e tentou não pensar em Cullen ou no perigo que correria Lily. Mas os pensamentos são menos obedientes que os braços ou as pernas.

Estava na cozinha sovando uma massa para um pão de milho quando Lily se deslizou atrás dele e o abraçou pela cintura. Sentiu-se imediatamente reconfortado.

E também excitado. Deu a volta e elevou o rosto de Lily com sua mão, logo a beijou profundamente.

— Bem. — Lily ruborizou, seu cabelo despenteado, e seus pequenos e bonitos lábios úmidos e curvados em um sorriso —. Oi para você também. Cheira maravilhosamente. É verdade que sabe cozinhar.

— O assistente de meu pai me ensinou faz anos. — Rule pensou que poderia estar assim todo o dia, simplesmente abraçado a Lily, aspirando seu aroma.

— Assistente? Como assim, como um criado?

— Algo assim. Alguma novidade?

— Walker acredita que identificou o lugar no que se localiza o mapa de Cullen. É uma área remota das montanhas ao nordeste da cidade. — Lily fez um gesto de preocupação — Diz que há algumas cavernas pela região. Não será fácil encontrar um esconderijo subterrâneo.

— Para isso que os narizes lupi existem. Mas seria uma boa ideia chamar o Max. Os gnomos e as cavernas são uma boa combinação. Agora, seria bom se soubéssemos o que significa esse mapa.

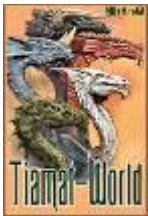
— Um passo de cada vez. Tenho que te perguntar algo.

— Bem. — Rule brincou com o cabelo de Lily. Gostava do contato sedoso, do brilho. Lembrava a ele o céu noturno, tão escuro e, entretanto, tão cheio de luz.

Não podia perdê-la. Acabava de encontrá-la. Fosse como fosse precisava mantê-la a salvo.

— É importante.

Isso queria dizer que deixasse de brincar com seu cabelo. Com um suspiro, Rule retirou suas



mãos e as apoiou na cintura de Lily.

— Estou escutando.

— Por que Crystal me deu boas vindas ao clã Nokolai?

OH, OH.

— Como minha escolhida — disse Rule com delicadeza — te considera parte do clã.

Lily permaneceu em silêncio, perigosamente em silêncio durante vários batimentos de coração.

— E a cerimônia que mencionou Sammy?

— É um ritual para te dar boas vindas. É para te honrar... e é quando você aceita formar parte do clã. Se quiser...

Lily se sentiu aliviada.

— Assim tenho escolha. Não é algo mais que me impõe, queira ou não.

— Pode escolher.

— Rule? — Lily franziu o cenho — O que acontece? Estou segura de que você gosta da ideia de que entre e forme parte de seu clã, mas me parece que é uma dessas coisas para as quais não estou preparada ainda. Por não mencionar o compromisso. Não posso jurar lealdade a seu pai.

— Isso não é parte da cerimônia.

— Há algo que não me está contando.

Muitas coisas, e ainda não era o momento de contar algumas delas. Os lábios de Rule se torceram com amargura.

— Do meu ponto de vista, há um problema. Se te negar a ser Nokolai, então eu deixarei de sê-lo.

Lily o olhou, surpreendida.

— Como minha escolhida, terá acesso a conhecimentos sobre nós que não são permitidos aos estranhos. Ou entra e faz parte do clã, ou eu tenho que sair dele. — Quando Rule viu que Lily continuava olhando para ele sem dizer nada, acariciou os seus braços — *Nadia*; sei que é como uma corrente a mais ao redor de seu pescoço, mas...

— Não sabe nada. — Lily deu um passo atrás pondo espaço entre ela e Rule — Quando pensava em me dizer isso?

— Quando já não tivéssemos que perseguir um telepata louco e seus seguidores assassinos.

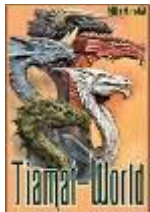
— Certo isso é razoável. — Inalou lentamente e usou suas mãos tremulas para ajeitar o cabelo para trás — Vou ter que pensar sobre isto, mas não agora.

— Eu sei. Eu não estava indo... — Soou a campainha da porta, e captou a atenção dos dois. Sammy era o que vigiava a porta, assim depois de uma breve verificação, abriu. Benedict entrou seguido de outros cinco lupi, sua escolta pessoal.

— Cheira bem — disse Benedict olhando ao redor até dar com o Rule — Espero que tenha feito um montão de chili.

Rule avançou para ele.

— Tem para todos. Sabia que vinha um grupo, mas não sabia que você estaria à frente.



— Ordens do *rho*. Quer assegurar-se de que nada saia mal se tivermos que lutar. Deixei Houston responsável pelo Lar do Clã. É competente.

Houston era muito mais que competente segundo os padrões de qualquer um, mas Benedict tinha seu próprio padrão e era um caso à parte.

— Lily... — Benedict se virou, sabendo de que Lily estava as suas costas. E viu todos os humanos da habitação de pé preparados para defender-se. Um deles estava levando a mão à jaqueta para desencapar sua arma — Eh; poderia falar com seus homens, por favor?

— Descansem — disse Lily com dureza — Agora!

E obedeceram. O que colocou a mão em sua arma parecia envergonhado.

Rule sacudiu a cabeça.

— Não me ocorreu. Teria que ter avisado a sua gente.

Lily disse secamente:

— Seu pelotão também não é algo ao que estejamos acostumados.

Dois lupi do grupo, igual a Benedict, levavam várias facas, embainhadas, mas Lily podia entender o que parecia aos humanos... inquietante. Um deles tinha uma metralhadora; e os outros, menos um, levavam automáticas nos coldres à altura da cintura. E é obvio, nenhum deles vestia nada parecido com uma roupa, já que estavam preparados para o combate. O jeans rasgado era o uniforme geral.

— Devin esta com equipe do Pat e Sammy — disse Benedict — Eu gostaria de falar com eles. Nunca trabalharam com meu grupo.

— Acredito — disse Brooks com calma —, que vou ligar para o departamento de polícia local. Os vizinhos do senhor Turner os chamarão alarmados, e não queremos que se excitem muito, não é verdade?

A voz do Crystal chegou da mesa de jantar, cheia de satisfação.

— Encontrei.

Rule se voltou. É obvio, Crystal continuava trabalhando. Rule pensava que se tivesse desatado um tiroteio, Crystal teria se refugiado debaixo da mesa para continuar trabalhando, mas não estava certo.

— O que é que encontrou?

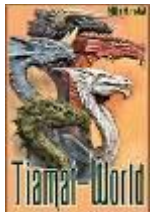
— As propriedades do Harlowe. É o dono de uma pequena porção de terra ao nordeste da cidade. — Elevou o olhar desde seu laptop — E é justamente aonde Walker coloca o mapa de seu amigo.



Há quatorze homens e duas mulheres nesta residência, pensou Lily. Nove deles estavam sentados à mesa tentando elaborar um plano. E não estavam de acordo.

Felizmente, aquilo não era uma democracia.

— Certo — disse Lily ficando de pé. Um após o outro, se calaram — Já examinamos todas as possibilidades, bastante a fundo. Primeiro, eu gosto da ideia de que as forças aéreas sobrevoem a



zona para que possamos saber o que há aí. Faz muitos anos que Walker não esteve ali, e as imagens aéreas que tiramos da Internet são antigas. Temos que saber se Harlowe construiu algum tipo de estrutura.

— Em segundo lugar, não vou mandar um pequeno grupo para reconhecer o terreno. Não sabemos a que distância pode agir o telepata. Embora sejam peritos em avançar e esconder-se no bosque, não poderá defender-se se ele ou ela puder captar seus pensamentos.

Um dos homens do FBI falou:

— E nós vamos entrar...

— Ou nós — disse um lupus moreno cujo nome Lily não podia recordar.

— Se qualquer um de nós vai entrar ali — disse o homem do FBI —, temos que nos assegurar de que Harlowe não esteja em sua propriedade nesse momento.

Lily negou com a cabeça.

— Não sabemos com segurança que Harlowe seja o telepata. Não vou mandar um grupo para que alguém capte seus pensamentos e manipule suas mentes. Ou para que os matem. Vamos fazer isto da maneira mais aborrecida possível: pedindo um mandado de busca. Que executarei... com dois lupi e dois humanos como reforços. — Fez uma pausa — Os lupi irão sobre tudo para captar aromas, de pessoas ou de feitiços. Os humanos irão vigiar os lupi. Se o telepata interferir na mente de algum de nós, espero que um dos outros o detecte ou o cheire.

Benedict, o único naquela mesa que não intervirá na discussão, assentiu ligeiramente.

— Isto não quer dizer que nos esqueçamos do resto da investigação. Ainda continuo querendo mandados de busca para as outras propriedades e para a igreja, mas este lugar tem prioridade. — Olhou para Brooks — O que é que diz seu instinto?

— A sensação de urgência segue presente.

— Certo. Consigam para mim esse mandado de busca, e chamem a quem possa nos conseguir que os aviões sobrevoem essa zona. Peçam rapidez. Se... — Soou o celular de alguém. Lily fez uma pausa e franziu a testa. Como fazia sua mãe...

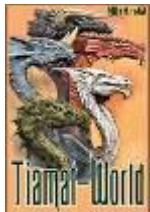
— É o meu — disse Rule enquanto ficava de pé. Afastou-se da mesa para atender a chamada.

Lily continuou:

— Se não conseguir essas fotos aéreas a tempo, seguiremos em frente sem elas. Benedict; vou ter que saber com mais detalhes que coisas podem fazer sua gente, mas por agora, vamos falar das eventualidades. A primeira delas se refere à cadeia de comando. Se eu cair ou me fazem prisioneira, o comando passa para o Brooks, mas ele não estará no campo de ação. Não conheço as capacidades de cada um. Alguma sugestão para o comando no campo de ação?

— Para a luta, a tática e a estratégia — disse Benedict —, eu sou o mais qualificado. Me de um objetivo e o alcançarei. Mas em uma situação caótica em que os objetivos mudam... — Se deteve de repente, e sua cabeça virou para onde estava Rule falando por telefone.

— Sim, sim, estou com ele, mas não Cul... Cullen. Cullen! Maldição! — Rule olhou os outros, com uma expressão tão séria como nunca Lily viu.



Lily sentiu o coração na garganta, pulsando no súbito silêncio.

— O disse? Onde está?

— Diz que os Azá o fizeram prisioneiro porque precisam de um feiticeiro manso e obediente. Conseguiu escapar, mas está ferido gravemente. Não sabe quanto tempo poderá seguir em liberdade. Estão procurando ele. Está escondido em uma cabana nas montanhas. Conheço o lugar.

Lily tragou. As palavras que ia dizer estavam entre as mais difíceis que jamais havia dito.

— Rule, é uma armadilha.

O olhar do Rule era duro como uma pedra.

— Eu sei. Já me avisou, não é verdade? *“Não acredite em nada do que diga. Não venha.”* A cabana está a trinta quilômetros do lugar que marcou no mapa.

Capítulo 27

— A pergunta então é — disse Benedict — a quem mandamos a reunir-se com o Seabourne? Rule não pode ir pelo vínculo com Lily.

A surpresa e a gratidão apareceram no rosto de Rule. Seus olhos procuraram os de seu irmão e simplesmente disse:

— Por quê?

— O *rho* ofereceu a ele refúgio no clã durante uma lua. O prazo ainda não foi cumprido. Não deixamos um dos nossos nas mãos dessas criaturas.

— Pode ser que seu amigo não esteja ali — sugeriu Brooks — Se seu objetivo é te matar ou te capturar, a presença de seu amigo não é necessária.

— Mas algum deles terá que estar ali — disse Lily — Provavelmente será uns quantos. Possivelmente esteja o telepata. — Olhou ao redor — É muito mais fácil apresentar acusações contra alguém que está atirando em nós.

Brooks girou a cabeça para olhá-la.

— Mas também é mais difícil realizar a prisão se estivermos atirando uns nos outros. Não sabemos até onde chega à habilidade de nosso telepata.

— Uma hora teremos que fazer. — Mas Lily estava frustrada. Sacudiu a cabeça — No judô a base é utilizar a força e os movimentos de seu inimigo contra ele. Eles fizeram alguns movimentos que poderíamos voltar contra eles: manipular o Croft e o Karonski, e agora isto. O primeiro nos diz o que são capazes de fazer. O segundo nos diz onde estarão alguns deles em um determinado momento. Temos que encontrar a maneira de utilizar essa informação.

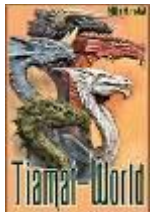
Soou a campainha.

Rule olhou para Sammy, que estava localizado perto da porta onde podia ouvir qualquer movimento no corredor. Tinha no rosto uma expressão graciosa.

— Duas pessoas — disse — Nenhuma delas parecem uma ameaça. E... um gato.

A campainha soou outra vez.

— Quem é? — perguntou Sammy através da porta. Olhou para Lily com uma expressão de



perplexidade — Diz que é sua avó. E que abra a porta imediatamente.

Lily fechou os olhos e massageou as têmporas com ambas as mãos.

— Perfeito. Justo o que precisava esta noite. — Pôs-se a andar para a porta — Deixe-a entrar.

Uma mulher miúda e de idade, vestida com umas calças compridas pretas e uma magnífica jaqueta de cetim com complicados bordados, entrou na residência. Sua pele era de porcelana, pálida, maquiada com pó de arroz e frágil pela idade. Sua postura era perfeita. Seus olhos eram negros e altivos.

Uma mulher ligeiramente mais alta e muito mais simples entrou atrás dela. Levava Harry em seus braços. Que estava grunhindo.

— E bem? — disse a senhora em tom imperativo enquanto olhava ao seu redor — Qual destes é?

Lily chegou até ela.

— Vó, fico feliz de que esteja bem, mas não é um bom momento e... trouxe meu gato?

— Ele queria vir. Aqui há muita gente. Qual deles é seu lobo? — Seu olhar seguiu examinando a cada lupus de um em um até que chegou a Benedict — O grandão? — Um inequívoco olhar feminino de aprovação alagou seus olhos.

— Lamento desapontá-la — disse Rule dando um passo adiante — mas... — Se deteve. Que diabos...

Os olhos escuros com essa forma que recordava tanto aos olhos do Lily riram dele.

— *Mmm*. Não é tão alto como o outro, mas é bonito.

— Vó, este é Rule Turner — disse Lily — Rule, sinto-me honrada de te apresentar a minha avó, senhora Li Lei Yu, e sua acompanhante, Li Qin. Vó não gosto de ser grosseira, mas não posso te dar atenção neste momento.

— Ora. — Olhou a sua acompanhante — Procura um lugar para o Harry. Não se sente à vontade rodeado de tantas pessoas.

— O quarto, acredito — disse Lily capitulando, enquanto assinalava o corredor.

— *Cheira isso?* — perguntou Benedict.

— *Sim, mas o que é?* — Não era humano. Nem se parecia com nada que tivesse cheirado com antecedência.

Os olhos negros e penetrantes se voltaram para ele.

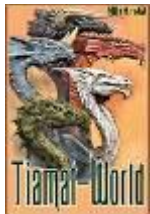
— Você. Deixa de falar de mim. Eu também não gosto de como você cheira, mas eu sou suficientemente educada para não dizer.

Rule abriu a boca pela surpresa.

Isso fez graça à senhora.

— Esta se perguntando o que sou eu, né? Não vou te dizer isso, ainda. Lily. — voltou-se para sua neta — Sou velha e estou exausta de tanto viajar. Não me oferece um lugar para me sentar?

— Vó. — Sua voz era firme — Estamos preparando uma grande operação. Não podemos nos distrair.



Umas sobrancelhas finas se arquearam. A senhora elevou sua mão, e com um dedo terminado em unha vermelha, desenhou no ar a figura de um ovo deitado de lado. E logo fez que uma linha o atravessasse.

— Estão aqui para derrotá-la. Eu também.

A surpresa fez que Rule ficasse quieto uns instantes. Logo, caminhou para ela e a segurou pelo braço. “*Trate ela como à realeza*”, havia dito Lily antes. Agora começava a entender.

— Madame, seja bem-vinda a meu lar. Por favor, se sente. E por favor, seja rápida em expor os assuntos que lhe trazem aqui. A vida de meu amigo está em jogo.

Ela pôs uma mão no braço do Rule, e o estudou com seus olhos perspicazes.

— Se preocupa por ele. Perdoo sua grosseria. Mas muitas; muitas vidas estão em jogo.

Rule escoltou madame Yu até o sofá. Lily os seguiu e se sentou ao lado de sua avó. E a maioria de outros os seguiram também. Brooks colocou sua cadeira perto de Rule.

— Como me encontrou? — perguntou Lily.

— Pergunta tola. Não estava naquele seu pequeno apartamento. Seu lobo está na guia telefônica. E você tem que estar onde ele estiver; assim vim aqui.

— Mas... Você sabe sobre o vínculo?

— Claro que sei. Justamente fui a averiguar coisas sobre isso.

— E Harry? — perguntou Rule fascinado.

— Não gosta de ficar sozinho. Também não gosta de mim, mas todos os gatos se dão bem com Li Qin. Assim o trouxe.

— Sinto muito as imperfeições com sua porta, Lily — disse Li Qin com sua voz suave enquanto voltava para a sala sem Harry — Não acredito que custe muito repará-la. Mas sua avó não tinha a chave.

— Não importa. Vó — a voz do Lily era urgente —, a quem foi a ver?

A senhora baixou o olhar, franzindo o cenho, e alisou uma ruga imaginária em suas calças. Disse algo em chinês para Lily.

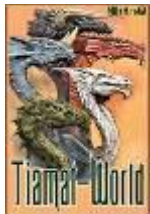
— Você *O Que?* — exclamou Lily e, então, seguiu falando em chinês também. Por uns instantes, as duas mulheres mantiveram uma ágil conversa, bastante musical, e totalmente inteligível para outros. Lily pôs sua mão sobre a de sua avó e perguntou algo. A senhora tocou a mão dela e respondeu com firmeza.

Lily se voltou para outros.

— A minha vó não acredita que todos os presente devam saber com quem falou, mas ele é... ele é alguém cujas palavras devemos aceitar. Ele a enviou a nós com informação e... um presente.

Madame Yu observou o seu público, com a cabeça colocada em uma postura digna da realeza.

— Agora, todos guardarão silêncio. Tenho muito que dizer e temos pouco tempo. Todos conhecem *Ela*, cujo símbolo desenhei no ar. Lutam contra *Ela*, e isso é bom. Mas não sabem que planos tem. Eu sim.



Procurou o olhar de Rule e o manteve uns instantes. Depois, um por um, deteve-se em cada lupus que havia na habitação.

— Conhecem *Ela*. Está em seu sangue e em seus ossos. O que planeja para sua gente é mau, mas seus planos não se acabam aí. Quer vir aqui. Quer cruzar, quer... ora, não conheço as palavras.

— Lançou outra tormenta de palavras em chinês contra Lily.

Lily empalideceu.

— Minha avó diz que se crê que *Ela* não pode entrar neste reino, mas os reinos estão mudando. As coisas nos outros reinos estão mudando, e... — Olhou para sua avó, fez uma pergunta, e logo continuou — E alguns dos que vigiam são muito velhos agora, e estão fracos. Outros estão ocupados. Distraídos por... ela não está certa. Um conflito de algum tipo. Intrigas ou política ou guerra.

Madame Yu retomou seu relato:

— *Ela* faz planos, ainda não pode cruzar. Precisa muito poder. Também precisa que as condições sejam as adequadas. Para estar preparada, reúne seguidores ao seu redor. Eles dão poder para *Ela*. E também abrem... o caminho. No lugar do poder. — Olhou para Lily e pronunciou uma única palavra.

— O nódulo — disse Lily — irão abrir um caminho para *Ela* pelo nódulo?

— Sim. — Assentiu uma vez — Um nódulo. Terá que modificar esse nódulo de algum jeito. — Deu de ombros — Eu não sei como. Eu transmito a vocês informação como me deram. Terá que trocar algo no nódulo. E assim, os humanos daqui poderão abri-lo a outros reinos. Ao *Dis*. — A senhora observou seu público outra vez, e viu que não entenderam nada. Murmurou algo que Rule esteve seguro de que não foi um elogio — Não sabem o que é *Dis*? Também o conhece como Inferno.

Dois ou três exclamaram. A maioria parecia ter dúvidas. Estiveram imersos na história da senhora até então, mas isto era mais do que suas crenças podiam aceitar.

Lily não duvidava, notou Rule. E dentro dele encontrou a absoluta, doentia e tensa certeza de que o que dizia aquela senhora era verdade. Ele acreditou na história. Pela razão que fosse Rule acreditava nessa mulher estranha e imperativa que cheirava como nada do que jamais encontrou antes em sua vida.

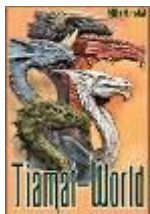
Brooks se inclinou para frente.

— *Madame*. Quer nos fazer acreditar que os Azá estão dispostos a abrir as portas do Inferno, e que têm o poder para fazê-lo?

— Por que não? O *Dis* está perto. Cada dia criam pequenas aberturas aqui e lá. A malha que separa aqui dali não é tão forte. Todo mundo sabe.

— Sim, mas nunca acontece algo grave. Um imbecil no Memphis conseguiu invocar um demônio menor o ano passado, mas... — Brooks negou com a cabeça — Nada como o que você diz. Não houve uma grande incursão do Inferno há mais de quatrocentos anos.

— Quatrocentos anos é muito tempo para ti. Mas não é tanto para outros. As coisas estão mudando. Há outros seres que estão entrando neste reino, não é? Demônios menores e outras



coisas, não é verdade? — A expressão no rosto do Brooks serviu de resposta. Madame Yu assentiu com firmeza — Estão ocorrendo coisas estranhas. E mais começarão a acontecer. Os reinos mudam, não podemos pará-lo. *Ela*, temos que pará-la. Já tem ao seu lado alguém com um forte dom mental, muito forte. É uma mulher e vive embaixo da terra perto do nódulo. É ela a quem terá que deter.

— As cavernas — disse Rule de repente — Às cavernas nas terras do Harlowe. — Definitivamente, precisavam chamar Max.

Uns olhos muito alerta pousaram nele.

— Sabe onde é? Excelente.

— Como? — Lily se inclinou para sua avó, apressando-a — Como a detemos?

Alguns músculos se esticaram no rosto pequeno e majestoso. Pela primeira vez, a senhora retirou o olhar.

— Ele me contou muitas coisas — disse em um sussurro —, mas isso não. Entretanto, deu-me um presente para seu lobo. Um pequeno feitiço. Não deveria ter me dado isso, mas é um intrometido. — Um sorriso tocou seus lábios, o tipo de sorriso que aparece nos lábios de uma mulher quando se lembra de um homem que a satisfaz muito em outro tempo. As sobrancelhas de Rule se arquearam.

— Que tipo de feitiço, vó?

— Proteção... Essa parte eu entendi. Também, um feitiço para encontrar... para encontrar lobos. Isso eu não entendo.

Lily perguntou algo em chinês e a senhora respondeu em chinês, logo colocou a mão em um bolso de sua jaqueta e ao tirá-la abriu diante de Lily. Sobre sua palma descansava o que parecia uma conta de colar ou uma bolinha, de cor cinza perolada, e que brilhava ligeiramente.

Lily a tocou. Surpresa, prazer e um pequeno toque de assombro cruzaram seu rosto.

— Eu o sinto... puro — disse confusa — Forte, fresco, como o vento. — Olhou para Rule — É um bom presente.

— Guarde para ele — Madame Yu dobrou os dedos de Lily ao redor da conta — Quando chegar à hora quebre sobre ele. — A senhora golpeou a palma de uma mão com os dedos da outra — Assim. Dura muitas horas, mas menos de um dia. Não o utilize até que esteja preparado.

Lily observou sua mão fechada.

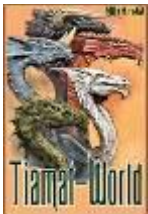
— Não se romperá?

— Tem que estar em contato com a pele de seu lobo. Só funcionará com ele.

Lily guardou o presente no bolso de suas calças.

— Não é um feitiço pequeno.

— Para ele, é pequeno. — A senhora riu, com um som grave e áspero, incongruente tendo em conta que provinha de um corpo tão miúdo — Espera que seja tão pequeno que ninguém o detecte. Poderia te trazer problemas. Mas não pode ou não quer me dizer o que você tem que fazer, só... — Agarrou a mão de Lily entre as suas e a olhou nos olhos — Só contou o que *Ela* tem planejado. E você é parte de seu plano, neta. Você e seu lobo. Precisa muito poder para abrir a



porta. Pode reunir esse poder lentamente, mas *Ela* é mesquinha e quer ele já.

Fez uma pausa.

— Há muito poder em um vínculo como o seu. Poder para seu inimigo. E o quer. A que serve a *Ela* tirará isso de ti e de seu lobo, se puder. Sacrificará vocês para *Ela*.

— Não. — Instintivamente, Rule se colocou junto a Lily, que permanecia quieta e calada. Muito calada. Ele tocou seu braço para tranquilizar tanto a si mesmo como ela — Isso não vai acontecer.

Madame Yu disse com amargura:

— Está bem que pense assim, mas a que serve a *Ela* já tem muito poder. Como a deterá?

Lily pronunciou três palavras.

— Não o faremos.



Era uma noite de lua nova. Entretanto, a escuridão não era total. A estrada em frente a eles estava iluminada pelas luzes do carro, e as estrelas brilhavam sobre suas cabeças.

Estavam nos arredores da cidade. E logo chegariam.

Lily esperava que Rule resistisse, e o fez. Além disso, do perigo, ele sabia o que significava para Lily se fosse presa ou capturada. Mas, além disso, estava pedindo a ele que se arriscasse também. Se ela podia enfrentar à possibilidade de que a capturassem outra vez, ele bem podia aceitar o perigo em que estaria Lily. As apostas estavam muito altas. Não podiam evitar ter medo um pelo outro.

Brooks teria sido mais que um problema, já que poderia ter recuperado o comando se quisesse. No final, não o fez, e isso merecia que tivessem um grande respeito por ele. Depois de tudo, ele não conhecia a sua avó ou a quem facilitou à informação e esse “*pequeno feitiço*”.

Entretanto, conseguira um incondicional e inesperado apoio das duas quartas partes dos presente que sustentavam o poder de decidir: Benedict, que havia dito a Rule que o plano era taticamente excelente. E a sua vó.

Os olhos da senhora brilharam com uma aprovação que Lily não estava acostumada. E lhe dera tapinhas na mão.

— Muito boa ideia. Eles acreditarão que podem te engolir, e você os fará engasgar-se. Ah. Bem, muito bem. E eu — anunciou — irei depois de vocês. Desta vez saberei onde está. O feitiço que te dei está vinculado comigo.

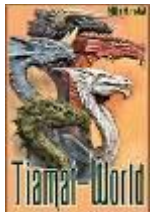
Não era necessário dizer que ninguém na sala entendeu esse último. Um pobre infeliz sorriu. Lily deixou à sua avó colocando os outros em dia. Havia pouco tempo.

— Com quem falou sua avó? — perguntou Rule.

Lily o olhou. Rule ficou calado a maior parte da viagem, mas estava conduzindo com uma mão e com a outra segurava a mão de Lily.

— Estava pensando quando ia me perguntar isso.

— Me permite saber?



— Eu acredito que sim, já que ela... Maldita seja, há muitas mulheres anônimas neste caso. A telepata não poderá ler sua mente. A, eh, pessoa com a que falou minha avó aparece em muitas histórias. Alguns dos nativos americanos o conhecem como *Corvo*.

A respiração de Rule se cortou.

— Outro antigo. Ou Deus.

— Bom, sim.

Rule diminuiu e entrou em uma estrada de terra. A cabana deveria estar a nove quilômetros dali. O estômago de Lily a fazia sentir-se enjoada pelo medo. Uma coisa era decidir que, logicamente, a melhor maneira de ter êxito era usar o movimento de seu inimigo contra ele. Outra coisa era ir para uma armadilha. Se deixar capturar.

E Rule. Também o capturariam. Lily esperava que ele não pudesse perceber o quão assustada estava.

— Lily — disse ele — como é que sua avó conhece Corvo?

— Não sei. Não faço perguntas como essa a minha avó. Disse que devia um favor a ela.

— Pois deve ser um favor bem grande — foi tudo o que disse Rule. E uns minutos depois — Já chegamos. A cabana está depois dessa curva. — Rule deteve o carro.

Precisava jogar bem suas cartas. A não ser que os Azá fossem idiotas, esperariam que Rule estivesse alerta, preparado para enfrentar uma possível armadilha. Fariam os últimos metros a pé.

Dois pés para Lily. Quatro para o Rule, porque assim é como agia quando estava tentando evitar uma armadilha em lugar de desejar que esta se fechasse sobre ele.

Lily abriu a porta. Rule desligou as luzes do interior do carro, assim que nenhuma luz a denunciou quando saiu. Deixou a porta aberta. Não havia nenhum sentido anunciar sua chegada.

O ar era seco e fresco, e não se movia nenhuma folha. Os matagais cobriam a colina a sua direita; a terra estava seca e estava dura sob seus pés. Estava muito escuro, a forma da colina e as árvores dispersadas ocultavam a luz das estrelas. De forma mecânica comprovou que a SIG Sauer⁴⁶ estava em seu lugar, no coldre. E depois comprovou sua trança. A pequena faca que escondeu ali estava em seu lugar.

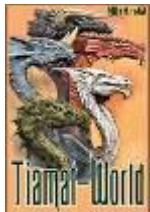
Lily se negou taxativamente a trazer mais alguém. Os Azá queriam, ela e Rule vivos e relativamente intactos. O natural era que qualquer outro acabasse assassinado imediatamente. Além disso, mais tarde iriam precisar de todos.

Seu plano se articulava sobre dois pontos. Primeiro, o feitiço. Este permitiria aos outros lhes encontrarem estivessem onde estivessem, e deveria entorpecer qualquer plano que tivessem Harlowe e companhia. Eles esperavam que seu telepata pudesse controlar Rule. Segundo, ela e Rule deveriam estar acordados para o sacrifício. Se as vítimas estavam inconscientes não podiam transmitir todo o poder que desejava a Deusa.

Lily era rápida. Muito mais rápida do que eles estariam esperando.

E era muito complicado controlar um homem lobo consciente e decidido.

⁴⁶ Arma de fogo.



Rule rodeou o carro para reunir-se com Lily, tão em silêncio que ela não pôde o ouvir chegar. Colocou as calças que outros lupi usavam para o combate; sua pele era tão pálida que Lily podia o ver na escuridão.

Colocou a mão ao bolso, tirou a conta que continha o feitiço e voltou a sentir o golpe de assombro e prazer, como se estivesse sustentando o vento com as mãos. Depois o estrelou contra o peito do Rule, e o vento se mesclou com ele. Durante um momento, Lily deixou sua mão sobre o peito dele, sentindo o batimento de seu coração. E sentiu sua boca seca.

Rule pôs sua mão sobre a dela, inclinou-se e a beijou. E com a boca perto da de Lily, sussurrou:

- Não aceitei seu plano porque está no comando.
- Não? — murmurou Lily.
- Aceitei porque tem razão. É nossa melhor chance para deter eles.

Um súbito sentimento por ele fez que Lily se sentisse enjoada. Havia gratidão, sim, uma imensa gratidão pela maneira em que ele estava tentando aliviar o peso que levava sobre seus ombros. Mas havia muito mais. Muito mais do que podia expressar com palavras, muito mais para o que não tinham tempo nesses instantes.

Lily segurou sua cabeça com as duas mãos e o puxou para baixo, e em vez de beijar Rule pôs sua bochecha contra a dele. Depois, com o coração pulsando como louco, separou-se dele e deu um passo atrás.

E viu como Rule trocava.

Foi como se a realidade em si mesmo piscasse, e o tempo se dobrasse sobre si mesmo como uma tira de Möbius⁴⁷ em movimento acelerado. Era impossível não ficar olhando. Era impossível descrever o que Lily viu na escuridão: um ombro, peludo? Ou estava nu? Um focinho no que também era reconhecível rosto do Rule, e um montão de magia expandindo-se, encolhendo-se, deslocando a realidade e cobrindo-a totalmente.

E, de repente, havia um lobo ao lado de Lily. Um lobo extremamente grande. A cabeça chegava quase até seus peitos. Uma emoção inato a atravessou, não era tanto o medo como o reconhecimento visceral do poder. Pôs sua mão no lombo do lobo. *Assim é como se sente a pelagem do Rule...*

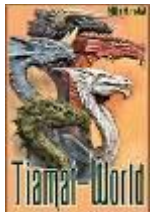
E se maravilhou ao percebê-lo tanto como quando havia tocado o feitiço de Corvo.

Juntos caminharam para frente.

Assim era como Rule não estava cumprindo o programa que teria seguido se tivesse a intenção de evitar uma armadilha. Normalmente, teria seguido avançando, seguindo os aromas e escutando para captar a presença de algum atacante. Mas não quis separar-se de Lily. Capturariam os dois juntos.

Lily não podia ouvir Rule se mover; e seus próprios pés avançavam silenciosos nessa terra seca. Seguiram a estrada, mas se mantiveram escondidos a um lado enquanto faziam a curva.

⁴⁷ Deu origem a um ramo inteiramente novo da Matemática, a Topologia, o estudo das propriedades de uma superfície que permanecem invariantes quando sofre uma deformação contínua. A tira de Möbius é uma superfície que tem um só lado.



Justo em frente havia uma sombra mais escura que indicava a presença da cabana. Parecia totalmente deserta, como toda aquela área.

Uma cabeça grande e peluda fez pressão contra suas pernas, e a fez deter-se. Lily olhou para baixo. Rule indicou a área a sua esquerda com a cabeça.

— *Estão nas árvores?*

Rule assentiu.

Certo. Seguiriam em frente como se não soubessem de nada. Lily preparou sua arma e assentiu.

Havia árvores para esconder-se durante todo o caminho até a cabana. Era o lugar ideal que poderiam ter escolhido aqueles que não desejavam ser vistos. Lily avançou de sombra em sombra, agachando-se atrás de um matagal, ou atrás de um barril oxidado. Embora se movesse tão rápido como podia, não era tão silenciosa como Rule. Rule era uma sombra, escuridão envolvida em escuridão.

Estavam tão perto como podiam estar sem entrar na cabana. Lily estava apoiada sobre um joelho, escondida atrás de um mato alto, com a arma apontando para o chão. Rule estava ao seu lado. Se não fosse pelo vínculo que os unia, Lily não poderia saber que ele estava ali.

Rule a tocou no ombro com seu nariz. O coração do Lily pulsava com força, tanto pela adrenalina como pelo medo. Esperava, ansiava uma briga. Mas não foram até ali para isso. Lily assentiu. Rule se moveu, arrastando-se, para a escuridão que cobria o oco onde deveria estar à porta; logo, levantou-se, e olhou por cima de seu ombro.

Lily viu nele um olhar que insistiu para ele avançar. Umedeceu os lábios, levantou-se, e seguiu Rule. Não havia porta, embora Lily tivesse que estender a mão para comprovar. O interior estava completamente às escuras. Rule avançou, desaparecendo nessa escuridão.

Durante um segundo, Lily vacilou. *Não é pior que abrir boca quando o dentista está ali de pé com uma broca na mão*, disse a si mesma. *É obvio que vai doer. E o que?*

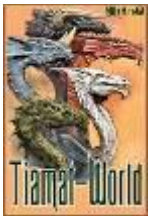
Mediu o caminho com um pé e encontrou o lugar no que terminava o atalho de terra e começava o chão da cabana. Entrou.

Ninguém a golpeou na cabeça. Não podia ouvir ou ver Rule, mas o sentia perto. Com cautela avançou um pouco mais se perguntando se seria prudente arriscar-se a acender uma luz. Qual era o perigo, de toda a maneira? Acreditava-se que eles deveriam...

Houve um assobio à sua esquerda que fez que Lily se virasse para ali, só que sua cabeça seguiu girando e girando. E sua cabeça dava voltas e voltas até que a consciência a abandonou e a escuridão a devorou por completo.

Capítulo 28

Lily despertou lentamente. Sentia a boca pastosa e sua cabeça palpitava. Estava caída sobre algo duro. E estava com frio. Abriu os olhos de par em par. Um teto cinza... de rocha. Rocha em cima, rocha debaixo. Estava...



Rule! Onde estava?

Moveu muito rápido a sua cabeça. Sentiu náuseas e sua garganta ardeu. Engoliu e fechou os olhos de novo.

— Logo passará — disse uma voz de tenor alegremente — Os humanos não reagem tão mal como os lupi. Rule ainda demorará um momento para recuperar-se.

— Jogou gás em nós. — A náusea começava a desaparecer, mas seguia doendo sua cabeça.

— Um derivado do fentanil⁴⁸. Primitivo mas eficaz. Minha sugestão. Pensei que causaria menos danos que um golpe na cabeça se fossem tão estúpidos para vir ao nosso pequeno encontro.

Lily voltou à cabeça lentamente. E ficou olhando.

— Cullen Seabourne?

— Em carne e osso.

O belo rosto estava destroçado. Pele cicatrizada cobria o oco dos globos oculares. A pele estava retalhada e suja, o sangue seco proveniente das terríveis feridas desapareceu em algumas partes, mas ainda permanecia em outras. A barba crescera bastante. Não usava camiseta, e seus jeans estavam rígidos pelo sangue seco.

— Você está um desastre.

— Uma visão para assustar as criancinhas, eu tenho certeza. Coça uma barbaridade.

Era um lupus, lembrou a si mesma. Poderia curar suas feridas... Se é que sobrevivessem a aquilo.

A boca seguia pastosa. Mas quando sentiu que sua cabeça voltava para seu lugar, estendeu sua mão para esquerda e bateu no braço de Rule. Sua pele estava quente e era reconfortante. Voltou para sua forma humana quando o gás o deixara fora de combate.

Sentindo-se mais estável, Lily decidiu tentar se sentar.

Não desmaiou. Mas teve que respirar fundo umas quantas vezes.

Rule estava deitado junto a ela, com os olhos fechados. Que estivesse nu não era uma surpresa, já que estava avisada de que a roupa não estava acostumada sobreviver à mudança. Colocaram algemas nele, mas o mais provável é que arrebatassem se ele voltava a trocar.

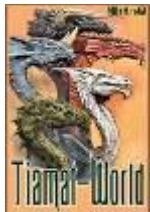
A respiração de Rule era tranquilizadamente regular. Pôs sua mão sobre o ombro dele e se deu conta de que tinha o braço nu. Olhou para baixo. Vestia uma simples camisola de algodão branco, e nada mais. Maldita seja, haviam... Tocou seu cabelo e se deu conta de que lhe soltaram a trança. A faca desapareceu.

Não eram boas notícias. Em vez de sentir pânico, sentiu que um nó de raiva, frio e duro, começava a formar-se em seu interior.

— Quanto tempo estive inconsciente?

— A gente perde a noção do tempo aqui dentro, mas suponho que os trouxeram faz trinta minutos, mais ou menos.

⁴⁸ É um tipo de analgésico usado também como anestésico. Tem ação semelhante à morfina.



Trinta minutos. Não era muito, dependendo do que tivessem demorado em trazê-los para este lugar. Os outros precisavam de tempo para colocar-se em suas posições.

— Me diga que aspecto tem este lugar? — disse Cullen — Adivinhei algumas coisas, já que me deixaram sair de vez em quando para fazer truques ou para tomar chá com nossos anfitriões; mas os olhos captam melhor os detalhes que os ouvidos.

— Estamos em uma jaula de vidro. Parece um vidro muito grosso. E estamos em um buraco, ou uma caverna.

— Tudo isso já sei. — Cullen estava impaciente — Se limite aos detalhes.

O coração de Lily pulsava com força, mas parecia estável. Estava presa, sim, mas tinha frio, e não estava suando. Podia ver o exterior.

— Estamos no final de uma caverna larga e estreita, possivelmente tenha uns vinte metros de lado a lado. Nesta parte o teto está a três metros, e é de pedra cinza bastante desigual. No outro extremo está mais alto. Não posso ver muito daqui, a luz não chega até ali acima. Vejo duas saídas, mas poderia haver mais. As paredes não são simétricas, e as sombras impedem que veja algo mais.

— Como está iluminado?

— Há cabos pelas paredes.

— Alguém nos vigia?

Deus. Não podia saber, não é verdade? O cegaram e o prenderam em uma jaula de vidro... Teriam feito isso se tivessem conseguido dominar sua mente?

— Há um guarda a um metro e meio da parede, vigiando a parte central da caverna. Um cara grande, um e oitenta, possivelmente noventa quilos. Nos vigia, mas não coloca muita atenção. Parece aborrecido. Tem um rifle, parece um M-16, e... leva algo no quadril, mas não posso ver daqui.

— Está vestido como com um pijama negro?

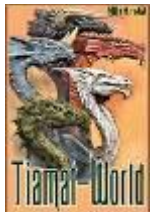
— Algo assim, sim. — Entreabriu os olhos tentando ver melhor e captar os detalhes. Mas não havia luz suficiente — Por quê?

— Perguntava-me se ficavam disfarçados todo o tempo.

— Há outras três pessoas no outro lado da caverna que usam túnicas. Túnicas brancas. Eh... Estão limpando uma grande laje de pedra. Possivelmente um altar. — Não podia fazer hipóteses sobre Cullen. Possivelmente os feiticeiros fossem mais difíceis de controlar que as pessoas normais, e utilizaram a dor para debilitá-lo.

— Estão se preparando para o espetáculo desta noite, não é assim? — Suspirou — Não falo porque não aprecie a companhia, querida, mas me decepcionou bastante ver como colocavam vocês dois aqui comigo. Parece que nós temos o mesmo status, não é? E trabalhei tão duro para convencê-los de que estava disposto a vender meus amigos, minha família, a quem fosse. Acreditava que havia conseguido. — Fez uma pausa — Quase fazem que alguém duvide de sua sinceridade.

Lily o observou, franzindo o cenho.



— Que demônios você está fazendo?

Cullen estava sentado com as pernas cruzadas, dando as costas ao resto da caverna, e as mãos ocupadas com... nada. Sorria. Era uma estranha visão nesse rosto devastado.

— Tecendo. Ajuda ter um hobby. Você gostaria de conhecer meu amigo imaginário?

— Não, obrigada. — Só havia uma maneira de estar segura. Inclinou-se para ele e pôs sua mão no braço de Cullen.

— Vamos querida. — Seu sorriso ficou sugestivo, e era simplesmente grotesco — Não é que eu não goste de ter um pouco de público, mas realmente acredita que é o momento adequado?

Lily retirou sua mão. O sentimento de magia foi forte e estranho, lupus, mas misturado com algo mais. Não percebeu nada mal. Estava limpo.

— É um incômodo, mas não está enfeitado.

— Ah. — Cullen ainda tinha suas sobancelhas, embora os cabelos estivessem sujos e dispersos pelo sangue seco. Arqueou-as — Está pó dentro dos hábitos da Helen? Interessante. Não, estou protegido, e isso é para ela muito, mas muito frustrante.

— Quem é Helen? A telepata?

Cullen continuou tecendo o ar.

— É o único nome que eu chamo ela. Eles a chamam *Madonna*, e não por causa da estrela pop, o que teria incomodado muito a... ah, está despertando. Bom.

Como podia saber Cullen se não possuía olhos? Mas tinha razão. Lily se virou e viu que Rule abriu os olhos.

— Descanse uns minutos antes de tentar te mover — disse Lily suavemente — Cullen diz que o gás afeta mais os lupi que os humanos. — Mecanicamente, Lily pôs sua mão sobre o ombro de Rule. E ficou gelada.

Rule fez um gesto de mal-estar.

— Sinto a boca como se tivesse comido lixo... O que aconteceu?

— O feitiço. Desapareceu.

Rule não disse nada durante um longo instante.

— Está segura?

— Sim. — Deveria ter notado em seguida, na primeira vez que o havia tocado. Mas não esteve concentrada nisso, a necessidade de tocar Rule foi muito forte. *Merda, merda, merda...*

— Que feitiço? — perguntou Cullen desconfiado.

Os olhos do Rule fixaram-se nos de Lily, inquisitivos.

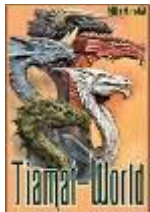
— Está limpo — disse ela — mas...

— Se estiver limpo podemos confiar nele. — Fazendo gestos de dor virou sobre si mesmo e ficou de pé. Seus olhos aumentaram quando viu Cullen.

— Mãe de Deus. Fizeram um bom trabalho, não é?

Cullen falou sem elevar o olhar de suas ocupadas mãos.

— Não importa isso agora. O que está fazendo aqui? Gastei um montão de tempo e energia te fazendo chegar essa mensagem, maldito seja.



— Acreditava que estávamos aqui para derrotar os bandidos e te resgatar — disse Rule em um tom seco — Mas meu amparo falhou.

Cullen riu sarcástico.

— Não, não falhou.

Lily sacudiu a cabeça impaciente.

— Desapareceu. Sou uma sensitiva. Posso perceber essas coisas.

— E estou feliz por ti, pode ter certeza, mas se Rule não estivesse protegido cheiraria a esse bastão que Helen leva. E não cheira.

— Sei que o feitiço não está aí. Não poderia me enganar sobre isso.

— Tinha um feitiço de amparo, é isso? — Cullen elevou o olhar brevemente — Tem razão. Não vejo nada parecido. Mas estão acontecendo coisas assustadoras com a energia que há entre vocês dois

— OH... Pode ver?

— Não posso ver o rosto, querida, mas posso ver suas cores.

— Ao que parece, o que vê é nosso vínculo — disse Rule — Mas isso não me concede nenhum tipo de amparo.

— Bom, pois algo está fazendo. — Cullen voltou a tecer, franzindo a testa — O que não deveria ser possível, mas ultimamente estão acontecendo coisas muito estranhas, não é verdade?

Isso é o que havia dito a sua avó.

— E o que? O que é que pode fazer o vínculo?

— Posso supor que Rule está absorvendo parte de sua imunidade para a magia. A parte ruim é que o feitiço de amparo não ia durar muito. Mas o amparo que tomou emprestado parece ser o que evitou que Helen manipule sua mente. Assim se equilibrou.

— Não totalmente — disse Rule — Acreditava que o feitiço trariam os outros até nós.

— A outros?

— Max, alguns federais, Benedict e seu esquadrão.

Cullen suspirou.

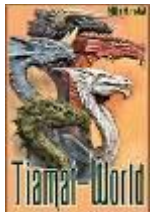
— O que eu daria para ver Benedict vir uivando ao nosso resgate, se pudesse ver algo, claro. Mas parece que vamos ter que nos arranjar sozinhos.

Lily pensou amargamente que deveria estar aterrorizada. Mas a raiva seguia crescendo em seu interior, invadindo seu peito. Era fria, gelada, e tranquilizadora em vez de irritante. Agradeceu a ela. *Não vou deixar que o façam. Não deixarei que me façam mal. Sou grande agora, mais forte. Posso lutar.*

Rule se aproximou dela, de modo que seus quadris e braços se encontraram. Inclinou sua cabeça.

— Está bem?

— Sim. — A raiva era melhor que o medo. Lily aproximou sua cabeça da dele e aspirou seu aroma. O luxo do aroma entrou nela e se mesclou com a raiva — Parece que dependemos de seus dentes e meus reflexos.



O sorriso do Rule foi rápido, e o brilho em seus olhos deu a ele um ar animal.

— Minhas presas estão afiadas.

— E eu tenho os reflexos de minha avó.

— Por fim! — exclamou Cullen, sua voz irradiando satisfação — Esse era o último. Vamos ver como ele funciona.

Lily se voltou para olhar Cullen.

Estava aproximando sua mão ao chão, com a palma para baixo, a cabeça inclinada como se estivesse totalmente concentrado em sua mão. Quando a mão tocou o chão, Cullen esperou uns segundos, logo exalou com energia.

— Não explodiu. Isso é bom sinal, acredito.

Lily estava começando a pensar que possivelmente não tivessem manipulado a mente de Cullen, mas também não estava muito bem aparafusada.

— *Esse guarda pode nos ouvir?* — perguntou Rule.

— Não acredito, se não elevarmos muito a voz — disse Lily, e depois acrescentou —: O que? — Quando viu as caras de Rule e Cullen, com a mesma expressão assombrada.

— Falou com o pensamento.

— Subvocalizando, você quer dizer? Não é possível. Eu não posso ouvi-lo.

— *Pode ouvir isto?* — perguntou Cullen.

Seus lábios não se moveram. Com os olhos totalmente abertos, Lily assentiu.

— Sim.

— Então eu diria que o vínculo tem algo haver com isso. Fascinante. Mas não temos tempo para nos divertir com seu novo truque. Há algumas coisas que têm que saber. Primeiro... — Olhou para Rule, e sua voz soou séria pela primeira vez — Sinto muito, Rule. Mick está com eles.

Rule empalideceu. Depois de uns instantes, disse:

— Está certo?

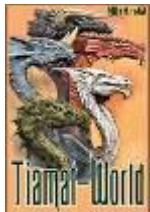
Cullen assentiu com uma expressão de pena.

— Veio até aqui para trocar gentilezas comigo. Eh... O problema em que se encontram agora foi, em sua maior parte, ideia dele. Com um pouco de colaboração de Sua Santidade a Maldade, está claro. Acontece que *Ela* tem essa abominação de bastão que irradia poder por toda parte. Com ele pode implantar pensamentos, não só os ler. Não é como o controle mental, mas se parece bastante.

Capturaram o irmão do Rule. *Seu irmão*. Transformando ele em um traidor voltando sua mente contra ele. As mãos de Lily se converteram em punhos.

— Já vimos o que podem fazer, com os dois agentes do FBI.

— Fazem uma ideia, então — disse Cullen — Pelo que sei, *Ela* se dedica a procurar pensamentos que vão à direção que a interessa, logo os manipula e os distorce até conseguir o resultado que busca. — Seus olhos se detiveram em Rule brevemente, e retirou o olhar — Com o Mick, a maneira em que o manipularam..., eh... acredita que salvará os Nokolai se Isen e você morrem.



Os olhos do Rule estavam cheios de ódio.

— Os matarei pelo que fizeram a ele.

— Pois terá que te esforçar a fundo, são muitos — disse Cullen com amargura — As boas notícias são que esses Azá não sabem uma merda sobre feitiçaria. Estive fazendo uma magia, e... — Se deteve e virou à cabeça.

Lily também ouviu. Cânticos. A que distância? Não podia emitir nenhuma palavra.

— Posso fazer que voem pelos ares — continuou Cullen rapidamente — A jaula de vidro, quero dizer. Tenho o controle do ralo de energia que há debaixo da rocha. Pelo menos, acredito que tenho. Meu plano era esperar a que Sua Santidade aparecesse por aqui, e quando estivesse perto... Buum! — Seu rosto desfigurado brilhou de alegria por uns instantes. Logo, deu de ombros — Embora não goste de fazer Buum estando junto na jaula. Assim que a pergunta é, deixamos nos levar pela glória e nos convertemos em mártires todos juntos? Ou tentamos outra coisa quando vierem até nós? O que, imagino — acrescentou — que estão a ponto de fazer.

Os cânticos se aproximavam. Lily podia distinguir palavras, mas não eram em nenhum idioma que ela conhecesse.

— Uma explosão. — Lily umedeceu os lábios — Sim. Seria uma boa distração.

— Se pudesse fazê-lo à distância — disse Rule — Pode?

— Provavelmente... sim. Poderia levar isto... — Pôs uma mão sobre a rocha — Preciso uma parte. Que sirva como fusível.

Lily olhou para Rule.

— Se Benedict e outros estão perto, poderão ouvi-la.

— Mas possivelmente não estejam por perto. Cullen e eu teremos que nos encarregar de todos eles enquanto você tira o bastão *Dela*.

— O que significa que antes de agir, temos que estar fora da jaula, mas perto *Dela*.

— Não acredito que isso seja um problema. — A alegria do Cullen beirava ao maníaco — Nos dirigirá como um rebanho com esse bastão. Entretanto, deveriam saber que...

— Já estão aqui — disse Lily quando as primeiras figuras encapuzadas apareceram de um dos extremos da caverna. As túnicas eram brancas. E levavam velas. Sim, quis dizer ao Cullen, usavam disfarces...

— O bastão — disse Cullen rapidamente — Pode nos paralisar com ele. A dor é incrível. Não sei o quão perto tem que estar para poder utilizá-lo.

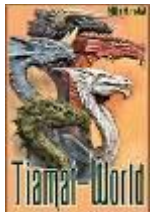
— Não pode paralisar a mim — disse Lily — E se Rule compartilha minha imunidade...

— Possivelmente a compartilhe, ou possivelmente esteja dividida entre os dois e só seja a metade de eficaz. — Cullen fez um gesto de desgosto — Estaria bem fazer algumas prova, mas...

Os caras das túnicas brancas deram passo para um grupo que se vestia de preto ao estilo ninja, como o guarda enorme que vigiava a jaula.

—... não temos tempo, verdade?

Os das túnicas brancas se dirigiram ao outro extremo da caverna, sem interromper seus cânticos.



— Há doze guardas, e os das túnicas são o dobro — disse Lily rapidamente — Os guardas estão armados, rifles e armas de mão. Todos são homens, acredito. Também há uma mulher vestida de branco.

— Que vem para cá — acrescentou Rule.

— Sua Santidade. Deus; estou impaciente. Se a *Dama* for misericordiosa, esta noite fincarei minhas presas em seu pescoço.

— Se fosse possível, eu gostaria de fazer alguma prisão. — Mas as palavras de Lily eram tanto para ela como para ele, porque com a raiva que bulia em seu interior entendia Cullen perfeitamente. Estava de acordo com ele.

Cullen torceu os lábios em um sorriso sinistro.

— Se quer, pode prender o que reste dela.

Os guardas estavam formando duas filas, deixando um corredor central para a mulher.

— Se tiver o suficiente de bom censo — reprovou Rule — me ajudará a reter os outros para que Lily possa abordar a Helen.

— Afasta esse maldito bastão dela — disse Cullen com voz grave e feroz — Afasta-o e eu me encarrego de queimá-lo. Tem que queimar.

Uma voz aguda e arrepiante disse:

— Abram.

Já estavam ali.

A mulher era miúda. Seu corpo estava oculto por uma ampla túnica branca; e a mão que segurava o bastão, grande e de madeira, parecia quase infantil. Sua testa alta e arredondada, uma pele muito pálida e um queixo pequeno. Parecia ter uns cinquenta anos.

Lily sentiu que seus lábios se torciam até formar um grunhido mudo. Esta era a que, mediante um intermediário, matou Carlos Fontes. A que reduziu Therese a uma poça de sangue. A que corrompeu o irmão de Rule. A que planejava matar Rule para alimentar a sua Deusa com sua morte e o vínculo que o unia a Lily.

O guarda corpulento abriu a porta.

— Madonna. — Cullen estava de pé, sorrindo — Que surpresa te ver por aqui. Convidaria a entrar, mas minhas habitações estão um pouco lotadas ultimamente.

— Vou remediar isso em seguida, Cullen. Primeiro a mulher — disse ao guarda.

Lily esperava que não tivessem muito interesse nela: era pequena, era mulher e nem sequer se incomodaram em prender suas mãos. Mas o canhão da arma em suas costas disse que esperasse. Que esperasse um pouco mais.

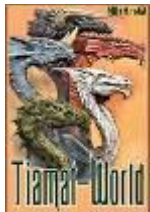
Em vez disso, olhou nos olhos de sua inimiga e disse:

— Está presa.

A frase provocou uma só gargalhada infantil. E o gesto de diversão seguiu nas comissuras de seus pálidos lábios durante um tempo mais.

— De que me acusa?

— Assassinato por meios mágicos. Conspiração para cometer assassinato por meios



mágicos.

— Acredito que terá algum pequeno problema para ir a este caso a julgamento, detetive. Não acredito que permitam que pessoas mortas deponham. — Olhou ao guarda que estava atrás de Lily. Que segurava a arma contra suas costas — Utiliza a faca... em seu rosto, é melhor.

Lily sentiu a lamina plana de uma faca contra sua bochecha.

— Você vai se comportar, não vai senhor Turner? — disse com essa voz aguda e doce — Ou meu guarda vai tirar os olhos de sua escolhida. Prefiro que siga ilesa, mas não é estritamente necessário.

Os lábios de Rule estavam brancos. Seus olhos eram dois poços negros. Completamente negros.

— Incline a cabeça e permita que meu homem coloque a coleira.

Rule obedeceu. Um dos guardas pôs uma coleira grossa ao redor do pescoço de Rule, logo deu um passo atrás e puxou ela.

— Vamos.

Rule saiu da jaula de vidro com três rifles apontando para ele. O colocaram ao lado de Lily.

— Agora, Cullen, saia.

— Acredito que prefiro ficar aqui — disse amigavelmente.

A mulher negou com a cabeça.

— Se tiver que te castigar por que meus homens tiveram que te tirar daí, não serei muito amável.

Cullen soltou um grande suspiro.

— Persuasiva como sempre.

Os guardas deixaram cair uns grilhões no interior da jaula. Cullen os recolheu e os pôs. Caminhou até a soleira da porta da jaula, inclinou sua cabeça e se deixou colocar uma coleira como a do Rule.

Começaram a caminhar para a caverna, com a Helen fechando o desfile. *Espera*, disse Lily. Aquela cadela era a sacerdotisa ou um pouco parecido. Teria que ser parte da cerimônia. Teria que aproximar-se deles.

— *O quanto temos que nos afastar para estar a salvo da explosão?* — perguntou Rule.

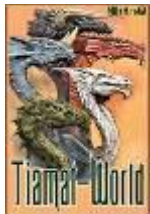
— *Quanto mais longe, melhor, provavelmente* — respondeu Cullen.

— *Provavelmente?*

— *Acredita que fiz isto antes?*

Os das túnicas brancas estavam de pé formando filas em forma de curva ao redor de um altar de pedra. Deixaram um grande corredor no meio. Ainda seguiam entoando seus cânticos quando Lily, Rule, Cullen e os guardas foram em procissão pelo corredor como em um casamento macabro. Repetiam a mesma estrofe uma e outra vez.

Havia um homem perto do altar que dirigia os cânticos. Não colocou o capuz. Era um homem mais velho com um rosto agradável, mas medíocre. O tipo de cara que se esquece dois minutos após conhecer.



— *Esse é Harlowe?* — perguntou Lily, surpresa.

— *Sim* — foi a resposta do Cullen — *É um bastardo escorregadio. Não é um verdadeiro crente, como Helen, mas está atraído pelo poder. Agora mesmo não está muito contente com ela. Helen está pressionando a seus seguidores muito mais do que ele gostaria.*

Lily assentiu. Sua boca estava muito seca para cuspir. Entretanto, sua mente estava clara e o pulso seguia estável. Sua raiva se voltou fria e adquiriu força. *Desta vez não. Desta vez não vai matar a ninguém de quem gosto enquanto eu olho. Desta vez não.*

O cântico parou.

— Os coloquem diante do seu altar — disse essa voz infantil.

Lily chegou primeiro e virou a cabeça para olhar o mar de figuras anônimas cobertas de túnicas brancas. As velas que seguravam jogavam sombras dançantes.

Rule se deteve.

— Mick — disse. Sua voz soou rouca. Estava olhando a um dos que usavam túnicas brancas. Um dos guardas o golpeou nos rins com a parte de trás do rifle.

— Não pare.

A figura envolvida na túnica branca se agitou ligeiramente.

— Mick — disse Rule com urgência — não se preocupe por mim. Mas vai deixar que sacrifiquem a minha escolhida?

A figura falou, com uma voz grave, como se as palavras saíssem de sua boca contra sua vontade.

— Sua... escolhida?

— Está mentindo, Mick — disse Helen — Aqui não há nenhuma escolhida. Só uma das putas de seu irmão.

— Sou a escolhida de Rule — disse Lily rapidamente — Por isso nos quer. Pelo vínculo. *Ela...* — O golpe que recebeu de seu guarda foi muito rápido e não pôde evitá-lo. Uma bofetada com a mão aberta em um lado da cabeça que a mandou ao chão.

— Rule. — A voz de Mick se tornou clara e urgente — Por sua honra. Ela é sua escolhida?

— Sim.

Mick se agitou.

— Isto não está certo. Não está certo. Não pode...

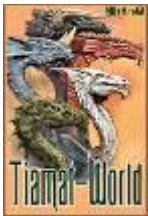
— Mick. — Helen se aproximou dele — Estão mentindo. Sabe que estão mentindo. — Elevou seu bastão.

— Não! — gritou Rule.

E o outro extremo da caverna explodiu com uma luz quente e cegante.

Lily caiu no chão, e rodou rapidamente para afastar do alcance dos guardas. Sentiu trocar Rule quando a caverna explodiu de novo, acompanhada de gritos e disparos desta vez, e rodou, ficou de cócoras e apontou para a figura coberta de branco que tinha intenção de atacar Rule com o bastão. Lançou-se contra ela.

Chocou-se contra Helen fazendo que esta caísse ao chão. A mulher aterrissou brigando,



batendo em Lily com o bastão, gritando:

— Maldita seja, maldita seja, você, *morra!*

Lily logo que sentiu os golpes. Pegou a cabeça da Helen nas mãos e a golpeou contra o chão de pedra. Uma vez. E outra. Sim, *arrebente a cabeça, sim, não tocará em Rule, não lhe fará mal.* Sentiu que Helen já não oferecia resistência, que não se movia.

Algo bateu em seu ombro. Lily sentiu o golpe; e a surpresa desapareceu à medida que sentia dor no braço esquerdo, que estava subitamente fraco.

Uma bala. Atiraram nela.

Lily piscou, aturdida, e olhou para Helen que estava... morta. Helen estava morta.

O bastão. Também devia destruir o bastão. Mas quando virou para localizá-lo, não o viu. Viu Rule, seus maxilares apertados ao redor do pescoço de uns dos guardas vestidos de preto. Livrou-se do homem, mas havia outros, e outros que atiravam, inclusive quando Rule se lançou ao seguinte.

Uma arma. Lily precisava de uma arma, tinha que atirar neles, os deter, sim, ali havia uma automática que deixaram cair. Começou a arrastar-se para ela, mas o braço esquerdo não pôde sustentar seu peso, assim rodou de novo, e acabou sustentando aquela arma tão pouco familiar em suas mãos.

Um rugido enorme e ensurdecedor de um tigre ressoaram por cima dos disparos e dos gritos.

OH, graças a Deus. Graças a Deus. A vó chegou.

Lily apontou o melhor que pôde, com uma só mão, e começou a disparar.

Capítulo 29

Harry colocou a cabeça entre as pernas de Lily, queixando sonoramente.

— Está bem, está bem. Não tenho tempo para isto — murmurou enquanto se dirigia à cozinha para encher o prato de Harry. Sua cozinha, em seu pequeno apartamento. Rule ainda queria que fosse viver com ele, mas ela não estava preparada ainda.

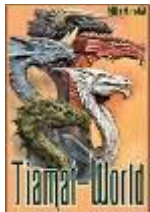
— A cerimônia começará em... — Lily quis olhar a hora em seu relógio de pulso, mas no meio do caminho teve que lembrar que devia olhar no outro braço.

Uma hora e vinte minutos. Ainda havia tempo, disse a si mesma. Já estava vestida, que era o que levava mais tempo. E era ridículo estar tão nervosa, mas levou uma eternidade arrumar o cabelo com aquela estúpida tipoia.

Simplesmente segurar a tampa da lata de comida de Harry estava sendo uma tortura. A arrumou, e estava livrando-se da lata quando soou a campainha da porta.

— Não é um bom momento — sussurrou enquanto ia para a porta. Mas quando olhou pelo olho mágico, abriu a porta — Olhe a quem temos aqui.

Karonski seguia com seu traje enrugado e desafiando a moda como sempre, mas por uma vez, não franzia a testa.



— Tem café?

Lily sacudiu a cabeça e sorriu.

— Provavelmente restou algo na cafeteira. Entre. Você mesmo terá que se servir. — disse enquanto caminhava para o banheiro — Pode falar enquanto termino de me arrumar. Tenho que estar preparada, eh, ao meio-dia.

— Sei.

Lily o olhou por cima do ombro, surpreendida.

Ele sorriu misterioso.

— Sou seu chofer. Rule me pediu isso.

— OH. Certo. Perfeito. Como você está? — perguntou enquanto pegava a escova de cabelo e franzia a testa diante de sua imagem. Ia ser impossível que conseguisse fazer uma trança. Teria que deixá-lo solto.

— Bem. Estou bem. Tive sorte.

— Sim. — Lily arrastou a escova por seu cabelo.

Quando Helen morreu, houve uma espécie de efeito rebote em suas vítimas. A maioria deles se tornaram loucos, embora de maneiras diferentes. Os que permaneceram sob seu controle durante mais tempo e mais profundamente, a maioria dos que estavam na caverna, explodiram em uma fúria homicida. Mas dois deles haviam se suicidado.

Como Mech.

Lily sentiu que seus olhos se alagavam com lágrimas.

— Droga. — Deixou a escova. Se não tivesse matado Helen, Mech continuaria vivo agora.

— Está bem — disse Karonski brandamente — passei por isso. Tudo está bem quando está acontecendo, mas depois... — Deu de ombros — Começa a chorar de repente.

Lily tentou sorrir.

— Você chora?

— Ei, nós os poloneses somos muito machos. Umas poucas lágrimas não mudam isso.

Lily assentiu, inalou profundamente, e pegou o rímel. Bem. Sua mão não tremia. Era muito difícil colocar o rímel quando haviam tremores.

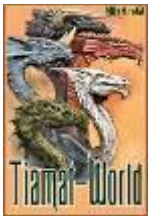
— Que tal está o Croft?

— Ocupado. Ele é a parte inteligente de nossa equipe, assim deixei que se encarregasse da papelada. — Karonski riu e seguiu falando de seu companheiro, um bate-papo frívolo que ocupou o momento, dando tempo para Lily recompor-se.

Lily fez o que pôde para prestar atenção. Mas sua mente não estava com Karonski, ou na familiar tarefa de colocar o rímel.

Karonski foi um dos afortunados, sim. Ainda estava sedado quando Lily matou Helen e sua mente esteve protegida do efeito de sua morte. E estava perto de um xamã⁴⁹ treinado para tratar dele. Outros não tiveram tanta sorte.

⁴⁹ Xamã é o sacerdote ou sacerdotisa do xamanismo que entra em transe durante rituais xamânicos, manifestando poderes sobrenaturais e invocando espíritos da natureza, chamando-os a si e incorporando-os em si.



Um vereador da prefeitura acabou em um quarto tranquilo e particular no manicômio. A viúva rica de um congressista estava catatônica. Entretanto, os médicos eram otimistas sobre alguns deles. Por exemplo, sobre o coronel das Forças Áreas que se entregou uma vez que liberou sua mente. Não esteve sob o controle da Helen durante muito tempo.

O capitão Randall estava puro. Esteve limpo todo o tempo. E ainda não perdoou Lily por duvidar dele, embora houvesse feito algumas visitas de cortesia antes que dessem alta para ela no hospital.

Lily se desculpou. E depois, discretamente, se demitiu.

Quanto ao Harlowe... Lily estava tentando não pensar nele. Pelo menos, não hoje. Não sabiam que efeito teve sobre ele a morte da Helen porque de algum jeito, em meio da confusão, conseguiu escapar... Ao que parece, com o bastão. Não puderam encontrá-lo. Também não puderam encontrar Ginger.

E logo tinha Mick.

Lily engoliu em seco ao sentir que a dor se fechava na garganta e colocou o batom em sua bolsa. Rule caiu ferido, sangrava. Um dos Azá estava a ponto de colocar uma bala na sua cabeça, uma bala de prata.

Mick se interpôs. A bala atingiu seu coração e causou mais danos do que um lupus podia curar. Alguns chamariam o que fez de suicídio. Mas já que morreu salvando a vida de seu irmão, Lily preferia pensar que sua mente recuperou a prudência nos últimos instantes de sua vida.

— Estou pronta — disse — Vamos.



— E bem — disse Karonski enquanto se sentava ao volante de seu carro — importa em me explicar como pode estar você aqui enquanto Rule está no Lar do Clã?

— Faria se soubesse. Por alguma razão, o vínculo relaxou bastante depois da briga. Rule diz que às vezes costuma passar. — Embora continuasse muito presente. Continuava necessitando dele, fisicamente e de todas as maneiras possíveis, e preferia não estar longe dele durante muito tempo.

Mas podia afastar-se durante um tempo. E Lily precisava, necessitava um pouco de intimidade. Tempo para ela mesma. Precisava pensar sobre muitas coisas.

— E outra coisa que não entendo. Como puderam os outros chegar tão a tempo?

Lily o olhou, divertida.

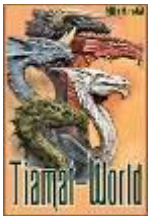
— Não sei se foi tão a tempo. Uns minutos antes teria sido bom.

Karonski suspirou.

— Não vai me contar isso não é verdade?

— Não. Só aos que precisam saber Karonski. E você não precisa.

A resposta que não podia dar era Max. Quando o feitiço falhou, outros já estavam no meio do caminho para o ponto marcado no mapa de Cullen. Seguiram em frente, é obvio. Walker sabia onde podia haver uma caverna, mas não imaginava que se conectaria em algum momento com o



lugar em que ela e Rule estavam presos.

Mas tinham Max. Os gnomos conhecem as rochas e a terra do mesmo modo que os pássaros conhecem o ar e o vento. Com sua habitual combinação de insultos e fanfarronadas, Max os assegurou que poderia encontrar qualquer lugar em qualquer sistema de cavernas com os olhos fechados.

Não foi tão fácil, é obvio. Tomaram alguns caminhos errados, e algumas das passagens resultaram ser claustrofobicamente estreitos. Mas uma vez se aproximaram o suficiente para que os lupi pudessem ouvir os cânticos, puderam seguir uma direção segura. Max foi capaz de guiá-los até a caverna.

Lily desejava ter presenciado a discussão entre o Benedict e sua avó antes de entrar nas cavernas. Lily tinha posto Benedict no comando da operação, e este se negou taxativamente a levar consigo a senhora. E estava disposto a amarrá-la para assegurar-se de que não *“pisasse nos meus calcanhares”*, como ele disse.

Mas ninguém comandava sua avó. Decidiu resolver a discussão trocando.

Lily sacudiu a cabeça, sorrindo. Era típico de sua avó escolher o momento mais dramático possível para fazer os lupi verem que não são os únicos que podem adotar outra forma.

— Qual é a piada? — disse Karonski.

— Famílias. Te enlouquecem, mas o que seria de nós sem eles?

— Certo. E desconfio que no final do dia de hoje vá ter uma família maior, não é?

— Creio que sim.



Desta vez havia outro lupus na entrada do Lar do Clã. Sammy, o ruivo, estava se recuperando de um tiro, e não estava apto para o serviço. Estacionaram perto do campo aberto no centro do povoado. Estava cheio de gente.

Rule estava esperando. Coxeou para o carro, sorrindo.

Rule recebeu quatro tiros, e Lily, um. Os guardas não se atreveram a disparar contra ela porque estava muito perto de Helen. Uma das balas se alojou em um dos pulmões de Rule, o que não impediu que continuasse lutando naquele momento, mas foi muito preocupante depois. Embora suas feridas estivessem quase curadas enquanto que a de Lily, no ombro, ainda doía horrores e não podia utilizar o braço. O vínculo com Rule não proporcionou a habilidade de cura dos lupi. Ainda estavam tentando descobrir o que mudou neles, exatamente.

Em mais de uma maneira.

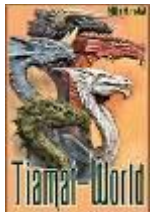
— Olá — disse Lily deixando-se rodear pelos braços de Rule.

Ele a abraçou com cuidado para que não lhe doesse o ombro.

— Pronta?

Lily assentiu.

As cerimônias lupi eram um assunto mais informal que a maioria dos rituais humanos. As pessoas cumprimentavam Rule, e alguns a Lily, enquanto caminhavam, de mãos dadas, até o



centro do campo. Ali estava o *rho*, sentado sobre uma grande rocha plana. Conforme haviam dito a Lily, o *rho* se levantou para a cerimônia. Mas ainda não se recuperou totalmente, e insistiu em celebrar a cerimônia nesse dia fosse como fosse. Lily não entendia por que, mas para os lupi o descobrimento de um eleito, qualquer eleito, era motivo de grande celebração. Estava relacionado com suas crenças religiosas.

Fossem quais fossem suas razões para sentir-se assim a respeito de um eleito, era algo muito profundo. Tão profundo que permitiram a Mick se liberar do controle de Helen por um instante, dando a oportunidade que necessitaram.

Alguém mais esperava no centro do campo. Um homem magro com o cabelo de cor canela e o rosto mais perfeito que Lily alguma vez já viu. Parte desse rosto estava coberto por uns óculos escuros. Cullen não recuperou totalmente seus olhos ainda. Estava nu.

Lily não era a única que ia se unir aos Nokolai.

Quando Lily ainda estava no hospital, o *rho* mandou chamar Cullen. Ninguém sabia exatamente do que falaram, embora Cullen tivesse compartilhado parte disso com Lily. Nem sequer Benedict esteve presente naquela reunião. Mas Cullen saiu aturdido uma vez que aceitou o oferecimento do *rho*. Aquele que não possuía clã não seria um marginalizado nunca mais.

Rule e Lily pararam uns passos atrás do Cullen, o deixando sozinho diante do *rho*.

— Cullen Seabourne — disse Isen com sua voz grave e senhorial — Os Nokolai o reclamam pelo sangue, pela terra e pelo fogo. O que responde?

Cullen se ajoelhou com agilidade e inclinou a cabeça.

— Submeto-me, e respondo com meu sangue, na terra, através do fogo.

— Eleva sua cabeça e seu braço.

Cullen obedeceu e estendeu seu braço direito.

O *rho* elevou seu próprio braço. Tinha uma faca na outra mão, e fez um corte no braço do Cullen. O sangue começou a gotejar.

Depois fez um corte em seu próprio braço. Girou-o para que sua ferida estivesse virada para a terra, onde caiu o sangue de Cullen, e deixou cair o seu próprio justo no mesmo lugar.

— Nosso sangue se mesclou — anunciou — Selaremos a união com fogo.

Uma mulher que Lily não viu deu um passo para frente. Usava uns óculos com aros de ouro, e o cabelo branco e curto. Vestia um amplo vestido verde e sustentava uma varinha.

Parou a um metro dos dois homens, apontou com sua varinha e uma chama saiu da ponta. O fogo tocou a ferida do Cullen e logo a do *rho*. A expressão dos homens não mudou.

Lily franziu a testa. Aquilo tinha que doer.

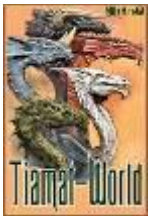
— Rule...

— *Shh. Não se preocupe. Não a reclamam pelo sangue, a terra e o fogo.*

— Certo. Bom.

— Pelo sangue, na terra, através do fogo — gritou o *rho* — agora é um Nokolai.

Houve alguns gritos de celebração e alguém disse "*Bem-vindo!*" ao novo membro do clã. Cullen se levantou com agilidade e se retirou. Alguém lhe lançou umas calças jeans cortadas e seu



sorriso brilhou. Olhou para Rule.

Rule o felicitou com um sorriso e mostrou um polegar para cima.

Depois foi a vez deles. Lily caminhou ao lado de Rule até a rocha onde estava sentado seu pai. Ajoelhou-se, com menos graça que Cullen, isso sim. Rule se ajoelhou a seu lado.

— Nos concedeu uma escolhida — disse o *rho*. Sua voz era mais grave ainda, como um trovão longínquo — A *Dama* benzeu os Nokolai. Quando ela nos chama, o que respondemos?

Umas cem vozes gritaram:

— Sim!

— Mas o eleito também pode escolher. O que escolhe Lily Yu?

Lily aprendeu a resposta tradicional. Deu-a, com suas próprias palavras.

— Escolho honrar o vínculo. Escolho aos Nokolai. E... escolho Rule.

A mão de Rule segurou a sua cheia de emoção.

Isen piscou surpreso, mas se recuperou em seguida.

— Então, pela graça da *Dama* e de sua própria escolha, aceita este sinal da mão de seu eleito. — Estendeu algo que brilhava dourado, na luz do sol.

Rule o pegou. Lily inclinou a cabeça, sentiu as mãos de Rule em sua nuca quando ele retirou o cabelo para colocar nela o pendente.

Também sentiu algo mais. Sua mão tocou a pequena forma dourada que pendurava da corrente, uma forma fluída, abstrata, que não representava nada que ela pudesse reconhecer.

Mas era familiar para ela. Era como magia, um suspiro de magia. Magia... e luz da lua.

— Seja bem-vinda aos Nokolai — disse o *rho* com uma voz carregada de emoção. Inclinou-se para frente, pegou o rosto de Lily com ambas as mãos e a beijou na boca. Depois, voltou a sentar-se, sorrindo amplamente — E agora — gritou — a celebração!



Passaram horas antes que Rule tivesse um momento a sós com Lily. Finalmente, sentindo que Lily estava esmagada por tantos cuidados e, francamente, com o desejo de tê-la toda para ele, Rule apelou a suas feridas e às dela, e fugiu para a casa do *rho*.

— Graças a Deus — disse Lily deixando-se cair no sofá do pequeno salão — Todos são maravilhosos, mas acaba que é um pouco...

— Cansativo? — disse Rule enquanto se sentava a seu lado. Agora que tinha Lily toda para ele, não sabia como abordar o tema ao que esteve dando voltas toda à tarde.

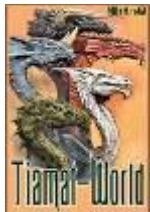
Lily assentiu.

— Sinto-me como se fosse um objeto sagrado. — Seus dedos roçaram o pequeno símbolo dourado que pendurava em seu pescoço — Todo mundo quer me tocar.

— Somos uma turma, gostamos de tocar tudo.

— Mas não é somente isso. A figura do eleito está rodeada de grande simbolismo religioso. É difícil de aguentar.

— O que você vê como religião, nós vemos como um fato. Pode ser que um pouco distorcido



— admitiu Rule — Nossa longa história foi transmitida de forma oral, e os ensinamentos puderam perder alguns dos elementos pelo caminho, assim como ganharam outros ao longo dos séculos. — Pegou a mão de Lily — Lily.

Lily se reclinou e deixou que sua cabeça descansasse nas costas do sofá. Sorriu para ele.

— Sim?

— Fez algumas mudanças no ritual. Palavras tuas. Sobre mim.

— Pareceu-me correto.

Rule tragou.

— Não faz tanto tempo odiava o vínculo, e não estava nada segura sobre mim. O que mudou?

— Como Cullen disse que seu pai confessou, posso ser teimosa. Pode ser que, às vezes, me custe a pegar as coisas. Mas não sou estúpida. — Lily se inclinou para Rule e o beijou nos lábios, suavemente, mas com cuidado — Levou tempo, mas no final me dei conta de que o vínculo não foi imposto a mim. Como poderia ser assim? Sou imune à magia. Teve que nascer de mim. E não posso rejeitá-lo sem rejeitar uma parte de mim.

Um sentimento de alívio, lento e profundo, relaxou os músculos de Rule. Reclinou-se, igual à Lily, com a cabeça repousando no respaldo do sofá. Sorriu.

— Agora, pensa — disse Lily secamente — Em alguns dias teremos que enfrentar a outra espécie de cerimônia.

— *Mmm?*

— O jantar de ensaio, lembra? Conhecerá o resto de minha família. E pode ser que não sejam tão amáveis como os membros da tua.

Rule enfrentaria isso quando chegasse o momento. Nesse instante, já era suficiente, mais que suficiente, estar ali com ela. Onde era aceito. Onde era o eleito, da *Dama* e de Lily.

Depois de uns segundos, Lily pôs sua mão na coxa de Rule.

— Cansado?

— Exausto — ele admitiu. Doíam algumas partes do corpo que não se curaram totalmente... e começava a sentir uma pressão em outra parte do corpo, que não sofreu lesão alguma, à medida que a mão do Lily seguia para cima por sua virilha. Virou a cabeça para olhá-la.

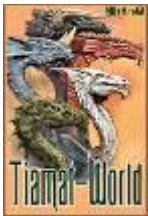
— Não tão cansado — disse. E, um segundo depois, Rule capturou sua boca enquanto Lily ria feliz.

Fim

Nota da autora

Querido leitor: A pergunta que um escritor mais vezes escuta é: *“De onde tira suas ideias?”*

Em *PERIGO TENTADOR (Tempting Danger)*, a resposta é óbvia. Um pouco mais de um ano atrás eu escrevi um romance chamado *Only Human* e fiquei presa. Não queria que fosse uma



novela curta. Os personagens e seu mundo me pediam para que os convertesse em um livro mais longo e detalhado. Fui abençoada com uma editora que esteve de acordo e me pediu que o convertesse em uma série. Poderão saber mais sobre Lily e Rule em *Mortal Danger*. E, entretanto, os que tenham lido este livro e a novela curta terão se dado conta de que a história de *PERIGO TENTADOR* (*Tempting Danger*) é muito diferente a de *Only Human*. Embora explorem as mesmas ideias, só têm uma única cena comum: o começo. E nem sequer este é idêntico. O que aconteceu? Simplesmente queria fazer as coisas mais difíceis para mim?

Bom, sim, possivelmente tenha algo há ver com isso. E também está o velho refrão que diz que nunca se cruza duas vezes o mesmo rio. Quando voltei para o que me tinha inspirado *Only Human*, a água de seu leito já não era a mesma. Era outro rio. Este era mais forte e me levou mais longe, através de um território selvagem e diferente. E também está a Matéria Escura.

Os cientistas dizem que noventa e oito por cento de nosso universo está composto por uma misteriosa substância que não podemos ver; quantificar ou identificar. Chamam de a Matéria Escura, e é daí de onde provêm todas minhas ideias. Como essa massa misteriosa que fabrica a maior parte da realidade, a criatividade não se pode ver; quantificar ou identificar. Está por toda parte... e está em movimento. Feliz viagem.

Resenha Bibliográfica (Eileen Wilks)

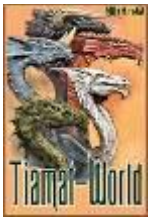
É uma das autoras que mais vende nos EUA. Conta com a honra de ser três vezes finalista dos prêmios RITA, outorgados pela Associação de Escritores de Novela Romântica da América; também foi adjudicado com o prêmio por toda uma carreira pela revista *Romantic Teme*. Os livros de sua série 'O Mundo dos Lupi' conseguiram um grande número de seguidores.

O Mundo do Lupi

1. *Tempting Danger* (2004) - *Perigo tentador* (2008)
2. *Mortal danger* (2005) - *Perigo mortal* (2009)
3. *Blood Lines* (2007)
4. *Night Season* (2008)
5. *Mortal Sins* (2009)

Histórias Relacionadas

- *Only Human* (2003) - dentro da antologia "Lover Beware".
- *Originally Human* (2004) - dentro da antologia "Cravings".
- *Inumam* (2007) - dentro da antologia "On the Prowl".



Tiamat World

Eileen Wilks
O Mundo dos Lupi 01



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>